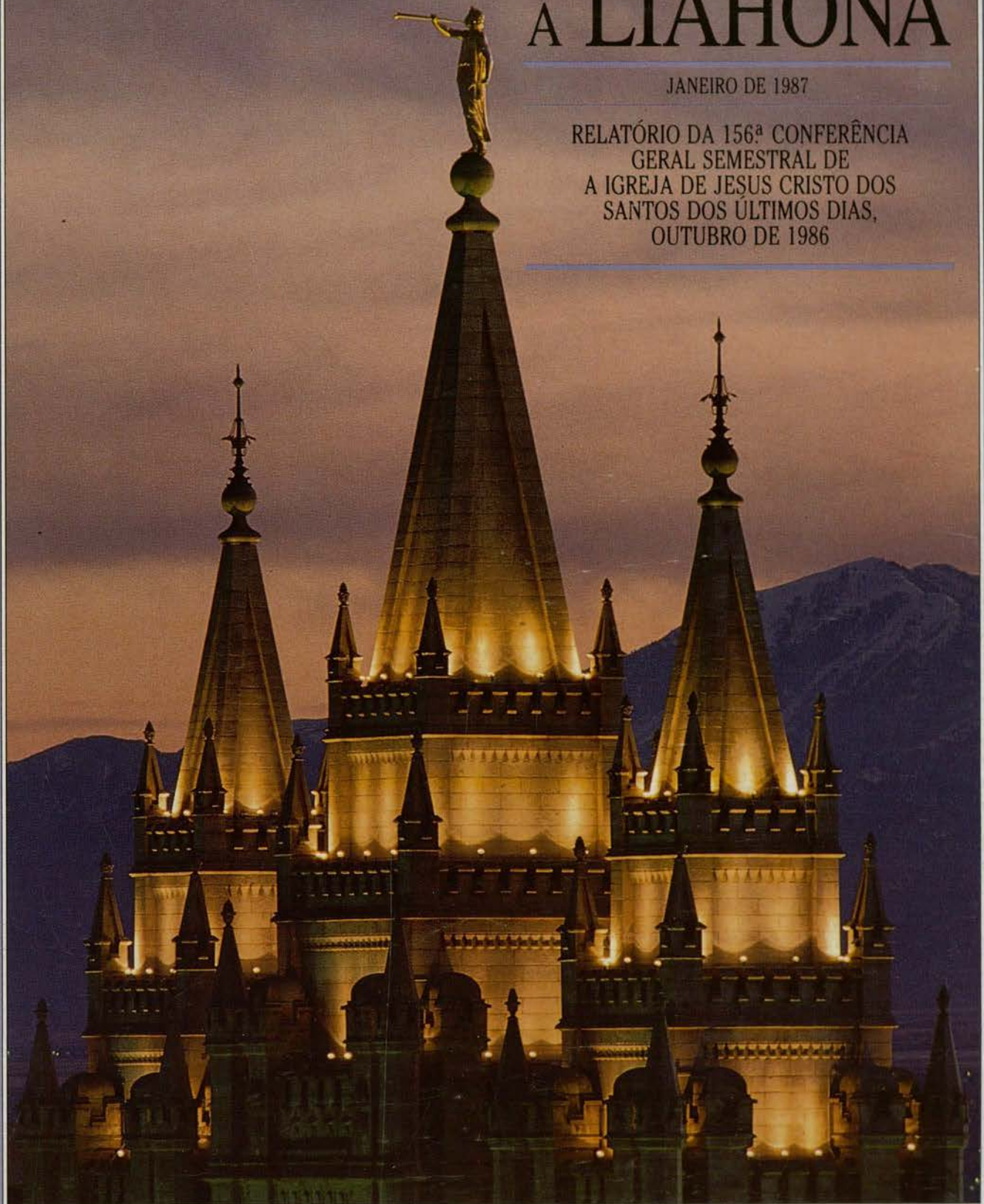


# A LIAHONA

JANEIRO DE 1987

RELATÓRIO DA 156.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA  
GERAL SEMESTRAL DE  
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS  
SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS,  
OUTUBRO DE 1986



# A LIAHONA

Janeiro de 1987 - Volume 40 - Nº 1  
PBMA053APO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.  
Relatório da 156ª Conferência Geral Semestral, outubro de 1986.

A Primeira Presidência:  
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley,  
Thomas S. Monson

Conselho dos Doze:  
Marion G. Romney, Howard W. Hunter,  
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton,  
L. Tom Perry, David B. Haight,  
James E. Faust, Neal A. Maxwell,  
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,  
M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin.

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H. Groberg, James M. Paramore.

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:  
Ronald L. Knighton

International Magazines:  
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Adjunto: David Mitchell

Editor Assistente: Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:  
Flávia G. Erbolato

Produção Gráfica:  
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: O Templo de Lago Salgado

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz\$ 20,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz\$ 2,50**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

# ÍNDICE POR ASSUNTOS E ORADORES

## Os assuntos abaixo são tratados em discursos iniciados nas páginas indicadas.

Abuso de crianças, 16  
Adversidade, 10, 36  
Álcool 13, 20, 68  
Alegría, 68, 23  
Amor, 27, 28, 31  
Arrependimento, 10, 13, 16, 27, 75, 77  
Auto-estima, 68  
Autoridades Gerais, 39  
Bênção Patriarcal, 66, 82  
Casamento, 16, 82  
Compromissos, 13, 31, 42  
Coragem, 40  
Crianças, 16, 63  
Decisões, 10  
Deidade, 45, 53  
Drogas, 36, 42  
Ensino, 63, 75  
Escrituras, 3, 57, 79, 82  
Esperança, 86  
Espírito Santo, 53  
Família, 73, 82  
Fé, 40, 42, 60, 73, 75  
Felicidade, 25  
Frequência à Igreja, 45  
Idosos, 25  
Integridade, 7, 20  
Jesus Cristo, 45, 53, 75, 86, 91  
Juventude, 25, 36, 82  
Livre-Arbitrio, 10  
Mandamentos, 7, 20  
Obra Missionária, 23, 27, 31, 60, 82  
Pai Celestial, 53  
Palavra de Sabedoria, 13, 36, 68  
Paternidade, 7, 16, 25, 28, 63, 82  
Perdão, 7, 27, 77  
Perseverança, 40  
Profetas, 39, 57  
Pureza Moral, 10, 82  
Reativação, 27, 77  
Revelação, 57, 66, 79  
Sacerdócio, 36, 42, 45  
Sacrifício Expiatório, 75  
Salvação, 57, 71  
Satanás, 36, 42  
Tabaco, 13, 20, 36  
Templos, 60, 71  
Testemunho, 3, 39, 60  
Trabalho, 63

## Os oradores desta conferência são alistados abaixo em ordem alfabética.

Andersen, H. Verland 23  
Anderson, Joseph 39  
Ashton, Marvin J. 13  
Ballard, M. Russell 31  
Benson, Ezra Taft 3, 45, 79  
Brewerton, Ted E. 28  
Cannon, George I. 25  
Eyring, Henry B. 75  
Faust, James E. 7  
Haight, David B. 36  
Hanks, Marion D. 10  
Hinckley, Gordon B. 19, 42, 53  
Howard, F. Burton 77  
Hunter, Howard W. 34  
Maxwell, Neal A. 57  
Monson, Thomas S. 40, 66  
Nelson, Russell M. 68  
Oaks, Dallin H. 20  
Packer, Boyd K. 16  
Perry, L. Tom 63  
Richards, Franklin D. 71  
Russell, Gardner H. 27  
Tuttle, A. Theodore 73  
Wirthlin, Joseph B. 60

# ÍNDICE

- 2 RELATÓRIO DA 156ª CONFERÊNCIA  
GERAL SEMESTRAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS  
SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

## SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO

- 3 O LIVRO DE MÓRMON — PEDRA ANGULAR DE NOSSA  
RELIGIÃO  
Presidente Ezra Taft Benson
- 7 MENSAGENS NÃO DESEJADAS  
Élder James E. Faust
- 10 “(ESPERAI) NO SENHOR”  
Élder Marion D. Hanks
- 13 “SACUDI AS CORRENTES COM QUE ESTAIS  
AMARRADOS”  
Élder Marvin J. Ashton
- 16 CRIANCINHAS  
Élder Boyd K. Packer

## SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO

- 19 APOIO AOS OFICIAIS DA IGREJA
- 20 “GUARDADOR DE MEU IRMÃO”  
Élder Dallin H. Oaks
- 23 A OBRA MISSIONÁRIA É A FORÇA VITAL DA IGREJA  
Élder H. Verland Andersen
- 25 UM PAI FALA  
Élder George I. Cannon
- 27 COMO TOCAR O CORAÇÃO DE MEMBROS MENOS  
ATIVOS  
Élder Gardner H. Russell
- 28 MEU FILHO E OS VOSSOS — TODOS NOTÁVEIS  
Élder Ted E. Brewerton
- 31 NÓS PROCLAMAMOS O EVANGELHO  
Élder M. Russell Ballard
- 34 A PEDRA DE TOQUE DO SENHOR  
Élder Howard W. Hunter

## SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 36 FENDAS ESPIRITUAIS  
Élder David B. Haight
- 39 PRESIDENTES DA IGREJA  
Élder Joseph Anderson
- 40 A CORAGEM CONTA  
Presidente Thomas S. Monson
- 42 A GUERRA QUE ESTAMOS VENCENDO  
Presidente Gordon B. Hinckley
- 45 CARACTERÍSTICAS DIVINAS DO MESTRE  
Presidente Ezra Taft Benson

## SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO

- 53 O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO  
Presidente Gordon B. Hinckley
- 57 “DEUS AINDA REVELARÁ”  
Élder Neal A. Maxwell
- 60 RECOLHER NA REDE DO EVANGELHO  
Élder Joseph B. Wirthlin
- 63 A ALEGRIA DO TRABALHO HONESTO  
Élder L. Tom Perry
- 66 VOSSA BÊNÇÃO PATRIARCAL: UMA LIAHONA DE LUZ  
Presidente Thomas S. Monson

## SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO

- 68 “A ALEGRIA VEM PELA MANHÃ”  
Élder Russell M. Nelson
- 71 ALEGRIA E FELICIDADE NO TRABALHO DO TEMPLO  
Élder Franklin D. Richards
- 73 O DESENVOLVIMENTO DA FÉ  
Élder A. Theodore Tuttle
- 75 A CENTELHA DA FÉ  
Bispo Henry B. Eyring
- 77 “RETORNAI AO SENHOR”  
Élder F. Burton Howard
- 79 A DÁDIVA DA REVELAÇÃO MODERNA  
Presidente Ezra Taft Benson

## REUNIÃO GERAL DAS MULHERES

- 82 ÀS MOÇAS DA IGREJA  
Presidente Ezra Taft Benson
- 86 A LUZ DA ESPERANÇA  
Dwan J. Young
- 88 UMA ÉPOCA DE ESPERANÇA  
Ardeth G. Kapp
- 91 ESPERANÇA EM CRISTO  
Barbara W. Winder
- 48 AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE  
JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS
- 93 NOTÍCIAS DA IGREJA  
Élder Joseph B. Wirthlin, do Quorum dos Doze  
Élder Hugh W. Pinnock, da Presidência do Primeiro  
Quorum dos Setenta  
Dissolvidos os Quoruns dos Setentas das Estacas

**Participação adicional:** As orações proferidas na sessão matutina de sábado foram oferecidas por: Élder Hartman Rector Jr., e Élder Keith W. Wilcox; na sessão vespertina de sábado por Élder Gene R. Cook e Élder Hans B. Ringger; na sessão do sacerdócio por Élder John Sonnenberg e Élder Walso P. Call; na sessão matutina de domingo por Élder Robert L. Backman e Élder H. Burke Peterson; na sessão vespertina de domingo por Élder F. Arthur Kay e Élder Helio R. Camargo; na Reunião Geral das Mulheres por Kelly Lyman e Geneva B. Brown.

---

# RELATÓRIO DA 156.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA GERAL SEMESTRAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

*Sermões e procedimentos dos dias 4 e 5 de outubro de 1986,  
no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.*

---

**N**a majestade de seu chamado como profeta do Senhor durante este período da mortalidade, o Presidente Ezra Taft Benson admoestou firmemente os membros da Igreja, na conferência geral de outubro, quanto ao sagrado livro de escritura preparado especificamente para o povo do Senhor nos últimos dias.

“Hoje gostaria de vos falar a respeito de uma das mais expressivas dádivas concedidas ao mundo nos tempos modernos”, disse o Presidente Benson na abertura da sessão geral de sábado de manhã da conferência, em 4 de outubro. “A dádiva em questão é muito mais importante do que qualquer das invenções surgidas através das revoluções industrial e tecnológica. É uma dádiva mais valiosa para a humanidade do que quaisquer das maravilhosas conquistas da medicina moderna. Tem maior valia para o ser humano do que a aviação ou as viagens espaciais. Estou falando sobre a dádiva do Livro de Mórmon, oferecido à humanidade há 156 anos.”

Repetidamente, o Presidente Benson voltou ao seu tema, claramente ressaltando como o Senhor havia especificamente preparado o livro para a nossa época: “Pelo Livro de Mórmon aprendemos como os discípulos de Cristo viveram em épocas de guerra. Também vemos os males das combinações secretas retratados numa realidade gráfica e apavorante. No Livro de Mórmon, encontramos lições sobre como enfrentar a perseguição e a apostasia. Aprendemos muito a respeito

da realização da obra missionária. E, mais do que tudo, vemos no Livro de Mórmon os perigos do materialismo e de se colocar o coração nas coisas do mundo. Pode alguém duvidar de que esse livro foi feito para nós, e que nele encontramos grande poder, grande conforto e grande proteção?”, disse ele.

Na sessão geral de encerramento do domingo, o Presidente Benson novamente retornou ao assunto das escrituras dos últimos dias: “Esta tarde gostaria de vos falar particularmente sobre o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios. Estes dois grandes livros de escrituras dos últimos dias estão ligados como revelações do Deus de Israel, para o propósito de reunir e preparar seu povo para a segunda vinda do Senhor.”

“O Livro de Mórmon precisa ser reentronizado na mente e no coração de nosso povo”, disse o Presidente Benson. “Doutrina e Convênios é um glorioso livro de escrituras dado diretamente à nossa geração. Ele contém a vontade do Senhor para nós nestes últimos dias, os quais precedem a segunda vinda de Cristo.”

Presidindo os dois dias de conferência geral estava o Presidente Benson, que foi auxiliado na direção das sessões da conferência por seus conselheiros, Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro, e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro. Todas as Autoridades Gerais estavam presentes, exceto o Presidente Marion G. Romney, Presidente do Quorum dos Doze, e o Élder J. Richard Clarke,

Presidente da Missão África do Sul Cidade do Cabo.

Duas importantes atitudes administrativas foram tomadas durante a conferência. O Élder Joseph B. Wirthlin da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta foi apoiado membro do Quorum dos Doze, e o Élder Hugh W. Pinnock do Primeiro Quorum dos Setenta foi apoiado membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

Ao término da sessão do sacerdócio, o Presidente Benson anunciou que os “quoruns dos setentas nas estacas” seriam dissolvidos. “Os irmãos que agora servem como setentas em tais quoruns serão solicitados a retornar aos quoruns de élderes de suas alas”, disse ele. “Os presidentes de estaca, de forma disciplinada, poderão então determinar quem, entre esses irmãos, deverá ser ordenado ao ofício de sumo sacerdote.” A mudança não atinge o Primeiro Quorum dos Setenta. O Presidente Benson disse que os élderes e sumos sacerdotes seriam chamados a servir nas presidências de missão de estaca. Também disse que instruções detalhadas a respeito deste anúncio seriam enviadas aos líderes locais do sacerdócio.

A Reunião Geral das Mulheres antecedeu a conferência geral em uma semana, tendo sido realizada a 27 de setembro. Os discursos proferidos nessa reunião estão nesta edição.

Os Editores.

# O LIVRO DE MÓRMON — PEDRA ANGULAR DE NOSSA RELIGIÃO

Presidente Ezra Taft Benson

*“É a pedra angular em nosso testemunho de Cristo.  
É a pedra angular de nossa doutrina.  
É a pedra angular da evidência.”*



Meus amados irmãos e irmãs, hoje gostaria de vos falar a respeito de uma das mais expressivas dádivas concedidas ao mundo nos tempos modernos. A dádiva em questão é muito mais importante do que qualquer das invenções surgidas através das revoluções industrial e tecnológica. É uma dádiva mais valiosa para a humanidade do que quaisquer das maravilhosas conquistas da medicina moderna. Tem maior valia para o ser humano do que a aviação ou as viagens espaciais. Estou falando sobre a dádiva do Livro de Mórmon, oferecido à humanidade há 156 anos.

Esta dádiva foi preparada pelas mãos do Senhor, durante um período de mais de mil anos, e depois escondida por ele, a fim de ser preservada em sua pureza para nossa geração. Talvez não exista nada que testifique mais claramente sobre a importância deste livro moderno de escrituras, do que o que o próprio Senhor afirmou a respeito:

Por sua própria boca, ele prestou testemunho de que (1) é verdadeiro (D&C 17:6); (2) contém a verdade e as palavras dele (D&C 19:26); (3) foi traduzido pelo poder do alto (D&C 20:8); (4) contém a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo (D&C 20:9; 42:12); (5) foi dado por inspiração e confirmado pela ministração de anjos (D&C 20:12); (6) fornece evidências de que as santas escrituras são verdadeiras (D&C 20:11); e (7) aqueles que o receberem em fé, terão vida eterna (D&C 20:14).

O segundo testemunho de sua importância é a ordem em que aparece entre os eventos da Restauração. A única coisa que o precedeu, foi a Primeira Visão. Nessa assombrosa manifestação, o Profeta Joseph Smith aprendeu a verdadeira natureza de Deus, sabendo também que o Pai tinha um trabalho a ser executado por ele. O passo seguinte foi o aparecimento do Livro de Mórmon.

Pensai neste aspecto e em suas implicações. O aparecimento do Livro de Mórmon precedeu a restauração do sacerdócio. Foi publicado apenas alguns dias antes da organização da Igreja. Os santos o receberam antes que lhes fossem conferidas revelações sobre grandes doutrinas, como os três graus de glória, o casamento celestial ou a obra vicária. Veio à luz antes da organização dos quoruns do sacerdócio e da Igreja. Isto não vos faz perceber de que forma o Senhor encara esta obra sagrada?

Entendendo como o Senhor se sente a respeito deste livro, não é de surpreender que ele também nos advirta solenemente a respeito de nossa atitude. Após indicar que aqueles que recebem o Livro de Mórmon em fé, e obram em

justiça, conquistarão a coroa da vida eterna (ver D&C 20:14), o Senhor continua com a seguinte admoestação: “Mas os que endurecerem seus corações na incredulidade e o rejeitarem, isso se reverterá em sua própria condenação” (D&C 20:15).

Em 1829, o Senhor disse aos santos que não deviam brincar com as coisas sagradas (ver D&C 6:12). Certamente o Livro de Mórmon é uma coisa sagrada. Contudo, muitos há que brincam com ele, ou, em outras palavras, tratam-no com leviandade, como se fosse um assunto de pouca importância.

Em 1832, quando alguns dos primeiros missionários retornaram de seu campo de trabalho, o Senhor reprovou-os por terem tratado o Livro de Mórmon levemente. Devido a essa atitude, afirmou ele, suas mentes haviam sido obscurecidas. Tratar este livro santo com leviandade, não apenas provocara neles uma perda de luz, mas levava toda a Igreja a ficar sob condenação, incluindo todos os filhos de Sião. E então o Senhor disse: “E eles permanecerão sob essa condenação até que se arrependam e se lembrem do novo convênio, mesmo o Livro de Mórmon” (D&C 84:54-57).

O fato de termos tido o Livro de Mórmon conosco por mais de cento e cinquenta anos faz com que ele nos pareça menos significativo hoje? Nós nos lembramos do novo convênio, o próprio Livro de Mórmon? Na Bíblia temos o Velho Testamento e o Novo Testamento. A palavra *testamento* é a versão de uma palavra grega que também pode ser traduzida como *convênio*. É isto que o Senhor quis dizer, quando chamou o Livro de Mórmon de “novo convênio”? Ele é, verdadeiramente, um outro testamento ou testemunha de Jesus. Esta é uma das razões pelas quais acrescentamos as palavras “Um Outro Testamento de Jesus Cristo” ao título do Livro de Mórmon.

Se os santos antigos foram reprovados por tratar levemente o Livro de Mórmon, nossa condenação será menor, caso façamos o mesmo? O próprio Senhor presta testemunho de que sua importância é eterna. Podemos nós, mesmo em pequeno número, fazer com que toda a Igreja fique sob condenação, porque brincamos com as coisas sagradas? O que diremos, no Dia do Julgamento, quando nos encontrarmos diante dele e enfrentarmos o seu olhar penetrante, se estivermos entre aqueles que são

descritos como tendo esquecido o novo convênio?

Há três grandes motivos pelos quais os santos dos últimos dias devem fazer do estudo do Livro de Mórmon um projeto para a vida toda.

O primeiro é que o Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião. Esta foi a afirmação do Profeta Joseph Smith. Ele testificou que “o Livro de Mórmon é o mais correto dos livros na terra, e a pedra angular de nossa religião” (Introdução do Livro de Mórmon). Uma pedra angular é uma pedra de esquina que une as paredes de um edifício. Se for retirada, as paredes e a edificação desmoronam.

O Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião em três aspectos: É a pedra angular no testemunho de Cristo. É a pedra angular de nossa doutrina. É a pedra angular da evidência.

O Livro de Mórmon é a pedra angular de nosso testemunho de Cristo, que, por sua vez, é a pedra angular de tudo o que fazemos. O livro presta testemunho da realidade de Cristo com poder e clareza. Diferentemente da Bíblia, que passou por gerações de copistas, tradutores e religiosos corruptos que alteraram o texto, o Livro de Mórmon passou do escritor ao leitor em apenas uma etapa inspirada de tradução. Assim, seu testemunho do Mestre é claro, inalterado e cheio de poder. Mas ele faz ainda mais. A maioria do mundo cristão de hoje rejeita a divindade do Salvador. As pessoas questionam seu nascimento miraculoso, sua vida perfeita e a realidade de sua gloriosa ressurreição. O Livro de Mórmon ensina, em termos claros e inconfundíveis, a verdade de tudo isso. Também oferece a mais completa explicação da doutrina da Expição. Na verdade, este livro divinamente inspirado é uma pedra angular no testemunho que prestamos ao mundo de que Jesus é o Cristo (ver página-título do Livro de Mórmon).

O Livro de Mórmon é também a pedra angular da doutrina da ressurreição. Como mencionamos anteriormente, o próprio Senhor declarou que o Livro de Mórmon continha “a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo” (D&C 20:9). Isso não significa que ele contém todos os ensinamentos e todas as doutrinas já reveladas. Mais exatamente, significa que, no Livro de Mórmon, encontramos a plenitude das doutrinas requeridas para nossa salvação. E são

ensinadas de maneira clara e simples, para que até as crianças possam aprender os caminhos da salvação e da exaltação. O Livro de Mórmon oferece tanto, que amplia nosso entendimento das doutrinas de salvação. Sem ele, muito do que é explanado em outras escrituras não seria, de modo algum, tão claro e precioso.

Finalmente, o Livro de Mórmon é a pedra angular da evidência. Assim como as paredes desmoronam se a pedra angular for removida, também toda a Igreja permanece de pé ou não, dependendo da veracidade do Livro de Mórmon. Os inimigos da Igreja compreendem este ponto claramente. É este o motivo pelo qual vão tão longe, tentando desacreditar o Livro de Mórmon, pois, se conseguissem fazê-lo, o Profeta Joseph Smith cairia com ele. E também nossa pretensão às chaves do sacerdócio, à revelação e à restauração da Igreja. Contudo, de modo semelhante, se o Livro de Mórmon for verdadeiro — e milhões de pessoas já testificaram quanto à sua veracidade — então é necessário aceitar as alegações da Restauração e de tudo o que a acompanha.

Sim, meus amados irmãos e irmãs, o Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião — a pedra angular de nosso testemunho, a pedra angular de nossa doutrina, e a pedra angular no testemunho de nosso Senhor e Salvador.

O segundo grande motivo para fazermos do Livro de Mórmon o centro de nossos estudos, é que foi escrito para os nossos dias. Os nefitas jamais o tiveram, nem os lamanitas dos tempos antigos. Ele foi feito para nós. Mórmon escreveu próximo ao fim da civilização nefita. Sob a inspiração de Deus, que vê todas as coisas desde o início, ele resumiu centenas de registros, escolhendo as histórias, discursos e eventos que seriam de maior valia para nós.

Todos os escritores principais do Livro de Mórmon testificaram ter escrito para as gerações futuras. Néfi afirmou: “Prometeu-me o Senhor Deus que estas coisas que escrevo serão guardadas, preservadas e entregues a meus descendentes, de geração em geração” (2 Néfi 25:21). Seu irmão, Jacó, que o sucedeu, escreveu palavras semelhantes: “Porque (Néfi) disse que a história de seu povo seria gravada sobre as outras placas e transmitidas a meus descendentes, de geração em geração” (Jacó 1:3). Enos e Jarom, ambos

indicaram que também estavam escrevendo, não para seu próprio povo, mas para gerações futuras (ver Enos 1:15-16; Jarom 1:2).

O próprio Mórmon afirmou: “Sim, falo a vós, ó remanescentes da casa de Israel” (Mórmon 7:1). E Morôni, o último dos escritores inspirados, realmente viu nossos dias e nossa época. “E eis que”, disse ele; “o Senhor me revelou grandes e maravilhosas coisas relativas a um futuro próximo, ao dia em que essas coisas aparecerão entre vós.

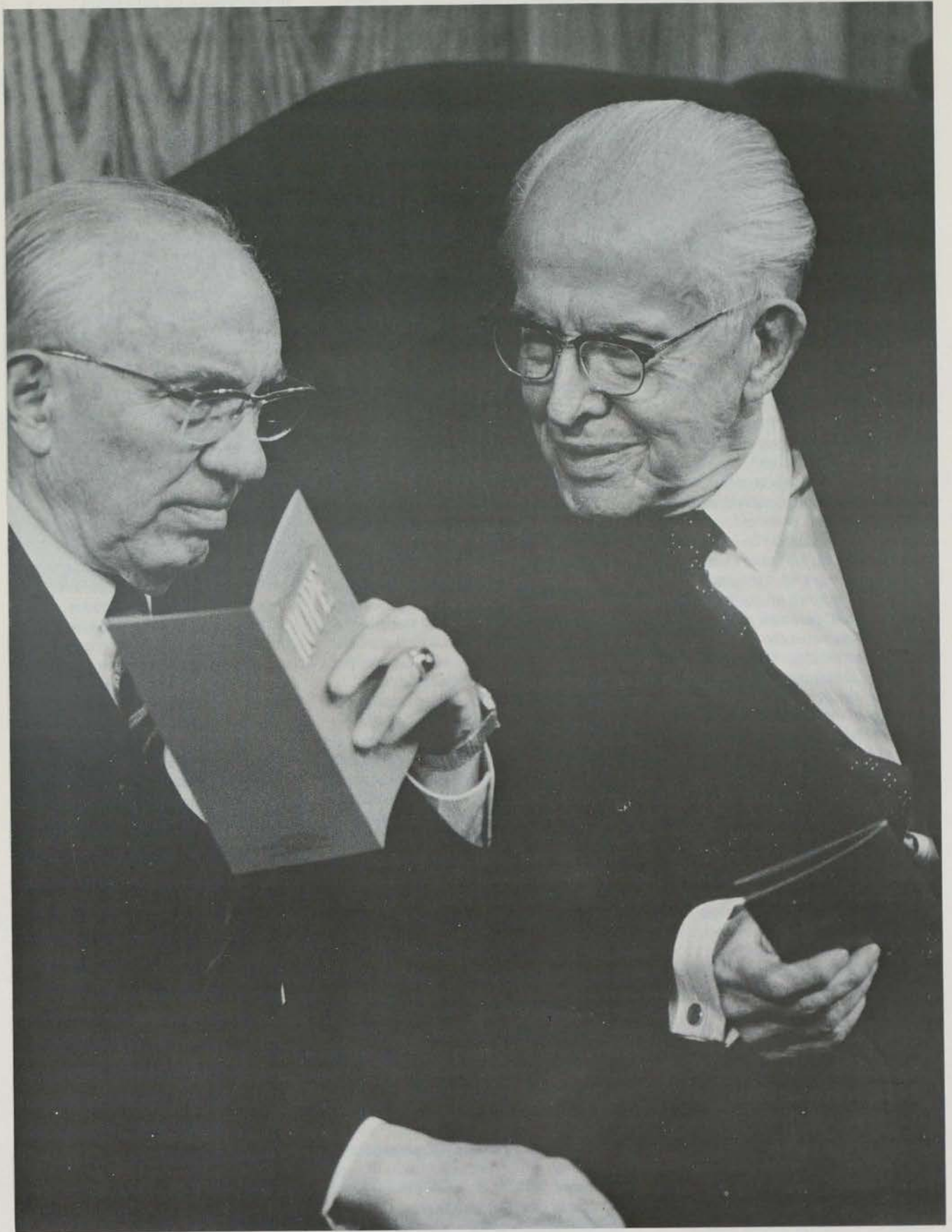
E eis que eu vos falo como se estivesseis presentes e, entretanto, não estais. Mas, por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço as vossas obras” (Mórmon 8:34-35).

Se eles contemplaram nossos dias e escolheram aquilo que seria de maior valor para nós, não é assim que devemos estudar o Livro de Mórmon? Precisamos perguntar constantemente a nós mesmos: “Por que o Senhor inspirou Mórmon (ou Morôni, ou Alma) a incluir isto em seu registro? Que lição posso aprender aqui, para ajudar-me a viver nestes dias e nesta época?”

E encontramos exemplo após exemplo, de como essa pergunta será respondida. O Livro de Mórmon ensina como nos prepararmos para a Segunda Vinda, por exemplo. Uma parte importante do livro focaliza algumas décadas que antecederam a vinda de Cristo à América. Estudando atentamente esse período, podemos perceber por que houve gente que foi destruída durante os terríveis julgamentos que precederam a vinda do Salvador, e o que fez com que outros permanecessem junto ao templo, na terra de Abundância, podendo tocar as feridas de seus pés e mãos.

Pelo Livro de Mórmon aprendemos como os discípulos de Cristo viveram em épocas de guerra. Também vemos os males das combinações secretas retratados numa realidade gráfica e apavorante. No Livro de Mórmon, encontramos lições sobre como enfrentar a perseguição e a apostasia. Aprendemos muito a respeito da realização da obra missionária. E, mais do que tudo, vemos no Livro de Mórmon os perigos do materialismo e de se colocar o coração nas coisas do mundo. Pode alguém duvidar de que esse livro foi feito para nós, e que nele encontramos grande poder, grande conforto e grande proteção?

O terceiro motivo pelo qual o Livro





de Mórmon tem tanto valor para os santos dos últimos dias, é dado na mesma declaração do Profeta Joseph Smith, citada previamente. Falou ele: “Disse aos irmãos que o Livro de Mórmon é o livro mais correto da terra e a pedra angular de nossa religião, e que, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro.” Essa é a terceira razão para estudarmos o Livro de Mórmon. Ele nos ajuda a chegarmos mais perto de Deus. Não existe algo dentro de nosso coração que anseia por se aproximar de Deus? Não desejamos ser mais semelhante a ele em nosso viver, sentir sua presença conosco constantemente? Se esse é o caso, então o Livro de Mórmon nos ajudará a consegui-lo, mais do que qualquer outro livro.

Não é apenas a verdade que o Livro de Mórmon nos ensina, embora ele verdadeiramente o faça. Não é apenas o testemunho de Cristo que o Livro de Mórmon presta, embora ele realmente o faça também. Há algo mais. Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida, no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo. Descobriremos maior poder para resistir à tentação. Encontraremos poder para evitar as dissimulações. Encontraremos poder para permanecer no caminho reto e estreito. As escrituras são chamadas de “palavras de vida” (ver D&C 84:85), e, em nenhum outro lugar, isso é mais verdadeiro do que no Livro de Mórmon. Quando iniciardes a ter fome e sede dessas palavras, descobrireis vida cada vez mais abundante.

Nosso amado irmão, o Presidente Marion G. Romney, que no mês

passado celebrou seu octogésimo nono aniversário, e que conhece, por si mesmo, o poder existente neste livro, testificou a respeito das bênçãos recebidas por aqueles que o lêem e estudam. Ele disse:

“Estou certo de que, se os pais, em nossos lares, lerem fervorosa e regularmente o Livro de Mórmon, sozinhos e com seus filhos, o espírito desse grande livro permeará nossos lares e todos os que neles habitam. O espírito de reverência aumentará; o respeito e a consideração mútuos serão maiores. O espírito de contenda se afastará. Os pais aconselharão seus filhos com maior amor e sabedoria. Os filhos reagirão melhor e serão mais submissos aos conselhos de seus pais. A retidão reinará. A fé, a esperança e a caridade — o puro amor de Cristo — serão abundantes em nosso lar e em nossa vida, trazendo consigo a paz, a alegria e a felicidade.” (*Ensign*, maio de 1980, p. 67.)

Tais promessas — maior amor e harmonia no lar, maior respeito entre pais e filhos, maior espiritualidade e retidão — não são promessas vãs, mas exatamente o que quis dizer o Profeta Joseph Smith, quando afirmou que o Livro de Mórmon nos aproximará de Deus.

Irmãos e irmãs, eu vos imploro, com todo meu coração, que considereis com grande seriedade a importância do Livro de Mórmon para vós, pessoalmente, e para a Igreja, coletivamente.

Há mais de dez anos, fiz a seguinte declaração concernente ao Livro de Mórmon:

“Nossa reação a este livro terá conseqüências eternas? Sim, seja para

nossa bênção, ou para nossa condenação.

Todo santo dos últimos dias deveria fazer do estudo deste livro um projeto para toda a vida. Caso contrário, estará colocando sua alma em perigo e negligenciando aquilo que poderia dar unidade espiritual e intelectual à sua vida inteira. Há uma diferença entre o converso que está edificado sobre a rocha de Cristo, através do Livro de Mórmon, e que permanece agarrado à barra de ferro, e aquele que não está.” (*Ensign*, maio de 1975, p. 65.)

Reafirmo-vos essas palavras hoje. Não permaneçamos sob condenação, com seus tormentos e julgamentos, tratando levemente esta grande e maravilhosa dádiva do Senhor. Mas, preferivelmente, conquistemos as promessas que nos foram feitas, se o entesourarmos em nosso coração.

Em Doutrina e Convênios, seção 84, versículos 54 a 58, lemos:

“E em tempos passados as vossas mentes se escureceram por causa da descrença, porque tratastes com leviandade as coisas que recebestes—

Vaidade e descrença essas que levaram a igreja toda à condenação.

E esta condenação descansa sobre os filhos de Sião, sim, sobre todos.

E eles permanecerão sob essa condenação até que se arrependam e se lembrem do novo convênio, mesmo o Livro de Mórmon e dos mandamentos anteriores que lhes dei, não somente falando, mas agindo de acordo com o que escrevi—

Para que produzam frutos dignos do reino de seu Pai; caso contrário, está para se derramar sobre os filhos de Sião um julgamento e praga.”

Desde a última conferência geral, tenho recebido muitas cartas dos santos de todo o mundo, tanto jovens quanto idosos, que aceitaram o desafio de ler e estudar o Livro de Mórmon.

Tenho-me maravilhado com o relato da transformação de suas vidas e de como se aproximaram do Senhor, como resultado desse compromisso. Esses gloriosos testemunhos têm reafirmado à minha alma as palavras do Profeta Joseph Smith, de que o Livro de Mórmon é verdadeiramente “a pedra angular de nossa religião”, e que o homem e a mulher, seguindo seus preceitos, aproximar-se-ão mais de Deus do que por qualquer outro livro.

Esta é a minha oração, que o Livro de Mórmon possa tornar-se a pedra angular de nossa vida, em nome de Jesus Cristo. Amém.

# MENSAGENS NÃO DESEJADAS

Élder James E. Faust  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Para a consciência perturbada, em conflito com o certo e o errado, a única ajuda permanente é mudar o comportamento e seguir o caminho do arrependimento.”*



Com humildade e em espírito de oração, espero que aquilo que tenho para dizer seja recebido no espírito que gostaria de transmitir. Acabamos de ouvir o profeta de Deus. Ele é o atalaia que está na torre. Ele levantou uma voz de advertência. Gostaria de admoestar a todos a que ouvissem e seguissem o seu conselho. É tremendamente importante estar sempre em harmonia com aqueles que, de acordo com Paulo, “velam por vossas almas, como aqueles que não de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo” (Hebreus 13:17).

Isaías falou a respeito de um povo que não se importou em ouvir seus profetas e videntes, os quais foram exortados: “Dizem aos videntes: Não vejais; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto: dizei-nos cousas aprazíveis, e tende para nós enganadoras lisonjas” (Isaías 30:10). Néfi explicou: “e os culpados acham portanto, a verdade pura, porque lhes penetra até o âmago” (1 Néfi 16:2).

O Presidente Spencer W. Kimball falou a respeito do dever dos profetas, da seguinte maneira:

“Tenho certeza de que Pedro, Tiago e Paulo consideravam ser muito

agradável o fato de terem constantemente que chamar o povo ao arrependimento e preveni-lo quanto a perigos; no entanto, eles levaram essa sua responsabilidade avante sem hesitar. Da mesma forma, nós, vossos líderes, temos de prosseguir incessantemente. Se os jovens não compreendem, então a culpa pode ser parcialmente nossa; entretanto, se vos ensinarmos claramente o caminho verdadeiro, então estaremos isentos de culpa.” (“Love Versus Lust”, Brigham Young University Speeches of the Year, Provo, Utah, 5 de janeiro de 1965, p. 6; também em O Velho Testamento — I Reis a Malaquias, Manual do Instituto, leitura 27-13, p. 281.) Gostaria de falar hoje sobre mensagens não desejadas. Meu propósito ao fazer isso é tentar dar força contra os erros, o sofrimento, o pesar e a angústia.

Permiti-me começar contando-vos uma experiência pessoal de uma época, há muitos anos, em que recebi uma mensagem não desejada, mas valiosa, de meu devotado pai. Depois do término da II Guerra Mundial, eu estava casado e queria progredir na vida. Minha missão memorável terminara antes do serviço militar. Eu não tinha vontade de me tornar um estudante novamente e de voltar para a universidade onde entrara aproximadamente oito anos antes. O curso que pretendia fazer exigiria outros três anos de estudo intensivo, disciplina, e pobreza. Com tudo isso em mente, disse a meu pai: “Acho que não voltarei para a escola. Vou simplesmente conseguir um emprego ou abrir um pequeno negócio e tocar a vida em frente.” Bem, meu pai terminara o curso de direito após a I Guerra Mundial, sendo um aluno mais velho com esposa e três filhos. Sua resposta foi tipicamente direta. Disse bruscamente: “O que você pode fazer?” Sua resposta foi tão brutalmente honesta que magoou, mas não pude ignorá-la. Voltei para a universidade e completei o curso. Essa

mensagem franca, mas bem intencionada, mudou minha vida.

Na época de Jesus, certo líder fez ao Salvador uma pergunta significativa e recebeu uma resposta dura que não queria ouvir. Com a resposta dura, veio uma grande promessa. A pergunta significativa que o homem rico fez foi: “Que hei de fazer para herdar a vida eterna?”

Jesus respondeu: “Sabes os mandamentos: não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e tua mãe.”

E o príncipe respondeu: “Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade.”

O Mestre então deu a resposta não desejada: “Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me.”

Quando o príncipe ouviu isso, “ficou muito triste, porque era muito rico.

E, vendo Jesus que ele ficara muito triste disse; Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Lucas 18:18, 20-24).

A maneira como as pessoas lidam com suas riquezas terrenas está entre os grandes testes por que passam na vida.

Esse mesmo Jesus de Nazaré pregou muita doutrina nova que parecia difícil de aceitar. Algumas pessoas disseram: “Que nova doutrina é esta?” (Marcos 1:27). Jesus não falava de vingança nem de desforra. Ele falava de amor aos nossos inimigos e de fazer o bem aos que nos odeiam, de abençoar os que nos maldizem, e de orar por aqueles que nos usam com despeito (ver Lucas 6:27-28). Aconselhou a seus seguidores que, quando lhes ferissem uma face, “oferecessem-lhes também a outra; e, ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses” (Lucas 6:29).

Outra doutrina nova interessante foi ir além de amar apenas os nossos e de sermos bons apenas para nossos amigos. Outra idéia estranha ensinada por Jesus foi emprestar bens e dinheiro, não esperando nada em troca. O Mestre nos aconselhou a sermos misericordiosos, a não julgarmos nem condenarmos, e a sermos gentis para com os ingratos e os maus (ver Lucas 6:34-37). Ele também falou a respeito de termos cuidado “quando todos os homens de vós disserem bem” porque todos os homens falaram bem dos falsos profetas (Lucas 6:26).

A promessa para aqueles que conseguem fazer isso é grande: “sereis



*Elder Joseph B. Wirthlin, recém-apoiado para o Quorum dos Doze, com sua esposa, Elisa Wirthlin.*

filhos do Altíssimo” (Lucas 6:35).

Permiti-me mencionar duas ou três outras mensagens que não parecem mais populares? Uma é a respeito do Dia do Senhor. Ao mesmo tempo que o próprio Salvador alertou contra as formas extremas de se observar o Dia do Senhor, é bom lembrarmos de quem é esse dia. Parece haver uma popularidade crescente em relação a menosprezar o mandamento que tem séculos de existência a respeito de observar e respeitar esse dia. Para muitos, ele se tornou um feriado, e não um dia sagrado de repouso e santificação. Para alguns, é um dia para ir às lojas e comprar alimentos. A decisão daqueles que se ocupam em fazer compras, esportes, trabalho, e recreação no Dia do Senhor é deles próprios, e só eles são responsáveis por ela.

O mandamento do Senhor sobre o seu dia não foi alterado, nem o foi a afirmação da Igreja a respeito do mandamento de observar o Dia do Senhor. Aqueles que violam esse mandamento no exercício de seu livre-arbitrio são responsáveis pela perda das bênçãos que a observância desse mandamento traria. O Senhor falou em nosso dia a respeito do Sábado. Devemos conservar-nos “limpos das manchas do mundo” e “(ir) à casa de oração”. Devemos descansar de nossos trabalhos e prestar nossa “devoção ao Altíssimo”. (D&C 59:9-10.) Doutrina e Convênios nos lembra: “E neste dia, não farás nenhuma outra coisa,

somente seja o teu alimento preparado com singeleza de coração para que o teu jejum seja perfeito, ou, em outras palavras, para que o teu gozo seja completo” (D&C 59:13). As bênçãos para aqueles que andam em retidão são grandiosas. Eles terão “paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro” (D&C 59:23).

Outra mensagem transcendente, mas geralmente negligenciada, que ressoa do Sinai é “Honra a teu pai e a tua mãe” (Êxodo 20:12). Frequentemente tenho passado por uma casa de repouso que proporciona cuidados excelentes. Mas é de partir o coração ver tantos pais e avós naquele grande edifício, tão bem tratados e tão esquecidos, tão privados de sua dignidade, tão famintos de amor. Honrar os pais com certeza significa cuidar das necessidades físicas. Mas significa muito, muito mais. Significa mostrar amor, bondade, consideração, e preocupação por eles todos os dias de sua vida. Significa ajudá-los a preservarem sua dignidade e auto-respeito em seus anos de declínio. Significa honrar seus anseios e desejos e seus ensinamentos, tanto antes como depois de sua morte.

Há alguns anos criei uma estaca numa das ilhas do Japão. Como de costume, fizemos várias entrevistas com os líderes para conhecê-los melhor. Um dos homens mudara-se de Tóquio para aquela área para cuidar de seu pai, idoso e enfermo, e dos negócios dele, que não estavam bem por causa da sua saúde debilitada. Depois que o pai

morreu, o filho foi aos credores do pai e reconheceu as dívidas dele. Pediu tempo para aqueles credores, para que pudesse assumir e pagar todas as obrigações pendentes do pai. Em nossa entrevista, perguntei-lhe como estava conseguindo cumprir essa responsabilidade. Ele respondeu que estava indo muito bem e que conseguiria administrar as dívidas do pai. O Senhor houve por bem honrá-lo com um chamado para ser um dos líderes daquela estaca.

Além de ser um dos mandamentos de Deus, a consideração gentil e solícita para com os pais é uma questão universal de decência e respeito próprio. Por sua vez, os pais precisam viver de modo a serem dignos do respeito de seus filhos.

Não posso deixar de me surpreender com pais que adotam em relação a seus filhos a atitude “faça o que eu digo, não o que eu faço”, em relação a usar substâncias prejudiciais, ir a filmes impróprios e outras atividades questionáveis. As crianças geralmente tomam o comportamento dos pais como uma permissão e vão além dos valores que os pais desejam estabelecer. Não há uma regra segura por parte dos pais; não eviteis apenas o mal, evitai a própria aparência do mal (ver 1 Tessalonicenses 5:22).

Gostaria de falar de mais uma mensagem forte. Geralmente é estarrecedor ver a negligência das pessoas em relação a manter os padrões de justiça e integridade comuns. Essa falta se manifesta de muitas maneiras. Às vezes é evidente nas transações comerciais, bem como nos contatos particulares. A injustiça em relação aos outros se manifesta até mesmo na maneira como os automóveis são conduzidos às vezes. A deslealdade e injustiça resultam principalmente do fato de uma pessoa buscar vantagem e superioridade sobre outra. Aqueles que seguem essa prática degradam-se bastante. Como podem aqueles que não praticam a justiça e integridade comuns clamar seriamente pelas bênçãos de um Deus justo e imparcial?

Estariamos procurando justificar a tomada de atalhos e a vantagem sobre os outros, vivendo pelos dois parecidos sofismas “Não há justiça” e “Todos fazem isso”? Há muitas outras pessoas que aparentemente prosperam violando as leis de Deus e os padrões de decência e do jogo limpo. Elas parecem escapar à lei iminente da colheita, que diz: “tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 6:7). Preocuparmo-



*Autoridades Gerais na sessão do sacerdócio.*

-nos com a punição que achamos que deveria recair sobre os outros é desastroso para nós. Brigham Young aconselhou que, a menos que cada um de nós esteja preparado para o dia da vingança do Senhor, em que os iníquos serão consumidos, não devemos estar ansiosos demais para que o Senhor apresse a sua obra. Ao contrário, disse ele: “Que nossa ansiedade se volte para um único ponto: a santificação de nosso próprio coração, a purificação de nossos próprios sentimentos.” (Em *Journal of Discourses*, 9:3.)

Muitos professores de comportamento humano, da atualidade, advogam como cura para uma consciência aflita que simplesmente ignoremos as mensagens não desejadas. Eles sugerem que mudemos o padrão para adaptá-lo às circunstâncias, para que não exista mais um conflito, aliviando, assim, a consciência. Os seguidores do Cristo divino não podem concordar impunemente com essa filosofia má e perversa. Para a consciência perturbada, em conflito com o certo e o

errado, a única ajuda permanente é mudar o comportamento e seguir o caminho do arrependimento.

O Profeta Isaías ensinou: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade; e fazem do amargo doce, e do doce amargo!” (Isaías 5:20).

No decorrer de meu ministério, tenho ficado fascinado com a maneira como Jesus fortaleceu o corpo e o espírito de seu apóstolo principal, Pedro. Quando Jesus disse a Pedro que orara para que a fé deste se fortalecesse, Pedro afirmou que iria com o Salvador para a prisão ou para a morte. Foi dito então a Pedro que “não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces” (Lucas 22:34). Depois das três negações preditas, veio a mensagem poderosa, não desejada, mas fortalecedora: Pedro ouviu o galo cantar. E “saindo dali, chorou amargamente” (Mateus 26:75), mas isso fortaleceu Pedro para que cumprisse seu chamado e para que morresse pela causa.

Há uma voz segura que é sempre verdadeira. Pode-se sempre confiar

nela. Ela deve ser ouvida, embora às vezes essa voz também possa declarar mensagens de advertência não desejadas. Falo da voz mansa e delicada que vem de fonte divina. Como o profeta Elias aprendeu: “o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto:

E depois do terremoto um fogo; porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada.” (I Reis 19:11-12).

Uma simples mensagem não desejada pode ser um chamado para que mudemos nossa vida; pode levar a uma oportunidade especialmente talhada de que precisamos. Sou grato por nunca ser tarde demais para mudarmos, para fazer as coisas certas, para deixar atividades e hábitos antigos para trás.

Desejo testificar que as mensagens proféticas desta conferência levarão qualquer pessoa que as ouvir — e seguir o conselho dado — à promessa do Salvador, que é paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro. Testifico disso em nome de Jesus Cristo, amém.

# “(ESPERAI) NO SENHOR”

Élder Marion D. Hanks

da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

*“Ninguém jamais encontrou um mortal ao qual pudesse tranqüilamente confiar sua salvação. Somente um ser se qualifica para essa confiança: o Santo de Israel.”*



Nos primeiros dias da Restauração, o Senhor ordenou a um de seus servos que “proclamasse boas-novas”, e que o fizesse “com toda a humildade, confiando em mim e não injuriando aos injuriadores” (D&C 19:29-30). No espírito construtivo dessa diretriz, desejo prestar testemunho nesta manhã sobre o efeito fundamental, em nossa vida e na vida de outras pessoas, das decisões diárias que todos nós estamos tomando — e onde podemos encontrar ajuda para tomá-las.

Certa vez um professor escreveu sobre as conseqüências imprevisíveis de algumas de nossas decisões. Na realidade, nunca planejamos essas conseqüências, mas seguimos os caminhos que levaram a elas. “Aquele que escolhe o início de uma estrada escolhe o caminho ao qual ela leva”, disse ele. “Aquele que pega uma ponta de um bastão, pega a outra também.” E não é apenas o nosso próprio caminho que estamos influenciando quando escolhemos o início de uma estrada; inevitavelmente viajamos com outras pessoas, e às vezes levamos angústia e sofrimento àqueles que amamos e a outras pessoas inocentes.

Deste púlpito, o Presidente David O.

McKay nos ensinou:

“Após a concessão da própria vida, o direito de governar essa vida é o maior dom de Deus ao homem... A liberdade de escolha deve ter mais valor do que qualquer bem material que a terra possa dar.” (Em Conference Report, abril de 1950, p. 32).

A existência opressiva de problemas à nossa volta — pessoais, familiares, e em nossa sociedade — acentua o perigo e também os privilégios do livre-arbítrio. O antigo salmista verdadeiramente parece estar cantando para o nosso tempo. “Tem misericórdia de mim, ó Senhor, porque estou angustiado” (Salmo 31:9).

Por que há tanta angústia? “Com tantos caminhos planos, por que passamos tanto tempo nos terrenos acidentados?” disse alguém.

Parte da resposta é que sem oposição e provação, o livre-arbítrio perde o seu significado. A oposição, a tribulação, as aflições, o fogo refinador são parte do plano eterno.

Muito do que nos acontece nesta vida não podemos controlar; apenas reagimos. Mas a maior parte da dor que sofremos e inevitavelmente impomos a outras pessoas é auto-induzida por nossa própria falta de bom-senso, por causa de nossas escolhas erradas. Onde podemos procurar ajuda?

O antigo profeta Miquéias, talvez de modo surpreendente, parecia excluir as fontes de ajuda mais próximas e mais comuns — a família, os amigos, e os líderes. Alguns de nós talvez tenhamos provado um pouco do profundo desapontamento que ele sentiu por causa da rebeldia de Israel, quando declarou que “pereceu o benigno da terra” (Miquéias 7:2). Ele falou a respeito de príncipes e juízes pedindo recompensas e de grandes homens que “fazem diligentemente o mal” (ver vers. 3). Para Miquéias, a fonte de ajuda estava clara e segura: “Eu, porém, esperarei no Senhor”, disse ele. “Esperarei no Deus de minha salvação: o meu Deus me ouvirá” (vers. 7).

Jeremias alertou “o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço e aparta o seu coração do Senhor” (Jeremias 17:5). Outros profetas falaram de maneira semelhante.

Isso significa que nunca podemos ter confiança na integridade das outras pessoas? Não devemos nunca confiar nos pais ou nos amigos ou nos conselheiros carinhosos ou nos servos humildes de Deus? Isso não é obviamente o que querem dizer as escrituras, que são, por si próprias, o registro da revelação e instrução inspirada; o que elas estão enfatizando é o *cuidado* que devemos ter ao *escolher* o conselho ou exemplo a seguir.

Existe em disponibilidade, para aqueles que se acomodam a isso, muita coisa que *não* é edificante ou salutar, coisas que às vezes parecem tão perversas em sua descrição do casamento, da família, e da integridade pessoal que uma pessoa sem discernimento poderia ser levada a crer que esse é o modo normal de pessoas ou famílias ou comunidades se comportarem.

Há apenas uma semana, uma Procuradora-Geral Assistente dos Estados Unidos fez um comentário após assistir a uma peça teatral popular na qual o uso de drogas era apresentado de modo a parecer aceitável e até mesmo desejável: “Perpetuamos a mentira segundo a qual as drogas nos tornam espertos, corajosos, filosóficos e chiques”, disse ela (Lois Haight Herrington, conforme citação de Godfrey Sperling Jr., *Deseret News*, 24 de setembro de 1986, p. A9). E um colunista, citando-a, acrescentou uma linha interessante: “Nossa sociedade ainda aprova o uso do álcool. Não existe realmente uma droga mais perigosa — e com certeza nenhuma droga que tenha causado maiores danos e arruinado mais vidas no decorrer dos anos — do que o álcool.” (Sperling, *Deseret News*, 24 de setembro de 1986, p. A9).

Mas também se encontram à disposição de muitos de nós fontes sadias de orientação sensata, se as procurarmos. Há uma grande força na confiança e no amor, e, é claro, temos de aprender a confiar porque nossa confiança na integridade do homem sustenta a nossa confiança em Deus. No entanto, em assuntos de importância permanente, não devemos confiar apenas no “braço da carne”, deixando de buscar o Senhor nas escrituras e em

oração.

Durante a II Guerra Mundial, tive uma experiência a bordo de um navio dos Estados Unidos no Pacífico Sul que foi um grande exemplo do valor de escolhas sensatas e do perigo de se tomar decisões que sejam imaturas ou impetuosas, ou que sejam tomadas no calor da emoção, ou que irrefletidamente acompanhem a multidão.

O jovem a bordo de meu navio era obviamente especial. Era modesto, capaz e tinha um futuro promissor e era uma bênção estar com ele nas poucas ocasiões em que nossos deveres individuais durante a época de guerra tornavam possível estarmos juntos.

Mas as circunstâncias determinaram que a maior parte do tempo e da atenção de meu jovem companheiro fosse dedicada a outros com quem ele trabalhava intimamente na vida compactada de uma tripulação a bordo de um navio no mar. Esses companheiros tinham um tipo de vida e uma visão dos valores que estavam bastante distantes daqueles aos quais esse rapaz escolhido estava acostumado. Gradualmente, as circunstâncias e as pressões diárias começaram a cobrar seu tributo de um rapaz ainda não completamente firme.

Um dia, num porto distante, observei-o quase furtivamente preparando-se para desembarcar na companhia de alguns daqueles indivíduos experientes que o estavam levando para a cidade para uma de suas “boas diversões”, segundo supunham. Na marinha, esses períodos de folga eram ironicamente chamados “liberdade”.

Tive um breve momento com ele quando passava pela prancha de desembarque e tentei adverti-lo de que sua aventura era perigosa e que esses homens não lhe fariam bem. Sua maneira furtiva transformou-se em rebeldia, e ele me disse claramente que era um homem feito, capaz de tomar suas próprias decisões, e que faria o que escolhesse.

As conseqüências das decisões que ele tomou naquele dia — e as que foram tomadas por ele quando, por meio da “ajuda” iníqua desses rapazes, perdeu o poder de pensar por si mesmo ou de controlar seu próprio comportamento — foram diferentes do que jamais tencionara ou pudera imaginar. Em sua imaturidade, rebeldemente escolheu o início de uma estrada sem pensar aonde essa estrada o levaria. O lugar no qual



Os três mais novos membros do Quorum dos Doze: da esquerda para a direita, Elder Joseph B. Wirthlin, Elder M. Russell Ballard e Elder Dallin H. Oaks.

ele chegou poucas horas depois era um que ele não escolheria conscientemente.

Quando voltou ao navio, com o período de licença vencido, em época de guerra, sem controle, e sob a guarda da patrulha costeira, ficou sujeito a uma disciplina severa. Não consigo esquecer sua lamentável angústia enquanto esperava a punição. Nem mesmo conseguia lembrar de nada relacionado com a mais séria das tragédias que havia ocorrido com ele. Tudo de que conseguia lembrar-se era de erguer um copo que lhe haviam passado, sem saber que haviam drogado a bebida, e depois disso, tudo era um branco. Eles continuaram a levá-lo consigo em seus giros.

As acusações contra ele, indelevelmente impressas em sua folha de serviço anteriormente perfeita, eram dolorosas. Não esquecerei sua angústia lamentável, ao dizer repetidas vezes: “O que vou dizer a minha mãe? O que vou dizer a minha garota?”

Ele tinha tempo agora — e disposição para ouvir e pensar. Lemos juntos o

suave conselho do Senhor relativo ao sacrifício expiatório de Cristo e sua missão de redenção e perdão e misericórdia (ver Alma 42).

Há aproximadamente dois mil anos, o Apóstolo Pedro escreveu com detalhes marcantes a respeito de nossa época e do que está acontecendo hoje, quando indivíduos, moços e velhos, são às vezes levados a tragédias por outras pessoas que não têm interesse sadio em sua felicidade nem em seu futuro. Essas “outras pessoas” e os resultados de sua influência são claramente descritos. Oro que as pessoas que mais precisam delas, ou algumas pessoas que possam ajudar aqueles que mais precisam, ouçam essas palavras notáveis. Elas estão registradas em II Pedro, capítulo 2:

“Sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e preservar os *injustos* para o dia de juízo...”

Mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as dominações; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das



*Membros do Primeiro Quorum dos Setenta.*

dignidades...

Do que não entendem...

Tendo os olhos cheios de adultério, e não cessando de pecar, engodando as almas inconstantes...

Estes são fontes sem água, nuvens levadas pela força do vento...

Porque, falando coisas mui arrogantes de vaidades, engodam com as concupiscências da carne, e com dissoluções, aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro.

Prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção. Por que de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo." (Vers. 9-10, 12, 14, 17-19; grifo nosso.)

Nunca consegui me referir a essas palavras poderosas sem pensar num rapaz limpo, que prometia muito e seguiu o mau conselho e o mau exemplo, que o levaram à tragédia, comprometendo sua consciência e trazendo sofrimento para si mesmo e para aqueles que o amavam. Não podemos impunemente seguir o exemplo ou dar atenção aos conselhos da insensatez e da iniquidade, ou da

ignorância ou da imaturidade ou do ego ou da cupidez ou da fanfarronice.

Não há bravura no mal, nem há coragem verdadeira no comportamento que só pode resultar em profundo desapontamento. Não há alegria duradoura na euforia resultante de substâncias injetadas nos corpos que, em última análise, tiram nosso autocontrole, e sobrepujam nossa capacidade de pensar por nós mesmos, e nos levam a agir de maneira incompatível com nosso melhor discernimento.

Vemos muito de glorioso e de animador nos seres humanos bons, mas os seres mortais têm limitações. Jamais encontramos um mortal ao qual pudéssemos tranquilamente confiar nossa salvação. Somente um ser se qualifica para essa confiança: o Santo de Israel. Seu amor a nós foi e é tão grande que se ofereceu voluntariamente para o encargo inexprimível de arcar com o peso de nossos pecados. Ele é nosso Mediador e nosso Advogado junto ao Pai. O profeta Miquéias falou com verdade e fê há muito tempo

quando, numa época de dificuldade, testificou: "Eu, porém, esperarei no Senhor; esperei no Deus de minha salvação: o meu Deus me ouvirá." (Miquéias 7:7.)

Todos nós temos muito que aprender e precisamos de bons conselhos. E, além da ajuda humana sadia, além do "braço da carne", está escrito: "Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer e ele te dirigirá para o bem" (Alma 37:37). "Ele consolará vossas aflições, defenderá vossa causa" (Jacó 3:1).

As últimas palavras de Mórmon a seu filho são minha oração por meus filhos e netos também, e pelos filhos dos homens em todos os lugares:

"Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te aflijam as minhas revelações a ponto de causar-te a morte; possa Cristo te animar, e possam os seus sofrimentos e morte, e (ressurreição), sua misericórdia e longanimidade, a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre" (Morôni 9:25).

Em nome de Jesus Cristo, amém.

# “SACUDI AS CORRENTES COM QUE ESTAIS AMARRADOS”

Élder Marvin J. Ashton  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Correntes prejudiciais são quebradas apenas por pessoas de coragem e compromisso que têm o desejo de lutar e resistir à dor.”*



Há alguns anos, conheci alguém que se permitira tornar-se dependente do álcool. Ele bebia antes de jantar, e tomava o que chamava de “estimulante”, antes de envolver-se em decisões mais importantes nos negócios. Durante um exame médico de rotina, certo dia, um médico lhe disse que, pelo bem de sua saúde, deveria deixar o hábito da bebida. Quando lhe perguntei o que pretendia fazer, ele respondeu: “É fácil. Simplesmente vou trocar de médico.”

Outra conhecida minha é uma mulher encantadora, culta, que fumava bastante. Ela agora nos conta sobre algumas vezes em que chegou a acordar o marido no meio da noite e insistir para que ele fosse a um local que ficasse aberto a noite toda, para comprar-lhe um maço de cigarros. Esse casal teve contato com os missionários, acreditou em sua mensagem, e filiou-se à Igreja. Quando ela soube que teria que deixar de fumar, quase imediatamente quebrou as correntes desse hábito e ficou livre do vício do tabagismo.

Ao reler o Livro de Mórmon, seguindo o conselho do Presidente Ezra

Taft Benson, nosso amado profeta, fico ainda mais impressionado com o conselho que o pai Léhi deu à sua família, pouco antes de sua morte. Ele dirigiu a seguinte súplica a seus filhos:

“Despertaí, meus filhos, cingi a armadura da justiça. Sacudi as correntes com que estais amarrados, sai da obscuridade, levantai-vos do pó” (2 Néfi 1:23).

Essas palavras se aplicam a nós hoje. Quem entre nós não sentiu as correntes dos maus hábitos? Esses hábitos podem ter impedido nosso progresso, podem ter-nos feito esquecer quem somos, podem ter destruído nossa auto-imagem, podem ter posto nossa família em perigo, e podem ter sido um obstáculo para nossa capacidade de servir a nossos semelhantes e nosso Deus. Assim, muitos de nós tendemos a dizer: “É assim que eu sou. Não posso mudar. Não posso romper as correntes do hábito.”

Léhi advertiu seus filhos a “sacudirem as correntes”, porque sabia que as correntes restringem nossa mobilidade, crescimento e felicidade. Elas fazem com que nos tornemos confusos e menos capazes de sermos orientados pelo Espírito de Deus. Léhi também lembrou a seus filhos que sua nova terra deveria “(ser) uma terra de liberdade para eles; e, portanto, não serão mais levados cativos; e, se o forem, será por causa da iniquidade” (2 Néfi 1:7). Ele poderia ter dito: “se o forem, será porque fostes levados ao cativeiro pelas correntes do viver iníquo.” Samuel Johnson sabiamente afirmou: “As correntes do hábito são pequenas demais para serem sentidas, até que ficam fortes demais para serem quebradas” (*International Dictionary of Thoughts*, Chicago, J. G. Ferguson Publishing Company, 1969, p. 348.)

A mulher da qual falei conseguiu quebrar as correntes de um mau hábito, porque se comprometeu a mudar.

Alguns dos lamanitas governados pelo Rei Lamôni conseguiram quebrar as correntes de suas iniquidades (assassinato, indolência e ódio), quando foram ensinados por Amon. Tornaram-se ainda mais valentes que os nefitas, porque se tornaram comprometidos com a retidão.

O viver reto é um escudo, um protetor, um material isolante, uma força, um poder, uma alegria, uma característica cristã. Sim, viver uma vida de retidão quebra as correntes.

Muitos de nós, hoje, somos algemados pelas correntes restritivas dos maus hábitos. Somos atados por auto-imagens inferiores, criadas pela conduta errada e pela indiferença. Somos acorrentados pela relutância em mudar para melhor. É de se admirar, em nossos dias, com foi nos dias de Néfi, que as súplicas de Deus sejam “despertaí”, “ouvi”, “não procrastineis mais”, “crede em mim”, e “buscai o caminho reto”?

Estes interessantes versos se aplicam a muitos de nós: “A procrastinação é uma coisa tola, só me traz tristeza, mas posso mudar a qualquer momento! Acho que o farei — amanhã!”

Sacudir as correntes que nos restringem exige ação. Elas não podem ser sacudidas apenas pelo desejo. Uma declaração nunca quebrará correntes. Isso exige comprometimento, autodisciplina e trabalho.

As correntes pesam muito em corações e almas atormentados. Elas nos condenam a viver sem nenhum propósito nem luz. Fazem com que fiquemos confusos e percamos o espírito. Precisamos levantar-nos do pó e usufruir do ar puro da retidão. Precisamos progredir em paciência, compreensão, amor, e compromisso infinito.

As vezes as correntes da arrogância e da dominação fazem com que portadores do sacerdócio percam seu caminho e tropecem. Nenhum homem em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é digno dos poderes e das bênçãos do sacerdócio que possui, se faz exigências injustas de sua esposa e sua família. Que Deus não permita que qualquer homem possa encontrar satisfação ou conforto exercendo esse tipo de domínio.

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido” (D&C 121:41).



Permiti-me falar-vos sobre algumas correntes que recentemente observei na vida de alguns amigos, correntes que estão causando uma orientação errada, destruição da família, perda de auto-respeito e tristeza.

Estou pensando num jovem marido e pai que está envolvido com o uso de drogas. Ele corre o risco de perder a família, o emprego, o orgulho próprio, e sua própria vida. Seus gritos de "estou preso" vêm do fundo da alma. O uso de cocaína e outras drogas faz com que as pessoas envolvidas se tornem completamente acorrentadas ao vício. Aqueles que comercializam as drogas não apenas fornecem correntes para os outros, mas também se algemam com o peso da iniquidade. Para os que não estão envolvidos, evitai as drogas de qualquer forma, com todo o vosso poder. Para os que estão envolvidos, buscai ajuda para remover as correntes que vos levarão ao abismo e vos asfixiarão. As drogas não são uma "solução rápida". São uma saída rápida por uma porta que, com muita frequência, se abre apenas para um lado — para o sofrimento e autodestruição.

Acreditai em mim, quando vos digo que algumas das coisas mais tristes que já presenciei em minha vida são pessoas que vivem com o vício da droga. São prisioneiros dentro de seus próprios corpos. Muitos sentem-se inteiramente desamparados, dependentes e desesperados. Mas ninguém deveria

sentir-se desesperado. Erguei essas correntes e lutei pela dignidade pessoal, paz e propósito. Qualquer pessoa que vos diga que o uso de drogas é "divertido", é mentiroso.

Qualquer juiz que permita que traficantes de drogas condenados sigam seu caminho só com penas leves, não é digno de seu cargo.

Conheço uma esposa e mãe que atualmente está firmemente acorrentada a um estilo de vida de queixas e críticas. Ela é a primeira a apontar os defeitos de seu marido ou a repetir os boatos da vizinhança. Como é prejudicial o hábito de só se ver os defeitos, assassinar o caráter, e espalhar rumores maliciosos! Os boatos e os comentários cáusticos frequentemente criam correntes de contendas. Essas correntes podem parecer muito pequenas, mas que miséria e pesar podem causar!

"Oh! Eu quisera que acordásseis; que acordásseis de um profundo sono, sim, desse sono do inferno, e sacudísseis as pavorosas correntes que vos prendem, que são as correntes que prendem os filhos dos homens e os escravizam no eterno abismo da miséria e da dor" (2 Néfi 1:13).

Ouvi as palavras de um amigo que entende bem o significado dessa escritura, um homem que estava amarrado pelas correntes da indiferença. Mas, quando buscou a ajuda de Deus e seguiu princípios corretos, não só essas correntes foram quebradas, mas despedaçadas. Esta carta foi recebida algumas semanas atrás.

"Fui batizado na Igreja em março de 1974. Na época, estava com um emprego que exigia que eu trabalhasse aos domingos. Isso, combinado com minha falta de força no evangelho, impediu-me de tornar-me um membro ativo e fiel da Igreja. Com o passar dos anos, negligenciei meu estudo e orações diários. No decorrer de toda essa época de minha vida, afastei-me cada vez mais da Igreja e dos ensinamentos do evangelho. Essa negligência trouxe decepção após decepção para mim mesmo e para minha família. Estava desanimado, desiludido, e não tinha auto-respeito nem confiança.

Na tarde de 6 de abril de 1986, minha mulher estava pesquisando os canais de televisão em busca de algo para passar outra tarde indolente de domingo, quando passou pela sessão de domingo à tarde da conferência geral que estava para começar. Decidimos assistir e descobrir o que estava acontecendo, já

que perdêramos completamente o contato com a Igreja, e eu, francamente, nem poderia ter dito quem era o profeta naquele momento.

A mensagem que ouvi foi um presente de meu Pai Celestial, algo que mudaria completamente minha vida. A mensagem ficou em minha mente por alguns dias. Comentei com minha mulher como me sentia melhor com respeito a mim mesmo e ao meu relacionamento com os outros como resultado de simplesmente aplicar alguns princípios recomendados. Desde aí, voltamos a ter uma participação fiel e ativa em nossa ala."

Que bênção é levantar do pó e das correntes da indiferença.

Pode-se perguntar: "o que tenho de fazer para quebrar as correntes que me prendem e me afastam do caminho que nosso Salvador gostaria de que seguissemos?" Essas correntes não podem ser quebradas por aqueles que vivem na luxúria e enganando a si mesmos. Elas só podem ser quebradas por pessoas que desejem mudar. Temos de encarar a dura realidade da vida: correntes prejudiciais são quebradas apenas por pessoas de coragem e compromisso que têm o desejo de lutar e resistir à dor.

É verdade que algumas pessoas não querem mudar, muito embora digam o contrário. Apenas vós podeis encontrar a motivação, e apenas vós podeis decidir mudar. A Igreja, o lar, a família, os amigos e pessoas profissionalmente treinadas podem ajudar, apoiar, incentivar, compreender e orientar, mas o trabalho de mudar pertence à própria pessoa. Na maioria das vezes, é um trabalho obviamente árduo.

Mudar ou quebrar algumas de nossas correntes, mesmo apenas em pequena escala, significa desistir de alguns comportamentos e hábitos que foram muito importantes para nós no passado. Geralmente isso nos amedronta. A mudança envolve riscos. "Como as pessoas vão reagir a mim, se eu mudar e ficar diferente?" Mesmo que nossa vida presente seja dolorosa e nos destrua, alguns de nós pensamos que ela tem um propósito, e assim nos sentimos acomodados com ela.

Toda mudança digna significa risco — o risco de perder um velho hábito prejudicial, substituindo-o por uma forma de viver nova e melhor.

Se o medo e a falta de vontade de correr esse risco e o desafio de um meio de vida melhor prevalecerem, não



*A Primeira Presidência cumprimenta membros do Quorum dos Doze na reunião geral das mulheres.*

seremos capazes de mudar. A Peça *Measure for Measure*, de Shakespeare, diz isso da seguinte maneira: “Nossas dúvidas são traiçoeiras, e nos fazem perder o bem que muitas vezes poderíamos ganhar, nos atemorizando quanto a tentar” (Ato 1, cena 4).

Mesmo as correntes do medo podem ser quebradas por aqueles que humildemente buscam a ajuda e força de Deus. Isso pode ser feito com essa promessa fortalecedora encontrada em Doutrina e Convênios 122:4: “Por causa de tua retidão ... teu Deus estará

ao teu lado para todo o sempre.”

Uma pessoa verdadeiramente sábia irá constantemente para a frente, lutando para melhorar, sabendo que o arrependimento diário é necessário para o progresso. Perceberá que a boa vida é vivida com a simples conformação aos padrões de retidão e justiça. A felicidade só pode ser obtida através de viver princípios elevados.

Aqueles que se comprometem a melhorar, quebram correntes, tendo a coragem de tentar. Aqueles que vivem sem um compromisso, erradamente

pensam que é mais fácil adaptar seu estilo de vida ao peso e às restrições das correntes do que fazer o esforço de mudar.

Que Deus nos ajude a sacudir e quebrar as correntes com as quais estamos atados. Com a ajuda de Deus, elas podem ser sacudidas pela fé, obras, oração, compromisso constante, e autodisciplina. Que possamos ter o desejo e a força para sacudir as correntes que controlariam e destruiriam nosso progresso. Oro em nome de Jesus Cristo, amém.

# CRIANCINHAS

Élder Boyd K. Packer  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Seja o que for que as leis do homem venham a tolerar, o uso indevido do poder de procriação, a destruição de vidas inocentes por meio do aborto, e o maltrato de crianças, são transgressões de enormes proporções.”*



Há alguns anos, o Dr. Faun Hunsaker, então presidente da Missão dos Estados do Sul (Estados Unidos), foi convidado a hospedar-se na casa de um membro da Igreja. Eles chegaram quando as crianças já estavam dormindo.

Ele ocupou o quarto do casal, e, durante a noite, ouviu a porta abrir-se e o som de passinhos. Um menininho, assustado por algum sonho mau, fora procurar consolo na cama dos pais.

Percebendo algo diferente, o menininho passou a mão no rosto do Irmão Hunsaker, que falou mansamente com a criança. Assustado, o menino exclamou: “Você não é meu pai!”

— Não, não sou seu pai.

— Meu pai disse que você podia dormir aqui?

— Disse. Seu pai disse que eu podia dormir aqui.

Diante dessa resposta, o menininho ajeitou-se na cama com o Irmão Hunsaker, e logo adormeceu.

Com esta ilustração, eu poderia parar por aqui, no que tange à confiança das crianças. Entretanto, sem desculpar-me,

pretendo estender-me em reflexões morais a respeito da inocência e de nossa obrigação para com as crianças.

Encontramos muita coisa nas escrituras a respeito das crianças.

O salmista escreveu: “Os filhos são herança do Senhor” (Salmo 127:3).

O Salvador fez o apelo tão conhecido: “Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus” (Marcos 10:14).

Quando os discípulos perguntaram a Jesus: “Quem é o maior no reino dos céus?... Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles, e disse: ... Aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus. E qualquer que receber em meu nome um menino tal como este, a mim me recebe” (Mateus 18:1-5).

Depois, fez a seguinte advertência: “Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar” (versículo 6).

Para mim, a lição mais comovente encontra-se no Livro de Mórmon.

Jesus “ordenou que as crianças fossem trazidas à sua presença.

Trouxeram, pois, suas crianças e as colocaram no chão; ao redor dele, permanecendo Jesus no meio; ...

Ordenou à multidão que se ajoelhasse por terra.

E aconteceu que, depois de se terem todos ajoelhado por terra, Jesus gemeu dentro de si mesmo e disse: Pai, estou apreensivo em virtude da maldade do povo da casa de Israel...

Ajoelhou-se também por terra; e eis que orou ao pai, sendo que as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas...

E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão

grandes e maravilhosas coisas como as que (viram e ouviram) Jesus dizer...

E levantaram-se da terra e ele lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

E depois de ter dito estas palavras, chorou, e a multidão testificou disso; e tomou das crianças, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

E, depois de ter feito isso, chorou de novo;

E... disse: Olhai para vossas crianças...

E viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo, e anjos lhes ministraram.” (3 Néfi 17:11-15, 17, 20-24.)

Há mais, muito mais, nas escrituras, a respeito de crianças.

Este assunto, contudo, também possui um lado triste. Vou limitar-me a mencionar quatro transgressões que afligem a humanidade, sendo que todas elas infligem sofrimento às crianças.

*Primeiro*, a consumação da união física do homem e da mulher, que pertence ao convênio do casamento, é agora falsamente anunciada como uma indulgência aceitável entre dois adultos quaisquer.

*Segundo*, o uso indevido desse poder criador em atos degradados de perversão é amplamente promovido como direito das pessoas adultas que os desejarem praticar. Este comportamento egoísta não carrega consigo nem a responsabilidade e nem as recompensas da paternidade e da maternidade.

*Terceiro*, a destruição deliberada de inocentes indefesos, através do aborto, é agora largamente protegida — até publicamente financiada.

*Quarto*, o corpo, a mente e a moral de um número cada vez maior de crianças, são brutalizados e maltratados por aqueles que deveriam protegê-las.

Com tudo isso, a humanidade semeou um vento amargo e colhe sofrimento, culpa, abandono, divórcio, vícios, doenças e morte; e as crianças sofrem.

Caso esses pecados não sejam controlados, a civilização será levada infalivelmente à destruição.

Nosso comportamento não é totalmente controlado por impulsos naturais. O comportamento se inicia também com a crença.

As crenças são fruto de filosofias, de

doutrinas. As doutrinas podem ser espirituais ou seculares, saudáveis ou destrutivas, verdadeiras ou falsas.

Dois doutrinas representam erroneamente a condição das criancinhas. Ambas são amplamente aceitas. Ambas são falsas!

A primeira afirma que as criancinhas são concebidas em pecado e entram para a mortalidade num estado de corrupção natural. Tal doutrina é falsa!

Toda vez que nasce uma criança, o mundo é renovado em inocência.

As revelações nos ensinam que “A glória de Deus é inteligência, ou, em outras palavras, luz e verdade.

Luz e verdade renunciam ao ser perverso.

Todo espírito do homem, no princípio, era *inocente*; e tendo-o Deus redimido da queda, o homem se tornou outra vez, em seu estado de infância, *inocente* diante de Deus.

E aquele ser iníquo pela desobediência e por causa da tradição de seus pais, vem e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade.

Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade.” (D&C 93:36-40; grifo nosso.)

Mórmon ensinou esta doutrina a seu filho Morôni, e através dele nós a recebemos. Desejo apresentar-vos apenas algumas sentenças de sua carta.

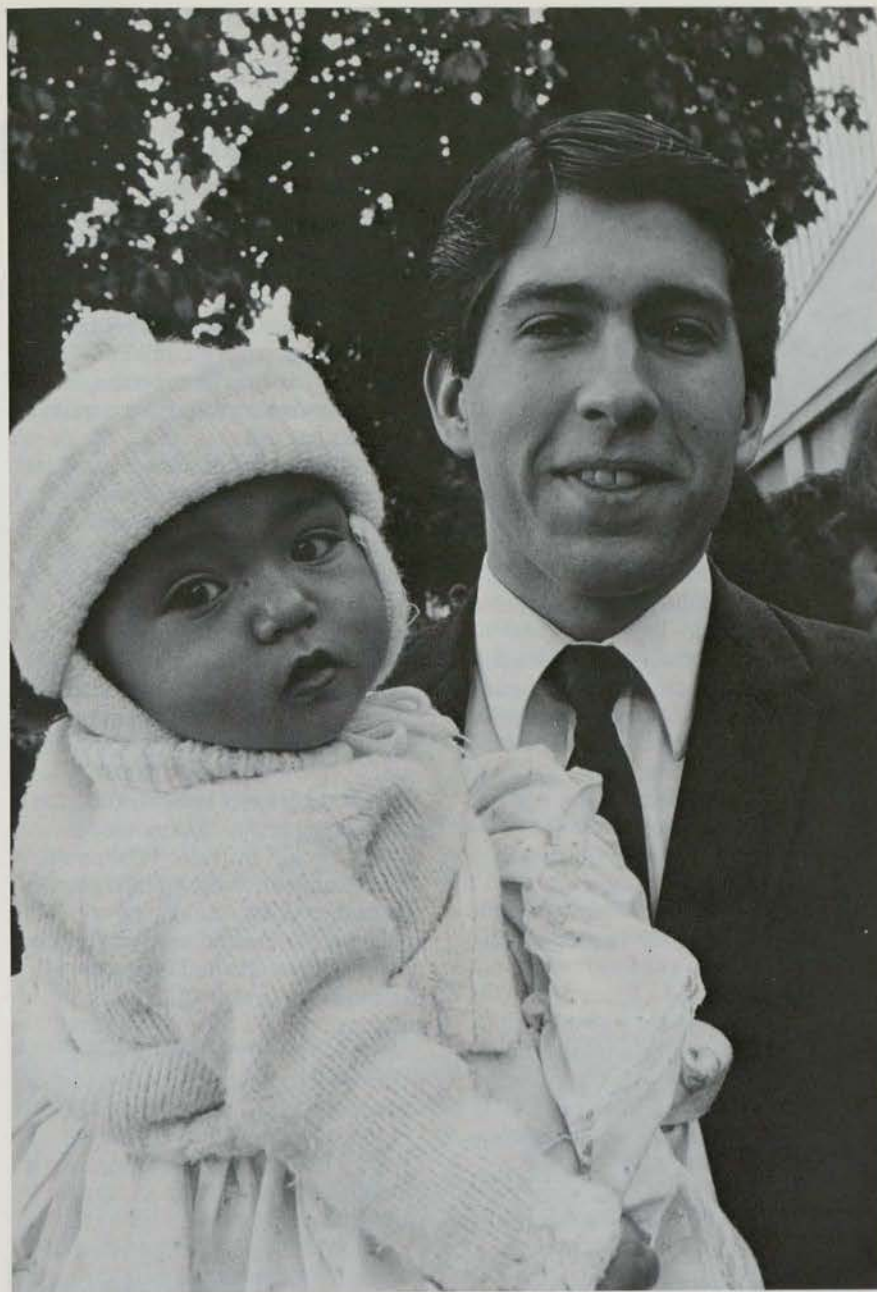
“Se eu entendi a verdade, tem havido disputas entre vós”, escreveu Morôni, “relativas ao batismo de vossas criancinhas” (Morôni 8:5).

Ele chamou essas discussões de “grosseiro erro”, e escreveu: “Logo depois de ter sabido destas coisas sobre vós, inquiri ao Senhor a respeito do assunto. E veio a mim a palavra do Senhor pelo poder do Espírito Santo, dizendo:

“Ouve as palavras de Cristo, teu Redentor, teu Senhor e teu Deus. Eis que vim ao mundo, não para chamar os justos, mas para chamar os pecadores ao arrependimento; os sãos não precisam de médico e sim os que estão enfermos; portanto, as criancinhas estão sãs, visto que são incapazes de cometer pecados; assim, pois, a maldição de Adão é delas removida para mim, de modo que sobre elas não tem poder...

Desta maneira o Espírito Santo manifestou-me a palavra de Deus; portanto, meu amado filho, sei que é uma burla solene perante Deus batizar as criancinhas” (Morôni 8:7-9).

Mórmon disse a Morôni que ensinasse arrependimento e batismo



“aos que são responsáveis e capazes de cometer pecados” (Morôni 8:10).

Oito anos é a idade estabelecida por revelação como idade de responsabilidade (ver D&C 68:27).

Depois, com uma seriedade inigualável nas escrituras, Mórmon advertiu:

“Aquele que pensa que as crianças pequenas necessitam de batismo, está no fel da amargura e nas cadeias da iniquidade; porque não tem fé, nem esperança, nem caridade; portanto, se chegar a perecer com esse pensamento, deverá ir para o inferno.

Pois grande é a perversidade de supor

que Deus salva uma criança em virtude do batismo, ao passo que outra deve perecer por não ter sido batizada.

E ai daqueles que pervertem os caminhos do Senhor dessa maneira, porque perecerão, se não se arrependerem! E eis que falo sem temor e com autoridade de Deus” (Morôni 8:14-16).

Leiam a epístola inteira. É uma doutrina verdadeira, que inspira reverência pelas criancinhas. E depois disso, quem poderia pensar em negligenciar, quanto mais maltratar uma delas?

A verdadeira doutrina, quando



compreendida, modifica atitudes e comportamento.

O estudo das doutrinas do evangelho transformará positivamente o comportamento, com mais rapidez do que o estudo do comportamento poderá melhorar o próprio comportamento. A preocupação com um comportamento indigno pode levar a um comportamento indigno. É por isso que damos tanta ênfase ao estudo das doutrinas do evangelho.

As leis de Deus sobre casamento, nascimento e criação de filhos podem parecer rígidas, mas são muito práticas.

Sua lei decreta que a única união legítima entre o homem e a mulher é aquela realizada dentro dos laços do matrimônio. Pois, caso essa expressão de amor resulte em concepção, o casamento proporciona uma segurança à criança que entra na mortalidade inocente e indefesa. O casamento garante segurança e felicidade também para os pais.

Seja o que for que as leis do homem venham a tolerar, o uso indevido do poder de procriação, a destruição de vidas inocentes por meio do aborto, e o maltrato de crianças, são transgressões de enormes proporções. Pois nisso repousa o destino de crianças inocentes e indefesas.

Outra doutrina, igualmente falsa e largamente aceita, também representa erroneamente a condição das crianças. Deixem-me ilustrar.

Anos atrás, dois de nossos filhos, ainda pequenos, estavam lutando no tapete. Eles haviam alcançado aquela linha que separa o riso do choro; então coloquei meu pé cuidadosamente entre eles e levantei o mais velho, fazendo-o sentar-se no tapete. Ao fazê-lo, disse:

“Vamos lá, macaquinhos, é melhor parar com isso.”

Para minha surpresa, ele cruzou seus bracinhos, e com os olhos cheios de mágoa, protestou: “Não sou um macaquinho, papai, sou uma *pessoa!*”

Os anos não apagaram o sentimento maravilhoso de amor que senti por meus filhinhos. Muitas vezes, através dos anos, suas palavras voltaram à minha mente: “Não sou um macaco, papai, sou uma *pessoa!*” Aprendi uma lição profunda com meu filho.

Ele não é apenas uma pessoa, não é apenas o meu filhinho. Ele é um filho de Deus.

O ciclo da vida continua a se mover rapidamente. Agora, aqueles dois meninos têm seus próprios filhos, que dão lições a seus pais. Eles agora observam os filhos crescer, assim como nós os observávamos. Estão aprendendo, como pais, algo que não lhes podia ser ensinado, como filhos.

E cedo demais, seus filhos terão crescido, e veremos as “*pequenas*” deles, repetindo o ciclo infundável da vida.

Talvez agora eles compreendam o que significa iniciar nossas orações, como o Senhor instruiu: “Pai nosso, que estás no céu.” Ele é nosso pai; nós somos seus filhos.

Uma doutrina secular afirma que o homem não é filho de Deus, mas basicamente um animal, sendo que seu comportamento é inexoravelmente controlado por impulsos naturais, isento de julgamentos morais e não responsável por sua conduta moral.

Embora muitos afirmem que tal filosofia não poderia, no final, levar a humanidade a um afrouxamento no comportamento moral, *algo* o está causando! É acidental o fato de que, quanto mais aceitas são as doutrinas seculares, mais prevalece o comportamento imoral?

Eles defendem sua filosofia com dados compilados e afirmam: “Agora está provado que isto é verdade. Observem todas as evidências que temos a nosso favor.”

Nós, por nosso lado, apontamos para a maneira lastimável em que a humanidade degrada a procriação, e para o conseqüente sofrimento tanto das crianças quanto dos adultos, e dizemos: “Observai todas as evidências que temos a nosso favor!”

As doutrinas seculares têm a vantagem de evidências convincentes e tangíveis. Nosso ponto forte parece ser a coleta de dados sobre coisas que

podem ser contadas e medidas.

Doutrinas que se originam na luz, por outro lado, geralmente são mais apoiadas por impressões intangíveis que tocam o espírito. Nós, antes de tudo, apoiamo-nos na *fé*.

Mas, no decorrer do tempo, as conseqüências que atingirão aqueles que seguem uma ou outra doutrina, serão suficientemente visíveis.

A vós, adultos, que repetis o modelo de negligência e maus-tratos que suportastes quando éreis crianças, acreditando que estais aprisionados num ciclo comportamental, do qual não podeis escapar, eu digo:

É contrário à ordem dos céus que qualquer alma fique presa a um comportamento compulsivo e imoral, sem que haja uma saída!

É por obra do adversário que sois levados a acreditar que isso é inevitável.

Afirmo-vos com muita gratidão, que mesmo as transgressões que afetam as crianças, podem dar lugar a um arrependimento sincero. Testifico-vos, com toda minha alma, que a doutrina do arrependimento é verdadeira e tem um efeito miraculoso e libertador sobre o comportamento.

A vós, *inocentes* que não transgredistes, mas que fostes maltratados quando crianças, e que ainda carregais a carga imerecida da culpa, eu afirmo:

Aprendeí a doutrina verdadeira — arrependimento e perdão; abandonai essa carga de culpa!

Pois somos todos filhos do mesmo Pai Celestial. E não pode, cada um de seus filhos, de qualquer idade, reivindicar o sacrifício expiatório de Jesus Cristo e, ao fazê-lo, através de um arrependimento completo, ser purificado e renovado com a inocência de uma criança?

No início afirmei que poderia terminar com o relato sobre aquele menininho confiante. Acho que é isso exatamente o que farei:

- Você não é meu pai.
- Não, não sou seu pai.
- Meu pai disse que você podia dormir aqui?
- Disse. Seu pai disse eu podia dormir aqui.

Com isto, o menino adormeceu tranqüilamente em seus braços.

Deus permita que todas as crianças estejam seguras com cada um de nós, porque seu Pai e seu Deus, e nosso Pai e nosso Deus, disse que podíamos estar aqui. Em nome de Jesus Cristo, amém.

## APOIO AOS OFICIAIS DA IGREJA

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



Meus irmãos e irmãs, de acordo com o que foi pedido pelo Presidente Benson, apresentar-vos-ei agora as Autoridades Gerais e oficiais da Igreja para vosso voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Ezra Taft Benson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Gordon B. Hinckley como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência; e Thomas S. Monson como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Aqueles a favor, podem manifestar-se. Se houver alguém contrário, queira manifestar-se.

É proposto que apoiemos Marion G. Romney como Presidente do Conselho dos Doze Apóstolos, Howard W. Hunter como Presidente em Exercício do Conselho dos Doze Apóstolos, e os irmãos a seguir como membros do Conselho: Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard e Joseph B. Wirthlin.

Aqueles a favor, podem manifestar-se. Se houver alguém contrário, queira manifestar-se.

Como foi anunciado há alguns meses, Carlos E. Asay foi desobrigado como um dos Presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta para servir como Presidente da Área da Europa. Em vista da ação que acabou de ser realizada, desobrigamos também o Élder Joseph B. Wirthlin, que estava servindo como um dos Presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta desde agosto.

Aqueles que desejam estender seu voto de louvor a esses irmãos por seu serviço fiel, queiram fazê-lo levantando a mão.

Apoiamos como Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta: Dean L. Larsen, Richard G. Scott, Marior D. Hanks, Wm. Grant Bangerter, Jack H. Goaslind, Robert L. Backman e Hugh W. Pinnock.

Todos a favor, queiram demonstrá-lo. Se houver alguém em contrário, demonstrem-no da mesma forma.

Registramos com tristeza c

passamento dos Élderes James A. Cullimore e O. Leslie Stone, do Primeiro Quorum dos Setenta, como também temos o triste dever de registrar o passamento ontem do Presidente Franklin McKean, da Missão Brasil Recife.

Com exceção desses fatos já registrados, não houve quaisquer alterações nas Autoridades Gerais ou nos oficiais gerais da Igreja desde a última conferência.

É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja como presentemente constituídos. Todos os que estiverem a favor, queiram, por-favor, manifestar-se. Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal.

Parece que os votos foram unânimes a favor das Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja.

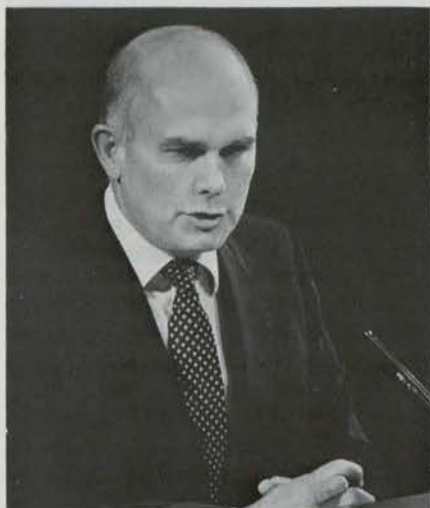
Obrigado, irmãos e irmãs, por vosso apoio generoso e orações.



# “GUARDADOR DE MEU IRMÃO”

Élder Dallin H. Oaks  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“A Regra de Ouro aplica-se a nossas atividades profissionais. Nós somos o guardador de nosso irmão, mesmo no mercado.”*



Uma das conseqüências da mortalidade é a necessidade de ganharmos o pão de cada dia (ver Gênesis 3:19; Moisés 4:25). Fazemos isso como empregados, como homens de negócio e como investidores. Em todas as nossas atividades profissionais, temos o desafio de tratar as pessoas de modo justo e solícito.

Nosso dever é claro. O Salvador deu-nos a Regra de Ouro: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós” (Mateus 7:12).

A posição de Satanás é o oposto. Ele promove o interesse pessoal, rude, e sem o refinamento de qualquer outra consideração. Um de seus instrumentos mais eficientes é a tentação de nos aproveitarmos dos outros injustamente, com o fim de obtermos lucro. Tem sido assim desde o início.

Caim estabeleceu o padrão do mundo. Ele cobiçou os rebanhos de seu irmão, Abel, e Satanás mostrou-lhe como obtê-los (ver Moisés 5:31).

Caim matou Abel. As escrituras afirmam que ele o fez “com o fim de obter lucro” (Moisés 5:50), com os rebanhos de seu irmão (Moisés 5:33). Vendo isto, o Senhor perguntou a Caim: “Onde está Abel, teu irmão?” Primeiramente Caim tentou encobrir

seu pecado com uma mentira: “Não sei.” Depois acrescentou uma racionalização: “Sou eu guardador do meu irmão?” (Gênesis 4:9; Moisés 5:34.)

Somos nós guardadores de nossos irmãos? Em outras palavras, somos responsáveis pelo bem-estar de nossos semelhantes, quando procuramos ganhar o pão de cada dia? A Regra de Ouro do Salvador diz que sim. Satanás diz que não.

Tentadas por Satanás, algumas pessoas seguiram o exemplo de Caim. Cobiçam propriedade alheia e pecam para obtê-la. O pecado pode ser assassinato, roubo ou assalto. Pode ser fraude ou engodo. Pode até ser alguma manipulação esperta, mas legal, dos fatos ou influências, a fim de tirar vantagem, injustamente, de outra pessoa. A desculpa é sempre a mesma: “Sou eu guardador do meu irmão?”

Aqueles que seguem o exemplo de Caim cumprem uma profecia do Livro de Mórmon. Contemplando os nossos dias, Nêfi profetizou que muitos diriam: “Menti um pouco, aproveitei-vos das palavras de alguns, abri uma cova ao vosso vizinho; não haverá mal nisso” (2 Néfi 28:8).

Vivemos num mundo em que muitos olham para o mercado como uma arena implacável, onde o comprador precisa estar atento, onde ninguém é obrigado a fazer mais que aquilo que a lei requer, e onde a fraude não é fraude até que você possa prová-lo num tribunal.

Os membros da Igreja de Jesus Cristo possuem um padrão mais elevado. O Presidente Harold B. Lee afirmou: “O padrão... da Igreja deve ser visivelmente mais elevado do que o padrão... do mundo.” (*Ye Are the Light of the World*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974, p. 13.) É-nos ordenado que sigamos a Regra de Ouro.

A despeito desse padrão elevado, algumas pessoas que professam ser cristãs, procuram ganhar a vida vitimando sistematicamente seus vizinhos.

Alguns alcançam a riqueza através de tráfico de drogas ilegais ou de pornografia. Os negociantes desses produtos se enriquecem por meio de transações que arruinam os corpos, mentes e moral de seus fregueses.

Outros criminosos vivem do roubo. E nem todos os roubos são feitos apontando-se uma arma, ou na escuridão da noite. Alguns furtos são efetuados através de engodos, quando o ladrão manipula a confiança de sua vítima.

O primo de colarinho branco do roubo é a fraude, que consegue seu lucro mentindo acerca de um fato básico numa transação.

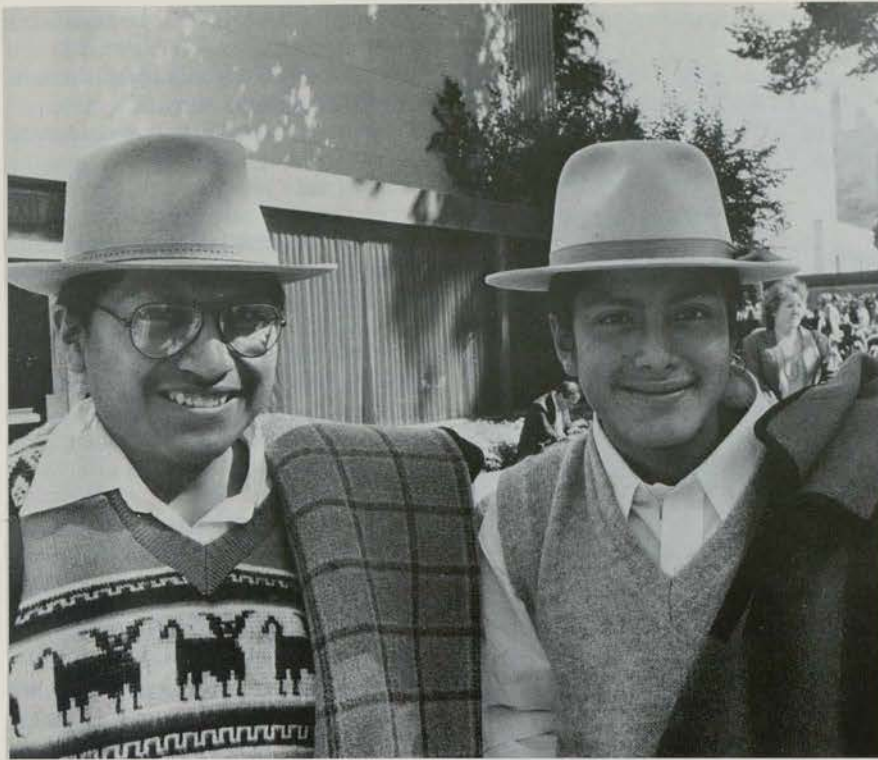
Promotores de vendas ardilosos, loquazes e de maneiras insinuantes enganam seu próximo, levando-o a investimentos que sabem ser mais especulativos do que ousam revelar.

As dificuldades de se conseguir provas torna a fraude um crime difícil de punir. Mas as limitações das leis dos homens não tornam legal a transgressão sob as leis de Deus. Embora seu método de roubo possa passar impune por esta vida, os ladrões sofisticados, de camisas brancas e gravatas, no final serão vistos e punidos por aquilo que são. Aquele que preside o Tribunal Eterno conhece nossos atos secretos, e ele é “um discernidor dos pensamentos e intenções do coração” (Hebreus 4:12; D&C 33:1).

A maioria de nós pode sentir-se relativamente à vontade, enquanto uma mensagem sobre a Regra de Ouro, no trabalho profissional, usa exemplos como drogas ilegais e roubo por fraude. O que vem a seguir é um desafio maior. E deveria ser. Não nos podemos sentir à vontade, se compararmos nossa conduta ao mandamento do Salvador: “Quisera que fôsseis perfeitos, assim como eu” (3 Néfi 12:48). A fim de seguirmos as pegadas da única pessoa perfeita que já existiu, precisamos esticar nossas almas.

Os seguidores de Cristo têm a responsabilidade moral de ganhar sua vida e conduzir suas transações financeiras de uma forma consistente com os princípios do evangelho e os ensinamentos do Salvador. Membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não devem envolver-se em qualquer tipo de trabalho ou outras atividades sobre as quais não possam, conscienciosamente, suplicar as bênçãos do Senhor.

As pessoas que abrem processos frívolamente não estão sendo compatíveis com este elevado padrão.



Litígios sem base dão muito dinheiro a alguns queixosos, mas prejudicam todos os demais, elevando o preço de produtos e serviços.

Um empregado que recebe a compensação combinada, mas que não realiza o serviço tratado, ganha parte de seu salário prejudicando outros.

O mesmo acontece com o empregador que é injusto com seus empregados. Um jovem profissional idealista escreveu para os escritórios da Igreja sobre a difícil situação de migrantes que trabalhavam em fazendas. Ele observara que eram tratados de modo provavelmente ilegal, e, certamente, não cristão. Quando li sua carta, lembrei-me do exemplo positivo de Jesse Knight, o grande benfeitor da Academia Brigham Young. Numa época em que a maioria dos mineiros explorava seus trabalhadores, este empregador cristão pagava a seus empregados uma quantia extra, a fim de que eles pudessem ganhar a vida em seis dias de trabalho, descansando no Dia do Senhor. Ele não exigia que eles fizessem suas compras numa loja da companhia. Construiu um edifício onde os trabalhadores se reuniam em atividades recreativas, adoração, e onde funcionava uma escola. E Irmão Knight não permitia que o superintendente inquirisse os trabalhadores a respeito de sua religião ou idéias políticas.

Naturalmente, compreendemos que o que um empregador pode pagar a seus empregados é limitado pelo que o seu negócio pode obter de seus produtos ou serviços, num mercado competitivo. Os contratos também impõem limites às expectativas econômicas legítimas.

Os padrões cristãos devem também aplicar-se àqueles que ganham a vida vendendo ou fazendo propaganda de produtos no mercado.

O mercado de produtos e serviços possui muitos fregueses em potencial, que são vulneráveis por estarem mal informados ou excessivamente confiantes. Por exemplo, um amigo contou-me a respeito de um casal de jovens que não tinha dinheiro suficiente para o aluguel, para comida e para pagar a escola, mas que foi persuadido a matricular-se num curso de auto-aperfeiçoamento caríssimo. Pode um vendedor ser justificado em obter lucro pessoal, persuadindo alguém a assumir uma carga financeira que não está em condições de pagar, a fim de comprar uma coisa de que realmente não necessita? O Profeta Joseph Smith ensinou que os santos dos últimos dias devem negociar honestamente com seus semelhantes e tratar misericordiosamente os pobres (*History of the Church*, 5:401).

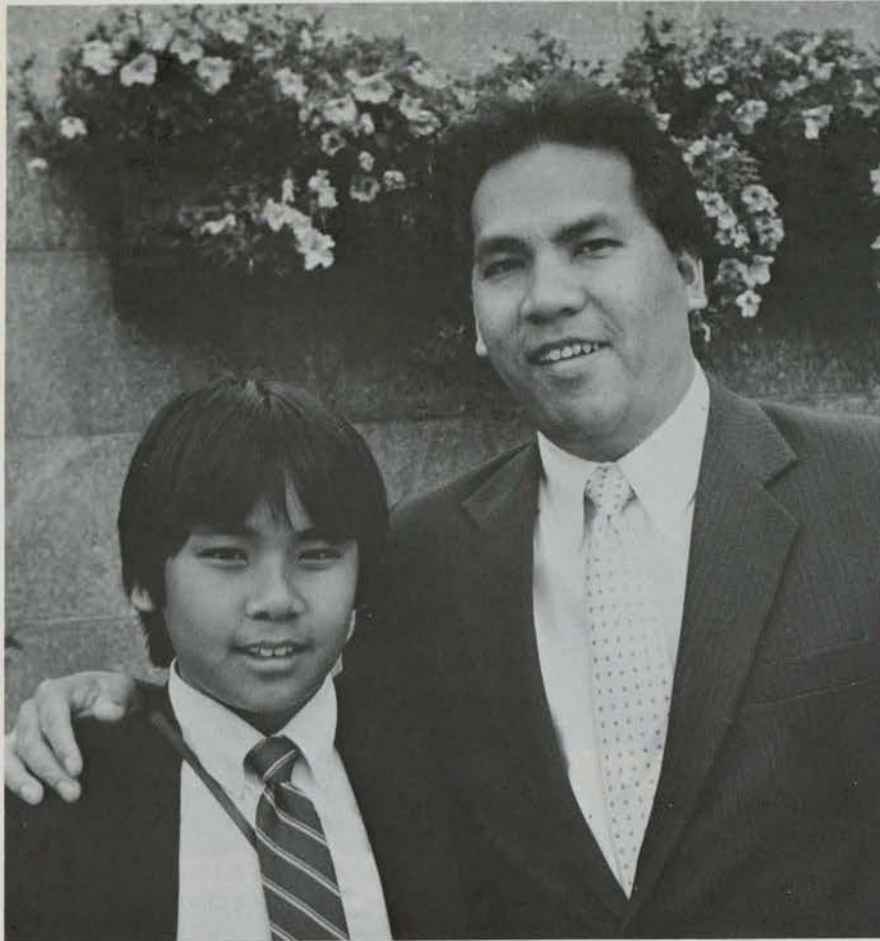
Para citar outro tipo de exemplo, um patrão que abre seu negócio aos

domingos, está impedindo os empregados de comparecerem aos ofícios religiosos e de estarem com suas famílias no dia de descanso. Os profetas modernos nos aconselham a não fazermos compras aos domingos (ver, por exemplo, Spencer W. Kimball, "Por que Me Chamais Senhor, Senhor, e Não Fazeis o que Eu Digo?", *A Liahona*, agosto de 1975, p. 44). Aqueles, dentre nós, que fazem compras aos domingos, não podem escapar à responsabilidade de incentivar o comércio a permanecer aberto nesse dia. Os serviços essenciais não podem ser interrompidos, mas a maioria das transações realizadas aos domingos poderia ser evitada, se os negociantes e os fregueses estivessem determinados a evitar compras e vendas no dia do Senhor.

No ano passado, o *Deseret News* publicou um artigo a respeito de um farmacêutico do Lago Salgado que parou de vender cigarros em sua drogaria. (N.T. A drogaria, nos Estados Unidos, além de remédio, vende outros artigos, como revistas, cigarros etc.) Ele explicou: "É incompatível com uma profissão dedicada a salvar vidas, vender um produto que não faz outra coisa senão matar" (20 de dezembro de 1985, p. 81). Esse farmacêutico estava mais interessado no bem-estar de seus fregueses do que em seus ganhos pessoais.

A Irmã Oaks chamou-me a atenção para um exemplo semelhante no mundo da propaganda. A revista *Women's Sports and Fitness* (Esportes e Forma Física da Mulher) não aceita anúncios de cigarros, privando-se, assim, de uma renda que lhe é necessária. Uma colunista e médica, a Dra. Joan Ullyot, elogiou esta norma e confrontou-a com a prática de outra organização:

"Lamento muito que uma loja de artigos esportivos para mulheres, continue a ser financiada por uma companhia de cigarros. Obviamente, as nossas esportistas mais eminentes, nenhuma das quais fuma, têm a coragem de dizer não a esta hipocrisia e de parar de emprestar seus nomes e prestígio à sanção e glamorização de um produto letal. Qualquer mulher importante nos esportes que aceita o apoio e o patrocínio de uma companhia cujo produto destrói a saúde e a sua boa forma física, deve considerar profundamente o que está endossando, por associação". (*Women's Sport and Fitness*, setembro de 1986, p. 12.)



Não seria maravilhoso se esta mesma atitude de preocupação pelos interesses alheios dirigisse os santos dos últimos dias que estão obtendo lucros através da venda ou promoção de bebidas alcoólicas? Considerem os terríveis efeitos do álcool. Acidentes diretamente relacionados às bebidas alcoólicas são a maior causa de morte de pessoas com menos de vinte e cinco anos. Os efeitos físicos, sociais e financeiros do álcool arruinam casamentos e a vida familiar. Entorpecendo inibições, o álcool leva a incontáveis crimes e transgressões morais. É a droga número um de nossos dias.

O consumo de álcool está crescendo entre os jovens. Com o fim de atingir as audiências jovens, os anúncios retratam a cerveja e o vinho como coisas prazerosas, socialmente desejáveis e inofensivas. Os produtores estão promovendo novos tipos de bebidas alcoólicas, para competir com o amplo mercado de refrigerantes. Os supermercados, as mercearias, os postos de gasolina oferecem bebidas alcoólicas lado a lado com os refrigerantes. Os

cristãos que estão envolvidos neste comércio podem ficar indiferentes aos efeitos físicos e morais do álcool, do qual estão tirando seus lucros?

Poderíamos fornecer outros exemplos, mas estes são suficientes para ilustrar o princípio de que a Regra de Ouro se aplica a nossas atividades profissionais. Nós *somos* o guardador de nosso irmão, mesmo no mercado.

Tenho consciência de que este é um padrão elevado que não pode ser atingido da noite para o dia. Mas é importante reconhecer nossa responsabilidade e iniciar a trabalhar para atingi-lo. E isso devemos fazer com alegria. Evangelho significa boas-novas. Os mandamentos levam-nos a bênçãos. O Profeta Joseph Smith instruiu nossos primeiros missionários a que, quando pregarmos, devemos "advertir com compaixão". Nós "não temos o direito... de amedrontar a humanidade, para que se arrependa", disse ele. Devemos pregar o evangelho como "boas-novas de grande alegria para todos os povos". (*History of the Church*, 1:280.)

Devemos também lembrar-nos de que o princípio de que a Regra de Ouro governa nossas atividades profissionais é difícil de aplicar, na prática. Não devemos responsabilizar os empregados por normas que eles lamentam, mas sobre as quais não têm controle. Uma decisão tomada pelo proprietário de um mercado não deve provocar sentimentos de culpa num cristão consciencioso mas sem autoridade, que opera a caixa registradora. Da mesma forma, um sócio não tem a liberdade de impor seus padrões aos demais associados, que não compartilham de seus princípios morais. Uma sociedade anônima pode ser controlada por acionistas que não se preocupem pelos efeitos destrutivos de um produto ou norma lucrativa.

Vivemos numa sociedade complexa, onde até mesmo o princípio mais simples pode ser difícil de aplicar. Admiro os investidores determinados a não obter lucro através de transações que aumentem a soma total do pecado e da miséria que se alastram pelo mundo. Mas eles terão dificuldades em encontrar investimentos que se conformem a este alto padrão. As boas coisas geralmente vêm empacotadas com as más, de modo que as decisões, com freqüência, exigem que se pese uma coisa e outra. Num mundo de diversificação incorporada, é provável descobriremos que um negócio de bebidas venda leite em uma divisão, e álcool em outra. Quando pensamos que nossos investimentos são completamente livres das manchas do mundo, podemos descobrir que nosso seguro de vida é parcialmente financiado por investimentos que desejamos evitar. Nossas próprias economias podem estar depositadas em um banco que concede empréstimos a empreendimentos que não poderíamos aprovar. Tais complexidades tornam difícil prescrever regras firmes.

O que nos resta é ensinar princípios corretos, confiando em que cada membro irá aplicá-los às circunstâncias de sua própria vida. Com esse propósito, todos nós devemos considerar cuidadosa e fervorosamente nossos atos, a fim de determinar se estamos cuidando do bem-estar de nossos semelhantes, ao ganharmos nosso sustento diário.

O motivo de Caim se encontra na fonte da iniquidade. O pecado de Caim foi o assassinato, mas seu motivo foi o ganho pessoal. Esse motivo tem produzido todo tipo de maldade, inclusive assassinato, roubo e fraude.

Esse motivo também se encontra por trás de práticas legais mas imorais, levadas a efeito por pessoas que obtêm lucros aproveitando-se das fraquezas ou ignorância de seus semelhantes. Tais atitudes sempre envolvem a racionalização antiga de Caim: "Sou eu o guardador de meu irmão?"

Em contrapartida, o Salvador ensinou-nos a amar nossos inimigos, bendizer os que nos maldizem, fazer bem aos que nos odeiam e orar pelos que nos maltratam e perseguem (ver 3 Néfi 12:44). Quando nos conscientizamos desse dever em relação aos nossos inimigos, não nos podemos permitir fazer menos do que isso por nossos sócios, nossos clientes, nossos empregados e outros com quem negociamos no mercado.

Que mundo belo e feliz seria o nosso, se todos nos esforçássemos para viver plenamente estes princípios! Nossos esforços e influência afetariam milhões. Os exemplos melhoram a sociedade mais do que sermões. A maioria das pessoas preferiria ver um sermão do que ouvir um.

Naquelas brilhantes gerações que se seguiram à aparição do Cristo ressuscitado, no Novo Mundo, "não havia contendas nem disputas (entre eles) e procediam retamente uns com os outros" (4 Néfi 1:2). Quarto Néfi registra: "E sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus" (1:16). Deveríamos estar-nos esforçando para reconquistar essa condição. Como declaram as revelações modernas: "São deverá crescer em beleza e em santidade" (D&C 82:14). Uma das maneiras prescritas para alcançarmos esse crescimento é "Todo homem procurando os interesses do seu próximo, e fazendo tudo com os olhos fitos só na glória de Deus" (D&C 82:19).

Que Deus nos abençoe, a fim de que consigamos viver a Regra de Ouro em nossas atividades profissionais. Tentando ser o guardador de nosso irmão, estaremos procurando seguir as pegadas do Mestre. Testifico-vos de Jesus Cristo, nosso Salvador, cujo sangue expiou os pecados dos quais nos arrependemos, e cuja ressurreição rompeu as cadeias da morte para todos. A plenitude do evangelho foi restaurada através do Profeta Joseph Smith. Seu sucessor, o Presidente Ezra Taft Benson, possui as chaves do evangelho eterno em nossos dias. Em nome de Jesus Cristo, amém.

Janeiro de 1987

# A OBRA MISSIONÁRIA É A FORÇA VITAL DA IGREJA

Élder H. Verlan Andersen  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*"Aqueles que dedicam completamente sua vida à tarefa de espalhar o evangelho sentem uma alegria intensa."*



Meus queridos irmãos e irmãs, sabendo como sei que esta é a Igreja do Senhor, e sentindo a magnitude da responsabilidade que advém de meu chamado e designação como Autoridade Geral, orei o mais diligentemente possível pela ajuda divina da qual me sinto bastante necessitado.

Durante estes últimos anos, minha mulher e eu servíamos como missionários em países da América Latina. Essa foi uma das experiências mais desafiantes e compensadoras de nossa vida. Foi profundamente satisfatório trabalhar com aquelas pessoas amáveis e fiéis e ver as profecias do Livro de Mórmon sendo cumpridas, à medida que centenas de milhares de descendentes de Léhi se filiam à Igreja. O dia dos lamanitas chegou realmente.

A história dos lamanitas, pouco antes da primeira aparição do Senhor neste continente, revela uma semelhança interessante entre o que ocorreu naquela época e o que está acontecendo hoje. A partir do ano 92 A.C., aproximadamente, os lamanitas começaram a se filiar à Igreja do Senhor às dezenas de milhares. Esse

milagre de conversão, que ocorreu pouco antes da primeira vinda de Cristo, está-se repetindo agora, pouco antes de sua segunda vinda.

Há um aspecto da obra missionária sobre o qual gostaria de comentar rapidamente, que é a alegria que sentem aqueles que nela se engajam.

O Livro de Mórmon resume todo o propósito da existência nesta frase curta: "Os homens existem, para que tenham alegria" (2 Néfi 2:25).

Se a alegria é a meta suprema da vida, então todos devem interessar-se profundamente por saber como pode ela ser conseguida. Devemos preocupar-nos também com a maneira como podemos evitar o seu oposto, a angústia. Esses tópicos vitais são discutidos e ilustrados no Livro de Mórmon, e as informações relativas a eles se relacionam diretamente com a obra missionária. O livro nos diz que aqueles que dedicam completamente sua vida à tarefa de espalhar o evangelho, sentem uma alegria intensa, enquanto aqueles que se opõem a ela e procuram propagar a mentira, sofrem uma angústia de intensidade semelhante.

O evangelho, e a oportunidade de compartilhar a sua mensagem, não esteve sempre sobre a terra. Mas, quando o evangelho está aqui, devemos dar muito valor a ele. O Senhor nos fez a promessa de que, se trabalharmos todos os nossos dias e ajudarmos a trazer de volta para ele uma só alma, quão grande será nossa alegria com ela no reino de nosso Pai (ver D&C 18:15).

Há muitos anos, o falecido Presidente Spencer W. Kimball, que era então membro do Quorum dos Doze, visitou a estaca na qual eu estava morando e afirmou que a obra missionária é a força vital da Igreja. Ele também disse que, se não fosse pela obra missionária, a Igreja murcharia e morreria na vinha. A afirmação, sem dúvida, aplica-se tanto a nós como



indivíduos e famílias como à Igreja como um todo. O fracasso na utilização de nossos endowments (investiduras) e no cumprimento de nossos chamados na qualidade de sal da terra, pode, de fato, fazer com que murchemos e morramos na vinha.

Gostaria de discutir por um momento a enorme influência que a obra missionária teve em minha própria vida. Meus pais, que foram criados no México, não haviam feito missão antes do casamento. Mas, quando chegou ao quorum dos setentas, um chamado para que um voluntário atendesse a um pedido para cumprir uma missão de

curto prazo, meu pai que pertencia ao quorum, atendeu, embora tivesse de deixar uma fazenda e uma família com muitas crianças para sua esposa cuidar. Ela recebeu bem aquela oportunidade de sacrificar-se pela Igreja e pela família, e lembro-me claramente de como minha mãe suportou sua carga heroicamente no decorrer daqueles difíceis meses de inverno.

Mais tarde, durante os anos longos e cruéis da Grande Depressão\*, embora meus pais sofressem muitas dificuldades

\* (Grande Depressão: Quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. N. do T.)

financeiras, eles sempre tinham um de seus filhos no campo missionário.

Meu pai faleceu relativamente jovem, e depois que se foi e os filhos se casaram, minha mãe pediu e obteve permissão para fazer uma missão no México.

Se houver alguma honra em meu chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, e realmente há, não é minha, mas daqueles cujo exemplo de sacrifício e dedicação tanto influenciaram minha vida. Presto tributo a eles por sua incansável e contínua devoção à Igreja e à sua família. Eles exerceram muita influência sobre seus dez filhos e sobre a sua numerosa posteridade.

Não devo terminar sem expressar meu amor e apreciação por minha querida companheira, que é igualmente um exemplo de trabalho e sacrifício. Acho que ela merece que ouçamos algo a seu respeito, e, assim, quero transmitir-vos as seguintes idéias que ela sugeriu fossem incluídas em meu discurso, sem esperar que eu as atribuiria a ela:

“E agora uma palavra para os avós que estão na obra missionária. As bênçãos que recebemos por seu trabalho estendem-se às nossas famílias. Os netos nunca esquecerão a alegria especial que sentem na vossa despedida. Depois, quando chegais ao campo missionário, começam a chegar cartas com afirmações como estas: “Vovô e vovô, continuo a orar pelos senhores para que sejam grandes missionários”, ou “Algum dia farei uma missão como os senhores”.

Avozinhas, dizeis que não podeis deixar os netos? Quero prestar meu testemunho de que podeis exercer uma influência duradoura para o bem na vida dos pequeninos, dando um ano aproximadamente de seu tempo e serviço ao Senhor no campo missionário. Os laços de amor serão fortalecidos, e verdadeiros milagres ocorrerão. Não negueis essas bênçãos a vossos netos. Desafio-vos a pordes à prova a obra missionária.”

Essa é a mensagem de minha querida esposa, com quem concordo totalmente. Presto-vos meu próprio testemunho de que a obra missionária é, sem dúvida, a força vital da Igreja, e de que temos o encargo divino de compartilhar o evangelho com outras pessoas, tanto no lar como fora dele. Sei, sem duvidar, que esta é a obra do Senhor e que o Presidente Benson é o profeta na terra hoje. Esse testemunho presto em nome de Jesus Cristo, amém.

# UM PAI FALA

Élder George I. Cannon  
do Primeiro Quorum dos Setentas

*“Podeis sentir aquela paz interior de que Cristo é o vosso Salvador e o evangelho é a maneira certa de se viver.”*



Meus irmãos e irmãs, a obra do Senhor está seguindo adiante na Ásia devido à fé, orações, e boas obras de santos e missionários em muitos países daquela parte do mundo. Está acontecendo um despertar espiritual, e portas estão sendo abertas. É uma experiência simples e edificante para a Irmã Cannon e para mim sermos chamados para servir naquela área escolhida do mundo.

Gostaria de compartilhar convosco alguns pensamentos, como pai e avô.

Primeiro, gostaria de falar a vós, crianças. Quero que saibais que sois amadas por vosso Pai Celestial e por vosso irmão mais velho, Jesus Cristo. Quando Jesus estava vivendo na terra, um fato muito importante aconteceu:

“Trouxeram-lhe então alguns meninos, para que sobre eles pusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam (ou tentaram impedir que viessem).

Jesus, porém, disse: Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus.

E (impôs-lhes) as mãos.” (Mateus 19:13-15.)

Como cada um de vós sois importantes para vosso Pai Celestial e para seu Filho, Jesus Cristo! Eles

querem que sejais felizes. Eles falaram a respeito de algumas coisas que, se fizerdes, trarão bem-estar. Ele nos disse: “Honra a teu pai e a tua mãe” (Mateus 15:4). Isso significa que precisamos ouvir nossos pais, pedir sua ajuda e conselho, e, à medida que eles fazem o que é certo, seguir o seu exemplo.

Jesus também disse: “Ora sempre e derramarei o meu Espírito sobre ti, e grande será a tua bênção” (D&C 19:38). Espero que a cada manhã e a cada noite vós vos ajoelheis ao lado da cama e oreis ao Pai Celestial. Ao começardes o dia, pedi-lhe para ter bons pensamentos e fazer coisas boas. Ao fim de cada dia, agradecei-lhe por vossas bênçãos, e pedi que o seu espírito possa sempre estar convosco. Sei, por experiência própria, que a oração pode tornar-vos uma pessoa mais feliz e melhor.

Espero que estejais indo à Primária todas as semanas; lá podeis aprender como ser feliz e servir o Senhor, e que, uma vez por semana, vossa família esteja realizando a noite familiar. Se vossa família não estiver realizando a noite familiar, perguntai a vossos pais se podeis começar a fazê-lo, e então ajudai-os a prepará-la.

Agora eu gostaria de falar àqueles dentre vós que sois jovens. Esta é uma ótima época para ser jovem. Estais vivendo no período mais empolgante da história deste mundo. Estais também vivendo no período de maiores desafios. Sabemos que há muitas tentações, mas temos confiança em vós. O Senhor tem confiança e fé em vós. Tendes um crescimento-ilimitado pela frente, se tiverdes o desejo de trabalhar muito e conquistá-lo. Sede felizes. Alegrai-vos por serdes quem sois.

Segui o sábio conselho de Alma a seu filho Helamã, dado há séculos: “Oh, lembra-te, meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus!” (Alma 37:35.)

Num de seus últimos discursos em conferência, o Presidente David O.

McKay deu este conselho aos jovens da Igreja:

“Nosso corpo não cumprirá seu propósito — não pode — sem aquele toque vivificante interior, o qual é a descendência da Deidade, tão eterna quanto (vosso) Pai (Celestial)... Esse espírito dentro de vós, rapazes e moças, é o vosso eu *real*. O que ireis fazer de vós mesmos depende de vós como indivíduos. Estais neste mundo para escolher entre o certo e o errado, para aceitar o bem ou render-vos à tentação. Dessa escolha dependerá o desenvolvimento da vossa parte espiritual” (em Conference Report, abril de 1967, pp. 134-135).

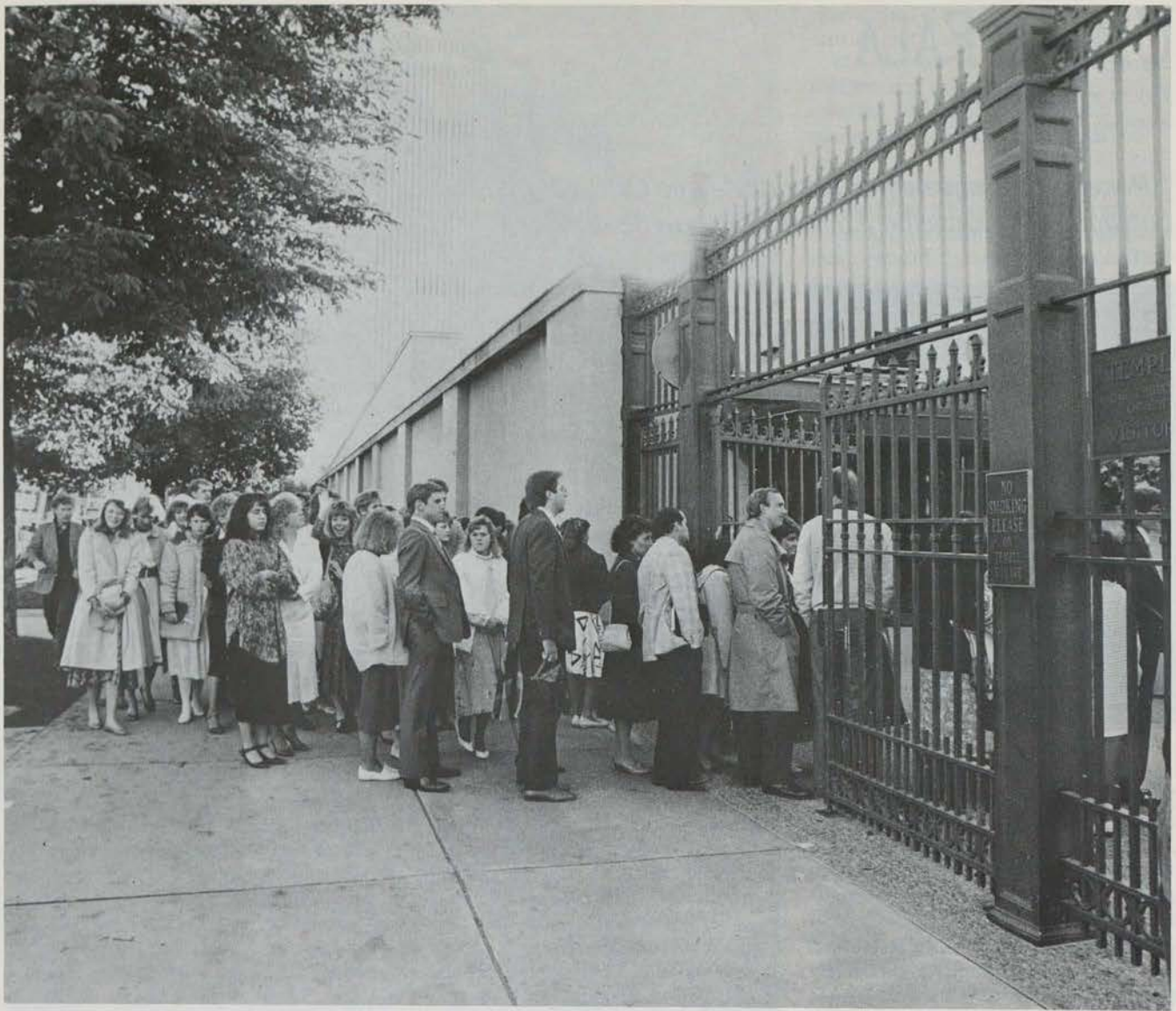
Juventude maravilhosa de Sião, orai, estudaí as escrituras, e sirvai na Igreja para que possais sentir a paz interior de que Cristo é o vosso Salvador e o evangelho é a maneira certa de se viver.

Como escreveu o Élder Richard L. Evans:

“*Meus queridos jovens amigos:* lembrai-vos de que a vida é eterna — mas a juventude não dura muito tempo. Vivei de modo a criardes lembranças que abençoarão a vossa vida *toda*” (Richard’s Evans Quote Book, Salt Lake City: Publishers Press, 1971, p. 40).

Agora falo para vós, vigorosos adultos solteiros. Estais dando vossa grande contribuição, onde quer que vades. Estais ajudando a edificar o indivíduo, o lar, a Igreja, e a comunidade, ao servirdes como missionários, professores, vizinhos, e amigos àqueles em necessidade. Vosso entusiasmo, espírito, e fé são uma bênção para todos nós. Meu conselho paternal é o de lembrar-vos da importância do dia de hoje. Este é o momento em que o trabalho desta vida tem de ser feito. Participai. Vede que as coisas aconteçam. Assumi compromissos com vós mesmos e com o Senhor. Vivei com altruísmo e amor. Diz um provérbio hindu: “Ajuda o barco de teu irmão a atravessar o rio e, repara, o teu próprio barco alcançou a margem.”

Agora falo a vós que sois pais. Lembrei-me de um desenho que LaRue Longden, ex-conselheira das Moças, frequentemente descrevia em seus discursos. Ele mostra as primeiras horas da manhã, com um casal acampando. O marido está pescando com um grande sorriso nos lábios. A esposa, sonolenta, mostra a cabeça através da tenda — o cabelo indo para todas as direções, os mosquitos zumbindo em torno de seu



rosto, os olhos semi-cerrados — e comenta com o marido: “Diga-me outra vez, querido, o quanto estou-me divertindo.” Como pais, precisais ser ocasionalmente lembrados do quanto vos estais divertindo? Certificai-vos disso, e aproveitai o fato de serdes pais. É uma responsabilidade sagrada.

Gostaria de compartilhar três pensamentos:

Primeiro, reservai um tempo para vossos filhos. Como o Élder Evans aconselhou: “As crianças são formadas e moldadas numa idade muito tenra... A vida passa rapidamente. Não os afasteis de vós, entregando-os a outras pessoas. Dedicai tempo a vossos filhos — antes que eles cresçam, antes que eles se vão.” (*Thoughts for One Hundred Days: Volume Four*, Salt Lake City:

Publishers Press, 1970, pp. 34-35.)

Segundo, vivei de acordo com vossos ganhos. Sede frugais e prudentes. Pagai vossas obrigações para com o Senhor, para com vosso país, e para com vós mesmos, e depois vivei com o que sobrar. É necessária força de vontade para dizer não, quando não podeis proporcionar uma coisa, mas dormireis melhor à noite.

Terceiro, lembrai-vos do namoro constante. O relacionamento mais importante para vós nesta terra é o estabelecido entre cada um de vós e vossa(o) amada(o). Trabalhai por ele, sacrificai-vos por ele, desfrutai-o. Podeis fazer de vosso lar um pedaço do céu, à medida que edificais uma eternidade juntos.

Agora, para os que estão na

maturidade. “Deveis, pois, prosseguir para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens” (2 Néfi 31:20). Continuai a serdes testemunhas vivas do evangelho, compartilhando da vossa fé, amor e sabedoria. Sois extremamente necessários no campo missionário. Quantas vidas ireis abençoar, se aceitardes o chamado para servir! Há tanto para fazerdes nos templos sagrados! Não vos aposenteis do serviço ativo no reino do Senhor. Sois necessários!

Presto testemunho de que Deus vive, de que Jesus é o Salvador, e de que o evangelho é para todas as nações, reinos, línguas, e povos. Em nome de Jesus Cristo, amém.

# COMO TOCAR O CORAÇÃO DE MEMBROS MENOS ATIVOS

Élder Gardner H. Russell  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“O Senhor requer que nós — sim, eu e vós — localizemos os membros menos ativos e os ajudemos a voltar ao rebanho.”*



Acho maravilhoso ter um exterior calmo; não sabia que meu coração podia bater tão forte. Sinto grande alegria em ser membro da Presidência da Área do México/América Central. Já ouvistes cada um de nós hoje: Élder Gene R. Cook, na oração, Élder H. Verlan Andersen e eu.

Agora, é com humildade que me levanto diante de vós como um dos servos do Senhor, tendo em meu coração uma prece para que alguém, em algum lugar, seja tocado pelo Espírito do Senhor que, espero eu, falará através de mim, e seu coração e sua vida serão transformados.

Passei por uma experiência maravilhosa de amor, há algumas semanas, quando, a meu pedido, o meu pai, de 91 anos de idade, Dr. Harry James Russell, conferiu-me uma bênção paterna, quando eu me preparava para partir para minha designação como segundo Conselheiro da Área do México/América Central.

Pais de todos os lugares, considerai a dádiva de amor que podeis dar a vossos filhos, se fordes dignos de impor as mãos sobre a cabeça deles, pronunciando-lhes uma bênção paterna

inspirada, como patriarca da família. Eles sentirão um constante fluir de vosso amor, que irá conservá-los perto de vós e do Senhor. Não precisareis “buscá-los” mais tarde.

Como ficamos impressionados pelo cuidado e amor evidenciados na mensagem da Primeira Presidência, de dezembro último! Este inspirado convite para retornar atingiu dezenas de milhares do povo do Senhor. É mais do que uma simples mensagem de Natal; é um toque de clarim, conclamando todos a voltarem para a igreja do Senhor.

E depois, na última conferência de abril, aquela comovente mensagem, num espírito de profundo amor: “Por favor, retornai!” soa em nossos ouvidos e atingiu muitos corações (ver Richard G. Scott, “Nós Vos Amamos — Voltai, por favor”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 9).

O Senhor requer que nós — sim, eu e vós — localizemos os membros menos ativos e os ajudemos a voltar ao rebanho.

“Eis que eu, eu mesmo, procurarei as minhas ovelhas, e as buscarei” (Ezequiel 34:11).

Sim, precisamos “procurar as ovelhas” (localizá-las) e também “buscá-las” (trazê-las de volta), ou seja, os membros menos ativos e suas famílias, com amor inesgotável e incondicional.

E, no processo, juntamente com eles, aprenderemos o verdadeiro significado de “me achareis, quando me buscardes” (Jeremias 29:13).

Os servos do Senhor se preparam com humildade, através do estudo do Livro de Mórmon, oração e invocações ao Senhor, para realmente dependerem dele, a fim de que o Espírito do Senhor esteja neles.

Os servos do Senhor então visitam as famílias menos ativas e infundem-lhes confiança no amor redentor de Cristo, oferecendo-lhes seu próprio amor. Eles

não falam apenas por inspiração, mas por uma lei mais alta, na qual o Espírito do Senhor fala através deles. Com uma oração constante no coração, fala-se pelo Espírito do Senhor.

A família se recorda de que o Senhor realmente a ama, e descobre que os servos do Senhor a amam igualmente. Depois o Senhor conduz a família de volta ao rebanho.

Em meu treinamento como Autoridade Geral, encontrei-me na Costa Rica com Élder F. Arthur Kay e outros. Orando e jejuando, visitamos as famílias que eram menos ativas. O presidente da estaca e os bispos haviam jejuado e orado para que o Senhor lhes indicasse as famílias que deveriam ser visitadas, sendo que foram notificadas das visitas que iriam receber.

Primeiramente entramos na casa de um jovem e bem sucedido homem de negócios, com uma bela esposa e filhos. Ex-líder, havia transgredido as leis da Igreja. Enquanto o Espírito do Senhor falava através de seus servos, todos nós ficamos com os olhos cheios de lágrimas, ao ouvirmos o jovem casal assumir o compromisso de se preparar para ir à casa do Senhor, o belo novo templo da Guatemala, a fim de serem selados para a eternidade.



Apenas duas semanas atrás, em Guadalajara, México, numa conferência de estaca, visitei três famílias, cujos membros serão meus amigos para toda a vida. Milagres ocorreram na vida de todos eles. Em uma visita, um pai não-membro, que tem doado uma quantia igual a um dízimo integral, e que apóia a esposa e sete filhos na Igreja, foi solicitado, como patriarca, a escolher alguém para guiar-nos em uma oração, de joelhos. Ele passou os olhos pela Autoridade Geral, pelo presidente da estaca e pelo bispo, e, com amor em seus olhos, solicitou à esposa que proferisse a oração. Que momento de ouro! Que tributo ao seu amor e paciência!

Este mesmo homem não conseguiu dormir naquela noite, e na manhã seguinte, numa reunião com membros novos e membros que acabavam de retornar à Igreja, prestou um belíssimo testemunho do evangelho e pediu para ser batizado dentro de oito dias.

É fascinante ver os servos do Senhor, os líderes e membros, prepararem-se como vasos do Espírito de Deus, a fim de identificarem as famílias que se desviaram ou que transgrediram, que estão agora menos ativas, e depois tocar o coração dessa gente maravilhosa. Sim, milhares de famílias estão voltando ao Senhor. Elas receberam com amor o convite para retornarem, compreenderam a súplica humilde e amorosa, "Por favor, volta!" Elas foram procuradas pelos servos do Senhor, depois buscadas pelo Espírito do Senhor, e trazidas de volta, ao se lembrarem uma vez mais das palavras proferidas através dos servos do Senhor.

Nessas visitas inspiradas, não conheço um só caso em que o coração das pessoas não foi tocado pelo milagre do amor incondicional de nosso Senhor, e pela solicitude e amor de seus servos.

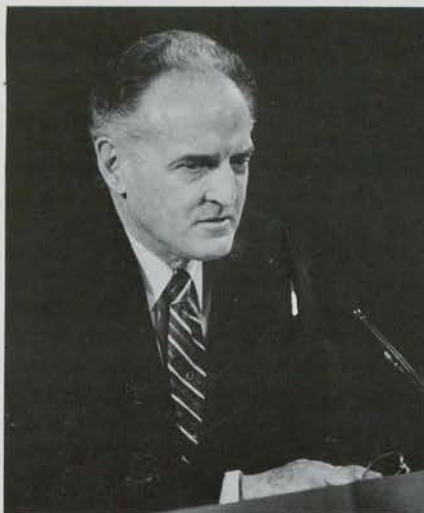
Desejamos assegurar a nossos amigos que às vezes não se encontram na Igreja, que o Senhor os ama, e solicitar ao Espírito do Senhor que lhes testifique através de nós, do amor que tem a eles, assim como também de nosso amor, trazendo-os de volta, com alegria ao rebanho.

Presto meu humilde testemunho de que nossos líderes são inspirados e recebem revelação para nós, que o Livro de Mórmon nutre a verdadeira fonte do Espírito de Cristo, e que esta é a igreja verdadeira e restaurada de Jesus Cristo na terra. E faço isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

# MEU FILHO E OS VOSSOS — TODOS NOTÁVEIS

Élder Ted E. Brewerton  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*"Você é tudo; por sua causa os céus foram criados."*



Minhas idéias, nesta ocasião, serão transmitidas em forma de diálogo entre mim e meu filho de quatorze anos, Michael, que reside conosco na Argentina. Falarei sobre quão importante ele é, e sobre o quanto o Senhor e eu o amamos. Embora eu vá dirigir estes pensamentos de suma importância a ele, as mesmas coisas eu diria a meu filho David, o mais velho de nossos seis filhos, ou a suas quatro belas irmãs, minhas filhas Michelle, Andrea, Leanne e Lycia.

Pais, gostaríeis de unir-vos a mim, como se estas mesmas palavras estivessem sendo dirigidas a vossos filhos e filhas, descrevendo sua importância singular aos olhos de nosso Pai Eterno?

Olá, Michael, você sabe o quanto eu confio em você e o quanto o amo, não sabe? Quero tentar mostrar-lhe quem você é, e a enorme importância que tem, como filho literal de nosso Pai Celestial.

O Presidente Harold B. Lee afirmou que esta compreensão a respeito de quem somos é "um ponto tão importante" e que, sem ela, carecemos "de uma sólida base em que fundamentar a vida" (Conferência Geral — Outubro de 1973, p. 92).

Em primeiro lugar, Mike, sabemos por meio de raciocínio, visão e impressões do Espírito, que o Senhor é um homem vivente perfeito. Muitos o viram: por exemplo, Adão, Enoque, o irmão de Jared, Abraão, Moisés, Joseph Smith, Isaque, Jacó, Sete, Néfi, Isaías, Emen, Josué, Manué e sua mulher, Salomão, Sidney Rigdon, Alma, Morôni, Estêvão e João. Alma afirma que "grande foi o ... número" dos que o viram (Alma 13:12).

Eis uma outra evidência de Deus: falando sobre os planetas e orbes, o Senhor disse: "Todo homem que tiver visto um deles ou o menor deles, viu Deus obrando em Sua majestade e poder" (D&C 88:47). "Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos" (Salmo 19:1).

Mike, vamos, juntos, imaginar três cenas.

*Cena n.º 1.* Primeiramente, Michael, vemos diante de nós o nosso sistema solar: o sol, juntamente com a terra e os outros oito corpos celestes que revolvem ao seu redor. Percebemos lei, beleza, ordem e perfeição.

*Cena n.º 2.* Agora, Michael, na próxima cena, vemos este mesmo sistema solar em sua posição na nossa galáxia, a Via Láctea. Maravilhamo-nos diante da ordem e disposição. Nossos planetas são tão pequenos que não podem ser detectados aqui, mas nosso sol e seus nove planetas aparecem como uma dessas orbes brilhantes, estando situados cerca de dois terços de distância do centro, mais ou menos trinta mil anos-luz do meio da Via Láctea. Nossos planetas se movem ao redor do sol; o próprio sol se movimenta num caminho circular, a uma velocidade de 200 km por segundo, e mesmo a tal velocidade, Mike, uma volta completa ao redor da Via Láctea leva duzentos bilhões de anos. *O nosso sistema estelar tem cerca de duzentos bilhões de sóis chamejantes e tem a largura de cem mil anos-luz.*

*Cena n.º 3.* Agora, nesta próxima cena, Michael, nós vemos a nossa galáxia, a Via Láctea, no espaço, juntamente com outras galáxias. Você sabia, Mike, que um cálculo conservador, estima em dez bilhões o número de sistemas estelares semelhantes a estas galáxias? Incompreensível? Não há dúvida! Voamos muito alto, além da nossa imaginação!

O que é um bilhão, Michael? Mil milhões — é isso mesmo.

Qual a definição de um milhão, Michael? Muito bem — você diz que um milhão é o mesmo que sua mãe lhe dizendo para arrumar seu quarto 274 vezes por dia, durante dez anos.

Com que velocidade caminha a luz, Mike? É isso mesmo: 280.000 km por segundo. Levante seu punho esquerdo, como se representasse a terra. Agora gire seu indicador direito ao redor dele. Se o seu dedo indicador deu sete voltas em torno de seu punho, em um segundo, você demonstrou com que velocidade a luz se movimenta ao redor da terra.

A luz leva mais ou menos oito minutos para alcançar o sol, e pouco mais de um segundo para atingir a lua, partindo da terra. Imagine a distância que a luz poderia percorrer em um dia de 86.400 segundos! Então, em um ano... a compreensão está além do nosso alcance.

O Senhor disse: “E criei mundos sem número, e também os criei para o Meu próprio intento; e por meio do Filho, que é Meu Unigênito, Eu os criei.

E Deus, o Senhor, falou a Moisés e disse: os céus são muitos e são incontáveis para o homem; mas para Mim são contados, porque eles são Meus” (Moisés 1:33, 37).

Ele disse também:

“E, se fosse possível que o homem pudesse contar as partículas da terra, sim, de milhões de terras como esta, não seria nem o princípio do número de Tuas criações” (Moisés 7:30).

Não é incrível, Mike?

Em *The Amazing Universe* (O Universo Surpreendente), lemos: “À medida que aumenta o conhecimento, os astrônomos continuam a buscar respostas para as mais profundas indagações do homem: — Qual o grande plano do universo? Como foi criado? Como chegamos aqui? Estamos sozinhos?” (*National Geographic*, p. 10.)

Lemos novamente: “É impossível que qualquer pessoa sensível olhe para



*Élder Hugh W. Pinnock, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, com Élder Marvin J. Ashton e Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze.*

um céu cheio de estrelas e não lhe venham à mente pensamentos sobre a criação e a eternidade” (*The Amazing Universe*, p. 166). “Uma galáxia elíptica gigantesca, pode conter mais de dez trilhões de estrelas, e medir 300.000 anos luz de diâmetro. *A própria imensidão de tais sistemas sugere qualidades eternas de estabilidade e previsibilidade.*” (*The Amazing Universe*, p. 134; grifo nosso.) Veja Mike, o mundo científico enxerga a evidência de um ser supremo.

Com toda esta criação maciça e ordenada, você, Michael, um simples ser humano, é importante? Dizem as escrituras:

“Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que prepareste;

Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?

Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés” (Salmo 8:3-6).

Sim, Michael,  *você é tudo; por sua causa os céus foram criados.*

Mike, você precisa compreender uma verdade: Deus o conhece, sabe quem você é e o que pode tornar-se. Ele sabe onde está e o que espera de você.

Você, Michael, é filho de Deus,

portanto, herdeiro de tudo que ele tem. O propósito e a meta dele é proporcionar-lhe imortalidade e vida eterna. Você é a coisa mais importante que existe — sua mais importante criação. Portanto precisamos ser donos de nosso ser e ter autocontrole, e não sermos controlados por algum tipo de hábito ou por uma outra pessoa. Devemos ser edificadores, e não dependentes. Procure atingir as estrelas.

Você, Mike, com o auxílio do Senhor, possui um potencial ilimitado. Vamos seguir o exemplo perfeito do Mestre, nosso Salvador. Como é fácil ter esperança: “A esperança é a arma mais poderosa do arsenal espiritual dos jovens” (*Royal Bank Newsletter*, vol. 66, n.º 6).

O sol é a *nossa* estrela, a única fonte de toda a luz e energia para nós. É ele que torna a vida possível.

*Uma* estrela — extraordinária. Existem cerca de duzentos bilhões de estrelas candentes, ou sóis, somente no nosso sistema estelar, e mais de dez bilhões de sistemas estelares; contudo, um sol é uma coisa notável. *Você, Michael, é semelhante a um sol — é algo notável.*

Jesus, o Redentor, não ocupava um cargo ou função pública, entretanto, moldou a história do mundo. Ele deseja que você entenda que deve ser notável, pois *você* tem o poder de fazer as coisas acontecerem.

Vou contar-lhe uma experiência



verídica de um rapaz de dezenove anos, que se tornou notável. Ele foi magnificado, e recebeu grandes poderes, além de suas aptidões naturais, quando o Senhor agiu através dele. Era um jovem admirador do Profeta Joseph Smith, Philemon Merrill, de dezenove anos, que fora, juntamente com outros leais seguidores, resgatar o profeta das mãos dos xerifes Reynolds e Wilson. Quando estavam voltando para Nauvoo, os componentes do grupo descançaram “num pequeno bosque”. Um dos advogados do xerife e dos seqüestradores, gabou-se de sua força na luta livre. Apostou que poderia derrubar qualquer homem de Illinois. Stephen Markham, guarda-costas de Joseph, homem muito grande e também lutador experiente, aceitou o desafio. O fanfarrão derrubou Stephen, e os inimigos do Profeta gritaram de prazer.

Enquanto os gritos continuavam, Joseph Smith voltou-se para o jovem Philemon Merrill e disse: “Levante-se e derrube aquele homem.”

O rapaz estava prestes a recusar, a desculpar-se dizendo que não era um lutador, mas o olhar do Profeta silenciou-lhe a língua. “Ele se ergueu, enchendo-se da força de um Sansão.” Philemon “levantou os braços” e disse ao advogado que escolhesse o lado.

“O homem tomou o lado esquerdo”, o que lhe dava uma vantagem decisiva. Os amigos de Philemon Merrill protestaram, mas o jovem Philemon sentia tal confiança nas palavras do

Profeta, que pouca diferença lhe fazia qualquer vantagem do seu antagonista. Quando se agarraram, Joseph instruiu-o: — Philemon, quando eu contar três, *derrube-o!*

Não instante em que os lábios de Joseph pronunciaram a palavra três, Philemon Merrill, com a força de um gigante, atirou o advogado por cima de seu ombro esquerdo, e ele caiu, batendo com a cabeça no chão.”

Não é de se admirar que o relato diga que “os opositores do Profeta se maravilharam diante do acontecido, não houve mais desafios de luta durante o resto da viagem” (George Q. Cannon, *Life of Joseph Smith the Prophet*, Classics in Mormon Literature, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1986, pp. 450-451).

Eis um outro exemplo de alguém notável, Michael — John Taylor, em seu livro *The Gospel Kingdom*, relata como *uma* pessoa é magnificada pelo Espírito e *faz* acontecerem coisas extraordinárias:

“Há alguns anos atrás, em Far West, o populacho — numa dessas ocorrências ocasionais — viera contra nós com más intenções, colocando-se em posição de nos atacar... Estava conosco um homem que... ordenou a nosso povo que retrocedesse. Assim que Joseph ouviu suas palavras, exclamou: — Retroceder!? Para onde, em nome de Deus, vamos retroceder? Então guiu-nos para o prado, de frente para a multidão, e colocou-nos em posição. E a primeira coisa que vimos foi uma

bandeira de paz, ou de trégua, vindo em nossa direção...

Joseph Smith, nosso líder, enviou-lhes então uma mensagem, dizendo: — Diga a seu general que retire suas tropas, ou vou enviá-las para o inferno. *Achei aquela uma afirmação um tanto arrojada, uma vez que éramos apenas uns duzentos homens, enquanto que eles chegavam a três mil e quinhentos.* Mas pensavam que estávamos em maior número, ou talvez nosso contingente tenha sido ampliado a seus olhos. Mas aceitaram o aviso e partiram... O Senhor, através de meios simples, cuida de seu povo e o salva, mas é essencial que tenha fé e confiança implícita nele” (*Gospel Kingdom*, sel. G. Homer Durham, Salt Lake City: Bookcraft, 1964, pp. 354-355).

Outro exemplo de pessoa extraordinária:

Permita-me citar Élder James E. Talmage, antigo membro do Quorum dos Doze: “O que é o homem (ou, poderia acrescentar, o que é Michael Brewerton), neste cenário ilimitado de sublime esplendor? Eu vos respondo: Agora, em potencial, e no futuro, realmente, ele (ou Michael) é maior e mais grandioso, mais precioso segundo a aritmética de Deus, do que todos os planetas e sóis do espaço. Pois para ele foram criados; são a obra das mãos de Deus enquanto o homem é seu filho. E neste mundo, o homem recebe o domínio de algumas coisas; é seu privilégio atingir supremacia sobre muitas coisas” (9 de agosto de 1931).

Com exceção de alguns anos, em que o Salvador agraciou esta terra com sua presença, esta época é, Mike, a mais extraordinária para se viver. Temos o evangelho em sua plenitude, tantas escrituras estão sendo cumpridas, e tanta história está sendo feita. Você é parte importante dela.

Deixe-me expressar-lhe meus verdadeiros sentimentos a respeito da Igreja. Eu sei, Michael, de forma decisiva e indelével — por causa do Espírito — que Jesus é nosso Redentor. Ele vive, como vive o Pai. Ele é o Filho vivo do Deus vivo. O Presidente Benson e a Primeira Presidência são seus servos vivos, através de quem a vontade dele é transmitida a todo o mundo. Observe-os, Mike, preste atenção a suas palavras, siga-os. Esta é a única Igreja de Jesus Cristo na terra, Michael, e você é tão importante quanto qualquer ser humano em toda a história. Seu valor é infinito. Eu o amo, companheiro. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

# NÓS PROCLAMAMOS O EVANGELHO

Élder M. Russell Ballard  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Quando estamos prontos a buscar a orientação do Senhor, quando confiamos nele completamente, ele nos abençoa, levando-nos ao entendimento do que fazer, e como proceder.”*



As pessoas solicitavam com frequência ao Profeta Joseph Smith, que consultasse o Senhor a respeito do que deviam fazer. No caso de John Whitmer, o Senhor disse: “E agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a Mim e descansar com elas no reino do Meu Pai.” (D&C 15:6.)

Jesus repetidamente chamava seus discípulos para pregarem o evangelho a toda alma vivente. Os que criam, deviam ser batizados em seu nome e entrar para a Igreja. Após o Salvador jejuar quarenta dias, e ser tentado por Satanás, Mateus registra “Começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.

E Jesus, andando junto ao mar da Galiléia, viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores;

E disse-lhes: Vinde após mim, e eu

vos farei pescadores de homens.

Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no...

E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o Evangelho do reino” (Mateus 4:17-20, 23).

Com paciência amorosa, Jesus ensinou seus discípulos e, especialmente, seus doze Apóstolos, a “pregar o reino de Deus” (Lucas 9:2). Após os três anos de seu ministério, coroado pela Expição, que incluiu sua gloriosa ressurreição, Jesus reuniu seus onze discípulos na Galiléia.

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra.

Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:18-20).

Essas instruções foram claras. Quando Pedro, o chefe dos Apóstolos, finalmente as compreendeu, tornou-se um líder poderoso. Por exemplo, no dia de Pentecostes, “pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: Varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém...

Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas.

Saiba, pois, com certeza toda a casa d’Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?

E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos

pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo...

De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas” (Atos 2:14; 32, 36-38, 41).

Quando Jesus visitou este continente, Néfi adiantou-se e ajoelhou-se perante o Senhor.

“E o Senhor ordenou-lhe que se levantasse. E, assim fazendo, Néfi pôs-se em pé diante dele.

E disse-lhe o Senhor: Dou-te o poder para batizar este povo, quando eu tiver novamente subido ao céu.

E o Senhor chamou também a outros, dizendo-lhes a mesma coisa e deu-lhes poder para batizar” (3 Néfi 11:20-22).

A todos os povos, em todas as épocas, sua mensagem permanece a mesma: pregar o reino de Deus (ver Lucas 9:2).

A Primeira Presidência disse que uma das três missões da Igreja é proclamar o evangelho. Se aceitarmos tal missão, deveremos focalizar nossos esforços na procura de almas para trazer ao Senhor, sob condição de arrependimento.

Dois anos atrás, falei sobre este assunto, e continuei a sentir uma necessidade urgente de nos ajudarmos mutuamente a cumprir a responsabilidade de compartilhar a mensagem da Restauração com outras pessoas.

Com frequência ouvimos os membros dizendo: “Sei que deveria falar sobre o evangelho com meus amigos, mas não sei como fazê-lo.” Talvez algumas histórias de tentativas bem sucedidas que vieram ao meu conhecimento, possam auxiliar; essas experiências foram resultado da fé que membros da Igreja possuíam, que seguiram alguns passos simples, como marcar uma data para preparar alguém para receber as palestras missionárias.

Da Inglaterra:

“Quando servia como presidente de ramo, decidi, certo dia, convidar toda a nossa comunidade para jejuar conosco (e dar uma oferta de jejum), a fim de auxiliar o povo da Etiópia. Mandamos fazer 4.000 folhetos, que distribuímos em todas as casas de nossa área.

Um dos folhetos foi oferecido a um homem que não era membro da Igreja, e sua esposa sentiu-se impelida a participar. Foi o nome da Igreja, impresso no folheto, que primeiro os impressionou.

O marido foi à capela com a oferta de jejum, atendendo ao nosso convite, e



conheci-o lá. Levei-o para visitar a capela, prestei-lhe meu testemunho, e convidei-o para as reuniões de domingo. Ele compareceu e eu o apresentei aos missionários, que marcaram uma entrevista com ele, em sua casa.

Tive o privilégio de acompanhar os missionários em várias visitas, e nasceu uma grande amizade entre nós.

Na noite de 2 de março, um dia antes da data que eu estabelecera, batizei a esposa. Logo o marido e a filha também serão batizados.

Agora conhecemos, através deles, uma outra família, que está recebendo as palestras. Quanto à minha esposa e a mim, já marcamos uma nova data!"

De Oregon (Estados Unidos):

"Marquei uma data, para dali a quase dois meses, e passei a suplicar orientação divina, em minhas orações diárias, e a jejuar com a finalidade de não perder de vista a minha meta.

A data chegou e se foi, deixando-me com alguns sentimentos de culpa. Entretanto, recebi um recado, uma semana mais tarde, de que um velho amigo, companheiro de escola, queria que eu lhe telefonasse. Liguei para ele e convidei-o para jantar. Fomos juntos comprar umas "pizzas", e, enquanto estávamos a caminho, contei-lhe que era membro da Igreja Mórmon. Ele ficou interessado, e eu lhe relatei algumas das muitas bênçãos que havia recebido. Depois, convidei-o para ir à Igreja comigo no domingo seguinte. Ele aceitou o convite.

Desde o início, ele aceitou tudo. Nós o convidamos a batizar-se. Ele respondeu que não desejava se apressar. Nessa ocasião senti-me inspirado a ler para ele as palavras que Alma usou,

junto às Aguas de Mórmon, e que se encontram no Livro de Mórmon. Ao ler aqueles versículos em Mosiah 18, fiz uma pausa depois de cada pergunta formulada por Alma, e perguntei-lhe se também estava disposto a fazer tudo aquilo. Ele disse que sim. Depois li o versículo 10 e lhe perguntei: "O que você tem contra o batismo?"

Ele olhou para mim e respondeu: "Você está certo. Não tenho que esperar mais nada." Então marcamos a data, e eu o batizei e confirmei membro da Igreja."

Da Flórida (Estados Unidos):

"Eu me ajoelhei em oração e expressei meu sincero desejo de compartilhar o evangelho com alguém. Pedi ao Pai Celestial que, por favor, me enviasse uma pessoa.

Na manhã seguinte, alguém bateu à minha porta. Era uma vizinha, pedindo uma panela emprestada. Embora ela morasse perto de nós há algum tempo, nunca tivéramos muito contato. Dois dias mais tarde, ela e o marido foram visitar-nos. Durante nossa conversa, ela mencionou que estavam procurando uma igreja. Contei-lhes como meu marido e eu tínhamos estado naquela mesma posição, e como nossa Igreja atendera àquela necessidade especial que sentíamos. Nós os convidamos para irem à Igreja no domingo seguinte, e eles aceitaram prontamente. Depois nós lhes perguntamos se gostariam de aprender mais, ouvindo as palestras missionárias em nossa casa. Eles disseram que estavam muito interessados.

No dia de Natal, meu marido os batizou e confirmou-os como membros da Igreja. Eles se desenvolveram muito, e se tornaram um poderoso exemplo

para todos nós. Estão esperando ansiosamente o dia em que possam ir com sua filhinha ao templo, para serem selados para toda a eternidade."

Agora, da longínqua Buenos Aires:

"Em nossas orações, começamos a incluir os nomes de não-membros que ainda não se haviam interessado pela Igreja. Meus filhos oravam por eles. Nossas orações eram diferentes. Estávamos mudando nossa atitude a respeito da obra missionária, e, ao invés de esperarmos oportunidades para partilhar o evangelho, iniciamos a pedir ao Senhor que preparasse pessoas específicas, por nome, para receberem as lições.

Vimos uma dessas pessoas entrar para a Igreja, estando ela agora totalmente ativa. Três outras famílias, escolhidas com a ajuda do Senhor, já receberam a terceira palestra. Todos já estiveram na Igreja pelo menos duas vezes. Todas já estiveram em nossa casa, recebendo amizade e encorajamento. Elas estão tendo oportunidade de aceitar ou rejeitar a mensagem do evangelho."

Meus irmãos e irmãs, pelas experiências dessas pessoas, e muitas outras semelhantes, aprendemos que podemos oferecer as ordenanças salvadoras do evangelho a outros, quando permitimos que o Senhor nos ajude com alguém que conhecemos e amamos. Partilhar nossos sentimentos a respeito de Deus e de nossa religião deveria ser fácil, uma vez que a maioria dos santos dos últimos dias são pessoas amáveis, prestativas e de confiança. Estabelecendo-se uma relação de confiança e com o auxílio do Senhor, geralmente podemos sentir-nos à vontade, quando avançamos para além do terreno da amizade e convidamos nossos amigos para aprenderem mais a respeito da Igreja.

Há muitas formas de compartilharmos o evangelho. Sei que os passos seguintes, embora simples, poderão ajudar-vos a encontrar pessoas e partilhar com elas o evangelho, porque muitos membros os têm usado com bastante sucesso:

**Passo n.º 1: Orai e marcai uma data** na qual deveréis ter alguém pronto para ouvir o evangelho. Precisamos começar de algum ponto, e este simples ato de fé, de nossa parte, servirá para nos motivar. Não vos preocupeis, se ainda não tendes alguém em mente. Deixai que o Senhor vos ajude.

**Passo n.º 2: Orai e escolhei um amigo ou alguém que já conheceis, alguém**

com quem talvez já tenhais conversado sobre o evangelho, presenteado com um Livro de Mórmon ou levado à Igreja.

*Passo n.º 3:* Contai a data marcada e vossos planos para o bispado, líder da missão da ala e missionários de tempo integral. Eles vos ajudarão.

O passo mais importante é o *quarto*: Com a ajuda do Espírito, convidai vosso amigo não-membro para ouvir as palestras missionárias. Este passo, o convite para ouvir o evangelho, requer a maior porção de fé — fé para agir segundo os sussurros do Espírito Santo.

Falando a respeito de fé e da salvação de almas, é preciso entender que, se o Espírito está presente, as pessoas não se ofendem quando dizeis o que sentis a respeito do evangelho. Seguindo estas etapas, em espírito de oração, estareis levando a efeito um plano que traduz vossa fé em ação.

Há muitas formas positivas que podemos usar para preparar alguém, a fim de que sinta o Espírito. Eis alguns exemplos: prestai vosso testemunho, orai com a pessoa, lede as escrituras com elas, presenteai-a com um exemplar do Livro de Mórmon, relatai-lhe uma experiência espiritual, levai vosso amigo à Igreja, mostrai-lhe um filme ou fita, e debatei o evangelho. Observai, por favor, que estes mesmos passos e princípios também funcionarão, quando usados para trazer de volta à Igreja um membro inativo.

Na seção 50 de Doutrina e Convênios, encontramos a garantia de que “aquele que recebe a palavra pelo Espírito da verdade recebe-a como é pregada pelo Espírito da verdade...”

Portanto, aquele que prega e aquele que recebe, se compreendem um ao outro, e ambos são edificados e juntos se alegram” (D&C 50:21-22).

A chave do sucesso para levar almas a Cristo é agir no momento em que sentimos o Espírito, e percebemos que nosso amigo também o sente.

Lembraí-vos, irmãos e irmãs, através de nossa fé, nossa confiança no Senhor e nossas boas obras, podemos trazer almas para o Senhor. Podemos receber as bênçãos de viver com elas no reino de nosso Pai.

Logo após a morte da Irmã LeGrand Richards, fui designado como companheiro júnior de Élder Richards, para ajudá-lo a criar a Estaca de Atlanta, Geórgia. Enquanto voávamos em direção à Missão dos Estados do Sul (Estados Unidos) que ele tanto amava, disse-me: “Irmão Ballard, não tenho medo de morrer, a única coisa que me



*Presidente Ezra Taft Benson cumprimenta o Élder David B. Haight, do Quorum dos Doze.*

preocupa é se conseguirei encontrar minha esposa lá.”

Senti que devia dizer a Élder Richards que, no seu caso, isso poderia constituir um grande problema. Imediatamente, captei toda a sua atenção. Ele olhou-me diretamente nos olhos e perguntou: “O que você quer dizer com isso?”

Com minhas emoções à flor da pele, respondi a este grande missionário: “Élder Richards, quando o senhor morrer, haverá tanta gente lá ansiosa para cumprimentá-lo, porque o senhor levou o evangelho a elas, que vai mesmo ter dificuldade em encontrar sua esposa no meio da multidão.” Sua resposta foi: “Ora, você não está falando sério.”

Nós todos poderíamos perguntar-vos: “Quem estará lá para saudar-me?”

Oh, como gostaria de poder tocar vossos corações, para que tenhais a fé de seguir os passos simples que levarão a luz do evangelho a muitos outros filhos de nosso Pai! Quanto mais me envolvo neste trabalho, mais percebo que Satanás gostaria de que eu e vós acreditássemos que não podemos

alcançar sucesso compartilhando o evangelho. Ele mente para nós. Na verdade, ele é o pai de todas as mentiras. Não lhe deis ouvidos. Atentai para os sussurros do Espírito Santo, e depois agi com fé, pregando o evangelho.

Testifico-vos, meus irmãos e irmãs, que sei que Deus vive. Sei que, quando estamos prontos a buscar a orientação do Senhor, quando confiamos nele completamente, ele nos abençoa, levando-nos ao entendimento do que fazer, e como proceder na obra maravilhosa de compartilhar esta gloriosa mensagem com nossos semelhantes.

Nós realmente apreciamos tudo o que vós tendes feito no passado. Os líderes da Igreja têm grande fé em que, unidos, os membros e os missionários desta Igreja poderão fazer muito mais pela construção do reino de Deus, no futuro.

Que o Senhor vos abençoe a todos com uma fé maior, para que leveis avante a sua obra, é minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

# A PEDRA DE TOQUE DO SENHOR

Presidente Howard W. Hunter

Presidente em Exercício do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Ele medirá nossa devoção pela forma como amamos e servimos nossos semelhantes.”*



Nos tempos antigos, o teste de pureza do ouro era realizado com uma pedra macia, preta e siliciosa, chamada pedra de toque. Quando friccionado em uma pedra de toque, o ouro produzia um risco ou marca na sua superfície. O ourives comparava esta marca a uma cor do seu gráfico de cores graduadas. A marca era mais avermelhada quando a quantidade de cobre ou liga de metais era mais alta, e ia-se tornando mais amarela à medida que aumentava e percentagem de ouro. Este processo mostrava, com bastante precisão, a pureza do ouro.

O método da pedra de toque, para testar a pureza do ouro, era rápido e satisfatório para a maioria dos propósitos práticos. Mas o ourives que ainda tinha dúvidas quanto à pureza do material, efetuava um teste ainda mais preciso, por um processo que envolvia o fogo.

Sugiro-vos que o Senhor preparou uma pedra de toque para todos nós, uma medida exterior de nossa dedicação interior, e que marca nossa fidelidade, podendo sobreviver ao fogo que aparecer no futuro.

Certa ocasião, enquanto Jesus estava

ensinando o povo, determinado advogado aproximou-se dele e perguntou-lhe: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

Jesus, o mestre dos mestres, replicou ao homem, que obviamente era bem versado na lei, com outra pergunta: “Que está escrito na lei? como lê?”

O homem respondeu com um sumário decidido dos dois grandes mandamentos: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.”

Aprovando a resposta, Cristo retrucou: “Faze isso, e viverás” (Lucas 10:25-28).

A vida eterna, a vida de Deus, a vida que buscamos, está enraizada em dois mandamentos. As escrituras dizem que “Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas” (Mateus 22:40). Amai a Deus, e amai vossos semelhantes. As duas coisas andam juntas — são inseparáveis. No mais elevado sentido, podem ser consideradas como sinônimos. E são mandamentos que todos nós podemos seguir.

A resposta de Jesus ao advogado poderia ser considerada como a pedra de toque do Senhor. Em outra ocasião, ele disse: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). Ele medirá nossa devoção pela forma como amamos e servimos nossos semelhantes. Que tipo de marca estamos deixando na pedra de toque do Senhor? Somos verdadeiramente bons para nosso próximo? O teste revela que somos ouro de 24 quilates, ou pode-se detectar os vestígios de um ouro de pior qualidade?

Como que se desculpendo por ter feito uma pergunta tão simples ao Mestre, o advogado procurou justificar-se, acrescentando a pergunta: “E quem é o meu próximo?” (Lucas 10:29).

Todos nós deveríamos ser

eternamente gratos por essa pergunta, pois, na resposta do Salvador, encontramos uma das mais ricas e apreciadas parábolas, parábola essa que cada um de nós deveria ler e ouvir repetidas vezes:

“Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.

E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo.

E d’igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e vendo-o, passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;

E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.” (Lucas 10:30-35.)

Então Jesus perguntou ao homem da lei: “Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lucas 10:36). Aí o Mestre oferece a pedra de toque do cristianismo. Ele pede que nossa marca seja colocada nela.

Tanto o sacerdote quanto o levita, na parábola de Cristo, deveriam ter-se lembrado dos requisitos da lei: “O jumento de teu irmão, ou o seu boi, não verás caídos no caminho, e deles te esconderás: com ele os levantarás sem falta” (Deuteronomio 22:4). Se deve ajudar um boi, quanto mais deve o homem estar disposto a auxiliar um irmão necessitado. Mas, como escreveu o Élder James E. Talmage: “Desculpas são fáceis de encontrar; elas brotam com tanta facilidade e abundância quanto as ervas daninhas à beira do caminho” (*Jesus, o Cristo*, p. 417).

O samaritano deu-nos um exemplo do puro amor cristão. Ele teve compaixão; dirigiu-se ao homem que havia sido ferido pelos salteadores e tratou de suas feridas. Levou-o para a hospedaria, cuidou dele, pagou suas despesas e ofereceu-lhe mais, caso necessitasse para tratar-se. Esta é uma história de amor de um ser humano a seu semelhante.

Há um velho ditado que diz que “aquele que é todo amarrado em si

mesmo, forma um pacote pequeno”. O amor tem um jeito de tornar grande um pacote pequeno. A chave é amar o próximo, incluindo as pessoas que são difíceis de amar. Precisamos lembrar-nos de que, embora façamos amigos, Deus fez nossos semelhantes — em todos os lugares. O amor não pode ter fronteiras; não devemos ter lealdades estreitas. Cristo disse: “Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? Não fazem os publicanos também o mesmo?” (Mateus 5:46.)

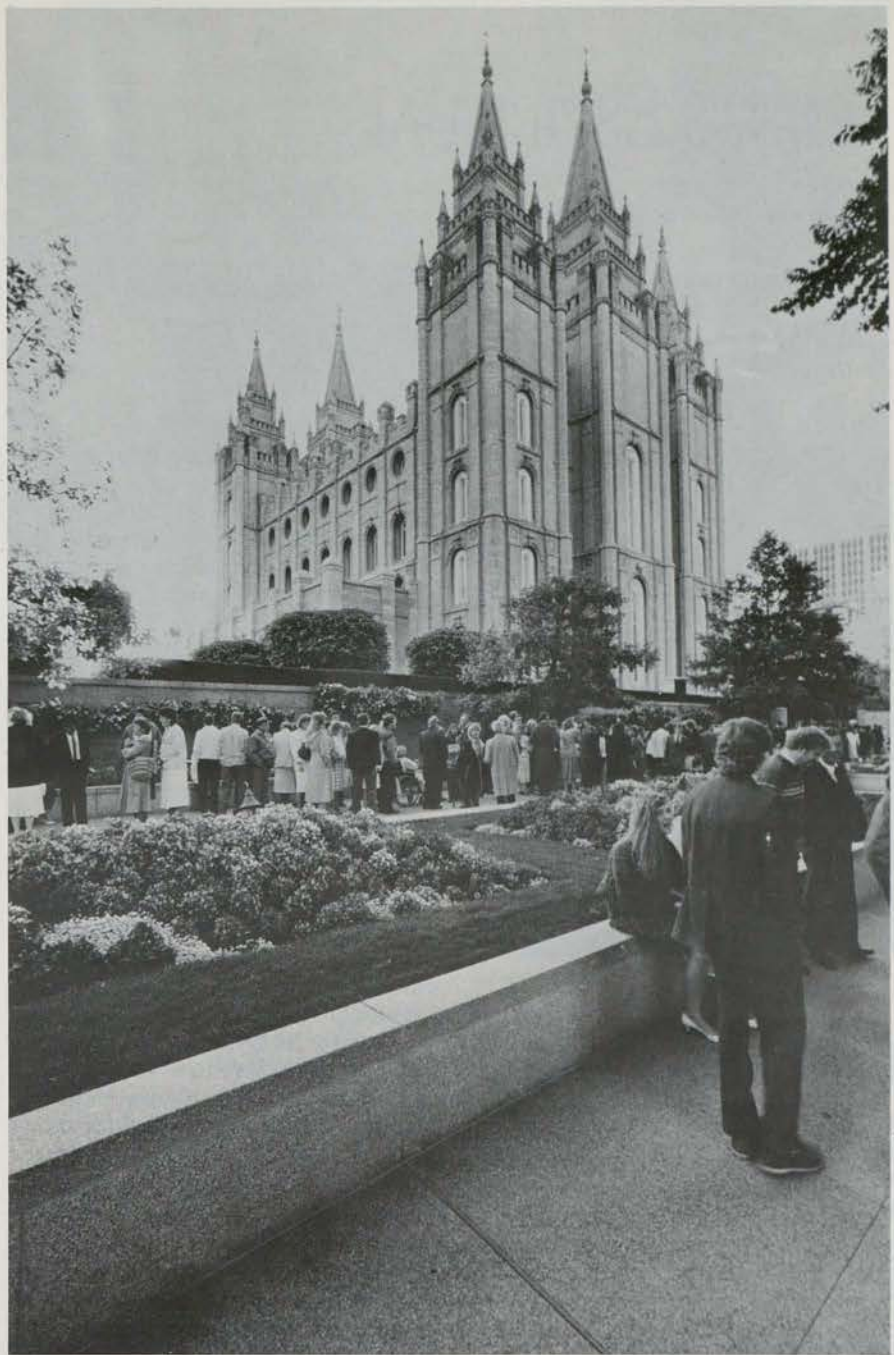
Joseph Smith escreveu uma carta aos santos, publicada no *Messenger and Advocate*, a respeito de amarmos uns aos outros, a fim de que sejamos justificados perante Deus. Disse ele:

“Queridos Irmãos: — O dever de cada santo para com seus irmãos, e que deve ser cumprido generosamente, é o de amá-los constantemente, e socorrê-los sempre. A fim de sermos justificados perante Deus, precisamos amar um ao outro: precisamos vencer o mal; precisamos visitar os órfãos e as viúvas em sua aflição, e precisamos conservar-nos limpos das manchas do mundo; pois tais virtudes fluem da grande fonte da religião pura.

Fortalecendo nossa fé com o acréscimo de todas as boas qualidades que adornam os filhos de Jesus abençoado, podemos orar nos momentos devidos, podemos amar o próximo como a nós mesmos, e ser fiéis na tribulação, sabendo que a recompensa para isso é maior no reino dos céus. Que consolo! Que alegria! Que eu possa viver a vida dos justos, e que minha recompensa seja esta!” (*History of the Church*, 2:229.)

Estas duas virtudes, amor e serviço, são requeridas de nós se desejarmos ser bons para o próximo e encontrar paz em nossa vida. Certamente elas existiam no coração do Élder Willard Richards. Enquanto estava na prisão de Carthage, na tarde do martírio de Joseph e Hyrum, o carcereiro sugeriu que eles ficariam mais seguros em celas. Joseph voltou-se para o Élder Richards e perguntou: “Se formos para a cela, você irá conosco?”

A resposta do Élder Richards foi uma resposta de amor: “Irmão Joseph, você não me pediu que atravessasse o rio com você — não me pediu que viesse para Carthage — não me pediu que viesse para a cadeia com você — e acha que eu o abandonaria agora? Pois vou dizer-lhe o que farei: se for condenado à forca, por “traição”, serei enforcado



em seu lugar, e você estará livre.”

Deve ter sido com muita emoção e sentimento, que Joseph replicou: “Mas você não pode.”

Ao que Élder Richards firmemente retrucou: “Eu o farei.”

O teste do Élder Richards talvez tenha sido maior do que a maioria de nós terá de enfrentar: o teste do fogo, e não o da pedra de toque. Mas caso nos fosse pedido, poderíamos dar a vida por nossa família? Por nossos amigos? Nossos semelhantes?

A pedra de toque da compaixão é uma medida de nossa dedicação como discípulos; é a medida de nosso amor a Deus e a nossos semelhantes. Deixaremos uma marca de ouro puro, ou, como o sacerdote e o levita, passaremos ao largo?

Que o Senhor nos abençoe no esforço de sermos verdadeiros discípulos e seres humanos solidários. Oro para que cada um de nós possa ser um bom samaritano, em nome de Jesus Cristo. Amém.

## FENDAS ESPIRITUAIS

Élder David B. Haight  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Depositai vossa confiança nele para evitar as fendas do pecado e do mal. Apegai-vos à corda salva-vidas do evangelho.”*



Que coisa comovente olhar para esta grande audiência de homens e meninos! Posso ver avós, pais, bispos, diáconos, mestres, e sacerdotes sentados juntos, alguns como famílias ou quoruns; também missionários de tempo integral, estudantes, e novos conversos — todos portadores do Santo Sacerdócio de Deus. E fora deste histórico Tabernáculo de Lago Salgado, estão centenas mais de grupos semelhantes de portadores do sacerdócio, esperando ansiosamente o incentivo e a instrução de nosso profeta e de seus nobres conselheiros.

No verão passado, Clarence Neslen, Jr. levou sua família ao Parque Nacional Jasper, em Alberta, Canadá. Eles se divertiram explorando as Banquias de Columbia, pulando sobre fendas na famosa Geleira Athabasca. Foi uma experiência empolgante até que Cannon, de onze anos, tentando pular por sobre uma fenda, desequilibrou-se e caiu no abismo profundo. Ele ficou preso entre as paredes de gelo. Quando seu pai olhou para o local onde seu

filho estava preso, nove metros abaixo, ficou mais alarmado ao ver um rio de água gelada correndo abaixo da fenda.

Vários rapazes também estavam explorando a geleira. Eles ouviram os gritos de socorro e vieram correndo. Tinham uma pequena corda, mas logo perceberam que ela não era forte o suficiente para puxar Cannon com segurança. Se quebrasse, Cannon cairia com certeza no rio turbulento de água gelada.

A Irmã Neslen e outras pessoas correram até uma cabana próxima, para buscar ajuda. O alojamento do guarda florestal mais próximo ficava a uma distância de aproximadamente cento e vinte quilômetros. Souberam por telefone que dois guardas florestais estavam perto das banquias. Localizados por rádio, correram para o salvamento. Havia pouco tempo, as decisões eram urgentes, e orações silenciosas foram elevadas aos céus.

O Irmão Neslen tentou acalmar o filho e afugentar-lhe o medo. A hipotermia estava começando. A camisa do jovem Cannon fora levantada quando ele caíra. Sua pele nua estava agora bastante encostada nas paredes frias da geleira. Para manter seu filho consciente, o pai o chamava e dizia que continuasse orando, que mexesse os dedos dos pés e das mãos e que cantasse suas músicas preferidas. Repetidas vezes Cannon cantou: “Sou um filho de Deus, por ele estou aqui. Mandou-me à terra, deu-me um lar e pais tão bons prá mim.” (*Cante Comigo*, B-76.) Todos foram fortalecidos pela fé e determinação de Cannon. Mas ele estava começando a enfraquecer. Seu pai continuava a assegurar-lhe que logo chegaria socorro, e que seu Pai Celestial ouviria suas orações.

Os dois guardas florestais chegaram. Foram encravados ganchos no gelo, e

cordas foram amarradas em torno de um dos guardas florestais, que desceu para salvar Cannon. Mas as paredes eram estreitas demais para ele. A única chance era baixar uma corda e orar para que ele estivesse alerta o suficiente para pegá-la e que depois tivesse força para segurar nela, enquanto eles tentassem puxá-lo para fora.

O Irmão Neslen ofereceu a oração mais fervorosa de sua vida, disse ele. Implorou ao Senhor que salvasse a vida de seu filho. “Um sentimento de certeza e calma tomou conta de mim”, disse ele, “e eu sabia que ele seria salvo”.

Cannon perdera a consciência. Seu pai gritava encorajando-o, fazendo-o acordar o suficiente para que os dedos enregelados de Cannon pudessem agora segurar a corda. “Segure com toda a sua força!” gritava-lhe o pai. Cannon foi puxado com muito cuidado, centímetro por centímetro, metro por metro — todos os nove metros. Quando, finalmente, ele foi colocado em segurança, estava inconsciente. Seus dedos milagrosamente haviam congelado em torno da corda e tiveram de ser abertos para se tirar a corda.

Ele foi imediatamente embrulhado em cobertores e levado rapidamente para uma ambulância que estava esperando, mas não havia calor suficiente para elevar o bastante a temperatura de seu corpo. Um paramédico desvestiu Cannon, depois tirou o seu próprio casaco e camisa e segurou Cannon contra o peito nu, de modo que o calor de seu corpo fosse transmitido para o menino. Cannon lentamente respondeu ao cuidado amoroso de seus salvadores. As orações de todos haviam sido respondidas.

O jovem Cannon Neslen, um diácono recém-ordenado, está aqui nesta audiência hoje. Agradecemos a nosso Pai Celestial por sua vida ter sido poupada. Ele foi poupado para um propósito. Ele disse a seu pai que, enquanto estava mergulhado no gelo, sentiu uma certeza confortadora de que seria salvo. Ele sabe que Deus o ama e que tem uma missão especial para ele realizar nesta vida.

De maneira semelhante a Cannon, que acidentalmente caiu numa fenda, alguns de vossos amigos — e talvez mesmo alguns de vós — escorregaram em fendas espirituais.

As fendas espirituais simbolizam as tentações e armadilhas que muitos de nossos jovens estão tragicamente enfrentando: álcool, com seus baldes para gelar vinho e festas com barris,

tráfico e dependência de drogas, filmes e vídeos considerados proibidos, que freqüentemente culminam em imoralidade sexual. Na beirada dessas fendas sinistras, estão os pais e outras pessoas que, com orações fervorosas, gritam pedindo socorro e ajuda. Como o pai de Cannon, eles também oram para que seus filhos e filhas seguem-se na corda que lhes salvará a vida. Seu amor, e o ensinamento das escrituras e a certeza das bênçãos eternas do sacrifício expiatório do Salvador são cordas certas para a segurança.

Os jovens não são os únicos que escorregam nas fendas.

Um presidente de estaca contou-me recentemente que um membro respeitado, que exercera posições de liderança na Igreja, foi tentado por alguns amigos de seu grupo de negócios a experimentar uma dose da nossa droga de cocaína "crack". Os homens estavam deprimidos. Sua companhia estava falindo, e eles sucumbiram à péssima fascinação das drogas ilegais.

Ele perdeu 18.000 dólares comprando "crack", perdeu o emprego, sofreu uma mudança de personalidade, e finalmente foi hospitalizado. Em tudo isso, sua esposa esteve a seu lado. Ela encontrou um emprego, e eles começaram a lutar para recompor a vida. Os amigos dele na Igreja o ajudaram a conseguir uma colocação.

Sua mente estava seriamente afetada. Ele ainda é um tanto dependente de algumas drogas. A esperança e as orações de sua família são para que ele seja capaz de segurar a corda.

Quando Satanás foi expulso para a terra com suas inúmeras hostes, tornou-se "o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens, e levá-los cativos... mesmo a todos quantos não ouvirem minha voz" (Moisés 4:4).

Um dos métodos de Satanás é distrair-nos e tentar-nos de modo que desviemos nossos olhos das fendas perigosas. Ele tem tido sucesso a tal ponto, que muitos não mais reconhecem o pecado como pecado. Os filmes, a televisão e as revistas glorificaram o pecado naquilo que eles pensam ser um estilo de vida aceitável: "(fornicação), adultério, incesto... casamentos sucessivos, uso de drogas, violência e hipocrisia de todas as variedades imagináveis. (Tudo isso é) freqüentemente apresentado como comportamento (normal), onde as pessoas que fazem o bem não são... recompensadas e aqueles que praticam o mal não são punidos", afirmou um



A Primeira Presidência: da esquerda para a direita, Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro; Presidente Ezra Taft Benson; e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro.

escritor do *Los Angeles Time*.

Com certeza vivemos numa época da qual Isaiás falou, em que os homens "ao mal chamam bem, e ao bem mal" (Isaiás 5:20).

Se alguns de vós estivésseis andando em campos de gelo perto de fendas abertas, veríeis os sinais de advertência? "Perigo — Não se aproxime da beirada"? Não brinqueis com o mal. Vós perdereis. Oramos para que não demonstreiis a atitude um tanto arrogante de alguns que dizem: "Posso controlar isso!" ou "Todas as outras pessoas fazem isso!"

Um amigo, visitando parentes num outro estado, para assistir a uma cerimônia de graduação no segundo grau (liceu), notou alguns alunos mascando fumo. Quando perguntou a seu sobrinho a respeito disso, o rapaz respondeu: "Todos fazem isso!"

O sobrinho de meu amigo não mascava fumo, mas realmente acreditava que a maioria dos rapazes o fazia. Mesmo nas escolas, onde na realidade apenas uns poucos alunos estão usando drogas, bebendo álcool, ou fumando, os que não usam essas coisas acreditam que muitos de seus companheiros estão fazendo isso.

Nem todos estão fazendo essas coisas. Vós não o fazeis! E vós

influenciais vossos amigos. E outras pessoas vos observam. Vós ajudais a estabelecer o padrão.

Rapazes, sois uma fraternidade real — não apenas porque sois melhores do que quaisquer outras pessoas — mas porque o Senhor vos abençoou com privilégios e responsabilidades especiais.

Fostes preordenados para virdes à terra numa época em que a plenitude do evangelho estaria na terra. Fostes preordenados para receber o sacerdócio. O Profeta Joseph Smith disse: "Todo homem que recebe o chamado para exercer seu ministério a favor dos habitantes do mundo, foi ordenado precisamente para esse propósito no grande conselho dos céus, antes que este mundo existisse." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, comp. Joseph Fielding Smith, p. 357.)

Sois o recurso especial do Senhor para ensinar o evangelho a todos os seus outros filhos. Sois diferentes de outros adolescentes que não têm vosso entendimento nem as vossas responsabilidades.

Sois os filhos espirituais dele, escolhidos para um chamado especial. E nós sabemos que ele vos ama. Tendes o dom do Espírito Santo. Sois capazes de discernir entre o bem e o mal. E com o



poder do sacerdócio, tendes a autoridade para representar vosso Pai Celestial.

Agora, meus irmãos, que nós, a quem foi dada esta responsabilidade preciosa do santo sacerdócio, “(Despertemos)”, como declarou o Pai Léhi, e “(cinjamos) a armadura da justiça” (ver 2 Néfi 1:23).

Para ajudar cada um de nós a evitar as armadilhas e fendas da vida, o Senhor preparou uma corda salva-vidas com as verdades preciosas nas escrituras que, se a segurarmos, nos permitirá escapar tanto do perigo físico como espiritual.

A Palavra de Sabedoria foi dada para que pudéssemos ter a mente alerta e o corpo saudável; o Sermão da Montanha, para nos tornar sensíveis às necessidades dos outros; e os Dez Mandamentos — esculpídos em pedra pelo dedo de Deus — para nos impedir de pecar. Ele declarou: “Não.”

Admoesto cada um de vós a desenvolver um companheirismo pessoal com as escrituras.

O Presidente Spencer W. Kimball leu a Bíblia quando tinha quatorze anos — os 66 livros e 1.519 páginas. “Se pude fazê-lo à luz do lampião de querosene”, disse ele, “podeis fazê-lo à luz da lâmpada elétrica”. (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, Bookcraft: Salt Lake City,

Utah, 1982, p. 131.)

O Presidente Kimball foi um mestre muito especial para todos nós. Ele não tinha carro nem bicicleta, mas tinha na verdade nove vacas para ordenhar todas as manhãs e todas as noites.

Ele disse: “Eu pensei: “Que perda de tempo, sentar num banquinho de três pés. Talvez haja alguma outra coisa que eu possa fazer, enquanto estou ordenhando.”” Ele colocou uma cópia das Regras de Fé no chão, ao seu lado, e leu-as repetidas vezes, até que as memorizou. Depois, repetiu os Dez Mandamentos várias vezes, até aprendê-los. Memorizou escrituras importantes que o ajudariam em sua missão — tudo enquanto ordenhava as vacas. Ele não tinha tempo a perder; tinha coisas a fazer com sua vida.

Seria algo maravilhoso para vós, rapazes, usar vosso tempo com sabedoria, para aprender os caminhos do Senhor.

O Presidente Ezra Taft Benson desafiou cada um de nós a ler o Livro de Mórmon — o mais correto de todos os livros da terra e a pedra angular de nossa religião. Entendemos que milhares de rapazes aceitaram o desafio e estão agora lendo o Livro de Mórmon.

Quando o anjo Morôni selou as placas de ouro, foi inspirado a prometer às gerações futuras — ou seja, a nós —

que, em certas condições, Deus manifestará a verdade desses registros pelo poder do Espírito Santo, e que — ouvi com cuidado — “pelo poder do Espírito Santo, podeis saber a verdade de todas as coisas” (ver Morôni 10:4-5).

Imaginai uma promessa como essa. Se desejardes com o coração sincero, fê em Cristo, podereis entender todas as coisas.

Jeffrey Holland, presidente da Universidade Brigham Young, enquanto trabalhava em sua tese de doutoramento numa proeminente universidade norte-americana, acabou conhecendo bem uma das bibliotecárias de consulta que o ajudara em suas pesquisas.

Um dia, ele disse: “Ilene, preciso saber quantos livros temos na biblioteca da Universidade que afirmam ter sido entregues por um anjo.”

Como podeis imaginar, a bibliotecária olhou-o de maneira peculiar e disse: “Não conheço nenhum livro que tenha sido entregue por anjos. Talvez espadas, ou carruagens, mas não sei de nenhum livro.”

“Bem, faça uma verificação para mim, por favor. Talvez dê um pouco de trabalho, mas eu realmente gostaria de saber.”

A bibliotecária respeitosamente fez algumas verificações nos nove milhões de livros da biblioteca. Durante vários dias, ela não tinha nada a relatar: mas então, um dia ela disse sorridente: “Sr. Holland, tenho um livro para o senhor. Achei um livro que, segundo se afirma, foi entregue por um anjo”, e ela segurava um exemplar do Livro de Mórmon. O Irmão Holland respondeu: “Disseram-me que se pode comprá-lo por um dólar.” “Espantoso!” continuou ela, “o livro de um anjo por um dólar! Era de se pensar que os anjos fossem cobrar mais, mas então...”, disse ela, “onde eles gastariam o dinheiro?”

Pensai nisso — um livro foi entregue por um anjo, e ele ensina a salvação eterna. E cada um de vós tendes uma cópia verdadeira!

Que o Senhor possa abençoar cada um de vós com as oportunidades de vossa vida. Depositai vossa confiança nele para evitar as fendas do pecado e do mal. Agarrai-vos à corda salva-vidas do evangelho. Podeis fazer escolhas corretas — aquelas que, em vosso coração, sabeis que serão para o vosso bem. Nós vos amamos e testificamos da veracidade do Evangelho de Cristo. Em nome de Jesus Cristo, amém.

# PRESIDENTES DA IGREJA

Elder Joseph Anderson

Membro Emérito do Primeiro Quorum dos Setenta

*“Estes Irmãos foram e são verdadeiros profetas do Deus vivo.”*



Sinto-me grandemente honrado por ter sido convidado a prestar testemunho a respeito de minha amizade e de meu relacionamento com a liderança da Igreja durante, aproximadamente, sessenta e cinco anos.

A maior parte de minha vida foi devotada ao trabalho junto aos profetas do Deus vivo. Em fevereiro de 1922, tornei-me secretário do Presidente da Igreja, Heber J. Grant, e ocupei essa posição até seu falecimento, em 1945.

Durante a administração de seus sucessores, George Albert Smith, David O. McKay, Joseph Fielding Smith e Harold B. Lee, fui secretário da Primeira Presidência; e tenho servido como Autoridade Geral desde 1970, com os Presidentes Joseph Fielding Smith, Harold B. Lee, Spencer W. Kimball e Ezra Taft Benson. Durante esse tempo, estes homens foram apoiados pela Igreja como profetas, videntes e reveladores. Sempre que o evangelho esteve na terra, houve profetas de Deus, homens portadores do sacerdócio de Deus, através dos quais o Senhor transmitiu sua vontade.

Que gloriosa bênção tem sido servir com os profetas e seus companheiros! Penso nas Autoridades Gerais, hoje. Posso testificar-vos que são verdadeiramente homens de Deus. Quando nos reunimos no quorum ou

outras reuniões, com esses Irmãos, o Espírito do Senhor se manifesta em larga escala, especialmente quando nos reunimos no templo.

E o que dizer a respeito do Profeta Joseph Smith? Acreditais que ele foi um Profeta? Desejo testificar-vos que talvez ele tenha sido o maior Profeta que jamais existiu, exceto, naturalmente, o Salvador. Ele deu ao mundo um conhecimento da verdade e do Deus vivo. Através de Joseph, o Senhor introduziu esta dispensação, a maior de todas, a dispensação da plenitude dos tempos. João Batista restaurou as chaves do Sacerdócio Aarônico, e Pedro, Tiago e João, restauraram as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque. Joseph viu o Pai e o Filho, e, na dedicação do Templo de Kirtland, Moisés, Elias e Elaiás apareceram-lhe, restaurando e entregando-lhe as chaves de dispensações anteriores. Esta é a última dispensação, um tempo de preparação

para a vinda do Senhor Jesus Cristo em glória, para a sua segunda vinda. A Joseph Smith foram conferidas as chaves para levar a mensagem de vida e salvação aos vivos e aos mortos.

Este é um trecho da carta que Joseph Smith escreveu em 1842 ao Sr. John Wentworth, de Chicago:

“Não há mão impura que possa deter o progresso da obra; perseguições poderão aumentar, turbas combinar-se, exércitos reunirem-se, a calúnia difamar, mas a verdade de Deus irá avante intrépida, nobre, independente, até penetrar todo continente, visitar todo clima, varrer cada país, soar em cada ouvido, até que os propósitos de Deus sejam realizados, e o Grande Jeová afirme que o trabalho está terminado” (*History of the Church*, 4:540).

Aqueles que sucederam ao Profeta Joseph Smith receberam estas mesmas chaves que eu mencionei. Cada um dos Irmãos, Autoridades Gerais, foi chamado por Deus, por profecia e pela imposição das mãos, por aqueles que têm autoridade para pregar o evangelho e ministrar as suas ordenanças. Eles são separados de todos os outros homens da terra. São autorizados, por ordenação, a fazerem coisas que nenhum outro homem sobre a terra pode fazer.

Certa ocasião, o Presidente Lee afirmou que assim como as águas são mais puras junto a sua fonte, na



montanha, a palavra mais pura de Deus, aquela que tem menos probabilidades de ser poluída, é a que vem dos lábios dos profetas vivos, designados para guiar Israel em nossos dias.

Que grande profeta é nosso atual Presidente, Ezra Taft Benson, que, com seus conselheiros, o Conselho dos Doze, outras Autoridades Gerais e outros líderes inspirados, está dirigindo a obra de Deus, sob a inspiração e revelação do Senhor Jesus Cristo, que é nosso Salvador e Redentor.

Tive a boa sorte e a bênção de travar conhecimento com todos os Presidentes da Igreja.

Durante o tempo em que trabalhei com o Presidente Grant, nós viajamos muito, juntos — certas ocasiões indo de trem para Nova York e outros lugares, permanecendo juntos no mesmo compartimento do trem, às vezes por vários dias.

O Presidente Grant tornou-se Apóstolo nos dias de John Taylor, que estava na Cadeia de Carthage com o Profeta Joseph Smith, por ocasião do seu martírio. O Presidente Grant conheceu Brigham Young, Orson Pratt, Wilford Woodruff, Lorenzo Snow, e outros que serviram como Apóstolos durante a liderança do Profeta Joseph. O Presidente Grant relatou-me, em várias oportunidades, testemunhos e experiências desses grandes homens em relação ao Profeta Joseph, assim como as manifestações que eles tiveram, pessoalmente.

Foi meu privilégio, também, ter sob minha guarda os registros das reuniões de conselho das Autoridades Gerais realizadas no templo, reuniões essas que mais tarde registrei durante meus muitos anos como secretário. Sim, conheci todos esses Irmãos, num sentido muito real.

O Salvador, orando ao nosso Pai Celestial pouco antes de sua crucificação, disse: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3).

Estes Irmãos, a quem me referi, conhecem Deus e Jesus Cristo, a quem ele enviou.

Sei que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que estes Irmãos que eu mencionei foram e são verdadeiros profetas do Deus vivo e serviram e servem sob a direção do Senhor, que é o verdadeiro cabeça da Igreja. Digo isto em nome de nosso Senhor, Jesus Cristo. Amém.

## A CORAGEM CONTA

Presidente Thomas S. Monson  
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

*“Tenhamos a coragem de desafiar o consenso, a coragem de defender princípios.”*



Esta noite, os portadores do sacerdócio lotam o Tabernáculo na Praça do Templo, espalham-se pelas salas adjacentes e estão reunidos em capelas e salas, que vão desde o enorme Marriott Center, na Universidade Brigham Young, até o menor edifício, localizado a muitos quilômetros de distância. Todos vós viestes para ser edificados, instruídos e inspirados. Uma das palavras favoritas de minha neta de nove anos, descreve a responsabilidade de falar para tão vasta multidão: *terrível!*

Peço vossas orações; necessito de vossa fé; e suplico a nosso Pai Celestial o nobre atributo da coragem, pois sei que *a coragem conta!*

Esta verdade me foi ensinada de maneira vívida e dramática, cerca de trinta e um anos atrás. Eu servia como bispo. A sessão geral de nossa conferência de estaca estava sendo realizada na capela. A presidência de nossa estaca ia ser reorganizada. O Sacerdócio Aarônico, incluindo os membros dos bispados, fora encarregado da música para a conferência. Quando terminamos de cantar o primeiro hino, o Presidente Joseph Fielding Smith, orador visitante, dirigiu-se ao púlpito e leu, para apoio dos presentes, os nomes dos

componentes da nova presidência da estaca. Tenho certeza de que os outros membros da presidência da estaca haviam sido avisados de seu chamado, mas eu não. Depois de ler o meu nome, o Presidente Smith anunciou: “Se o Irmão Monson estiver feliz com este chamado, teremos o prazer de ouvi-lo.”

Quando fiquei no púlpito e contemplei aquele mar de rostos, lembrei-me de uma música que acabáramos de cantar. O título era “Tenha Coragem, Rapaz, de Dizer Não”. Naquele dia, escolhi como tema de minha aceitação, “Tenha Coragem, Rapaz, de Dizer Sim”.

A jornada da vida não é feita em uma rodovia de alta velocidade (auto-estrada) sem obstáculos, armadilhas ou ciladas. Pelo contrário, é um caminho marcado por encruzilhadas e curvas. Defrontamo-nos constantemente com decisões. Para tomá-las com prudência, é preciso coragem — a coragem de dizer *não*, a coragem de dizer *sim*. As decisões determinam nosso destino.

A convocação à coragem, atinge constantemente cada um de nós. Sempre foi assim, e sempre será assim. Os campos de batalha testemunham atos de bravura. Alguns aparecem nas páginas de livros ou em rolos de filmes, enquanto que outros ficam indelevelmente impressos no coração humano.

A coragem de um líder militar foi registrada por um rapaz da infantaria, usando a farda cinza da Confederação, durante a guerra civil americana. Ele descreve a influência do General J. E. B. Stuart, com estas palavras: “Num ponto crítico da batalha, ele saltou com seu cavalo por cima das defesas, perto da minha companhia, e quando alcançou um ponto mais ou menos no centro da brigada, enquanto os homens o saudavam animadamente, apontou a mão em direção ao inimigo e gritou: “Para a frente, homens, para a frente! Sigam-me!”

Os homens ficaram loucos de entusiasmo. Com resolução e coragem, passaram por cima das defesas como uma torrente incontrollável, e o objetivo

foi tomado e mantido” (Emery M. Thomas, *Bold Dragoon: The Life of J. E. B. Stuart.*)

Numa época anterior, numa terra muito distante, outro líder fez o mesmo apelo: “Vinde após mim” (Mateus 4:19). Ele não era um general de guerra. Pelo contrário, era um Príncipe da Paz, o Filho de Deus. Aqueles que o seguiram então, e aqueles que o seguem agora, conquistam uma vitória muito mais significativa, com conseqüências eternas. Mas a necessidade de coragem é constante. A coragem sempre é requerida.

As sagradas escrituras retratam a evidência desta verdade. José, filho de Jacó, o mesmo que foi vendido ao Egito, demonstrou a firme decisão da coragem, quando disse à mulher de Potifar que tentou seduzi-lo: “Como... faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus? E... não lhe dando ele ouvidos” saiu (Gênesis 39:9-10).

Em nossos dias, um pai aplicou este exemplo de coragem à vida de seus filhos, dizendo-lhes: “Se algum dia se encontrarem num lugar onde não deveriam estar, saiam!”

O Profeta Daniel demonstrou coragem suprema defendendo o que ele sabia ser justo, e demonstrando a coragem de orar, embora ameaçado de morte se o fizesse (ver Daniel 6).

Coragem caracterizou a vida de Abinadi, como mostrado no Livro de Mórmon, que ofereceu a vida a fim de não negar a verdade. (Ver Mosiah 11:20; 17:20.)

Quem pode deixar de sentir-se inspirado pela vida dos dois mil jovens filhos de Helamã, que ensinaram e demonstraram a necessidade da coragem para seguir os ensinamentos de seus pais, a coragem de ser castos e puros? (Ver Alma 56.)

Talvez todos esses eventos sejam coroados pelo exemplo de Morôni, que teve a coragem de perseverar até o fim em retidão. (Ver Morôni 1-10.)

Todos se fortaleceram com as palavras de Moisés: “Esforçai-vos, e animai-vos; não temais, nem vos espanteis... porque o Senhor teu Deus é o que vai contigo: não te deixará nem te desampará” (Deuterônimo 31:6). Ele não os desamparou. Ele não os abandonou. Ele não os abandonará.

Foi este conhecimento que impulsionou a coragem de Colombo — a decisão serena de registrar no diário de seu navio, dia após dia: “Hoje, continuamos a navegar.” Foi este



testemunho que motivou o Profeta Joseph a declarar: “Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão” (D&C 135:4).

É esta doce segurança que pode guiar a vós e a mim — em nossa época, em nossos dias, em nossa vida. Naturalmente enfrentaremos o medo, passaremos por ridículo, e encontraremos oposição. Tenhamos a coragem de desafiar o consenso, a coragem de defender princípios. Coragem, não a transigência, provoca o sorriso aprovador de Deus. A coragem se torna uma virtude viva e atraente quando é considerada não apenas como a disposição de morrer bravamente, mas como a determinação de viver decentemente. Um covarde moral é aquele que tem medo de fazer o que acha ser correto porque os outros irão desaprová-lo ou rir dele. Lembrai-vos de que todos os homens têm temores, mas aqueles que enfrentam tais temores com dignidade, também são corajosos.

Permiti-me relatar-vos dois exemplos, tirados de minha cronologia pessoal de coragem: um do serviço militar; outro, uma experiência missionária.

Entrar para a Marinha dos Estados Unidos nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial, foi uma grande experiência para mim. Tive conhecimentos de atos de bravura, atos de valor e exemplos de coragem. Uma das coisas de que mais me recordo, é a coragem de um marinheiro de dezoito anos — não pertencia à nossa fé — que não tinha orgulho demais para orar.

Dos 250 homens da companhia, ele era o único que, todas as noites, se ajoelhava junto à cama, às vezes em meio à zombaria dos curiosos e às pilhérias dos descrentes, e, com a cabeça baixa, orava a Deus. Ele nunca hesitou. Ele nunca falhou. Ele tinha coragem.

A obra missionária exige coragem. Um que respondeu a este chamado foi Randall Ellsworth. Enquanto servia na Guatemala, como missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Randall Ellsworth sobreviveu a um devastador terremoto, que derrubou uma viga em suas costas, paralisando-lhe as pernas e prejudicando-lhe seriamente os rins. Ele foi o único americano ferido no terremoto, que tirou a vida de cerca de dezoito mil pessoas.

Após receber tratamento médico de emergência, mandaram-no de avião para um grande hospital perto de sua casa, em Rockville, Maryland. Enquanto Randall estava internado lá, foi entrevistado por um repórter de televisão, e tive o prazer de assistir a essa entrevista, graças ao milagre da tecnologia. O repórter perguntou-lhe: “Você pode andar?”

A resposta: “Ainda não, mas vou conseguir.”

“Acha que conseguirá terminar a missão?”

A resposta: “Outras pessoas acham que não, mas eu vou conseguir. Com o presidente da minha Igreja orando por mim, e pelas orações de minha família, meus amigos e meus companheiros de

missão, caminharei, e voltarei novamente à Guatemala. O Senhor deseja que eu pregue o evangelho lá durante dois anos, e é isso que pretendo fazer.”

Seguiu-se um longo período de terapia, pontuado de uma coragem heróica, mas silenciosa. Pouco a pouco, a vida começou a voltar aos membros quase mortos. Mais terapia, mais coragem, mais oração.

Finalmente, Randall Ellsworth caminhou para o avião que o levaria de volta ao campo missionário para o qual havia sido chamado — para o povo a quem amava. Atrás de si deixou uma trilha de céticos, e um exército de duvidosos, mas também centenas de pessoas maravilhadas diante do poder de Deus, do milagre da fé, e do exemplo de coragem.

Ao voltar para a Guatemala, Randall Ellsworth apoiava-se em duas bengalas. Caminhava lentamente e com deliberação. Então, um dia, quando estava diante do presidente de missão, Elder Ellsworth ouviu estas palavras quase inacreditáveis, dirigidas a ele: “Você foi o recipiente de um milagre”, disse o presidente de missão. “Sua fé foi recompensada. Se tiver a confiança necessária, a fé persistente, se tiver coragem suprema, coloque essas duas bengalas na minha mesa, e ande.”

Após uma longa pausa, primeiro uma bengala, e depois a outra foram colocadas na mesa, e o missionário caminhou. Foi difícil, foi doloroso — mas ele andou, jamais tornando a necessitar das bengalas.

Nesta primavera pensei uma vez mais na coragem demonstrada por Randall Ellsworth. Passaram-se anos. Ele agora é marido e pai. Um comunicado chegou ao meu escritório. Dizia: “O Presidente e Diretores da Universidade de Georgetown anunciam o início do ano letivo da Escola de Medicina da Universidade de Georgetown.” Randall Ellsworth recebeu grau de doutor em medicina. Mais esforços, mais estudos, mais fé, mais sacrifícios, mais coragem haviam sido requeridos. O preço foi pago, a vitória conquistada.

Meus irmãos, sejamos participantes ativos — não apenas simples espectadores — no palco do poder do sacerdócio. Que possamos reunir coragem nas encruzilhadas, coragem para os conflitos, coragem para dizer *não*, coragem para dizer *sim*, pois a *coragem conta*. E eu testifico desta verdade, em nome de Jesus Cristo. Amém.

# A GUERRA QUE ESTAMOS VENCENDO

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

*É uma guerra “empreendida por questões de amor e respeito, de lealdade e fidelidade, de obediência e integridade. Nós todos estamos envolvidos nela.”*



Por meio da imprensa, outro dia, observei que a guerra entre Irã e Iraque já dura sete anos. Ninguém poderá jamais calcular o terrível sofrimento que acompanha esse conflito. Dezenas de milhares de vidas foram perdidas. Os horribes ferimentos de guerra deixaram corpos mutilados e mentes destruídas. Famílias ficaram sem pais. Rapazes que foram recrutados como soldados, morreram em grande número, enquanto aqueles que ainda permanecem vivos, tiveram sua própria natureza permeada de um ódio que jamais os abandonará. As riquezas das nações envolvidas foram devastadas e nunca mais serão recuperadas.

Para nós, que observamos de tão longe, parece um desperdício desnecessário de vidas humanas e de recursos nacionais. Sete anos é um longo tempo. E perguntamos: “Será que terminará algum dia?”

Mas existe uma outra guerra sendo travada desde antes da criação do mundo, e que provavelmente continuará ainda por muito tempo.

João, o Revelador, fala sobre essa luta:

“E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos;

Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.

E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.” (Apocalipse 12:7-9.)

A guerra, tão amarga, tão intensa, continuou, e jamais deixou de existir. É a guerra entre a verdade e o erro, entre o livre-arbítrio e a compulsão, entre os seguidores de Cristo e aqueles que o negaram. Seus inimigos usaram todos os estratagemas possíveis nesse conflito. Dedicaram-se à mentira e ao engodo. Empregaram dinheiro e riquezas. Iludiram a mente dos homens. Assassinararam e destruíram, e entregaram-se a todos os outros tipos de práticas profanas e impuras, a fim de frustrar a obra de Cristo.

Tudo começou na terra quando Caim matou Abel. O Velho Testamento encontra-se repleto de relatos da mesma luta eterna.

Expressou-se nas vis acusações contra o Homem da Galiléia, o Cristo, que curava os doentes e edificava os corações e a esperança dos homens, aquele que ensinava o evangelho de paz. Seus inimigos, motivados por esse poder maligno, prenderam-no e o torturaram, pregaram-no na cruz e zombaram dele. Mas pelo poder divino que havia nele, venceu a morte que seus inimigos lhe haviam infligido, e, por seu sacrifício, trouxe a salvação da morte a todos os homens.

Essa guerra eterna continuou na deterioração da obra que ele estabelecera, na corrupção que mais tarde a infestou, quando as trevas

cobriram a terra, e a escuridão aos povos (ver Isaías 60:2).

Mas as forças de Deus não podiam ser conquistadas. A luz de Cristo tocou o coração de um homem aqui, e de um outro ali, e um grande bem foi realizado, apesar da opressão e sofrimento.

Chegou a época da renascença, com lutas pela liberdade — lutas pelas quais muito sangue e muitos sacrifícios foram pagos. O Espírito de Deus moveu-se sobre os homens, para fundarem uma nação onde a liberdade de adoração, a liberdade de expressão e o livre-arbítrio fossem protegidos. Aconteceu, então, a abertura da dispensação da plenitude dos tempos, com uma visita de Deus, o Pai Eterno, e seu Filho Amado, o Senhor Jesus Cristo ressuscitado, à terra. Este glorioso evento foi seguido por visitas de anjos que restauraram as antigas chaves e o sacerdócio.

Mas a guerra não cessara. Foi renovada e redirecionada. Houve desacato, houve perseguição. Houve expulsão, de um lugar para outro. Houve o assassinio do jovem profeta de Deus e de seu querido irmão.

Nosso povo abandonou os lares, as casas confortáveis, as fazendas, os campos, as lojas, o belo templo construído com tremendos sacrifícios. Eles vieram para estes vales, milhares deles morrendo ao longo do caminho. Vieram, como disse o Presidente Brigham Young, para estabelecer um lugar onde “O Demônio não possa vir e nos expulsar”.

Mas o adversário jamais deixou de tentar. Noventa anos atrás, na conferência de outubro de 1896, o Presidente Wilford Woodruff, então um homem idoso, de pé onde estou hoje neste Tabernáculo, disse:

“Há dois poderes na terra e no meio dos habitantes da terra — o poder de Deus e o poder do demônio. Em nossa história temos tido experiências muito peculiares. Quando Deus tem um povo na terra, não importa em que época, Lúcifer, o filho da manhã, e os milhões de espíritos decaídos que foram expulsos do céu, guerreiam contra Deus, contra Cristo, contra o trabalho de Deus, e contra o povo de Deus. E não estão hesitantes nos dias de hoje e em nossa geração. Sempre que o Senhor estende a mão para realizar qualquer obra, esses poderes lutam para destruí-la.” (*Deseret Evening News*, 17 de outubro de 1896.)

O Presidente Woodruff sabia do que estava falando. Ele acabara de passar



por aquele período difícil e perigoso, em que o governo da nação se voltara contra nosso povo, determinado a destruí-lo. Os edifícios aqui da Praça do Templo, este tabernáculo no qual nos reunimos hoje, e o templo em construção naquela época, foram confiscados pelo governo federal. Muitos cidadãos foram privados de seus direitos civis. Mas, com fé, seguiram adiante. Continuaram. Colocaram sua confiança no Todo-Poderoso e ele lhes revelou o caminho a seguir. Com fé aceitaram essa revelação e caminharam em obediência.

Mas a guerra não terminou. Ela só amenizou um pouco, e somos gratos por isso. Não obstante, o adversário da

verdade continuou sua luta.

Apesar da força atual da Igreja, parece que somos constantemente alvo do ataque de um lado ou de outro. Mas continuamos avançando. Precisamos ir avante. Temos avançado e continuaremos avançando. Em algumas épocas, os problemas são grandes. Em outras, são apenas conflitos locais. Mas tudo faz parte do mesmo esquema.

Dentro de alguns dias vamos dedicar o belo Templo de Denver.

Quando foi anunciado que iríamos construir um templo naquela cidade e escolhemos o local onde seria erguido, houve oposição. Desistimos daquele local e tentamos outro. Novamente fomos impedidos. Mas estávamos



determinados a ir adiante, colocando nossa confiança no Senhor, sabendo que iria guiar-nos a fim de cumprirmos seus propósitos. Dois outros terrenos alternativos foram escolhidos. Naquela época, o Presidente Kimball e o Presidente Romney estavam ambos doentes, e a minha responsabilidade era muito grande. Perguntei ao Presidente Benson, então Presidente do Conselho dos Doze, se poderíamos ir juntos a Denver, e lá, com Elder Russell Taylor, examinamos os terrenos. Presto-vos testemunho de que fomos guiados pelo Espírito ao escolher o terreno no qual se encontra agora aquela bela construção. Ela será dedicada no final deste mês, como uma casa de Deus.

Deveríamos esperar que o adversário da retidão procurasse prejudicar sua construção e a obra a ser realizada lá. Foi assim que ele agiu nos dias de Kirtland, quando os inimigos ameaçaram derrubar as paredes que estavam sendo levantadas. Foi assim nos dias de Far West, quando os inimigos expulsaram nosso povo do Estado de Missouri. O mesmo aconteceu em Nauvoo, de onde fomos expulsos mal terminada a construção do templo. Foi assim nesta Praça do Templo quando, durante os quarenta anos de sua construção, houve uma ameaça após outra. Poderia descrever problemas ocorridos em outros lugares, onde hoje se ergue ou onde se erguerá uma bela casa de Deus.

A oposição não surgiu apenas na construção de templos. Tem sido sentida nos esforços infatigáveis de muitos, tanto dentro quanto fora da

Igreja, com o fim de destruir a fé, de humilhar, de diminuir, de prestar falso testemunho, de tentar atrair nosso povo, induzindo-o a práticas inconsistentes com os ensinamentos e padrões desta obra de Deus.

Irmãos, a guerra continua. É agora como foi no início. Talvez não com a mesma intensidade, e sou grato por isso. Mas os princípios em questão são os mesmos. As vítimas que caem são tão preciosas quanto as que caíram no passado. É uma batalha sem fim. Nós, do sacerdócio, fazemos parte do exército do Senhor. Nós precisamos ser unidos. Um exército desorganizado não será vitorioso. É imperativo que cerremos fileiras, que marchemos juntos como se fôssemos um só. Não podemos ter divisões entre nós e esperar vitória. Não podemos ser desleais e esperar unidade. Não podemos ser impuros e esperar o auxílio do Todo-Poderoso.

Vós, jovens que estais aqui; vós, diáconos, mestres e sacerdotes, todos fazeis parte disto. O Senhor vos conferiu, nos ofícios do sacerdócio, o dever de pregar o evangelho, de ensinar a verdade, de incentivar os fracos para que sejam fortes, de “convidar todos para vir a Cristo” (D&C 20:59).

Vós não vos podeis dar ao luxo de participar de coisas que enfraqueçam a mente e o corpo. Isto inclui cocaína, “crack”, álcool, tabaco. Não vos podeis envolver em atividades imorais. Não podeis fazer tais coisas e ser valorosos como guerreiros, na causa do Senhor, no grande e eterno combate dos filhos de nosso Pai.

Vós, homens do Sacerdócio de Melquisedeque, não podeis ser infiéis ou desleais para com a esposa, a família, as responsabilidades no sacerdócio, se desejardes ser valorosos, levando avanti a obra do Senhor, nesta grande batalha pela verdade e salvação. Não podeis ser desonestos e inescrupulosos nos negócios, sem que empaneis o brilho de vossa armadura.

Em nossas reuniões, ocasionalmente cantamos um velho hino:

*Quem segue ao Senhor?  
Hoje podemos ver;  
Clamemos sem temor,  
Quem segue ao Senhor?  
A guerra é real.  
O príncipe do mal  
Combate com furor  
Quem segue ao Senhor?  
(Hinos, 132)*

Recebi uma carta de um amigo que vive no leste do país, outro dia, na qual me relatou a conversa que tivera com outro membro da Igreja. Ele perguntara a essa pessoa, se se sentia próxima do Pai Celestial. Respondeu que não. Por que não? Ele disse: “Sinceramente, porque não quero.” Depois continuou: “Se eu estivesse perto do Pai Celestial, provavelmente ele exigiria algum compromisso de minha parte, e não estou preparado para isso.”

Pensem nisso — um homem que tomou sobre si o nome do Senhor, no batismo; um homem que renovou seus convênios com o Senhor nas reuniões sacramentais; um homem que aceitou o sacerdócio de Deus, e ainda assim, diz que se estivesse próximo do Pai Celestial, algo poderia ser esperado dele, e não estava pronto para tal.

Neste trabalho é preciso haver compromisso. É preciso haver devoção. Estamos empenhados numa grande luta eterna, que concerne a todas as almas dos filhos e filhas de Deus. Não estamos perdendo. Estamos vencendo. Continuaremos a vencer, se formos fiéis e leais. *Podemos fazê-lo. Precisamos fazê-lo. Nós o faremos.* Não há nada que o Senhor nos tenha pedido, que, com fé, não possamos realizar.

Penso nos filhos de Israel, quando saíram do Egito. Acamparam junto ao Mar Vermelho. Olhando para trás, viram o Faraó e seus exércitos vindo em sua direção para destruí-los. Encheram-se de medo. Com os exércitos atrás deles e o mar em frente, gritaram aterrorizados.

“Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos e vede o livramento

do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre.

O Senhor pelejará por vós e vos calareis.

Então disse o Senhor a Moisés:... Dize aos filhos de Israel *que marchem.*” (Êxodo 14:13-15; grifo nosso.)

O mar abriu-se e os filhos de Israel partiram para sua salvação. Os egípcios os seguiram para sua própria destruição.

Também nós, não deveríamos marchar com fé? Ele que é nosso eterno líder, o Senhor Jesus Cristo, desafiou-nos em palavras de revelação. Ele disse:

“Portanto, erguei os vossos corações e rejubilai, cingi os vossos lombos e tomai sobre vós toda a minha armadura para que possais resistir ao mau dia...

Permaneça firmes, portanto, tendo os vossos lombos cingidos com a verdade, vestida a couraça da retidão e calçados os vossos pés com a preparação do evangelho da paz que, para vo-lo confiar, enviei os meus anjos;

Tomando o escudo da fé com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno;

Tomai o capacete de salvação e a espada do meu Espírito... e sede fiéis até que eu venha, para que onde eu esteja possais vós também estar.” (D&C 27:15-18.)

A guerra continua. É travada pelo mundo, a respeito de questões como livre-arbítrio e compulsão. É travada por um exército de missionários acerca da verdade e do erro. É travada em nossa vida, dia após dia, em nossos lares, no trabalho, na escola; é empreendida por questões de amor e respeito, de lealdade e fidelidade, de obediência e integridade. Nós todos estamos envolvidos nela — homens e meninos, cada um de nós. Estamos vencendo, e o futuro nunca pareceu mais esplendoroso.

Deus nos abençoe, amados irmãos do sacerdócio, no trabalho que tão claramente se descortina a nossa frente. Que sejamos fiéis. Que sejamos valorosos. Que possamos ter coragem de corresponder à confiança que Deus depositou em nós. Que sejamos destemidos. “Porque (para citar as palavras de Paulo a Timóteo), Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação.

Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor” (II Timóteo 1:7-8).

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

# CARACTERÍSTICAS DIVINAS DO MESTRE

Presidente Ezra Taft Benson

*“Se verdadeiramente nos tornarmos participantes da natureza divina, seremos semelhantes a ele.”*



**M**eus amados irmãos: Esta noite, ao contemplar este grande corpo de portadores do sacerdócio, e pensando nas congregações semelhantes por todo o mundo, sinto-me cheio de gratidão e alegria pelas bênçãos que nosso Pai Celestial nos concedeu.

O privilégio de ser portador do sacerdócio, que é o poder e autoridade para agir em nome de Deus, é uma grande bênção e um enorme privilégio, que traz consigo obrigações e responsabilidades igualmente grandes. Quando medito no tipo de homem e de rapaz que devemos ser, como portadores do sacerdócio, não posso deixar de pensar nas perguntas que o Salvador fez aos doze nefitas quando inquiriu: “Portanto, que classe de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou” (3 Néfi 27:27).

Ser como o Salvador — que desafio para qualquer pessoa! Ele é um membro da Trindade. Ele é o Salvador e Redentor. Ele foi perfeito em todos os aspectos de sua vida. Não havia falha ou defeito nele. É possível sermos nós, como portadores do sacerdócio, assim como ele é? A resposta é sim. Não

apenas *podemos*, mas esse é o nosso encargo, a nossa responsabilidade. Ele não nos daria tal mandamento se não nos fosse possível cumpri-lo.

O Apóstolo Pedro falou sobre o processo pelo qual a pessoa pode tornar-se “participante da natureza divina” (II Pedro 1:4). Isto é importante, pois se verdadeiramente nos tornarmos participantes da natureza divina, seremos semelhantes a ele. Vamos examinar atentamente o que Pedro nos ensina acerca de tal processo. Ele disse:

“Pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência,

E à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade,

E à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade” (II Pedro 1:5-7).

As virtudes mencionadas por Pedro fazem parte da natureza divina, ou do caráter do Salvador. São virtudes que devemos imitar, a fim de nos tornarmos mais semelhantes a ele. Vamos falar de algumas dessas importantes características.

A primeira delas, à qual todas as outras são acrescentadas, é a *fé*. Fé é o alicerce sobre o qual se constrói um caráter semelhante ao de Deus. É um pré-requisito para todas as outras virtudes.

Quando penso em como demonstramos nossa fé, não posso deixar de me lembrar do exemplo de meu próprio pai. Lembro-me vividamente como o espírito da obra missionária penetrou em minha vida. Eu tinha cerca de treze anos de idade, quando meu pai recebeu um chamado para sair em missão. Foi durante uma epidemia em nossa pequena comunidade de Whitney, em Idaho. Os pais eram incentivados a comparecer à reunião sacramental, mas as crianças deviam permanecer em casa, a fim de



Cannon Neslen, o jovem cuja queda em uma fenda glacial foi contada pelo Elder David B. Haight na sessão do sacerdócio.

não contraírem a moléstia. Papai e mamãe iam à reunião sacramental numa charrete. No final da reunião o dono do armazém abria a loja o tempo suficiente para os fazendeiros apanharem sua correspondência, uma vez que o correio era na própria loja. Não faziam compras, mas, desta forma, os fazendeiros economizavam uma viagem ao correio na segunda-feira. Naqueles dias, não havia entrega postal rural.

Enquanto papai conduzia a charrete, mamãe foi abrindo a correspondência, e para sua surpresa, havia uma carta da Caixa B, em Lago Salgado — um chamado para a missão. Ninguém perguntava se a pessoa estava preparada, tinha desejo ou mesmo condições de ir. O bispo devia saber, e o bispo era vovô George T. Benson, o pai de meu pai.

Quando mamãe e papai entraram no jardim, estavam os dois chorando — algo que nós jamais víamos acontecer em nossa família. Cercamos a charrete — éramos em sete — e perguntamos o que havia acontecido.

Eles disseram: “Está tudo bem.”

“Então por que vocês estão chorando?” perguntamos.

“Vamos para a sala, e nós explicaremos.”

Reunimo-nos ao redor do velho sofá, na sala de visitas, e papai nos falou sobre o chamado que recebera. Então mamãe disse: “Estamos orgulhosos por papai ser considerado digno de cumprir missão. Estamos chorando um pouco porque isso significa dois anos de separação. Vocês sabem, seu pai e eu nunca nos separamos mais do que duas noites, desde o nosso casamento — e isso quando papai ia à floresta buscar madeira, estacas e lenha.”

E assim, papai partiu para a missão.

Embora na ocasião eu não compreendesse plenamente a profundidade do compromisso de meu pai, entendo melhor agora que a boa vontade em aceitar aquele chamado era evidência de sua grande fé. Todo portador do sacerdócio, seja jovem ou idoso, deve esforçar-se para desenvolver esse tipo de fé.

Pedro continua, dizendo que nós devemos acrescentar *virtude* à nossa fé. O comportamento virtuoso importa em pensamentos puros e ações limpas. A pessoa não cobiça em seu coração, pois isso significaria negar a fé e perder o Espírito (ver D&C 42:23) — e não existe nada mais importante neste trabalho, do que o Espírito. Já me ouvistes dizer isto muitas vezes.

A pessoa não cometerá adultério, nem “coisa alguma semelhante” (D&C 59:6). Isto significa fornicação, comportamento homossexual, masturbação, abuso de crianças ou qualquer outra perversão sexual. Isto significa que o rapaz deve honrar as moças e tratá-las com respeito. Ele jamais faria qualquer coisa para privá-las do que, segundo as palavras de Mórmon, “é mais caro e precioso sobre todas as coisas, ou seja, a castidade e a virtude” (Morôni 9:9).

A virtude é parente da santidade, um atributo divino. O portador do sacerdócio deve buscar ansiosamente aquilo que é virtuoso e amável, e não aquilo que é degradante e sórdido. A virtude adornará seu pensamento incessantemente (ver D&C 121:45). Como pode qualquer homem ceder aos males da pornografia, da linguagem indecorosa ou da vulgaridade, e ainda considerar-se totalmente virtuoso?

Sempre que um portador do sacerdócio se afasta do caminho da virtude em qualquer forma ou

expressão, ele perde o Espírito e se coloca sob o poder de Satanás. Então, passa a receber o salário daquele a quem escolheu servir.

Conseqüentemente, às vezes a Igreja precisa tomar providências disciplinares, pois não podemos tolerar ou perdoar atos indignos, dos quais a pessoa não se arrependeu. Todos os portadores do sacerdócio precisam ser moralmente limpos, a fim de serem dignos de portar a autoridade de Jesus Cristo.

O próximo passo que Pedro descreve no processo de desenvolvimento é o acréscimo de *conhecimento* à nossa fé e virtude. O Senhor nos disse que “é impossível ao homem ser salvo em ignorância” (D&C 131:6). Em outra ocasião, Deus ordenou: “Nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé” (D&C 88:118). Todo portador do sacerdócio deve fazer do aprendizado um projeto de vida. Embora qualquer estudo da verdade tenha valor, as verdades de salvação são as mais importantes que qualquer pessoa pode aprender. A pergunta do Senhor “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” (Mateus 16:26), pode ser aplicada à busca da educação, da mesma forma que é aplicada aos bens materiais. O Senhor poderia também ter perguntado: “Pois que aproveita ao homem ganhar todo o conhecimento do mundo e não aprender como ser salvo?”

Precisamos equilibrar nossa aprendizagem secular e nossa aprendizagem espiritual. Vós, jovens, deveis desejar matricular-vos no seminário e aprender as escrituras, da mesma forma que desejais obter vosso diploma na escola. Os jovens adultos, que freqüentam universidades ou que fazem pós-graduação, devem beneficiar-se dos cursos do instituto. Unir nossa educação espiritual ao aprendizado secular, ajuda-nos a nos concentrarmos nas coisas que mais importam na vida. Embora eu esteja falando convosco, portadores do sacerdócio, a mesma advertência se aplica às mulheres da Igreja, além dos homens.

O Presidente J. Reuben Clark, Jr. pronunciou-se a respeito deste equilíbrio desejável, nas seguintes palavras: “Existe aprendizado espiritual, assim como aprendizado material, e um não é completo sem o outro; entretanto, falando por mim, se pudesse escolher



*Presidente Ezra Taft Benson fala na sessão do sacerdócio.*



# AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

## A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Presidente Gordon B. Hinckley  
Primeiro Conselheiro



Presidente Ezra Taft Benson



Presidente Thomas S. Monson  
Segundo Conselheiro

## O QUORUM DOS DOZE



Marion G. Romney



Howard W. Hunter



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Joseph B. Wirthlin

## PRESIDÊNCIA DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



Dean L. Larsen



Richard G. Scott



Marion D. Hanks



Wm. Grant Bangerter



Jack H. Goaslind



Robert L. Backman



Hugh W. Pinnock

MEMBROS ADICIONAIS DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



A. Theodore Tuttle



Franklin D. Richards



Theodore M. Burton



Paul H. Dunn



Hartman Rector, Jr.



Loren C. Dunn



Robert L. Simpson



Rex D. Pinegar



J. Thomas Fyans



Adney Y. Komatsu



Gene R. Cook



Charles Didier



William R. Bradford



George P. Lee



Carlos E. Asay



John H. Groberg



Jacob de Jager



Vaughn J. Featherstone



Royden G. Derrick



Robert E. Wells



James M. Paramore



F. Enzo Busche



Yoshihiko Kikuchi



Ronald E. Poelman



Derek A. Cuthbert



Rex C. Reeve



F. Burton Howard



Ted E. Brewerton



Angel Abrea



John K. Carmack



Russell C. Taylor



Robert B. Harbertson



Devere Harris



Spencer H. Osborn



Philip T. Sonntag



John Sonnenberg



F. Arthur Kay



Keith W. Wilcox



Victor L. Brown



H. Burke Peterson



J. Richard Clarke



Hans B. Ringger



Waldo P. Call



Helio R. Camargo



H. Verlan Andersen



George I. Cannon



Francis M. Gibbons



Gardner H. Russell

O BISPADO PRESIDENTE



Henry B. Eyring  
Primeiro Conselheiro



Robert D. Hales  
Bispo Presidente



Glenn L. Pace  
Segundo Conselheiro

Patriarch



Eldred G. Smith



Sterling W. Sill



Henry D. Taylor



Bernard P. Brockbank



Joseph Anderson



John H. Vandenberg

AUTORIDADES GERAIS EMÉRITAS

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



*Presidente Ezra Taft Benson compartilha de um momento caloroso com o Presidente Thomas S. Monson.*



*Todas as Autoridades Gerais, exceto duas, estavam presentes nesta conferência geral. Presidente Marion G. Romney não pode comparecer devido ao seu estado de saúde, e Elder J. Richard Clarke permaneceu na África do Sul, onde está servindo como presidente de missão.*

apenas um tipo de saber, escolheria aquele do espírito, pois na eternidade terei a oportunidade de adquirir o outro, e sem o saber espiritual aqui, minhas deficiências no futuro eterno seriam enormes” (em Conference Report, abril de 1934, p. 94).

O Presidente Spencer W. Kimball disse-o desta forma: “Jovens, amados jovens, podeis perceber por que precisamos permitir que o treinamento espiritual tenha precedência? Por que precisamos orar com fé, aperfeiçoando nossa vida como a do Salvador? Percebeis que o conhecimento espiritual pode ser complementado pelo secular, nesta vida e pelas eternidades, mas o secular, sem o alicerce do espiritual é como a espuma do leite, uma sombra fugidia?

Não vos deixeis enganar! Não é preciso escolher um dos dois, mas apenas a sua seqüência, pois há oportunidade de se conseguir ambos, simultaneamente; estais percebendo que os cursos do seminário devem receber ainda mais atenção do que as matérias da escola? O instituto mais do que o curso universitário? O estudo das escrituras mais do que o estudo de textos escritos pelo homem? A atividade na Igreja mais do que os clubes, grêmios escolares e associações? O pagamento do dízimo mais do que o pagamento de taxas de matrícula e mensalidades escolares?

Podeis ver que as ordenanças do templo são mais importantes que diplomas de pós-graduação ou qualquer outra honra acadêmica?” (“Beloved Youth, Study and Learn”, em *Life's Directions: a Series of Fireside Addresses*, Salt Lake City: Deseret Book Co. 1962, p. 190.)

Quando nossa educação formal terminar, devemos fazer do estudo diário das escrituras um projeto para toda a vida. O que eu disse em abril passado aos líderes do sacerdócio, aplica-se também a todos os portadores do sacerdócio:

“Somo a minha voz à desses sábios e inspirados irmãos, dizendo-vos que uma das coisas mais importantes que podeis fazer como líderes eclesiásticos é mergulhar nas escrituras. Estudai-as diligentemente. Banqueteai-vos com as palavras de Cristo. Aprendei a doutrina. Assimilai os princípios que nelas se encontram. São poucos os outros esforços que pagarão maiores dividendos em vosso chamado. Há poucas outras maneiras (que resultarão em) maior inspiração...



Presidente Ezra Taft Benson e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, conversam antes da reunião geral das mulheres.

É preciso que ajudeis os santos a perceber que estudar e examinar as escrituras não é um fardo imposto pelo Senhor, mas uma maravilhosa bênção e oportunidade.” (Ezra Taft Benson, “O Poder da Palavra”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 83.)

Outro atributo descrito por Pedro como sendo parte da natureza divina, é a *temperança*. Um portador do sacerdócio é *equilibrado*. Isto significa que ele controla suas emoções e expressões verbais. Ele faz as coisas com moderação e não se entrega a excessos. Em outras palavras, ele possui autocontrole. Ele é senhor de suas emoções, e não o contrário.

Um portador do sacerdócio que fala asperamente com a esposa, maltrata-a com palavras ou atos, ou faz o mesmo com um de seus filhos, comete pecado grave.

Se um homem não controla seu gênio, isso é uma triste admissão de que não controla seus pensamentos. Torna-se então vítima de suas próprias paixões e emoções, o que o leva a ações totalmente inadequadas para um comportamento civilizado, quanto mais para o comportamento de um portador do sacerdócio.

O Presidente David O. McKay disse certa vez: “Um homem que não

controla seu mau gênio, dificilmente controlará suas paixões, e, sejam quais forem as suas pretensões no campo religioso, ele se movimentará, em sua vida diária, muito próximo do plano animal” (*Improvement Era*, junho de 1958, p. 407).

À nossa temperança, devemos acrescentar *paciência*. Um portador do sacerdócio precisa ser *paciente*. A paciência é uma outra forma de autocontrole. É a habilidade de adiar a recompensa e controlar as próprias paixões. Em seu relacionamento com aqueles que ama, o homem paciente não age de forma impetuosa que possa mais tarde lamentar. A paciência é a postura sob tensão. Um homem paciente é compreensivo para com as faltas alheias.

Um homem paciente também confia no Senhor. Às vezes lemos ou ouvimos falar sobre pessoas que solicitam uma bênção do Senhor e depois ficam impacientes quando não a recebem imediatamente. Parte da natureza divina é confiar no Senhor o suficiente para atender ao comando: “Sossegai e sabei que Eu sou Deus” (D&C 101:16).

Um portador do sacerdócio que é paciente será tolerante para com os erros e falhas de seus entes amados. E por amá-los, não ficará à procura das



*Élder L. Tom Perry, do Quorum dos Doze, cumprimenta o mais novo membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Hugh W. Pinnock.*

falhas, nem criticará ou acusará.

Outro atributo mencionado por Pedro é a *bondade*. Um portador do sacerdócio é *bondoso*. A pessoa bondosa compreende e é gentil com os outros. Ela tem consideração pelos sentimentos alheios e é educada em seu comportamento. Possui uma natureza solícita. A bondade perdoa as fraquezas e faltas alheias. A bondade se estende a todos — aos idosos e aos jovens, aos animais, aos pouco favorecidos, assim como aos mais favorecidos.

Esses são os verdadeiros atributos da natureza divina. Podeis perceber como nos tornamos mais semelhantes a Cristo sendo virtuosos, mais bondosos, mais pacientes, e tendo maior controle de nossos sentimentos e emoções?

O Apóstolo Paulo usou algumas expressões bem vívidas para ilustrar o fato de que um membro da Igreja deve ser diferente do mundo. Ele recomendou-nos que nos revestíssemos de Cristo (ver Gálatas 3:27), que nos despojássemos do velho homem, e que nos revestíssemos do novo homem (ver Efésios 4:22, 24).

A virtude final e máxima do caráter divino é a *caridade*, ou o puro amor de Cristo (ver Morôni 7:47). Se verdadeiramente procurássemos ser mais semelhantes a nosso Salvador e

Mestre, então, aprender a amar como ele ama deveria ser nossa meta principal. Mórmon chamou a caridade “de todas a maior” (Morôni 7:46).

O mundo hoje fala constantemente sobre amor, o qual é buscado por muitos. Mas o puro amor de Cristo difere grandemente daquilo que o mundo pensa do amor. A caridade jamais procura um prazer egoísta. O puro amor de Cristo procura somente o desenvolvimento espiritual e a alegria eternos dos outros.

Quando penso em caridade, novamente me lembro de meu pai e do dia em que foi chamado para a missão. Suponho que muita gente, no mundo, diria que, aceitando o chamado, provou que realmente não amava sua família. Deixar sete crianças e uma esposa grávida em casa, sozinhos durante dois anos, pode ser verdadeiramente amor?

Mas meu pai possuía uma visão mais ampla do amor. Ele sabia que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28). Sabia que a melhor coisa que poderia fazer por sua família era obedecer a Deus.

Embora sentíssemos muita falta dele durante aqueles anos, e embora sua ausência tivesse trazido muitos desafios para nossa família, aceitar o chamado

provou ser uma dádiva de caridade. Papai saiu em missão, deixando mamãe em casa, com sete filhos. (O oitavo nasceu quatro meses depois que ele chegou ao campo.) Mas penetrou naquele lar um espírito missionário que jamais o abandonou. Não foi sem sacrifícios. Papai precisou vender nossa velha fazenda improdutiva para financiar a missão. Precisou trazer para parte da nossa casa um casal que iria cuidar das colheitas, e deixou a seus filhos e à esposa a responsabilidade da terra em que se plantava feno, do pasto, e de um pequeno rebanho de vacas leiteiras.

As cartas de papai eram realmente uma bênção para nossa família. Para nós, crianças, pareciam chegar da outra metade do mundo, mas vinham apenas de Springfield e Chicago, Illinois, e Cedar Rapids e Marshalltown, Iowa. Sim, penetrou em nosso lar, como resultado da missão de meu pai, um espírito da obra missionária que jamais o abandonou.

Mais tarde a família cresceu para onze filhos, sete homens e quatro mulheres. Os sete filhos cumpriram missão, alguns deles duas ou três. Posteriormente, duas filhas cumpriram missão de tempo integral com seus maridos. As duas outras irmãs, ambas viúvas — uma com oito filhos e a outra com dez — serviram juntas em Birmingham, Inglaterra.

É um legado que ainda continua a abençoar a família Benson, mesmo na terceira e quarta geração. Não foi verdadeiramente uma dádiva de amor?

É isto que o Salvador quer dizer quando fala da classe de homens que devemos ser. A sua própria vida não reflete diligência perfeita, fé perfeita, virtude perfeita? Para sermos como ele, nós, também, precisamos tornar-nos participantes da natureza divina.

O Salvador declarou que a vida eterna é conhecer o único Deus verdadeiro e seu Filho, Jesus Cristo (ver João 17:3). Se isto é verdade, e presto-vos solene testemunho de que é verdade, então precisamos perguntar como conhecer a Deus. O processo do acréscimo de um atributo divino a outro, como descrito por Pedro, é a chave para se adquirir o conhecimento que leva à vida eterna. Observai a promessa de Pedro, que aparece imediatamente depois da descrição do processo:

“Porque, se em vós houver e *abundarem* estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no

conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo” (II Pedro 1:8; grifo nosso).

Oh, meus amados irmãos, eu oro para que essas qualidades e atributos do Salvador possam ser abundantes em nós, para que quando nos encontrarmos no tribunal de Deus, e Cristo perguntar a cada um de nós: “Que classe de homem és?”, possamos erguer a cabeça em gratidão e alegria, e responder: “Como tu és.” Esta é a minha humilde oração, por todo portador do sacerdócio, em nome de Jesus Cristo, amém.

Agora, irmãos, gostaria de ler para vós uma declaração recentemente aprovada pela Primeira Presidência e Quorum dos Doze:

“De acordo com as necessidades surgidas com o crescimento da Igreja em todo o mundo, a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze Apóstolos consideraram fervorosamente a função dos quoruns de setentas das estacas da Igreja, e determinaram que sejam tomadas as seguintes providências em relação ao assunto:

1. Os quoruns de setentas das estacas da Igreja devem ser dissolvidos e os irmãos que agora servem como setentas em tais quoruns deverão retornar aos quoruns de élderes das alas. Os presidentes de estaca, de forma disciplinada, poderão determinar quais desses irmãos serão ordenados ao ofício de sumo sacerdote.

Esta mudança não afeta o Primeiro Quorum dos Setenta, cujos membros são todos Autoridades Gerais da Igreja.

2. Nas missões de estaca deve ser dada ênfase especial à cooperação com os missionários de tempo integral, com a participação dos membros em todas as atividades missionárias, procurando pessoas, confraternizando-se com elas, integrando-as. Um élder ou sumo sacerdote voltado para a obra missionária será chamado como presidente da missão da estaca, sendo élderes ou sumos sacerdotes chamados como conselheiros.

Instruções adicionais detalhadas a respeito deste anúncio serão dadas aos líderes locais do sacerdócio, por meio de carta da Primeira Presidência.

Nesta oportunidade, agradecemos a todos os que serviram, tanto no passado quanto no presente, como membros dos quoruns de setentas das estacas da Igreja, e que, com tanta dedicação ofereceram seu tempo, talentos e recursos para a divulgação do Evangelho de Jesus Cristo.”

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO  
5 de outubro de 1986

## O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO

Presidente Gordon B. Hinckley  
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

*“Eles são unidos, como se fossem um só, para levar a efeito o grandioso e divino plano de salvação e exaltação dos filhos de Deus.”*



**M**eus irmãos e irmãs, escolhi para esta manhã um texto que vos é familiar — a primeira regra de nossa fé. Ela é o princípio essencial de nossa religião. É significativo o fato de que, ao estabelecer os elementos principais de nossa doutrina, o Profeta Joseph tenha colocado este como número um.

“Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo.”

A primazia dada a esta declaração está de acordo com outra declaração do Profeta. Disse ele:

“O primeiro princípio do evangelho é conhecer com certeza o caráter de Deus” (*History of the Church*, 6:305).

Estas declarações, tremendamente significativas e abrangentes, estão em harmonia com as palavras do Senhor em sua grande oração mediadora:

“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem

enviaste” (João 17:3).

Outro dia me deram um folheto, escrito por um crítico, inimigo da Igreja, cujo desejo é abalar a fé dos fracos e daqueles que não têm muito conhecimento. Repete as falácias que têm sido repetidas por mais de um século. Pretende esclarecer o que vós e eu, como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acreditamos.

Sem desejar argumentar com qualquer de nossos amigos de outras religiões, muitos dos quais conheço e por quem tenho a maior consideração, aproveito esta ocasião para estabelecer minha posição a respeito deste, que é o mais importante de todos os assuntos teológicos.

Creio sem equívocos ou reservas, em Deus, o Pai Eterno. Ele é meu Pai, o Pai de meu espírito, e o Pai dos espíritos de todos os homens. Ele é o grande Criador, o Governador do Universo. Ele dirigiu a criação desta terra onde vivemos. A sua imagem foi criado o homem. Ele é pessoal. Ele é real. Ele é individual. Ele tem “um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem” (D&C 130:22).

No relato da criação da terra, “disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança” (Gênesis 1:26).

Poderia qualquer linguagem ser mais explícita? Deus fica diminuído, como alguns desejam fazer-nos acreditar, por ter o homem sido criado à sua imagem expressa? Pelo contrário, isso deveria despertar no coração de cada homem e de cada mulher, um apreço maior por si mesmo ou por si mesma, como filho ou filha de Deus. As palavras de Paulo aos santos de Corinto aplicam-se tanto a nós, hoje, quanto se aplicavam àqueles



*Élder Ronald E. Poelman e Élder Gene R. Cook conversam após a sessão da conferência. Em segundo plano, o Élder Eldred G. Smith, patriarca emérito.*

para quem foram escritas. Ele disse:

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”

Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo” (I Coríntios 3:16-17).

Lembro-me de certa ocasião, há mais de cinquenta anos, quando eu, como missionário, estava falando numa reunião ao ar livre, em Hyde Park, Londres. Quando apresentava minha mensagem, um importuno interrompeu-me, dizendo: “Por que você não fica com a doutrina da Bíblia, que diz em João (4:24): “Deus é espírito”?”

Abri a Bíblia no versículo que ele havia citado, e li a passagem inteira:

“Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.”

Eu disse: “Naturalmente Deus é um espírito, como também o senhor, na combinação de espírito e corpo que o torna um ser vivente, assim como eu também.”

Cada um de nós é um ser dual, composto de entidade espiritual e entidade física. Todos conhecem a realidade da morte, quando morre o corpo, e cada um de nós também sabe que o espírito continua a viver como entidade individual, e que, eventualmente, segundo o plano divino

que se tornou possível pelo sacrifício do Filho de Deus, haverá uma reunião do espírito e do corpo. A declaração de Jesus de que Deus é um espírito não nega o fato de que ele tem um corpo, assim como eu também sou espírito, embora tenha um corpo.

Não estou igualando meu corpo ao dele, em seu refinamento, em sua capacidade, em sua beleza e esplendor. O dele é eterno. O meu é mortal. Mas isto apenas aumenta minha reverência por ele. Eu o adoro “em espírito e em verdade”. Penso nele como minha força. Oro a ele suplicando-lhe uma sabedoria além da minha própria. Procuo amá-lo com todo meu coração, poder, mente e força. Sua sabedoria é maior do que a sabedoria de todos os homens. Seu poder é maior do que o poder da natureza, pois ele é o Criador onipotente. Seu amor é maior do que o amor de quem quer que seja, pois é um amor que engloba todos os seus filhos, e sua obra e sua glória é proporcionar a imortalidade e a vida eterna a todos os seus filhos e filhas, de todas as gerações (ver Moisés 1:39).

Ele “amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Este é o Todo-Poderoso, diante do qual permaneço maravilhado e reverente. É para ele que olho em temor

e tremor. Eu o adoro e presto-lhe homenagem, honra e glória. Ele é o meu Pai Celestial, que me convidou para buscá-lo em oração, para falar com ele, prometendo-me a segurança de que me ouviria e responderia.

Agradeço a ele pela luz, conhecimento e compreensão que concedeu a seus filhos. Agradeço-lhe por sua voz, que pronunciou verdades eternas com poder e promessas. Agradeço-lhe por sua revelação de si mesmo, como lemos no Velho Testamento, por sua declaração, como aparece no Novo Testamento, por ocasião do batismo de seu Filho Amado nas águas do Jordão, quando sua voz foi ouvida, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17).

Agradeço-lhe pela declaração semelhante que fez no Monte da Transfiguração, quando falou novamente a Jesus e seus Apóstolos, e também anjos, quando “seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte.

E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e os seus vestidos se tornaram brancos como a luz.

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias.

E estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o.” (Mateus 17:1-6.)

Agradeço-lhe por essa voz, ouvida novamente quando o Senhor ressuscitado foi apresentado ao povo deste hemisfério, com a voz de Deus declarando: “Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome” (3 Néfi 11:7).

Maravilho-me, com reverência e gratidão, diante de sua aparição, quando apresentou o Senhor ressuscitado a um jovem que o buscara em prece, nesta dispensação. O Pai declarou: “Este é o Meu Filho Amado. Ouve-o!” (Joseph Smith 2:17.)

Creio no Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo e eterno. Creio nele como o Primogênito do Pai e Unigênito do Pai na carne. Creio nele como indivíduo, separado e distinto de seu



*Autoridades Gerais cantando junto com um coro combinado de irmãos do Coro do Tabernáculo e do Coro da Juventude Mórmon.*

Pai. Creio na declaração de João, que iniciou seu evangelho com esta magnífica declaração:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus...

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade.” (João 1:1-2, 14.)

Creio que ele nasceu de Maria, na linhagem de Davi, como o Messias prometido; que ele foi realmente gerado pelo Pai, e que seu nascimento foi o cumprimento da grande declaração profética de Isaías:

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.” (Isaías 9:6.)

Creio que na sua vida mortal ele foi o único homem perfeito a caminhar sobre a terra. Acredito que em suas palavras se encontram a luz e a verdade que, se observadas, salvarão o mundo e trarão exaltação à humanidade. Creio que em seu sacerdócio repousa a autoridade

divina — o poder para abençoar, o poder para curar, o poder para governar nos assuntos terrenos de Deus, o poder para ligar nos céus aquilo que é ligado na terra.

Acredito que, por seu sacrifício expiatório, a oferta de sua vida no monte do Calvário, ele expiou os pecados da humanidade, aliviando-nos da carga de pecado, se abandonarmos o mal e o seguirmos. Creio na realidade e poder de sua ressurreição. Creio na graça de Deus que se manifestou por meio de seu sacrifício e redenção; e creio que por sua expiação, sem que tenhamos que pagar qualquer preço, a dádiva da ressurreição dos mortos é oferecida a cada um de nós. Creio ainda que por esse sacrifício, é oferecida a todos os homens e mulheres, a todos os filhos e filhas de Deus, a oportunidade da vida eterna e exaltação no reino de nosso Pai, se lhe dermos ouvidos e obedecermos aos seus mandamentos.

Ninguém tão grande jamais andou sobre a terra. Ninguém mais fez sacrifício comparável ou concedeu bênçãos iguais. Ele é o Salvador e o Redentor do mundo. Acredito nele.

Declaro sua divindade sem equívoco ou transigência. Eu o amo. Pronuncio seu nome com reverência e assombro. Adoro-o como adoro ao Pai, em espírito e verdade. Agradeço-lhe e me ajoelho diante de seus pés, mãos e lados feridos, maravilhado com o amor que ele me oferece.

Agradeçamos a Deus por seu Amado Filho, que há muito tempo se voltou para nós e disse:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30.)

Ele vive, as primícias da Ressurreição. Eu sei que ele vive hoje, tão real, tão certa, tão individualmente quanto vivia quando, como o Senhor ressuscitado, convidou seus desanimados discípulos: “Vinde, jantai...

... e (ele) tomou o pão, e deu-lho, e, semelhantemente, o peixe.” (João 21:12-13.)



Élder Hugh W. Pinnock (à direita), recém-apoiado para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, ao lado dos Elderes (da esquerda para a direita) Robert L. Backman, Jack W. Goasling e William Grant Bangerter, também da presidência do quorum.

As escrituras falam de outros a quem ele se mostrou e com quem falou, como o Filho vivo e ressurreto de Deus.

Da mesma forma, ele apareceu nesta dispensação, e aqueles que o viram declararam:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai—

Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus” (D&C 76:22-24).

Este é o Cristo, no qual acredito e de quem testifico.

Este conhecimento vem das palavras das escrituras, e esse testemunho promana do poder do Espírito Santo. É um dom, sagrado e maravilhoso, nascido de revelação vinda do terceiro membro da Trindade. Creio no Espírito Santo como um personagem de espírito, que ocupa um lugar com o Pai e o Filho, sendo que esses três formam a divina Trindade.

A importância desse lugar fica bem clara, pelas palavras do Senhor, que disse:

“Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens.

E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.” (Mateus 12:21-32.)

Que o Espírito Santo era reconhecido em tempos antigos como membro da Trindade, é evidente pela conversa de Pedro com Ananias, quando o último reteve parte do preço recebido pela venda de uma propriedade.

“Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo... Não mentiste aos homens, mas a Deus.” (Atos 5:3-4.)

O Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade, o Consolador prometido pelo Salvador, e que ensinaria a seus seguidores todas as coisas, e os faria lembrar de tudo que lhes dissera (ver João 14:26).

O Espírito Santo é o Testificador da Verdade, que pode ensinar aos homens coisas que eles não podem ensinar uns aos outros. Nestas grandes e desafiantes palavras de Morôni, é

prometido o conhecimento da veracidade do Livro de Mórmon “pelo poder do Espírito Santo”. Morôni então declara: “E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas.” (Morôni 10:4-5.)

Creio que esse poder, esse dom, está à nossa disposição hoje.

E assim, meus amados irmãos e irmãs, creio em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo.

Fui batizado em nome destes três. Casei-me em nome destes três. Não tenho qualquer dúvida a respeito de sua realidade ou de sua individualidade. Essa individualidade ficou clara quando Jesus foi batizado por João, no Rio Jordão. Lá, na água, estava o Filho de Deus. A voz de seu Pai foi ouvida, declarando a divindade do Filho, e o Espírito Santo manifestou-se em forma de uma pomba (ver Mateus 3:16-17).

Estou ciente de que Jesus afirmou que aquele que o tivesse visto, teria visto o Pai. O mesmo não poderia ser dito de muitos filhos que se parecem com seu pai?

Quando Jesus orou ao Pai, certamente não estava orando a si mesmo!

Eles são seres distintos, mas são um em propósito e esforços. Eles são unidos, como se fossem um só, para levar a efeito o grandioso e divino plano de salvação e exaltação dos filhos de Deus.

Em sua grandiosa e tocante oração, no jardim, antes da traição, Cristo suplicou ao Pai concernente aos Apóstolos que ele amava, dizendo:

“Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;

Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós” (João 17:20-21).

É essa perfeita unidade do Pai, com o Filho e o Espírito Santo que une os três na identidade da Trindade.

Milagre dos milagres, maravilha das maravilhas, eles estão interessados em nós, e nós somos o alvo de sua grande preocupação. Eles estão à disposição de cada um de nós. Nós nos aproximamos do Pai por meio do Filho. Ele é nosso intercessor junto ao trono de Deus. Como é magnífico que possamos falar ao Pai em nome do Filho!

Presto testemunho destas verdades grandiosas e transcendentais. E o faço pelo dom e poder do Espírito Santo, no nome sagrado de Jesus Cristo. Amém.

A Liahona

# “DEUS AINDA REVELARÁ”

Elder Neal A. Maxwell  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“As revelações futuras incluirão eventos estupefacentes, além de grandes e importantes verdades.”*



As santas escrituras representam a memória espiritual da humanidade. E quando a ligação do homem com as escrituras é rompida, os mortais ficam tragicamente desprovidos de uma percepção da história espiritual, cegando os olhos da fé. Assim apartados de sua verdadeira identidade, os homens mantêm as pernas intactas, mas cada um caminha à sua própria maneira. Seus braços são ávidos, mas não se estendem num abraço compreensivo da vida. Seus ouvidos funcionam, mas não mais escutam as palavras do Senhor. Embora criados à imagem de Deus, quando assim apartados, esquecem-se de seu Criador. Contudo, isto não nos surpreende, “Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?” (Mosiah 5:13.)

Em comparação, um dos aspectos singulares da Igreja viva de Jesus Cristo é seu corpo sempre crescente de conhecimentos espirituais fundamentais, sobre a identidade e propósito do homem, o que amplia “a memória do povo” (Alma 37:8). Na verdade, nossa nona Regra de Fé declara que Deus “ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus”. Assim

alimentados por um cardápio que combina a antigüidade com o futuro, os membros da Igreja não precisam jamais ter seu ânimo desfalecido (ver Hebreus 12:3). Pelo contrário, podemos ser intelectualmente vibrantes.

Entre os tesouros que surgirão no futuro, estão livros que foram perdidos. Mais de vinte deles estão mencionados nas escrituras existentes. Talvez os mais surpreendentes e volumosos sejam os registros das tribos perdidas de Israel (ver 2 Néfi 29:13). Nem saberíamos da terceira testemunha futura de Cristo, se não fosse pelo precioso Livro de Mórmon, a segunda testemunha de Cristo! Este terceiro grupo de registros sagrados completará uma tríade da verdade. Então, exatamente como afirmou o Pastor Perfeito, “Minha palavra também será reunida numa” (vers. 14). Haverá “um rebanho e um pastor” (1 Néfi 22:25), numa fusão de todas as dispensações cristãs da história da humanidade (ver D&C 128:18).

Enquanto profetas anteriores foram às vezes deixados entregues a conjeturas — como Morôni, que supunha terem também os judeus um registro da Criação, desde Adão (ver Éter 1:3) — a nossa época, pelo contrário, é uma época de plenitude, incluindo “coisas que nunca foram reveladas desde a fundação do mundo” (D&C 128:18). Ademais, “dia virá em que as palavras seladas no livro serão lidas nos tetos das casas, e serão lidas pelo poder de Cristo; e serão reveladas aos filhos dos homens todas as coisas que ocorreram entre eles, bem como tudo o que se dará até o fim do mundo” (2 Néfi 27:11; ver também 2 Néfi 30:16, 18; Éter 4:7; D&C 101:32; 121:28).

Assim, da mesma forma que haverá mais membros, famílias, alas, estacas e templos da Igreja — mais tarde haverá também mais escrituras revigorantes e inspiradoras. Entretanto, precisamos antes alimentar-nos dignamente daquilo que já possuímos!

Sem esta perspectiva preciosa e espiritual, a família humana raramente fica distante, por mais de uma geração,

de profundas dúvidas e até da descrença. Lamã e Lemuel duvidavam e reclamavam, segundo Néfi, “por desconhecer o procedimento daquele Deus que os havia criado” (1 Néfi 2:12); eles eram limitados, exatamente como a Israel desatenta: “e outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tão pouco a obra que fizeram a Israel” (Juizes 2:10; ver também Deuteronômio 32:6; Mosiah 10:14).

Se o povo fica muito tempo sem as verdades do plano de salvação de Deus, algumas pessoas “nem sequer nelas crêm quando lhes são ensinadas” (Mosiah 1:5). Uma “nova geração”, que não havia sido ensinada, não acreditava “sobre a ressurreição... nem... na vinda de Cristo” (Mosiah 26:1-3). A crença na Deidade e na ressurreição, geralmente são as primeiras coisas abandonadas: “Não haviam trazido nenhum registro consigo, negavam a existência de seu Criador” (Ômni 1:17).

Nosso amoroso Pai está sempre desejoso de terminar com tal ignorância:

“E, depois que Deus decidiu que estas coisas aconteceriam ao homem, eis que viu que era necessário que o homem conhecesse as coisas que lhes tinham sido designadas.

Enviou, portanto, anjos para conversarem com eles...

E tornou-lhes conhecido o plano de redenção, que havia sido preparado desde a fundação do mundo; e isso ele lhes fez ver segundo sua fé, arrependimento e obras santas” (Alma 12:28-30).

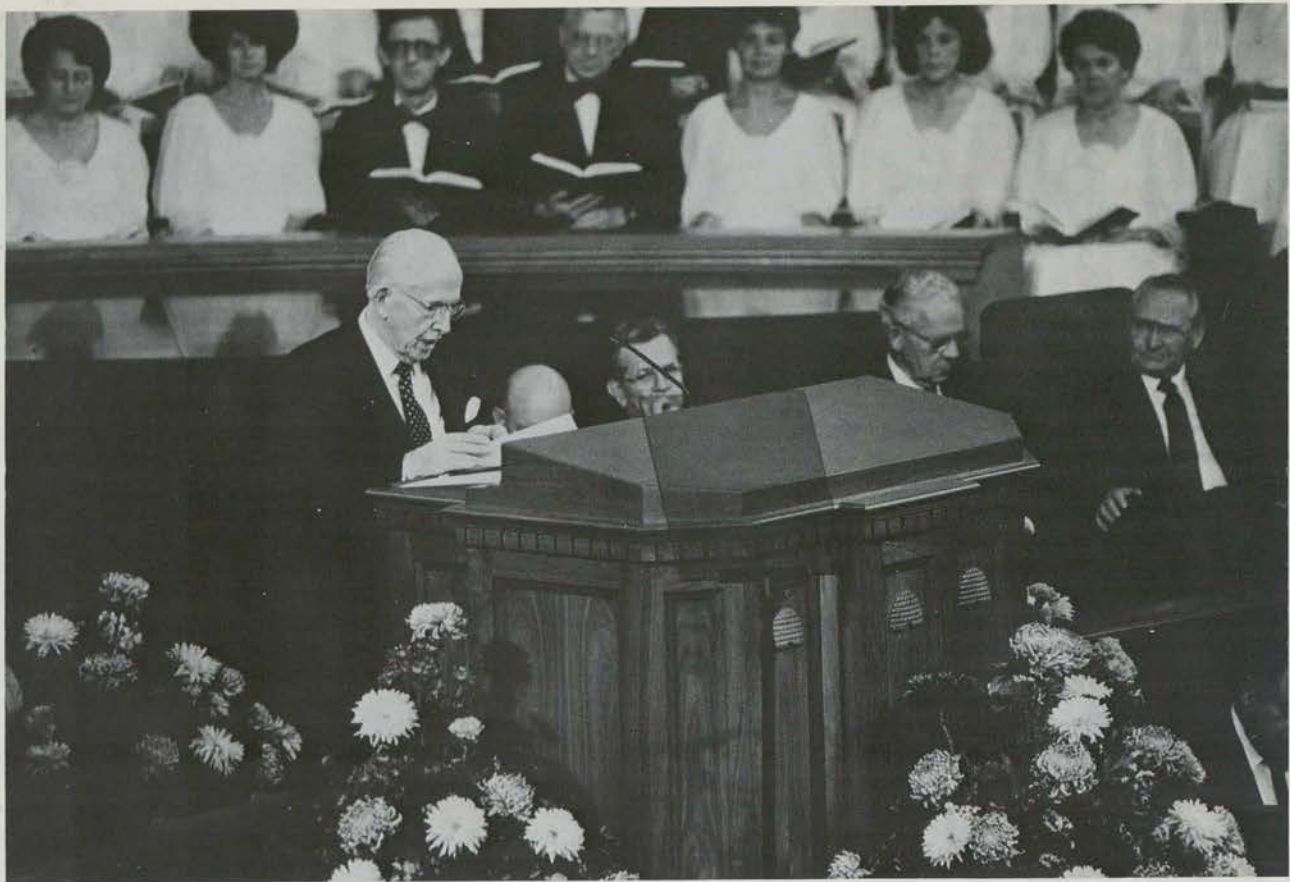
A mensagem se repete e é sempre pertinente:

“Não será necessário que o plano de redenção se torne tão conhecido por este povo quanto por seus filhos?

Não pode o Senhor mandar que seu anjo proclame estas boas-novas a nós e a nossos filhos, hoje, tão facilmente quanto poderia fazê-lo depois de sua vinda?” (Alma 39:18-19.)

Os mortais de hoje, nascidos muito “depois do tempo de sua (primeira) vinda”, certamente necessitam conhecer o plano, que dá, segundo o Profeta Joseph Smith, “um entendimento de nosso estado e de nossa verdadeira relação com Deus”. O Profeta afirmou que este assunto deveria ser estudado “mais... que qualquer outro... dia e noite” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 316).

O plano de Deus, entretanto, não é



Presidente Ezra Taft Benson dirige uma sessão da conferência.

algo para ser deduzido apenas pela lógica, assim como a experiência humana não é suficientemente profunda ou suficientemente longa para nos informar adequadamente. Requer revelação de Deus.

“Eis que grandes e maravilhosas são as obras do Senhor. Quão insondáveis são as profundezas de seus mistérios! E é impossível ao homem descobrir todos os seus caminhos. E não há ninguém que os conheça, a não ser que lhe sejam revelados; portanto, irmãos, não desprezeis as revelações de Deus” (Jacó 4:8).

De que outra forma poderíamos saber a verdade sobre quem realmente fomos, somos e seremos? (Ver Jacó 4:13; D&C 93:24.) É impossível existir felicidade verdadeira sem identidade verdadeira.

Portanto, o processo de revelação envolve, tipicamente, anjos e profetas (ver Alma 12:28-29). Várias vezes, no período final de sua vida, Joseph Smith comentou os quatorze anos de revelações particularmente intensivas por que passara, incluindo visitas de

anjos (ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 340, 352.)

As escrituras da restauração, centralizadas no Messias, expandem a memória espiritual da humanidade de forma significativa, informando-nos também a respeito do plano de Deus que vem sendo desdobrado desde o início do mundo. A restauração nos deu sermões majestosos a respeito do plano de Deus e seu Redentor, proferidos por Moisés, Abinadi, Êter, Alma, Amon e Aarão (ver Mosiah 13:33-35; Êter 13:2-14; Alma 12:30-33; 18:36-39; 22:12-14). Eles respondem à pergunta retórica de certo profeta que disse: “Por que não falar da expiação de Cristo?” (Jacó 4:12). Irmãos e irmãs, uma vez que o homem está tão interessado em si mesmo, por que, realmente, deveríamos falar de qualquer outra coisa?

Aqueles que verdadeiramente examinam as escrituras, certamente verão como elas testificam de Cristo (ver João 5:39). Verificarão também como se relacionam entre si e apóiam umas às outras. Se alguém não enxergar isso, será “porque não foi pela fé”

(Romanos 9:32), mas, sim, porque olhou sem compreender, com os olhos semifechados do ceticismo. Disse Jesus aos que não enxergavam:

“Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque de mim escreveu ele.

Mas, se não credes nos seus escritos, como creréis nas minhas palavras?” (João 5:46-47.)

Aqueles que não compreendem e não crêem *naquilo* que Moisés escreveu, na verdade não acreditaram *nisto* que Jesus falou. Este episódio enfatiza as importantes palavras de Mórmon a respeito do registro bíblico e do Livro de Mórmon:

“Porquanto, eis que *este* registro é escrito com o propósito de que acrediteis *naquela*, e, se *naquela* acreditardes, *neste* também acreditareis.”

Apoiando-se mutuamente, as escrituras fornecem perspectiva histórica extremamente necessária, concernente a “o que se passou com vossos pais, bem como os maravilhosos feitos que entre eles foram suscitados

pelo poder de Deus” (Mórmon 7:9; grifo nosso.)

As várias escrituras nos contam coisas vitais a respeito das “ternas misericórdias” de Deus (1 Néfi 1:20; Éter 6:12; ver também Lucas 1:78) e suas relações com nossos predecessores. O que passou é verdadeiramente um prólogo; Deus, invariável, que tudo vê, que deseja salvar o homem, inconstante e miope, não está interessado em nossa adulação retroativa, mas na prevenção de nossa ruína em perspectiva.

Assim, é nas escrituras que aprendemos a respeito dos planos de Deus para a humanidade deste planeta. Ele nos disse, por meio de Isaías, que formou esta terra para que fosse habitada (ver Isaías 45:18). Por meio de Moisés, Deus descreveu seu propósito: “proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem” (Moisés 1:39). Além disso, contemplando os céus e as galáxias, aqueles que têm olhos, verão “Deus obrando em Sua Majestade e poder” (D&C 88:47).

Estamos assim dentro de um universo planejado e vivemos num planeta premeditado; e estas verdades descrevem as “coisas como realmente são” (Jacó 4:13). Não é de admirar que o evangelho seja glorioso e de boas-novas!

Se já houve uma geração que necessitasse desta preciosa perspectiva, é esta nossa geração desunida. Se já houve uma geração que precisasse ser salva de si mesma, é a nossa. Seguramente essas necessidades irão intensificar-se, à medida que as nações desnorteadas e perseguidas, como previsto por Jesus, se debatem inutilmente em desespero, “em perplexidade” (Lucas 21:25).

Na verdade, nós interpretamos e usamos a vida erroneamente — a não ser dentro desta simples e preciosa perspectiva do evangelho, que coloca as coisas do mundo em segundo lugar. Então, nesse estágio mortal, essencialmente imutável, podemos ver as coisas como realmente são, como por exemplo o ritmo exigente requerido pelas preocupações mundanas. Semelhantemente aos pássaros e animais que realizam algum ritual próprio, e que divertem todo o mundo exceto os participantes, essas manobras do materialismo seriam cômicas, caso não fossem trágicas. O mesmo diríamos das posturas relativas ao poder e da busca sedenta das honrarias do mundo. Essas manobras são tão transparentes, quando vistas à luz do evangelho!



Não obstante, por que os caminhos do mundo afetam insistentemente e incessantemente até mesmo discípulos sérios? Poderia ser pelo fato de que, no longínquo passado pré-mortal, tendo admirado o Pai e contemplado sua glória, nós, agora, inconscientemente a invejamos? Entretanto, se realmente desejamos fazer parte do seu reino, por que obstinadamente resistimos às advertências das revelações sobre a necessidade de uma escola preparatória e os riscos do poder injusto? O poder máximo de Deus está seguro, precisamente porque ele possui a plenitude do amor, da justiça, da misericórdia e do conhecimento. Não podemos compartilhar de seu poder sem compartilhar de seus atributos.

Mas, poderemos objetar, não possuímos seus genes espirituais? Sim, mas não temos a sua mansidão.

Contudo, somos da sua linhagem espiritual! Sim, mas não possuímos sua capacidade de amar.

Certamente, nós pertencemos a ele!

Sim, mas não poderemos reentrar em sua casa até que nosso comportamento nos permita sentir-nos à vontade.

Não é de admirar que os profetas sejam repetitivos em suas admoestações. Se a algum de nós fosse permitido escrever apenas algumas linhas à família, aos amigos e à posteridade, antes de morrer, elas poderiam ser manchetes. Às vezes, o que recebemos é quase que um grito de aviso, especialmente quando os ouvintes são insensíveis à voz mansa e delicada (ver Jacó 6:8-13; Morôni 10:27-34).

Além de tudo, os profetas, que são os principais produtores de nossa memória espiritual, não viram apenas o tempo deles, mas também o nosso; eles se comunicaram conosco como se estivessemos presentes, pois “por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço as vossas obras” (Mórmon 8:35).

Não é de admirar que Joseph Smith, em suas últimas palavras testemunhais, na Cadeia de Carthage, na noite anterior ao seu assassinio, prestasse

“forte testemunho a seus guardas concernente à autenticidade divina do Livro de Mórmon, da restauração do Evangelho, ministração de anjos” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 375; ver também Alma 9:21; 12:29; 19:34).

Sem os profetas, sem as escrituras, de que outra forma poderíamos realmente saber que “Deus conversou com os homens e tornou-lhes conhecido o plano de redenção” (ver Alma 12:28-30)?

Quando examinadas, as verdades escriturísticas sobre o plano de salvação são eletrizantes e dominadoras. Meditadas, em espírito de gratidão, levam a expressões líricas, como a litania de 1842, do Profeta Joseph Smith: “E novamente, o que ouvimos? Novas alegres de Cumorah! Morôni, um anjo dos céus, anunciando o cumprimento das palavras dos profetas — o livro que seria revelado. A voz do Senhor nos ermos... anunciando as três testemunhas que testificarão quanto ao livro! A voz de Miguel às margens do rio Susquehanna... A voz de Pedro, Tiago e João no ermo... declarando-se possuidores das chaves do reino, e da dispensação da plenitude dos tempos!” (D&C 128:20.)

As revelações futuras, irmãos e irmãs, incluirão eventos estupefacentes, além de grandes e importantes verdades. Assim, os cantos exultantes de Moisés e de Israel, após atravessarem em segurança o Mar Vermelho (ver Êxodo 15) e a litania de 1842, do Profeta Joseph, darão lugar ao crescendo de gloriosos eventos associados à vinda de Cristo em majestade e poder.

O vale de Adam-ondi-Ahman ressoará novamente — desta vez com os sons da reunião das dispensações, resplandescendo com a coligação (ver Daniel 7:13-14; D&C 107:53-57; 116:1)! E os habitantes da cidade de Enoque, unos de coração, saudarão os habitantes da Nova Sião, com abraços santos e beijos santos, entre os sons de doces soluços (ver Moisés 7:62-63)! Os “montes... estremecerão” na presença das tribos perdidas, e os corações, assim como o gelo, derreterão, quando eles vierem “cheios de cânticos de regozijo eterno” (ver D&C 133:26-33).

E tudo ocorrerá sob a direção do “nosso bom Redentor”. Assim “remidos do Pai... por suas veredas trilhai, até a final redenção”. (*Hinos*, n.º 146.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

## RECOLHER NA REDE DO EVANGELHO

Élder Joseph B. Wirthlin  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“A missão de todos nós é lançar mãos à rede e recolher milhares de homens e mulheres excelentes, que estão buscando a verdade.”*



Meus amados irmãos e irmãs, com muita humildade e gratidão, eu solicito vossas orações e vossa fé nesta grandiosa e sagrada tarefa que me foi confiada. Ao nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e ao Presidente Ezra Taft Benson, nosso profeta, vidente e revelador, prometo fazer o melhor, fazer tudo que estiver ao meu alcance, para edificar o reino de Deus aqui na terra.

Quando saí do escritório do Presidente Benson, sexta-feira, estava em estado de choque — e ainda estou. Creio que isso durará por muitos anos, mas envidarei meus melhores esforços em qualquer designação que me for dada.

Presto homenagem a meu amado pai terreno, que me ensinou humildade, diligência, honestidade, responsabilidade, amor pela constituição de nosso amado país, e reverência e honra aos servos escolhidos de Deus, especialmente nosso profeta.

Presto homenagem também a minha mãe, que teve um vislumbre da eternidade várias noites antes de seu falecimento — primeiro pela vida em si,

e depois pelas grandes lições que me ensinou. Ela nunca permitiu um desempenho de qualidade inferior, e não deixava que nós, crianças, demorássemos muito para cumprir nossas tarefas.

Presto homenagem igualmente a minha amada esposa, Elisa. Ela se assemelha, tenho certeza, à Rebeca da antiguidade. Se tivesse sido uma de nossas pioneiras, talvez até vindo de Nova York com um carrinho-de-mão, provavelmente teria chegado entre os primeiros. Ela jamais colocou uma pluma no caminho de meu serviço na Igreja, e criou nossos filhos em verdade e retidão.

A nossos oito filhos, sete maravilhosas filhas e um nobre rapaz — e ele sempre se deu muito bem com as irmãs — também presto minha homenagem. Todos eles se casaram no templo.

Homenageio meus companheiros, através dos anos. Todos me edificaram e me tornaram um servo melhor. Seus nomes são muitos e não posso mencioná-los todos, mas agradeço-lhes e oro para que o Senhor os abençoe.

Amei cada uma das designações que recebi no reino. E neste serviço, cada dia parecia um domingo, porque eu estava a serviço do Senhor.

Gostaria de falar brevemente sobre nossa experiência na Europa. Agradeço à Primeira Presidência por termos, Irmã Whirlin e eu, tido a oportunidade de presidir a Área Européia da Igreja. Estes dois últimos anos foram maravilhosos, e repletos de experiências que jamais esqueceremos. As seguintes palavras de um membro devotado que mora na Europa oriental, demonstram vividamente o que eu quero dizer:

“Se pudessem apenas ver a fé e o entusiasmo de nossos membros aqui! Creiam-me, nossa religião é a única coisa que nos restou, e nós a amamos

profundamente.”

Vivamos nós na Europa ou não, esta verdade, semelhante a uma enorme montanha, se destaca. Nossa religião é realmente a única coisa que teremos no final, e devemos amá-la muito.

Esta verdade eterna foi demonstrada muitas vezes durante nossa estadia de dois anos na Área Européia. Essa área se estende do extremo norte da Finlândia, Suécia e Noruega, ao extremo sul da África, e inclui cerca de 230.000 membros da Igreja. Gostaria de relatar-vos algumas das experiências que fizeram com que nossa fé ardesse constantemente.

Em Portugal, na cidade de Funchal, na Ilha da Madeira, morava uma senhora chamada Ascensão Frango, que tinha sido freira durante vinte anos. Na verdade, ela era a Madre Superiora de uma instituição para crianças pobres e órfãos. Por volta do final de uma designação de quatro anos como professora, no início de sua vida como freira, os médicos descobriram que ela tinha câncer na garganta. A mãe morrera da mesma moléstia. Embora soubesse que a piora de sua saúde pudesse levá-la à morte certa, tinha um forte sentimento de que não terminara seu trabalho aqui na terra. Ela orou com grande fé pela restauração de sua saúde e foi curada, sem quaisquer outros problemas, e sem necessidade de tratamento médico.

Quando sua igreja decidiu fechar o orfanato onde ela trabalhava, decidi mantê-lo por mais quatro anos, usando uma herança que recebera de seus pais falecidos, até que as crianças que ali estavam sendo criadas crescessem e ficassem independentes, ou que fossem adotadas.

Ouvindo falar sobre uma nova religião, ela foi a uma reunião de nossa igreja com uma amiga, apenas por curiosidade. Foi realizada no chão de terra da garagem de um membro, mas o espírito da reunião a impressionou. Os missionários começaram a ensinar-lhe as palestras, e a desafiaram a ser batizada. Ela recusou, dizendo que já era batizada. Os élderes persistiram, convidando-a a ler o Livro de Mórmon. E lhe disseram: — Se este livro é a palavra verdadeira de Deus, então Joseph Smith é um verdadeiro profeta e A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira. Neste caso, a senhora precisa ser batizada na verdadeira igreja de Deus.

Ela leu o Livro de Mórmon e adquiriu um forte testemunho de sua



Presidente Ezra Taft Benson com os Élderes Boyd K. Packer e L. Tom Perry, do Quorum dos Doze.

divindade. Mais tarde, após uma palestra dos missionários sobre a Trindade, ela pediu para ser batizada. Exatamente um ano mais tarde, encontrava-se à porta da casa da missão do Presidente Reuben P. Ficklin, em Lisboa. Obteve sua recomendação para o templo, e mal podia esperar para entrar no Templo da Suíça a fim de efetuar convênios sagrados com seu Pai Celestial.

Na Suécia, o Bispo Krister Stendahl, da igreja luterana, visitou o Templo de Estocolmo, alguns dias antes de sua dedicação. Descreveu com palavras inspiradas a sua experiência, as quais foram publicadas num importante jornal sueco:

“Imaginem que um novo e esplendente templo branco, com pináculos e torres esguias, foi construído para a glória de Deus. Não uma igreja, não uma capela, mas um templo para ordenanças sagradas, realizadas tranqüilamente, em solene dignidade.

Um templo onde a sala mais íntima é chamada de celestial. Um templo onde os fiéis realizam uma obra vicária, segundo as palavras de Paulo a respeito do batismo pelos mortos (I Coríntios 15:29).

Tudo em conseqüência da sabedoria e chamado de Joseph Smith...

O que vamos pensar e dizer a respeito disto? Fingir que não nos afeta que os mórmons — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias —

edificaram um templo em nosso meio, seria pretencioso ou condescendente.

Portanto, regozijar-me-ei com eles por causa deste templo que erigiram com muito sacrifício, para a glória de Deus. Sentir a alegria e orgulho deles diante da beleza do templo, aquece nosso coração de forma especial” (*Svenska Kyrkans Tidning*, 11 de julho de 1985, p. 1).

O Presidente Thomas S. Monson deu-me permissão para compartilhar convosco suas impressões quando rededicou a República Democrática Alemã para o desenvolvimento do trabalho da Igreja:

“Às 7:30 da manhã (de 27 de abril de 1975, dirigimo-nos ao) local que havia sido selecionado para a oração especial que me senti inspirado a proferir nesta terra... Caminhamos pelo bosque... até uma clareira que dava para o Rio Elba, com Meissen à direita e Dresden à esquerda, sendo que Meissen é o local de nascimento de Karl G. Maeser, fundador da Universidade Brigham Young... Durante a oração, eu disse: “Hoje é o amanhecer de um novo início para esta bela terra.” Ao usar estas palavras, ouvimos o som inconfundível de um galo cantando, seguido pelo badalar de sinos de uma catedral, à distância. O dia estivera encoberto, mas durante a oração, o sol brilhou radioso sobre nós, aquecendo nossos corpos e dando-nos a certeza de que nosso Pai Celestial estava satisfeito com a oração que havia sido oferecida... Ao



voltamos para nossos carros, o sol desapareceu do céu e o tempo ficou encoberto novamente, como no início do dia” (diário pessoal de Thomas S. Monson).

Em sua oração de rededicação, o Presidente Monson disse: “Pai Celestial, oramos para que abras o caminho para os fiéis poderem receber o privilégio de ir ao teu templo santo, para lá receberem seus santos endowments e para serem selados como famílias, para o tempo e toda a eternidade” (diário de Thomas S. Monson).

Esta oração foi proferida no domingo, dia 27 de abril de 1975, numa época em que qualquer idéia de um templo estava fora dos limites da possibilidade. Foi cumprida em 29 de junho de 1985, com a dedicação do belo templo de Freiberg, na Alemanha Oriental.

Como sabeis, agora ou num futuro próximo há e haverá templos ao alcance

de muitos membros da Europa, desde o Templo de Estocolmo, na Suécia, ao norte, até o Templo de Johannesburg, na África do Sul, tendo, no meio do caminho, os templos de Londres e da Suíça. O Templo de Frankfurt, localizado num subúrbio chamado Friedrichsdorf, que foi um povoamento dos huguenotes, na antiguidade, está quase terminado. A construção desses templos na Europa é um milagre moderno. O trabalho nos templos se processa em ritmo acelerado.

Viajamos até Gana, na África ocidental. Lá a Igreja está crescendo rapidamente, e tem raízes bem sólidas. Viajamos ao longo da costa, até uma capela recentemente construída. Após participarmos de uma reunião, lá, visitamos a Costa do Cabo com o Presidente Ernest J. Miller e sua esposa.

Quando o sol estava descendo, vimos um grande grupo de nativos, jovens, idosos e de meia-idade, todos puxando uma rede muito grande, tirando-a da

água. Paramos e perguntamos o que eles estavam fazendo. Estavam puxando o peixe apanhado naquele dia. Na rede havia peixes grandes e pequenos de muitos tipos. Todos os aldeões colocavam as mãos na rede para ajudar a puxar a presa. Passou-me pela mente o pensamento da coligação de Israel nos últimos dias, como mencionada em Jeremias. O Senhor afirmou: “Eis que mandarei muitos pescadores... os quais os pescarão” (Jeremias 16:16).

Essa, irmãos e irmãs, é a missão de todos nós, como membros da Igreja: lançar mãos à rede e recolher milhares de homens e mulheres excelentes, que estão buscando a verdade. Empregando este tipo de esforço, a Área da Europa puxou redes de conversos, tendo o seu número aumentado em 33 por cento, em dois anos.

Refletindo sobre nossa experiência na Europa, fiquei impressionado com esses pensamentos. O Evangelho de Jesus Cristo é mais duradouro que a fama, mais precioso do que as riquezas, mais desejável do que a felicidade. Compreendendo e vivendo o evangelho, nós vamos adquirindo um caráter semelhante ao de Cristo. O objetivo de todos nós é viver uma vida grandiosa e exemplar. O caráter nobre é necessário especialmente nesta época em que o mal se dissemina. Gostaria de advertir nossa juventude, para que viva o evangelho, desenvolva um caráter forte e não se entregue às coisas que nos desviam da retidão.

Nosso Pai Celestial investiu-nos de coragem e fé, de vontade poderosa, e de habilidade para compreender e ver claramente a diferença entre o certo e o errado. Misericordiosamente ele nos revestiu, a cada um de nós, membros da Igreja, do dom do Espírito Santo, que nos dá visão e poder pessoal.

E assim, embora as tarefas da vida se tornem pesadas, e embora as tristezas atirem uma carga pesada sobre nós, a luz que emana de nosso Salvador nos acena, intrépida. Uma autodisciplina justa pode reger nossa vida, e o fará.

Para terminar, irmãos e irmãs, desejo dizer-vos que foi desta forma que tentamos representar a Igreja na Europa. Testifico-vos que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que o Presidente Ezra Taft Benson é nosso profeta, vidente e revelador, e que ele possui as chaves do reino. Amo esta Igreja com todo meu coração e farei o melhor para servir. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

# A ALEGRIA DO TRABALHO HONESTO

Elder L. Tom Perry  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Ensinaí a vossos filhos a alegria do trabalho honesto. Fornecei-lhes um alicerce que edifique a confiança e o sentimento de realização.”*



**E**lder Whirthlin, eu também quero dar-lhe as boas-vindas a este grupo tão singular de homens. Nele encontrará homens de cabelos escuros e de cabelos grisalhos, e até alguns com mais cabelos do que outros. E suas personalidades variam tanto quanto seus penteados. Esta é a grande bênção de se pertencer ao Conselho dos Doze. Pois, dessas personalidades divergentes, promana uma unidade harmoniosa, sob a inspiração do Senhor. É muito rara. Bem-vindo, bem-vindo, Irmão Joseph. Em Provérbios nós lemos: “Instruí ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele” (22:6).

Um dos grandes desafios da vida para os pais, desde o início do mundo, tem sido obter sucesso na importantíssima tarefa de criar os filhos. Esta grande responsabilidade parece destinada a nos proporcionar as maiores alegrias, e algumas das maiores tristezas que a vida nos reserva aqui na mortalidade.

Toda criança, naturalmente, é diferente, e aquilo que funciona para uma talvez não provoque a reação

correta na outra. Contudo, creio que a importância de ensinar aos filhos a alegria do trabalho honesto é ultrapassada apenas pela importância de transmitir-lhes uma compreensão do evangelho de nosso Senhor e Salvador.

Isto me foi ensinado por pais virtuosos. Como sou grato por um pai que teve a paciência de me ensinar a trabalhar! Lembro-me de quando era criança, com apenas sete anos de idade, e estávamos reformando nossa casa e derrubando algumas das paredes. Naquela época, usavam-se vigas de duas por seis polegadas, às quais se pregavam ripas, que, por sua vez, eram recobertas de argamassa. Ao derrubar as paredes, as ripas e a argamassa saíam com facilidade, mas, naturalmente, ficavam os pregos nas vigas.

Todas as noites, depois que os operários terminavam seu trabalho, eu tinha a responsabilidade de recolher as vigas, levá-las para o quintal, onde havia dois cavaletes de serrador. Eu devia então fazer uma pilha com as vigas, colocá-las uma a uma no cavalete e, com um pé-de-cabra, remover os pregos. Depois de ter feito isso, eu devia desentortá-los. Finalmente, eu jogava os pregos desentortados num grande balde verde e empilhava as vigas de forma bem ordenada.

Muita coisa nesse projeto foi de grande valor para mim, durante minha juventude. Primeiro, aprendi a produzir, a trabalhar, a me manter ocupado, e a não desperdiçar meu tempo em ociosidade.

Desde o início, o Senhor ordenou que Adão cultivasse a terra pelo suor de seu rosto. Tenho observado a frequência com que as escrituras nos admoestam a cessarmos de ser indolentes e a sermos produtivos em todas as nossas obras. O Rei Benjamim, no seu discurso final, mencionou seu exemplo diante do

povo, dizendo:

“E digo-vos que como me foi permitido empregar meus dias a vosso serviço, até este dia, não busquei de vós ouro, nem prata, nem qualquer outra riqueza...”

E eu mesmo trabalhei com minhas próprias mãos, a fim de vos servir, para não vos sobrecarregar com impostos e evitar que recaísse sobre vós o que fosse pesado para carregar — e vós sois testemunhas, neste dia, de todas estas coisas que falei” (Mosiah 2:12, 14).

Ensinar às crianças a alegria do trabalho honesto é uma das maiores dádivas que podeis conceder-lhes. Estou convencido de que uma das razões da separação de tantos casais, hoje, é o fato de os pais não terem ensinado e treinado seus filhos homens na responsabilidade de sustentar e cuidar de sua família apreciando o desafio que esta responsabilidade traz. Muitos de nós também têm deixado de instilar em suas filhas o desejo de trabalhar pela beleza e pela ordem do lar, através da economia doméstica.

Oh, como é essencial que as crianças aprendam desde cedo a alegria de iniciar e moldar um trabalho que seja obra de suas próprias mãos. Ensinaí a vossos filhos a alegria do trabalho honesto. Fornecei-lhes um alicerce que edifique a confiança e o sentimento de realização. “Feliz é o homem que tem um trabalho que ama... Feliz é o homem que ama o trabalho que tem” (Anônimo).

Segundo, ao cumprir a tarefa designada por meu pai, quando era criança, aprendi a não desperdiçar, a conservar recursos, sempre que possível. Quando os pregos eram retirados, aquelas vigas podiam ser utilizadas novamente — e era o que acontecia.

Sempre gostei de ler alguns dos conselhos que Brigham Young costumava dar aos santos. Seus conselhos eram tão práticos! Ouvi o que ele disse a respeito do desperdício:

“colhei tudo o que for possível...”

Jamais considereis que tendes tanta abundância de pão a ponto de permitir que vossos filhos desperdicem uma crosta ou naco sequer desse alimento... Lembrai-vos, portanto, nada desperdiceis; de tudo usai sabiamente...

Se quiserdes enriquecer, poupai tudo o que obtiverdes. Qualquer tolo pode ganhar dinheiro; porém é necessário ser sábio para poupá-lo e tirar o maior proveito dele” (*Discursos de Brigham Young*, p. 292).



Fico imaginando que tipo de sinais estamos enviando a nossos filhos quando compramos casas que são símbolos de condição social, ou "status". Desperdiçamos espaço e recursos quando adquirimos uma casa maior do que nos é necessária, uma casa maior do que aquela que temos condições de pagar. Nós nos sobrecarregamos com hipotecas tão grandes que são necessários os salários do marido e da mulher para cobrir os pagamentos. Então assumimos dívidas que absorvem completamente toda a renda que temos a nossa disposição, não deixando qualquer margem de segurança para os dias difíceis que toda pessoa um dia tem de enfrentar. Tais sinais, partindo de chefes de família, não servirão apenas para alimentar a filosofia do "Quero agora", na vida de nossos filhos?

Algumas pessoas até possuem a crença equivocada de que, após terem fechado os ouvidos aos conselhos dos profetas, para que evitem as dívidas, podem voltar-se para seus bispos, a fim de que eles os livrem das

conseqüências de suas tolices. Tudo que os pobres bispos podem fazer é chorar com eles e ajudá-los a mudar-se para uma casa mais barata, e depois aconselhá-los sobre como cortar seus prejuízos.

Recordando as coisas que aconteceram em minha vida, não creio que houvesse qualquer diferença no grau de felicidade que eu sentia quando dividia um único quarto com meus dois irmãos, daquela que eu sentia na época em que nossa casa era suficientemente grande para que cada um de nós tivesse seu próprio quarto. Ensinem os nossos filhos a arte da conservação e da eliminação do desperdício.

Terceiro, jamais me esquecerei da minha consternação ao ver os operários usando pregos novos quando reconstruíram as paredes e terminaram de reformar completamente nossa casa. O monte de pregos que eu endireitara e guardara no balde verde, cresceu e cresceu, mas nunca foi usado. Procurei meu pai e perguntei-lhe: — Não seria melhor economizar os pregos novos e usar aqueles que eu desentortei? Eu

estava orgulhoso do trabalho que realizara.

Meu pai mostrou-me uma coisa muito importante. Ele pegou um prego novo e, usando um ângulo enviezado, bateu o prego na táboa. Conseguiu fazer com que entrasse sem problemas. Depois pegou um dos pregos que eu desentortara tão cuidadosamente, e, usando o mesmo ângulo, bateu nele repetidas vezes. Logo o prego entortou e foi impossível fazê-lo penetrar na madeira. Então aprendi que um prego usado ou torto nunca é tão forte quanto um novo. Mas por que meu pai pedira que eu endireitasse aqueles pregos?

Quando menino, não me lembro de ter nunca recebido uma resposta satisfatória. Foi somente quando já tinha meu próprio filho, que comecei a compreender. Quando ele tinha mais ou menos três anos de idade, levei-o comigo ao jardim para me ajudar a arrancar ervas daninhas. Achei que ele, estando muito mais próximo do solo, teria uma grande facilidade para arrancar o mato. Infelizmente para o meu jardim, ele tinha muita dificuldade

para distinguir entre a erva daninha e as plantinhas novas.

Então tentei ensinar-lhe como ordenhar uma vaca, que possuía de sociedade com um vizinho. Ele rapidamente desenvolveu a perícia de um bom ordenhador, mas, infelizmente, sua pontaria não era muito certa. Sempre que ia dar uma olhada nele, estava rodeado por uma poça branca, e o balde de leite se encontrava quase vazio. Ele olhava para mim e sorria com orgulho, e meu impulso inicial de ficar zangado, dissipava-se rapidamente — mas eu ficava frustrado. Eu esperava que ele me ajudasse, mas ele parecia criar mais trabalho.

Foi em momentos assim de frustração, que me lembrei de quando endireitara os pregos para meu pai, e comecei a compreender. Trabalho é mais do que o resultado final. É uma disciplina. Precisamos aprender a fazer, e fazer bem, antes de podermos esperar recompensas tangíveis do nosso trabalho. Meu pai devia saber que se tivesse em mente apenas o resultado de minhas tarefas, ficaria frustrado por ver como eu ainda era desajeitado. Então procurou trabalhos que fossem difíceis e me desafiassem, a fim de ensinar-me a disciplina do trabalho árduo. Ele estava fazendo com que eu endireitasse pregos, não para reconstruir nossa casa, mas para edificar meu caráter.

Finalmente, fui instruído a empilhar as vigas em boa ordem, para que os operários as usassem no dia seguinte. Meu trabalho não terminava até que isso fosse feito e as ferramentas guardadas.

Vamos ensinar nossos filhos a terminarem as tarefas que lhes são designadas e a se orgulharem de suas realizações. O término de uma tarefa traz satisfação real, especialmente quando ela é o trabalho que melhor sabemos fazer.

Essas lições encheram-me de alegria e de apreço pelo trabalho honesto, preparando-me para a época de minha vida em que teria a responsabilidade de sustentar uma família. Os princípios que aprendi com meu bom pai, a respeito do trabalho honesto, da poupança, da disciplina, e de terminar a tarefa iniciada, seriam um ponto básico para o meu sucesso em qualquer profissão que resolvesse abraçar. Tais lições colocaram-me em posição de enfrentar com confiança os desafios de um mundo em constante transformação.



*Irmã Barbara W. Winder, Presidente Geral da Sociedade de Socorro, conversa com membro da Igreja.*

É esta a mesma lição que Paulo estava ensinando, quando disse:

“Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós.

Não porque não tivéssemos autoridade, mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes” (II Tessalonicenses 3:8-9).

Algo que ocorreu em minha vida, cerca de um mês atrás, fez com que eu pensasse sobre as bênçãos que um treinamento bom e iniciado na infância traz à pessoa, através dos anos. Eu estava chegando no aeroporto quando me entregaram um bilhete comunicando-me que uma de minhas melhores amigas havia falecido, e seu sepultamento seria dentro de uma hora e meia, numa comunidade que distava uns oitenta quilômetros dali. Mudei rapidamente de transporte e comecei a dirigir em direção ao funeral.

Esta grande alma que acabara de falecer fora minha professora na Primária durante três anos, quando eu tinha oito, nove e dez anos de idade. Ao dirigir-me para o enterro da Irmã Call, naquela manhã, minha mente encheu-se de lembranças agradáveis da minha infância.

Lembrei-me especialmente do poderoso exemplo do treinamento que recebi quando era pequeno — pais virtuosos que estavam sempre presentes

para me ensinar, inspirar e amar, incentivando-me e ajudando-me a traçar o curso correto de minha vida. Lembro-me de uma tia muito bondosa que morava na casa ao lado, e que fortalecia e servia como segunda testemunha dos ensinamentos de meus pais.

Então lembrei-me da querida Irmã Call, uma professora da Primária que levava seu trabalho muito além da sala de aula. Suas aulas incluíam muitas lições práticas fora da classe, para ensinar-nos a respeito da vida, do trabalho e da alegria de nos associarmos uns com os outros. A maneira especial que ela possuía de entremear suas lições com nossas vidas fez-nos compreender nosso valor pessoal.

Enquanto dirigia pela estrada, meu coração encheu-se de enorme gratidão por meus pais, pelos outros membros de nossa família e pelos líderes da Igreja que tiveram a paciência, o amor e a preocupação de construir um alicerce na vida de uma criança, durante aqueles anos críticos.

Não deveriam *todas* as crianças receber essa mesma bênção, bem cedo na vida? A obra na qual estamos engajados é a obra do Senhor. Ele traçou o rumo e revelou os princípios fundamentais que nos levarão de volta a sua presença. Que tenhamos a força e a coragem de segui-lo, é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

# VOSSA BÊNÇÃO PATRIARCAL: UMA LIAHONA DE LUZ

Presidente Thomas S. Monson  
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

*“O mesmo Senhor que deu uma Liahona a Léhi, proporciona-nos hoje uma dádiva rara e valiosa para orientar nossa vida.”*



Alguma vez haveis limpado um sótão ou remexido num velho depósito? Nesse lugares descobre-se um pedaço da história e muitos sentimentos. Há algumas semanas, esvaziamos o sótão de nossa casa nas montanhas. Setenta anos de tesouros, cada um com sua lembrança especial, foram rememorados. Encabeçando o desfile, estava uma velha cadeira alta, com rodas de metal. A cadeira foi seguida por garrafas de leite que antigamente tinham tampas de papelão, e por um exemplar da revista *Life*, que continha uma história da II Guerra Mundial.

Na revista havia um relato sobre certo avião, orgulho de sua época, um poderoso bombardeiro, que foi encontrado bem preservado em um canto isolado do vasto Deserto do Saara. O bombardeiro e a tripulação haviam participado do famoso ataque aos campos de petróleo Ploiesti, na Romênia. A aeronave fora atingida por fogo antiaéreo, que destruiu completamente seu equipamento de comunicações e de navegação. Quando o avião atingido se voltou em direção ao campo de pouso, no deserto, uma

súbita tempestade de areia apagou os pontos de referência familiares. As luzes de campo foram ocultadas pela areia e o avião ultrapassou o campo de pouso, entrando pelo deserto, até que, sem combustível, desceu no Saara, para nunca mais voar. Toda a tripulação pereceu. O lar, a segurança, o abrigo — tudo lhes foi negado. A vitória, esperanças e sonhos — tudo foi engolido pelo silêncio da poeira do deserto.

Séculos atrás, um virtuoso e dedicado pai, chamado Léhi, levou sua amada família para uma região igualmente desértica. Ele viajou atendendo à voz do Senhor, mas o Senhor não decretou que tal “vôo” fosse feito sem ajuda celestial. As palavras de Néfi descrevem a dádiva providenciada na manhã da histórica jornada:

“E aconteceu que meu pai se levantou pela manhã e saindo à porta da tenda, notou, com grande espanto, que havia no chão uma esfera esmeradamente trabalhada e feita de fino latão. E no seu interior havia duas agulhas, uma das quais nos indicava o caminho a seguir no deserto” (1 Néfi 16:10).

A guerra ou meios de destruição providos pelo homem não conseguiriam confundir ou destruir esta curiosa bússola. Nem as tempestades súbitas do deserto poderiam inutilizar sua capacidade de orientação. O Profeta Alma explicou que esta “Liahona”, como foi chamada, era uma bússola preparada pelo Senhor. Funcionava para eles na medida de sua fé, e apontava o caminho que deviam seguir (ver Alma 37:38-40).

O mesmo Senhor que deu uma Liahona a Léhi, proporciona-nos hoje uma dádiva rara e valiosa para orientar nossa vida, que marca os perigos à nossa segurança, e que traça o caminho, até mesmo passagens seguras — não

para uma terra prometida, mas para nosso lar celestial. A dádiva à qual me refiro é conhecida como a vossa bênção patriarcal. Todo membro digno da Igreja tem o direito de receber esse tesouro pessoal, precioso e inestimável.

“As bênções patriarcais”, escreveu a Primeira Presidência numa carta aos presidentes de estaca, “contém uma declaração inspirada sobre a linhagem do que a recebe e, quando o Espírito assim o dita, uma orientação inspirada e profética sobre a missão da pessoa nesta vida, juntamente com as bênções, advertências e admoestações que o patriarca possa sentir-se impellido a transmitir, para a realização dessa missão, tendo-se sempre em mente que a realização de todas as bênções prometidas está condicionada à fidelidade da pessoa ao evangelho de nosso Senhor, cujo servo o patriarca é.” (Carta da Primeira Presidência aos presidentes de estaca, 28 de junho de 1958.)

Quem é este homem, este patriarca, por meio de quem este poder de visão e do sacerdócio flui? Como ele é chamado? O Conselho dos Doze Apóstolos tem uma responsabilidade especial com o chamado de tais homens. Por minha própria experiência, testifico-vos que os patriarcas são chamados por Deus, por profecia. De que outra forma poderia nosso Pai Celestial revelar aqueles a quem esses poderes proféticos devem ser conferidos? Um patriarca tem um ofício ordenado, no Sacerdócio de Melquisedeque. Seu ofício patriarcal, contudo, é para abençoar — não para administrar. Jamais chamei um homem para esta função sagrada sem ter sentido a influência orientadora do Senhor na decisão. Permiti-me relatar-vos uma experiência que me é muito cara.

Há muitos anos, fui designado para chamar um patriarca para determinada estaca de Logan, em Utah. Encontrei o homem, escrevi seu nome num pedaço de papel, e coloquei-o dentro de meus livros de escrituras. Descobri depois que um outro patriarca digno havia mudado para a mesma área, tornando desnecessária a indicação de um novo. Ninguém foi indicado.

Nove anos mais tarde, fui novamente designado para uma conferência de estaca, em Logan. Novamente havia necessidade de um patriarca para a estaca que eu iria visitar. Havia muitos anos estava usando um novo conjunto de escrituras, que se encontrava em



Membros do Quorum dos Doze cantam um hino: da esquerda para a direita, Élder Boyd K. Packer, Élder Marvin J. Ashton, Élder L. Tom Perry, Élder David B. Haight, Élder James E. Faust, Élder Neal A. Maxwell, e Élder Russell M. Nelson.

minha pasta. Entretanto, ao preparar-me para sair de casa e ir para Logan, apanhei em minha estante meus antigos livros, deixando os novos em casa. Durante a conferência comecei a procurar um patriarca: um homem digno, um servo imaculado de Deus, alguém cheio de fé, caracterizado pela bondade. Meditando nesses requisitos, abri um dos livros e descobri o pedaço de papel que ali colocara muitos anos antes. Li o nome que escrevera: Cecil B. Kenner. Perguntei à presidência da estaca se, por acaso, Irmão Kenner morava naquela área. Descobri que sim. Cecil B. Kenner foi ordenado patriarca naquele dia.

Os patriarcas são homens humildes. São estudiosos das escrituras. Estão colocados diante de Deus como um meio pelo qual as bênçãos celestes podem fluir da fonte eterna para a pessoa em cuja cabeça repousam as mãos do patriarca. Talvez ele não seja um homem letrado, nem possua riquezas materiais, nem ocupe um cargo de destaque na vida. Entretanto, ele deve ser abençoado com o poder do sacerdócio e com pureza pessoal. Para alcançar o céu a fim de obter orientação divina, o patriarca precisa ser um homem de amor, um homem de

compaixão, de discernimento, um homem de Deus.

A bênção patriarcal é uma revelação para a pessoa que a recebe, como uma linha branca no meio da estrada, para proteger, inspirar e motivar a atividade e a retidão. Uma bênção patriarcal contém, literalmente, capítulos de seu livro de possibilidades eternas. Aquilo que talvez não venha a ser cumprido nesta vida, poderá ocorrer na próxima. Nós não governamos os horários de Deus. “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.

Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.” (Isaías 55:8-9.)

Vossa bênção patriarcal é vossa, apenas vossa. Ela pode ser breve ou longa, simples ou profunda. O tamanho e a linguagem não fazem a bênção patriarcal. É o Espírito que transmite o verdadeiro significado. Vossa bênção não é para ser dobrada cuidadosamente e guardada. Não é para ser colocada num quadro ou publicada. Não, é para ser lida. É para ser amada. É para ser

seguida. Vossa bênção patriarcal vos ajudará a atravessar a escuridão mais profunda. Guiar-vos-á através dos perigos da vida. Diferentemente do bombardeiro do ano passado, perdido nas terras incultas do deserto, as areias e tempestades da vida não vos destruirão nem destruirão vosso vó eterno. Vossa bênção patriarcal é para vós uma Liahona pessoal, que traçará vosso curso e guiará vosso caminho.

No clássico de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, Alice chega a uma encruzilhada, com dois caminhos diante de si, cada um seguindo direções opostas. Confrontada pelo Gato Careteiro, Alice pergunta: “Para que lado devo ir?”

O gato responde: “Isso depende de aonde você quer chegar. Se você não sabe aonde quer ir, não faz a menor diferença o caminho que você tomar.”

Diferentemente de Alice, cada um de nós sabe aonde deseja ir. É vital o caminho que tomarmos, pois a estrada que seguirmos nesta vida certamente nos conduzirá ao caminho que seguiremos na próxima.

Talvez seja preciso paciência para observar, esperar e trabalhar para que uma bênção prometida se realize.

Uma tarde, Percy K. Fetzer, um

virtuoso patriarca, procurou-me em meu escritório, para uma entrevista. Ele chorava enquanto conversávamos. Explicou-me que acabara de retornar da Polônia, onde tivera o privilégio de conferir bênçãos patriarcais aos nossos bons membros de lá. Após uma longa pausa, o patriarca revelou-me ter sido inspirado a prometer aos membros de uma família de origem alemã, chamada Konietz, coisas que não poderiam ser cumpridas. Eram coisas que estavam além do alcance daqueles a quem abençoara. Contou-me baixinho como tentara conter as promessas que sabia serem impossíveis. Não adiantara nada. A inspiração havia chegado, as promessas proferidas, as bênçãos concedidas.

“O que farei? O que posso dizer?” repetia-me ele.

Eu respondi: “Irmão Fetzer, essas bênçãos não foram dadas por você; foram conferidas por Deus. Vamos ajoelhar-nos e orar para que se cumpram.”

Vários anos após essa oração, um pacto inesperado, assinado pela República Federal da Alemanha com a Polônia, concedia aos alemães que se encontravam na Polônia ao final da guerra, o direito de retornar para a Alemanha. A família Konietz, cujos membros haviam recebido essas bênçãos patriarcais especiais, foi morar na Alemanha Ocidental. Tive o privilégio de ordenar o pai como bispo, na estaca de Dortmund. A família, então, empreendeu a tão esperada jornada até o Templo da Suíça. Vestiram-se com roupas de um branco imaculado. Ajoelharam-se no altar sagrado para a realização da ordenança que une pai, mãe, irmãos e irmãs, não apenas para o tempo, mas para toda a eternidade. O oficiante dessa cerimônia sagrada foi o presidente do templo. Mais do que isto, entretanto, era ele o mesmo servo do Senhor, Percy K. Fetzer, que, como patriarca, anos antes, havia pronunciado aquelas preciosas promessas nas bênçãos patriarcais que havia transmitido.

*Para onde fica o céu?*

*Para cá, ou para lá?*

*Se vives perto de Deus,*

*É aí onde tu estás.*

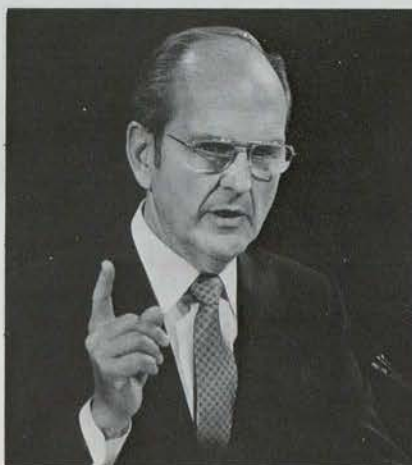
Vossa bênção patriarcal é vosso passaporte para uma vida de paz. É a Liahona de luz que vos guiará sem desvios para vosso lar celestial. Presto-vos testemunho destas verdades, em nome de Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO  
5 de outubro de 1986

## “A ALEGRIA VEM PELA MANHÃ”

Élder Russell M. Nelson  
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Para sentirmos a verdadeira alegria, é preciso que nos sintamos bem a respeito de nossos companheiros na vida, a respeito de nós mesmos e também de nossa relação com Deus.”*



O título de minha mensagem é tirado do Salmo número trinta, versículo 5: “A alegria vem pela manhã.” Ao conversar sobre esta escritura com membros de minha família, eles se lembraram de que “os homens existem para que tenham alegria” (2 Néfi 2:25), mas nunca haviam meditado sobre o curioso conceito de que “a alegria vem pela manhã”.

Uma pessoa de nossa família disse: “Os meios de comunicação quase todos os dias noticiam pessoas com problemas de drogas, bebidas, tensões emocionais. Como podem ela, e nós, alcançar a alegria mencionada nas escrituras?”

“O Evangelho de Jesus Cristo oferece esperança”, eu respondi. “Ele declara que a alegria é parte de nosso destino divino. E experimentar alegria pela manhã, torna-se nosso desafio especial. O verdadeiro teste”, continuei eu, “é conseguirmos olhar no espelho, assim que nos levantamos pela manhã, e

sentir alegria verdadeira”.

Uma de nossas filhas, que recentemente anunciava estar esperando um novo membro da família, disse: “Mas, papai, essa é a pior hora do dia para mim!”

“Meus queridos”, repliquei, “para sentirmos a verdadeira alegria, de manhã ou em qualquer outro momento, existem pelo menos três fatores indispensáveis. É preciso que nos sintamos bem a respeito das pessoas com quem vivemos e trabalhamos — seus companheiros na vida. É preciso que nos sintamos bem a respeito de nós mesmos — não de maneira convencida, mas simplesmente uma auto-estima, bem merecida. E, possivelmente o mais importante, é preciso que nos sintamos bem a respeito de nossa relação com Deus, e o amemos sinceramente.”

Assim como aconselhei minha família, naquela conversa, todos nós poderíamos considerar esses três passos, a fim de atingirmos a verdadeira alegria nesta vida.

Cortesia para com o Cônjuge

A alegria pela manhã começa com a cortesia para com o cônjuge. Quando a luz da manhã começa a penetrar nas sombras do meu sono, estendo os braços suavemente para minha amada companheira, ao meu lado. Assim eu me sinto docemente seguro de que ela está bem, mesmo antes de abrir completamente os olhos.

Incidentalmente, isso me lembra o conselho dado pelo Presidente David O. McKay, que dizia: “Durante o namoro, devemos manter os olhos bem abertos, mas depois do casamento, devemos mantê-los meio fechados” (Em *Conference Report*, abril de 1956, p. 9).

Minha companheira fez isso. Durante

os longos anos de estudos de pós-graduação, de responsabilidades profissionais e da criação de uma família, ela não reclamou. Recentemente ouvi uma conversa que ela teve com jovens mães que estavam enfrentando as mesmas dificuldades. Perguntaram-lhe como conseguira criar dez filhos com um marido cujo tempo era tão limitado. Sua resposta refletiu bondade: "Através dos nossos anos de luta, eu não esperei muita coisa, de forma que raramente me desapontei."

Ela é especial. Com ela, é fácil obedecer à ordem: "Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de (tua vida)" (Eclesiastes 9:9).

Nem todos nós somos abençoados com tão maravilhosos companheiros eternos — pelo menos, não por enquanto. Muitas pessoas casadas não podem estar juntos tanto quanto gostariam. Felizmente, todos nós temos a companhia da família e de amigos.

Recentemente, tive uma outra Autoridade Geral por companheiro numa viagem a missões de lugares empoeirados. Um dia, quando saí do chuveiro pela manhã, descobri, para minha surpresa, que esse companheiro prestimoso havia engraxado meus sapatos. Com gratidão fiquei imaginando se cada um dos trinta mil missionários que agora trabalham no serviço do Senhor, teriam, e seriam um amigo tão bondoso quanto aquele era para mim, solicitamente realizando pequenas cortêsias para seu companheiro.

A alegria vem pela manhã para aqueles que mereceram o descanso do sono do trabalhador. Uma das mais doces recompensas da vida é o privilégio de prestar serviços significativos para outras pessoas. Fazer por nossos semelhantes alguma coisa que eles não poderiam fazer por si mesmo traz uma satisfação inigualável. Valem a pena anos de preparação.

E a alegria é recebida servindo-se na Igreja. Alma assim expressou esta idéia: "Que talvez possa ser um instrumento nas mãos do Senhor para fazer com que alguma alma se arrependa... é a minha alegria" (Alma 29:9).

Servindo nos templos, o conceito de cortesia para com os companheiros pode estender-se nobremente àqueles que já estão além do véu. O evangelho traz boas-novas para os mortos e uma voz de alegria para os vivos e os mortos — novas alegres para todos (ver D&C 128:19).

Mesmo quando o véu da morte nos



*Autoridades Gerais, após uma sessão de conferência: da esquerda para a direita, Élder J. Thomas Fyans, do Primeiro Quorum dos Setenta; Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze; Élder F. Burton Howard, do Primeiro Quorum dos Setenta; e Élder M. Russell Ballard, do Quorum dos Doze.*

separa de pais que nos deram tanto para que pudéssemos existir, sua influência benéfica continua conosco. Contemplando-nos das janelas do céu, suas mãos serão mais riosas se pudermos verdadeiramente dizer, como o Apóstolo: "Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade" (III João 1:4).

Acima de tudo, a cortesia para com o cônjuge não pode ser profanada pela desobediência à lei da castidade. Esse pecado é o veneno mortal da alegria. O primeiro olhar da manhã, ao espelho, não pode refletir alegria se existe qualquer lembrança de iniquidade na noite anterior. O passo mais seguro para a alegria matinal é a virtude noturna! A virtude inclui a cortesia para com o cônjuge, durante o dia todo. Auto-Estima, Bem Merecida

O próximo pré-requisito da alegria é sentir-se bem consigo mesmo. O segundo dos dois grandes mandamentos de nosso Senhor indica-nos uma responsabilidade dupla: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:39). Assim, o amor ao cônjuge é governado, em parte, pela auto-estima, assim como a alegria pela manhã.

Cada indivíduo deve compreender a natureza de sua própria alma. A seguinte revelação nos traz uma percepção profunda:

"Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria" (D&C 93:33-34).

Portanto, os elementos espirituais e físicos devem ser ambos alimentados, a fim de se conquistar a auto-estima correta.

A auto-estima *espiritual* começa com a compreensão de que cada nova manhã é uma dádiva de Deus. Até mesmo o ar que respiramos é um empréstimo amoroso dele. Ele nos preserva dia-a-dia e nos apóia de momento em momento (ver Mosiah 2:21).

Assim, nosso primeiro ato matutino deve ser uma humilde prece de gratidão. As escrituras nos aconselham a orar a Deus, que ele se agrada de nós e veremos a sua face com júbilo (ver Jó 33:26; ver também Alma 34:21; 37:37).

Não compreendi plenamente o significado de uma saudação fervorosa, até que eu mesmo me tornei pai. Sou tão grato por nossos filhos jamais terem dado à mãe ou ao pai um tratamento de silêncio! Agora sinto como nosso Pai Celestial deve apreciar nossas orações, pela manhã e à noite. Mas posso também imaginar a dor que sente por causa do silêncio de qualquer de seus filhos. Para mim, tal ingratidão parece comparável à dos peixinhos dourados carrancudos os quais ignoram seus bondosos provedores, que colocam comida em seus aquários. Na verdade, aqueles que oram podem adorar a Deus "com uma alegria imensamente grande" (Alma 45:1).

Aprendi, há muito tempo, que um período de estudo de escrituras ininterrupto, pela manhã, produz um enriquecimento duradouro. Sinto-me



como Jeremias: “A tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração” (Jeremias 15:16). As sagradas escrituras foram repetidamente descritas como “boas-novas de grande alegria” (Helamã 16:14; Mosiah 3:3; Alma 13:22; ver também Lucas 2:10). Aprendendo e seguindo seus ensinamentos, essa alegria torna-se parte de nossa vida.

A alegria chega pela manhã quando desenvolvemos nossos talentos pessoais. Cada um de nós é abençoado com um potencial diferente. Acho que não poderia levantar-me suficientemente cedo para ser um pintor de retratos. Mas desde os primeiros anos de vida apreciei os ensinamentos de pais que conheciam a alegria trazida pela boa música. E alguns dos mais doces sons, em nossa casa, foram músicas e instrumentos de crianças que desenvolviam seus talentos.

Mesmo nos dias do Velho Testamento: “E disse Davi aos príncipes dos levitas que constituíssem a seus irmãos, os cantores, com instrumentos musicos... para que se fizessem ouvir, levantando a voz com alegria” (I Crônicas 15:16).

A confiança para iniciar cada manhã disposto a enfrentar os desafios do dia advém da auto-estima espiritual.

A auto-estima física também requer nutrição. Nosso corpo merece cuidados atenciosos. Faço eco à declaração de Paulo:

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”

Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo” (I Coríntios 3:16-17).

O condicionamento físico, por meio de exercícios regulares, é importante. E podemos fazer tantas coisas mais para conservar nosso corpo forte.

Em 1833 o Profeta Joseph Smith recebeu a Palavra de Sabedoria, por revelação. Ela inclui estas diretivas simples: não devemos beber álcool, chá ou café, e não devemos fazer uso do tabaco. Os profetas de nossa geração e nesta conferência exortaram-nos a evitar drogas. Agora a ciência médica vem confirmando, cada vez mais, os benefícios físicos da obediência a esses ensinamentos.

Os efeitos prejudiciais do álcool são tão amplamente conhecidos, que quase não é necessário comentá-los. O mal provocado pelo álcool foi demonstrado, por exemplo, por um estudo da relação entre o consumo de bebidas por mães grávidas e o peso de seus bebês, por ocasião do nascimento. Descobertas publicadas pelo Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos revelaram que o consumo de uma ou duas bebidas (“drinks”) por dia, aumenta substancialmente o risco de gerar-se uma criança retardada.

Os cientistas sabem agora que o fumo é a causa número um de mortes evitáveis em todo o mundo. É a primeira causa evitável das moléstias cardíacas, pulmonares, arteriais e do câncer.

Um outro relatório indica que mais

de um quarto de todas as mortes nos Estados Unidos são agora causadas por condições que os médicos classificam de desordens causadas por vícios.

A obediência à Palavra de Sabedoria mantém a pessoa afastada de todos esses vícios. Essa proteção é anunciada por convênio no último versículo da seção 89 de Doutrina e Convênios:

“E Eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará” (D&C 89:21).

Esta referência à primeira Páscoa nos lembra de que, *com fé*, a antiga Israel foi obediente ao mandamento de tomar do sangue e colocá-lo nas “ombreiras e na verga da porta” (Êxodo 12:7).

“E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade” (Êxodo 12:13).

Assim, *com fé*, a Israel moderna recebe ordem de obedecer à Palavra de Sabedoria. É um símbolo de nosso convênio com o Senhor — um separador espiritual de Israel, que faz convênios, do resto do mundo.

A alegria vem pela manhã — para aqueles que podem postar-se diante do espelho e sentir-se limpos; para aqueles cujas bocas estão livres dos sabores proibidos pelo Senhor; para aqueles cujo espírito e corpo estão libertos de qualquer sentimento de remorso. Amor a Deus

O atributo máximo que leva à alegria, é o amor a Deus. Até mesmo aquela primeira olhadela no espelho pode ser mais agradável, sabendo que fomos criados à sua imagem. Cada um de nós pode dizer, assim como o Apóstolo: “Fizeste-me conhecidos os caminhos da vida; com a tua face me encherás de júbilo” (Atos 2:28; ver também Salmo 16:11).

Deus, que nos concedeu a vida, também nos deu mandamentos, a fim de que, seguindo-os, tivéssemos alegria. Eles têm sido revelados periodicamente pelos profetas, desde Adão até o Presidente Benson. Houve alguém que escreveu o seguinte: “(Considerai)... o estado feliz e abençoado daqueles que guardam os mandamentos de Deus. Porque, eis que são abençoados em tudo, tanto corporal como espiritualmente” (Mosiah 2:41).

Mas para aqueles que não conheceram seus caminhos ou que se desviaram deles, lembrai-vos de que não é tarde demais para mudar. Ainda podeis receber as bênçãos da fé e do

arrependimento.

Vós, que vos julgais vencidos ou oprimidos, procurai libertar-vos nas primeiras horas do dia. O Senhor nos diz: “Cessai de dormir mais do que o necessário; recolhei-vos cedo aos nossos aposentos, para que vos não canseis; levantai-vos cedo, para que vossos corpos e vossas mentes sejam vigorados” (D&C 88:124).

O amanhecer de um dia esplendoroso anuncia o tempo do perdão. As sombras da dor de ontem se desmancham nos raios da oportunidade da manhã.

Alegria vem de nossa posteridade, e nós nos rejubilamos por eles serem abençoados pelas ordenanças de salvação e exaltação.

Nossa família passou por essa experiência de um modo especial, recentemente, quando nossa filha mais nova foi selada a seu companheiro eterno no templo santo.

Testemunhando esse evento, juntamente com outros membros da família, estavam seus pais e todas as suas oito irmãs mais velhas, com seus maridos. Para nós, houve verdadeira alegria na manhã daquele dia. Então realmente sentimos a verdade escriturística: “Os homens existem para que tenham alegria” (2 Néfi 2:25).

Essas experiências, embora gloriosas, são apenas o prelúdio daquele grandioso dia no futuro, quando os fiéis permanecerão na terra no último dia. Eles suportarão a Segunda Vinda do Senhor e estarão com ele quando aparecer (ver Malaquias 3:2-12; 3 Néfi 24:2-12). Naquela manhã gloriosa, o espelho refletirá o milagre da primeira ressurreição. Os fiéis serão coroados de glória, imortalidade e vida eterna (ver D&C 75:5; 138:51).

Novamente as “estrelas da manhã” cantarão juntas, “E todos os filhos (e filhas) de Deus” gritarão “em regozijo” (D&C 128:23; ver também Jó 38:7). Pois, naquela manhã, “a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne juntamente (a) verá” (Isaías 40:5; ver também Ezequiel 20:48; Lucas 3:6; D&C 101:23).

Então, “Haverá paz e contentamento para sempre, e todos os corações, e todas as vozes, naquele dia, irão regozijar-se... Haverá alegria na manhã daquele dia” (Natalie Sleeth, “Joy in the Morning”, Carol Stream, Ill.: Hope Publishing Co., 1977, pp. 4-5, 9-10). A alegria será nossa por causa de nossa fidelidade — eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Janeiro de 1987

# ALEGRIA E FELICIDADE NO TRABALHO DO TEMPLO

Élder Franklin D. Richards  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“Quando participamos do trabalho no templo, desenvolvemos uma afinidade com nosso Pai Celestial e com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.”*



**T**emos ouvido falar em como o Espírito Santo nos dirige. Lembro-me de que, anos atrás, numa reunião no templo, o Presidente David O. McKay sugeriu que mesmo que preparemos um discurso dez dias antes da conferência, o Senhor pode inspirar-nos tanto naquele momento quanto quando estamos no púlpito. Não pude deixar de pensar nisso ouvindo Élder Russell M. Nelson falar sobre alegria, e o coro cantar sobre alegria, uma vez que estou prestes a falar-vos a respeito da felicidade e da alegria do trabalho no templo. Meus queridos irmãos e irmãs, sinto-me realmente feliz por estar convosco nesta grandiosa conferência, e oro para que possa ser guiado pelo Espírito do Senhor ao vos falar.

A Primeira Presidência da Igreja instruiu-nos a respeito da missão da Igreja: levar o evangelho a toda a humanidade, aperfeiçoar os santos e realizar o trabalho do templo e a obra genealógica por nós mesmos e pelos mortos.

## Trabalho no Templo

Muitas vezes falei sobre a alegria e a felicidade que uma pessoa sente ao realizar o trabalho missionário. Hoje gostaria de fazer referência específica à alegria e felicidade que se recebe ao fazer o trabalho do templo. Há alguns meses atrás, Irmã Richards e eu estávamos voltando, após ter tido o privilégio de supervisionar o trabalho no Templo de Washington, D.C., por pouco mais de dois anos.

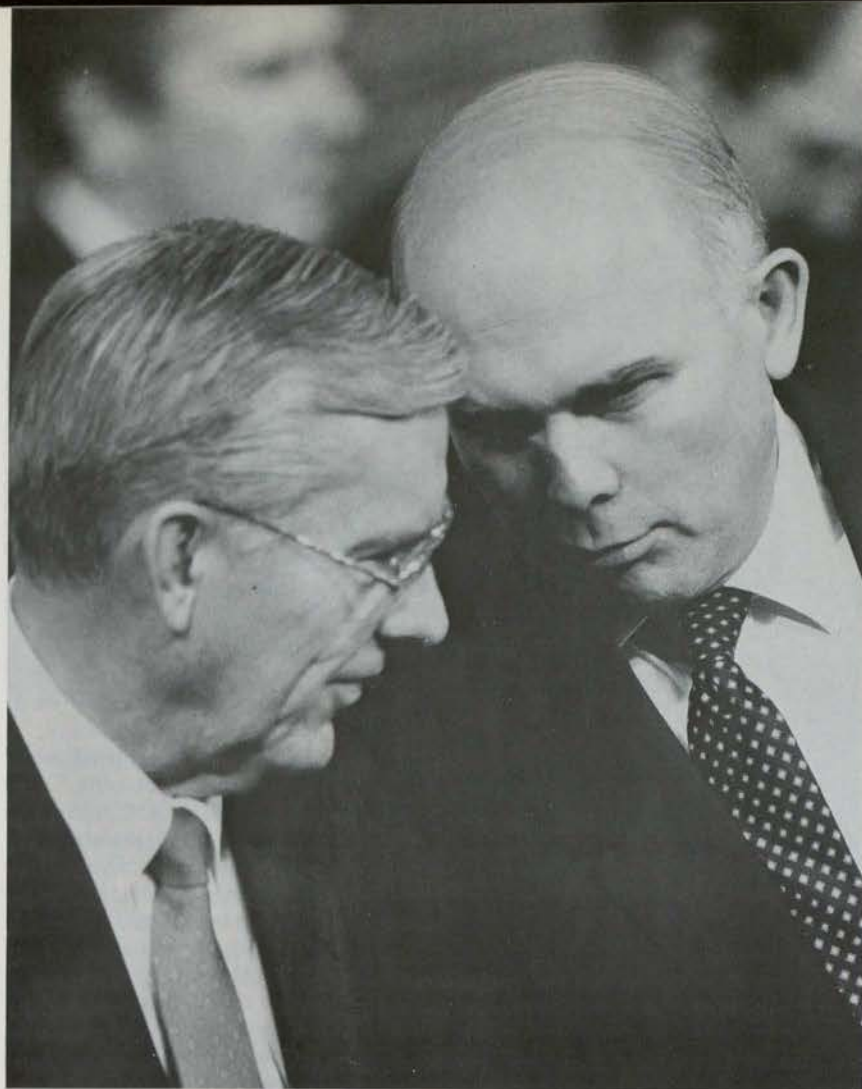
Talvez seja um tanto tarde, mas gostaria de transmitir-vos o amor e as saudações dos oficiantes e freqüentadores do Templo de Washington, e sinto-me feliz em vos dizer que existe um grande espírito e um desenvolvimento substancial no reino, naquela parte da vinha do Senhor.

Esses dois anos em Washington foram um período de experiências belíssimas para Irmã Richards e para mim, sendo que, diariamente, podíamos perceber evidências do amor e serviço a nossos semelhantes.

Nosso Pai Celestial é um pai amoroso. Ele disse: “Porque eis que esta é a Minha obra e Minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem” (Moisés 1:39). Com esta finalidade, ele restaurou o evangelho nesta dispensação.

## Por Que Templos?

Os santos dos últimos dias edificam templos porque foram instruídos a fazê-lo, a fim de que as sagradas ordenanças possam ser realizadas ali, tanto para os vivos quanto para os mortos. A realização dessas ordenanças é possível porque o trabalho genealógico e o trabalho do templo estão inseparavelmente ligados. É importante saber que as bênçãos do templo não estão limitadas a qualquer classe



especial, mas estão à disposição de todos os membros dignos da Igreja, adequadamente autorizados.

Gostaria de mencionar brevemente três áreas relacionadas com a freqüência ao templo.

Primeiro, para os vivos: Para os vivos, ordenanças como batismo, dom do Espírito Santo e ordenação ao sacerdócio, podem ser realizadas em qualquer lugar apropriado, fora de um templo. Contudo, através de revelação moderna, sabemos que certas ordenanças, como o endowment (investidura), casamento eterno, ordenanças de selamento pelos vivos e pelos mortos, e batismos pelos mortos, precisam ser realizados em um templo.

O endowment (investidura) do templo encerra certos convênios sobre os quais se baseiam certas bênçãos. Ele é também, na verdade, um curso cujas instruções respondem à pergunta: "Qual é o propósito da vida?"

O endowment, naturalmente, é uma

ordenança para o indivíduo, enquanto que as ordenanças de selamento concernem ao relacionamento familiar.

Segundo, para os mortos: O ministério de Cristo não foi limitado a algumas poucas pessoas que viviam na terra no meridiano dos tempos, assim como não se limita apenas àqueles que estão vivendo agora. O Apóstolo Pedro esclareceu bem que aqueles que não tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho nesta terra terão essa oportunidade no mundo espiritual (ver I Pedro 3:18-20; 4:6). E o Apóstolo Paulo, ao escrever aos coríntios, perguntou: "Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?" (I Coríntios 15:29.)

A adoração no templo proporciona a oportunidade de se fazer ordenanças por nossos parentes mortos e por outras pessoas, uma oportunidade de

servirmos aos mortos. Este serviço é fonte de eterna satisfação. Entretanto, é bom lembrar que o serviço vicário para os mortos, realizado pelos vivos, não afeta o direito que os mortos têm de aceitar ou rejeitar tais trabalhos vicários.

Terceiro, como refúgio: O templo é um refúgio das vicissitudes da vida, um local de oração e meditação que proporciona a oportunidade de recebermos paz interior, inspiração, orientação e, freqüentemente, soluções para os problemas que perturbam nossa vida diária.

O templo é o lugar onde a centelha divina existente no homem, ou o infinito que existe no homem, pode buscar o infinito que existe em Deus.

### **Felicidade e Alegria no Trabalho do Templo**

Tenho observado a alegria e satisfação daqueles que servem no templo. Lembro-me de certa ocasião em que uma irmã entrava pela porta do templo. Seu rosto resplandecia com a expectativa, e seus passos tornaram-se mais rápidos. Ela era oficiante do templo, e estivera ausente, visitando sua família. Segurou minha mão e disse: "É tão bom estar de volta. Amo meu trabalho no templo, e sei que não posso ser feliz, realmente feliz, longe dele. Traz-me uma alegria e satisfação que não encontro em qualquer outro lugar. Sinto-me realizada, ao fazer algo de valor eterno. É um pouco semelhante à obra do Salvador, que fez pela humanidade o que não podíamos fazer por nós mesmos. Este trabalho me dá uma sensação de paz — sim, a paz que ultrapassa o entendimento."

Certo dia, minha esposa e eu entramos no batistério mais ou menos ao meio-dia e notamos uma jovencinha sentada em um dos bancos. Conversando com ela, contou-nos que era de West Virgínia, e estava fazendo doze anos. A mãe perguntara-lhe o que desejava como presente de aniversário, e ela pediu que a mãe a levasse ao templo para realizar batismos pelos mortos.

Que oportunidade os oficiantes do templo têm de tocar o coração de nossos irmãos e irmãs de todas as idades!

Lembro-me de uma carta enviada por um bispo de uma ala no leste do Canadá. Ele dizia:

"Apreciamos o privilégio de levar nossos jovens ao templo. Nossos meninos e meninas precisam ser dignos.

Vemos muitos deles esperando sua vez com lágrimas nos olhos. Temos tido muitas experiências espirituais. Um rapaz que não pretendia fazer missão, afirmou: “Agora, terei de ir.” Nossas idas ao templo têm alcançado um sucesso além das expectativas. Vidas têm-se transformado literalmente. Os jovens consideram esta experiência muito espiritual.”

Quando participamos do trabalho no templo, desenvolvemos uma afinidade com nosso Pai Celestial e com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo que nos traz paz, felicidade e alegria eterna.

Existe no templo uma influência e um espírito que tocam a mente, o coração e a alma dos presentes. Sim, ele é, verdadeiramente, a Casa do Senhor.

Já foi dito que a história do templo é uma história de amor — do amor de Deus pelo homem, do homem por Deus, e do homem por seus semelhantes.

Não permitamos que as riquezas, as honrarias mundanas, ou as coisas vãs do mundo nos impeçam de sermos dignos deste sagrado privilégio que está ao nosso alcance. Somos verdadeiramente abençoados por termos vindo à terra nesta época, quando estas belas ordenanças de salvação foram trazidas novamente à terra e nós temos o privilégio de delas participar.

Incentivo os membros da Igreja a participarem da obra do templo de todas as formas possíveis, como a maneira mais compensadora de edificar o reino de Deus. Os propósitos do Senhor estão sendo alcançados, almas estão sendo salvas, e profecias estão sendo cumpridas. Sim, podemos ser gratos por vivermos nesta dispensação, a da plenitude dos tempos — quando Deus, o Pai e seu Filho, apareceram ao Profeta Joseph Smith; quando o evangelho em sua plenitude foi restaurado; quando o sacerdócio, ou o poder de agir em nome de Deus, foi restaurado; e quando a Igreja de Cristo está novamente atuando nesta terra. E apoiamos nosso profeta bem-amado, Ezra Taft Benson, que, através de revelação, dirige os negócios do reino de Deus na terra, nestes nossos dias.

Que possamos sair desta conferência fortalecidos e motivados por um desejo maior de alongar nossos passos. Que o reino de Deus vá adiante, que o reino dos céus possa chegar, e que as melhores bênçãos de nosso Pai Celestial estejam convosco, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

## O DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Elder A. Theodore Tuttle  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“Não vamos sobreviver neste mundo, seja temporal ou espiritualmente, sem uma fé cada vez maior no Senhor — e não me estou referindo a uma atitude mental positiva, mas sim a uma fé inequívoca e sólida no Senhor Jesus Cristo.”*



Meus amados irmãos e irmãs, seria ingratidão de minha parte não agradecer aos muitos dentre vós que oraram pelo meu bem-estar nos últimos meses. A ciência médica é maravilhosa, mas, acima e além dela, são necessárias bênçãos especiais de nosso Pai Celestial para que venha a cura. Sou grato por vossas orações em meu favor.

Contaram-me uma conversa mantida por um professor da Primária, em sua classe. Disse ele que estava ensinando meninos de onze anos. Perguntou-lhes: “Suponhamos que o Senhor lhes pedisse que construíssem uma nave espacial suficientemente grande para levar vocês, sua família e mais provisões, para fora deste planeta. Vocês poderiam fazê-la?”

Steve respondeu: — Eu poderia.

E o professor acrescentou: — Você já construiu uma nave espacial?

— Não.

— Você alguma vez construiu um modelo de nave espacial?

— Não.

— Você já viu uma?

Steve respondeu: — Já, na TV Mas então afirmou: — Você disse que o

Senhor mandou construí-la. Se ele mandou, eu posso fazer.

Imagino quantos de nós, adultos, teríamos esta espécie de fé. Gostaria de ler a respeito de um grande exemplo desta fé, no Livro de Mórmon. Refiro-me ao capítulo dezessete de 1 Nêfi:

“E então o Senhor me falou, dizendo: Tu construirás um navio da maneira que eu te mostrarei, a fim de que eu possa levar o teu povo através destas águas” (vers. 8).

Ouvi a resposta deste grande Nêfi:

“E eu lhe disse: Senhor, onde irei para encontrar o minério que eu possa fundir e preparar ferramentas a fim de construir o navio pelo modo como tu me mostraste?” (Vers. 9.)

E quando os irmãos perceberam que ele ia mesmo começar a construir um navio, disseram: “Ora, você é um tolo. Você não sabe como construir um navio” (vers. 17).

E então Nêfi começou a ensinar-lhes uma grande lição.

Como se *desenvolve* a fé?

Vamos aprender esta grande lição transmitida por Nêfi. Ele iniciou recordando as coisas que haviam acontecido, e que todos sabiam fazer parte de sua herança. Voltou até a saída dos filhos de Israel do Egito. E disse: “Vocês sabem o que aconteceu. Eles estavam lá, encurralados entre o Mar Vermelho e os egípcios que se aproximavam, e o Senhor os salvou” (ver vers. 26-27).

Depois ele continua a falar sobre o maná que receberam no deserto, a água que jorrou de uma rocha, como o Senhor os guiou através de um pilar de nuvem durante o dia e de uma luz à noite, e sobre como atravessaram o Jordão, tendo as águas parado no momento em que os pés dos sacerdotes se molharam (ver vers. 28-30, 32; ver também Êxodo 13:21; Josué 3:15-17). E depois, como ele dispersou o povo, e como, quando se encontraram no meio das serpentes voadoras, Moisés mandou



fazer uma serpente ardente e colocá-la sobre uma haste, e tudo que precisavam fazer para ficarem curados era olhar para a serpente. O relato afirma que muitos pereceram porque nem se davam ao trabalho de olhar (ver vers. 32, 41; ver também Números 21:8-9).

Ele estava tentando fazer o que nós, como pais, precisamos fazer com nossas famílias, hoje — desenvolver a fé no Senhor. E a maneira de fazê-lo é recordar os exemplos de fé que aconteceram em nossa história, com nossos antepassados, com nosso povo. Esse é o valor da história. Ela contém relatos de fé daqueles que eram de nosso próprio sangue, nossos ancestrais, nosso próprio povo e nossos filhos. Como já foi dito nesta conferência, não podemos passar uma geração sem perder a fé, caso não façamos isto. E para criar uma geração de fé, a fim de fazermos o que devemos nos dias de hoje, nós simplesmente precisamos desenvolver e aumentar nossa fé no Senhor Jesus Cristo.

Há um outro princípio: isto é, a fé precede o milagre. Esta lição se encontra em Éter, capítulo 12. Deveis lembrar-vos de que Morôni estava resumindo os registros das vinte e quatro placas, e é isto que ele registra: “E aconteceu que Éter profetizou ao povo grandes e maravilhosas coisas, nas quais, entretanto, o povo não acreditou, porquanto não as via” (vers. 5).

Eles não as podiam ver; não criam nelas. Precisavam ser ensinados que *crer é ver*. E então Morôni acrescenta um parêntese aqui:

“E agora, eu, Morôni, quisera falar algo a respeito dessas coisas. Quisera mostrar ao mundo que a fé são coisas que se esperam, mas não se vêem;

portanto, não disputeis sobre as coisas que não virdes, porque não receberéis testemunho senão *depois* da prova de vossa fé” (vers. 6).

Precisamos aprender isto. Não podemos ter apenas fé. Não podemos ver o milagre até depois do exercício da fé. Morôni apresenta, um pouco mais adiante, exemplos de milagres que ocorreram *após* a fé do povo ter sido provada. Precisamos também aprender esse princípio.

Lembro-me de que quando tinha vinte anos de idade, fui entrevistado pelo bispo para sair em missão. Quando retornei, minha mãe, toda sorridente, perguntou: — Bem, Ted, o que disse o bispo?

— Disse que eu não posso ir.

— Por que não? perguntou minha mãe.

E eu disse: — Porque não temos dinheiro suficiente.

— Se o meu pai pôde deixar dois filhos, mais outro por nascer logo após a partida dele, você pode ir.

Eu respondi: — Eu sei disso, mas o bispo não sabe.

Abrindo um parêntese, gostaria de dizer que ele estava fazendo bem o seu trabalho. Perguntou-me se eu tinha dinheiro. Disse-lhe que tinha algumas centenas de dólares, que ganhara naquele verão.

Ele disse: — E depois?

Eu disse: — Meu pai vai mandar para mim.

Ele perguntou: — Seu pai tem o dinheiro?

Eu respondi: — Não, — porque ele não tinha. Havíamos perdido nosso rebanho de ovelhas durante a depressão. Meu pai era corretor de gado, comprava carneiros e lâ por comissão, e essa era uma renda muita incerta.

O bispo esclareceu: — As Autoridades Gerais têm tido algumas experiências negativas, e você não poderá ir a menos que me garanta que terá o dinheiro suficiente.

Aceitei o que ele disse, e foi isso que eu contei a minha mãe.

Naquela noite esperamos papai chegar em casa e realizamos um conselho familiar. Concluímos que não tínhamos dinheiro suficiente — e que não o teríamos, tanto quanto podíamos ver, em qualquer época futura. Decidimos perguntar a nosso vizinho, Tom Anderson, homem bastante rico, se ele ajudaria. Quando explicamos nossa situação, ele respondeu: — Diga ao bispo que eu garanto você.

Antes que o bispo abrisse seu negócio, na manhã seguinte, eu já estava lá, esperando para dizer-lhe que Tom Anderson iria me garantir. O bispo respondeu: — Isso é tudo que preciso saber.

O interessante é que nós nunca precisamos recorrer ao Irmão Anderson. Meus pais me enviavam o cheque com um bilhete: “Isto é para este mês, e teremos o suficiente no próximo mês também.”

Sou produto de uma família de fé. Aprendi fé no meu lar. Ela me foi ensinada. Ela me foi instilada. Necessito dessa fé agora, tanto quanto em qualquer época.

Creio que todos precisamos. Não vamos sobreviver neste mundo, seja temporal ou espiritualmente, sem uma fé cada vez maior no Senhor — e não me estou referindo a uma atitude mental positiva, mas sim a uma fé inequívoca e sólida no Senhor Jesus Cristo. É isto que dá vitalidade e poder a indivíduos que, de outra forma, seriam um tanto fracos.

Presto-vos meu humilde testemunho de que sei que Deus vive. Sei que ele vive, que é nosso Pai, que nos ama. Presto testemunho de que Jesus é o Cristo, nosso Salvador e nosso Redentor.

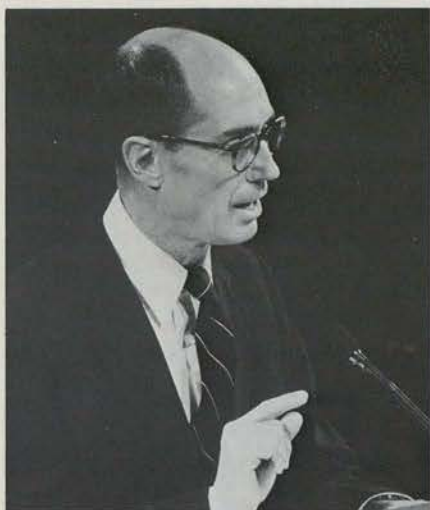
Agora compreendo melhor o que isto significa. Sou grato por seu sacrifício expiatório em nosso favor, e por conhecer algo a respeito de nossa relação com ele e com nosso Pai Celestial, e sobre o significado e propósito do Evangelho de Jesus Cristo. Sou grato por Joseph Smith. Sei que ele era um Profeta, e sei que o Presidente Ezra Taft Benson é um profeta vivo, hoje. Presto este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

# A CENTELHA DA FÉ

Bispo Henry B. Eyring

Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

*“Se eu tivesse a oportunidade de ensinar uma só coisa, seria o que significa e o que representa exercer fé em Jesus Cristo — a fé que leva ao arrependimento.”*



Ao finalizar a última conferência geral, o Presidente Benson afirmou o seguinte: “Abenço-vos com melhor compreensão do Livro de Mórmon. E vos prometo que, a partir deste momento, se nos banquetearmos diariamente com suas páginas e agirmos segundo seus preceitos, Deus derramará sobre todo filho de Sião e a Igreja uma bênção tal qual ainda não se viu.” (“Uma Sagrada Responsabilidade”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 80.)

Presto-vos testemunho de que fui abençoado como ele prometeu, e de que tenho presenciado novas bênçãos sendo conferidas a pessoas que amo. Sou grato a Deus por honrar as promessas que faz por meio de seu profeta.

Ao sentir esta gratidão, penso naqueles cujos corações estão feridos devido a promessas ainda não cumpridas. Esta noite, ou amanhã, muitos de nós oraremos fervorosamente, e talvez em lágrimas, por alguém cuja felicidade nos traria felicidade, que recebeu a promessa de todas as bênçãos de paz conferidas por ocasião do batismo e do recebimento do dom do Espírito Santo, mas que considerou tais promessas vãs. Nenhum de nós está imune, porque todos nós temos círculos de amor suficientemente

amplios para incluir essas pessoas. Meu coração se volta especialmente para aqueles que fazem a pergunta que todos nós formulamos: “Como posso estar certo de que fiz todo o possível para ajudar?”

Há cinquenta anos atrás, na conferência de outubro, o Presidente J. Reuben Clark, Jr., da Primeira Presidência, deu esta resposta, que trago copiada num cartão:

“Tenho esperança e creio que o Senhor jamais permitirá que a luz da fé se extinga totalmente de qualquer coração humano, por mais fraca que se torne. O Senhor providenciou para que sempre exista uma centelha, a qual, com ensinamentos, espírito de retidão, amor, ternura, exemplo, vivendo o evangelho, brilhará e atuará novamente, por mais obscurecida que a mente possa ter estado. E se falharmos em alcançar aqueles, dentre nós, cuja fé vacilou muito, estaremos falhando em uma das principais coisas que o Senhor espera de nossas mãos.” (Em *Conference Report*, outubro de 1936, p. 114.)

Esta encantadora metáfora — de uma centelha, uma centelha de fé — me dá confiança. O Presidente Clark descreveu a centelha quase escondida, quase abafada pelas cinzas da transgressão. Pode ser tão pequena que a pessoa não consiga sentir o seu calor. O coração pode estar endurecido. Até mesmo o Espírito Santo poderá ter sido forçado a se retirar. Mas a centelha continua viva, e acesa, e poderá ser levada a tornar-se em chama.

O Presidente Clark também sugere o que podemos fazer. Ele não sugeriu uma única abordagem para atingir todas as pessoas, mas descreveu aquilo que todo esforço bem sucedido para incendiar a centelha incluirá.

Ensinar é o primeiro ponto. Mas o que devemos ensinar? Suponhamos que o tempo e as oportunidades sejam escassos, como geralmente acontece no caso de pessoas que acham que não necessitam de vossos ensinamentos. Se

tivésseis o dom, e a oportunidade de ensinar apenas uma coisa, o que seria?

Para mim, a resposta foi ilustrada no sucesso de um grande homem, cujo coração doía por alguém que ele amava. Seu nome era Alma, e seu filho, Alma, tentava destruir a verdadeira Igreja. Vós vos lembrais de que, em resposta à oração de seu pai e dos membros fiéis da Igreja, Deus enviou um anjo para repreender o filho.

A advertência provocou tanto remorso em Alma, que ele teria sido destruído se não se lembrasse dos ensinamentos do pai. Assim descreveu ele o acontecido:

“E durante três dias e três noites fui atormentado pelas dores de uma alma condenada.

E aconteceu que, enquanto eu estava sendo assim atormentado e perturbado pela lembrança de tantos pecados, eis que me lembrei também de ter ouvido meu pai profetizar ao povo sobre a vinda de Jesus Cristo, um Filho de Deus, que viria expiar os pecados do mundo.

E tendo fixado minha mente nesse pensamento clamei em meu coração: Ó Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pois que sinto o fel da amargura e estou rodeado com as eternas correntes da morte.” (Alma 36:16-18.)

Como o pai lhe havia ensinado que o Salvador era sua única fonte de esperança, Alma iniciou o processo que o levou ao arrependimento total. Se eu tivesse a oportunidade de ensinar uma só coisa, seria o que significa e o que representa exercer fé em Jesus Cristo — a fé que leva ao arrependimento.

A fim de fazê-lo, eu tentaria levar a pessoa que amasse numa jornada, partindo de onde estávamos no início, com um Pai Celestial amoroso, até o momento de voltarmos para casa, para ele, novamente. Veríamos a queda de Adão e Eva e sentiríamos seu efeito sobre nós.

Iríamos a Belém e nos regozijariamos com o nascimento do Filho de Deus, e ao Jardim e ao Gólgota, com o coração quebrantado diante da transcendente dádiva da Expição. E iríamos ao sepulcro aberto, e à Galiléia, e a este hemisfério, para sentir esperança na obediência aos mandamentos de um Senhor Ressuscitado. E então, iríamos a um bosque em Nova York, para observar o menino Joseph Smith conversando com Deus, o Pai, e com seu Filho ressurreto, a fim de iniciar a tarefa que restaurou as ordenanças do



*Elder David B. Haight, do Quorum dos Doze, cumprimenta membros da Igreja.*

evangelho, e que podem levar-nos novamente para casa.

O Presidente Clark entendia que uma pessoa cuja fé está quase em extinção somente receberá ensinamentos, mesmo grandiosos, se seu coração for abrandado. E por isso ele diz que precisamos tocar a pessoa com o espírito de retidão, com amor, e com ternura. Agora, talvez sintais, com justiça, que o que ele pede é quase sobre-humano. Quando tentamos trazer pessoas de volta, sentimos rejeição e até mesmo ridículo. Podemos experimentar cansaço, frustração, e às vezes culpa. Como então podemos continuar tentando, em espírito de retidão, com amor e ternura?

A melhor resposta que conheço vem de outro pai maravilhoso. Seu nome era Mórmon. Ele escreveu uma carta a seu filho, Morôni, numa época em que eles tinham pela frente não apenas rejeição, mas ódio irrefreado, e sentiam não apenas frustração, mas fracasso quase certo. Mórmon desejava que Morôni enfrentasse esse teste com amor e ternura, e com espírito de retidão. Ele nos dá uma fórmula, a mesma dos profetas verdadeiros em todas as épocas. Sempre funcionou. A promessa é segura. Ei-la aqui, de uma carta de Mórmon:

“E o primeiro fruto do arrependimento é o batismo; e o batismo vem pela fé, para que se cumpram os mandamentos; e o cumprimento dos mandamentos traz a remissão dos pecados.

E a remissão dos pecados produz a humildade e a brandura de coração; e

por causa da humildade e brandura de coração vem a visitação do Espírito Santo, o Consolador, que nos enche de esperança e perfeito amor, amor que se conserva pela constância na oração, até que venha o fim, quando todos os santos viverão com Deus” (Morôni 8:25-26).

Se tentardes imaginar o Salvador trazendo uma ovelha perdida de volta ao rebanho, não o imaginariéis embalando-a nos braços? Essa ternura e amor, Mórmon testificou a seu filho, é o resultado natural da expiação de Jesus Cristo operando em nossa vida. Nossa fé leva ao arrependimento, aos dons do Espírito, e daí para o perfeito amor demonstrado pelo Mestre Pastor, e que ele sabe que precisamos possuir para servi-lo.

Os efeitos da Expiação em nossa vida podem também produzir em nós o exemplo de que aqueles que amamos necessitam. Aprendi novamente, outra noite, o exemplo que precisamos ser.

Estava conversando com minha esposa, ao final de um longo dia. Três de nossos filhos se encontravam na sala, ouvindo. Virei-me e notei que um deles me observava — observava meu rosto atentamente. E então me perguntou, suavemente: “Por que você está infeliz?” Tentei apresentar uma razão para meu cenho fechado, mas percebi, mais tarde, que ele bem poderia estar fazendo uma pergunta mais profunda: “Posso ver no seu rosto a paz prometida por Jesus, nesta vida?”

A fim de desviar meus pensamentos do que havia obscurecido meu olhar para o que iria iluminá-lo, recorri a uma

outra carta de Mórmon a seu filho. Tanto Mórmon quanto Morôni estavam enfrentando dificuldades que fazem com que os meus desafios pareçam ínfimos. Mórmon sabia que seu filho poderia ser vencido pelo desalento e por agouros, e apresentou-lhe o antídoto perfeito. Disse-lhe que teria a oportunidade de escolher, segundo o que colocasse na mente, tornar-se um exemplo de esperança. Eis o que ele escreveu:

“Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te aflijam as minhas revelações a ponto de causar-te a morte; possa Cristo te animar, e possam os seus sofrimentos e morte, a manifestação do seu corpo a nossos pais, sua misericórdia e longanimidade, a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre.” (Morôni 9:25.)

Tudo que podemos fazer para ajudar — ensinar no espírito de retidão, com amor, com ternura, com exemplo — centraliza-se no Salvador e seu Sacrifício Expiatório. É isso que nós devemos ensinar. A Expiação, atuando em nossa vida, produz em nós o amor e a ternura de que necessitamos. E lembrando-nos dele e de sua dádiva, o que prometemos fazer ao participar do sacramento todas as semanas, podemos colocar uma luz de esperança em nossa face, que é o que as pessoas que amamos precisam tanto ver.

O Presidente Clark nos lembrou, ao final de suas sugestões, que existe, e sempre existirá, o livre-arbítrio. A centelha não ficará mais candente até que a pessoa tente viver o evangelho. É por isso que esperamos tanto que aqueles a quem amamos sejam chamados e cumpram alguma designação, por menor que seja. Depois que escolherem servir aos seus semelhantes, sacrificar, tentar seguir os mandamentos com suas promessas, a centelha de fé se incendiará. Mesmo depois que tivermos feito tudo que nos for possível, essa escolha — de agir de acordo com a fé que possuem — deve ser deles.

Presto testemunho de que Deus vive, Jesus é o Cristo, e nesta dispensação, por meio dos profetas, de Joseph Smith a Ezra Taft Benson, ele concedeu o poder de se oferecer novamente as bênçãos plenas do Evangelho de Jesus Cristo. Oro que jamais cessemos de oferecer a escolha dessas bênçãos àqueles em quem a centelha de fé ainda pode ser levada a brilhar. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

# “RETORNAI AO SENHOR”

Élder F. Burton Howard  
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“O Senhor falou seriamente, quando disse: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e Eu, o Senhor, deles não mais me lembro.”*



Desde o início, os profetas chamaram quase todos os homens ao arrependimento. Aqueles que não conheciam o evangelho, foram exortados a abandonar seus caminhos pecaminosos, a guardar os mandamentos e a unir-se ao povo do Senhor.

Mas os profetas também têm exortado um outro grupo — aqueles que uma vez foram crentes, mas que, devido ao orgulho, pecado ou qualquer outra coisa, abandonaram a fé. Neste grupo estão os menos ativos, os críticos, os que não desejam assumir compromissos, e os rebeldes. São membros da Igreja que se afastaram de Deus à medida que se foram tornando mais velhos. O convite estendido a eles sempre foi o de voltarem para o Senhor.

Quando pensamos em membros da Igreja se arrependendo e retornando à atividade, as histórias de Paulo ou Alma podem surgir em nossa mente. Algumas pessoas talvez estejam esperando por uma experiência miraculosa semelhante, a fim de novamente se comprometerem. Provavelmente esperarão em vão. Pois, como o Salvador ensinou a seus discípulos: “Se não ouvem a Moisés e

aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite” (Lucas 16:31).

Sem esse tipo de incentivo para mudarem, alguns se perguntarão se é possível retornar à fé sem dúvidas. Poderá o cínico realmente tornar-se como uma criancinha? Poderá o escravo das paixões tornar-se livre novamente? Existe um caminho de volta? Se existe, vale a pena o esforço para encontrá-lo e segui-lo? Onde e quando a pessoa inicia?

Existe um caminho — pois certamente os profetas não ensinam em vão. E, com a mesma certeza, o Senhor ouve as orações de professores, líderes e pais que oram pelo retorno daqueles que estão perdidos.

Alguns podem achar que o caminho não está claramente marcado, pois nas escrituras, existem apenas alguns exemplos de antigos crentes que se arrependeram. Seja como for, permanece o fato de que milhares retornaram da inatividade. Gostaria de falar sobre alguns.

Quando fui chamado como bispo pela primeira vez, herdei uma ala muito grande. Muitos dos oitocentos membros, aproximadamente, não freqüentavam a Igreja. Eu não os conhecia, e decidi fazê-lo.

Numa tarde de domingo, no mês de novembro, fui visitar uma família inativa. Quando me aproximei da casa, uma mulher varria o alpendre. Apresentei-me como o novo bispo, e perguntei-lhe se o marido estava em casa.

“Está”, disse ela, “mas não vai falar com o senhor. Estamos cansados de ser incomodados. Meu marido pediu ao outro bispo que retirasse nossos nomes dos registros da Igreja. Não desejamos a visita dos mestres familiares. Não queremos ninguém recolhendo ofertas de jejum. Apenas desejamos ser deixados em paz.”

Ela segurou mais firmemente a vassoura. “Agora dê o fora”, disse ela. “Saia do meu alpendre, saia do meu

jardim, e não volte.” A vassoura vinha em minha direção, e eu comecei a bater em retirada. Tartamudeei algumas palavras de desculpas, que ela ignorou: “Fora”, disse ela, e eu me fui.

Não consegui dormir direito naquela noite. Havia sido humilhado. Pior ainda, parecia-me, meu cargo fora tratado com desrespeito. Quando chegou terça-feira à noite, eu estava quase decidido que a mulher e o marido deviam ser excomungados. Um conselheiro prudente, e a leitura cuidadosa das instruções dos escritórios da Igreja, persuadiram-me a agir de outra maneira.

Eu os cumprimentava na rua, ocasionalmente, mas nunca mais voltei à sua casa. Entretanto, designamos um parente para visitá-los todos os meses, a fim de sabermos como iam passando. Pelo que me consta, nenhuma mensagem do evangelho lhes foi transmitida, e nenhum outro contato significativo da Igreja foi feito com a família, durante os anos em que servi como bispo.

Depois de algum tempo a ala foi dividida. Eu fui desobrigado, e chamado como presidente da estaca. Numa outra noite de terça-feira, alguns anos mais tarde, um de nossos bispos foi ao meu escritório e perguntou-me se estaria livre naquela noite para entrevistar um casal idoso que desejava uma recomendação para o templo. Ele estava trabalhando com eles havia tempo, e finalmente se encontravam prontos para ir ao templo.

Ele disse: “Talvez o senhor os conheça, Presidente”, e mencionou o nome da mulher com a vassoura.

Mal podia esperar pela entrevista. Mais ou menos às nove horas, o bispo trouxe um casal idoso, muito bem vestido, ao meu escritório, e apresentou-os. Reconheci as mesmas pessoas que conhecera antes, mas agora estavam diferentes. Convidei a boa irmã para entrar primeiro no meu escritório. Perguntei-lhe se sabia quem eu era, e ela replicou: “Oh, sim, o senhor é o presidente da estaca.”

“Lembra-se de uma tarde de domingo, em novembro, treze anos atrás?” perguntei. “Um jovem bispo dirigiu-se à sua casa para saber se a senhora e seu marido desejavam tornar-se mais ativos na Igreja. Lembra-se de o haver expulsado?”

“Não me lembro de nada disso”, disse ela. “Estou certa de que jamais teria feito uma coisa dessas.”

Então eu disse: “Tenho outra



*Elder Jacob de Jager e Elder Vaughn J. Featherstone, ambos do Primeiro Quorum dos Setenta.*

pergunta. Por que esperou tanto tempo para voltar à Igreja?"

"Bem, sempre soubemos que ficaríamos ativos novamente, um dia", respondeu ela. "Nós desejávamos isso. Só que nunca o fizemos. Meu marido fumava muito, e não estaria à vontade na Igreja. Orei durante anos para que ele parasse de fumar. Quando ele começou a ter problemas de saúde, alguns anos atrás, pareceu-nos um bom momento para voltar."

Terminei aquela entrevista e conversei também com o marido. Eles eram completamente dignos. Pouco depois, foram ao templo para ser selados.

Agora, notastes os elementos de sua volta? Não foi fácil. Eles sempre tinham sabido. Ela orara durante anos. Houve muito tempo perdido. Finalmente, antes que fosse tarde demais, conversaram com o bispo, arrependeram-se, velhas atitudes e hábitos foram esquecidos, e eles retornaram.

Outro que voltou foi Aminadab (ver Helamã 5). Ele pertencera uma vez à Igreja de Deus, mas tornou-se crítico e contencioso. Evidentemente simpatizava com a oposição, porque estava presente quando dois jovens

missionários, chamados Néfi e Léhi, foram levados como prisioneiros, por um exército de lamanitas.

Uma nuvem de escuridão veio sobre ele, e ouviu uma voz suave sussurrando: "Arrependei-vos ... e não procureis mais destruir meus servos" (vers. 29-30). Surpreso, voltou-se e viu Néfi e Léhi. Seus rostos resplandeciam na escuridão, e eles pareciam elevar suas vozes ao céu (ver vers. 36).

Aminadab então os reconheceu pelo que eram. Em voz alta, falou aos lamanitas, dizendo-lhes que os jovens eram servos de Deus. Quando o exército se virou para olhar, seus componentes também perceberam a escuridão que os circundava. Perguntaram a Aminadab como afastá-la, e ele, usando uma verdade aprendida, creio eu, em outra ocasião, respondeu:

"É necessário que vos arrependais e rogueis (ao Senhor), até que tenhais fé em Cristo...; e quando isso tiverdes feito, a nuvem de escuridão será afastada e não vos encobrirá mais" (vers. 41).

Observai novamente, a escritura fala de escuridão encobrindo aqueles que abandonaram a fé. O efeito da escuridão é evitar que a pessoa veja com

clareza. A fim de encontrar o caminho de volta, como descobriu Aminadab, é preciso arrepender-se e orar até que a dúvida e a escuridão se dissipem e as coisas importantes possam ser vistas novamente.

Uma história final — novamente sobre quando eu era bispo. Certa noite, quando estava dormindo profundamente, a campainha soou. Tropeçando, fui abrir a porta, e lá estava um rapaz do meu quorum de sacerdotes. Eu o conhecia bem, o suficiente para ter saído com ele, orado com ele e por ele, e tê-lo ensinado. Eu o conhecia tão bem quanto um bom bispo conhece qualquer sacerdote ativo, de dezoito anos de idade, o que é suficientemente bem para perguntar-lhe o que fazia diante da minha porta, no meio da noite.

Ele disse: "Preciso falar com o senhor, bispo. Fiz uma coisa séria, e não posso ir para casa."

Ele estava certo. Era sério. Convidei-o a entrar, e ele falou. Ele falou e eu ouvi, depois eu falei e ele ouviu, até de madrugada. Ele tinha muitas perguntas. Cometera um terrível pecado, e desejava saber se havia esperança. Desejava saber como se arrepender. Queria saber se o arrependimento incluía contar aos pais. Queria saber se havia oportunidade de sair em missão. Queria saber muitas coisas mais.

Eu não tinha todas as respostas, mas disse-lhe que havia esperança. Disse-lhe que o caminho de volta seria difícil, mas era possível. Expliquei-lhe o que sabia a respeito do processo de arrependimento, e ajudei-o a ver o que deveria fazer. Disse-lhe que se realmente desejava cumprir missão, essa decisão só poderia ser tomada no futuro, após o arrependimento. Depois mandei-o para casa, e ele obedeceu.

Ele fez as pazes com os pais. Pediu perdão às pessoas que prejudicara. Deixou para trás o pecado e as más companhias, e fez tudo que podia para arrepender-se.

Um ano mais tarde, cinco jovens daquele quorum saíram em missão. Ele foi um deles. Eu era muito amigo de todos eles. Compareci a todas as despedidas. Todos cumpriram uma missão honrosa. Pouco tempo depois de voltarem para casa, todos eles se casaram no templo. Minha esposa e eu comparecemos a todas as cerimônias. Poderia pegar um pedaço de papel, mesmo hoje, e escrever seus nomes, o nome de suas esposas e de alguns de seus filhos. Eu os conhecia assim tão

bem.

Mas agora permiti-me contar-vos algo — algo muito particular e muito importante. Não consigo lembrar-me do nome do rapaz que foi à minha casa no meio da noite. Sei que ele era um dos cinco, mas não me lembro qual.

Durante um tempo eu me preocupei com isso. Achei que talvez minha memória estivesse falhando. Conscientemente tentei lembrar-me qual deles tivera aquele problema, e não conseguí.

Eventualmente fui desobrigado, e tirei o incidente da minha mente. Num passeio noturno, alguns anos depois, encontrei-me na ala onde servira como bispo. O silêncio cheio de sombras trouxe de volta muitas lembranças. Eu estava imerso em pensamentos, quando percebi que passava em frente à casa de um dos meus sacerdotes. De repente, a história do rapaz que mencionei me veio à mente, e novamente tentei lembrar-me qual dos cinco era ele. Teria ele morado naquela casa? Não sabia. Por que não conseguia lembrar-me?

Continuando meu caminho, algo aconteceu — algo difícil de explicar, mas real para mim. Pareceu-me ouvir uma voz que disse: “Não compreendes, meu filho? Eu esqueci aquilo. Por que tu deverias lembrar-te?”

Fiquei mortificado. Não existia uma resposta satisfatória para aquela pergunta. Nunca mais fiquei tentando lembrar-me. E soube então, com mais certeza de que jamais tivera, que o Senhor se agrada quando seus filhos retornam a ele.

Todos os que são pastores e todas as ovelhas perdidas devem observar uma última coisa. O Senhor falou seriamente, quando disse: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e Eu, o Senhor, deles não mais me lembro” (D&C 58:42).

Há alguns anos era moda, em certos círculos, usar a expressão: “Não se pode jamais voltar para casa.” Isso simplesmente não é verdade. É possível retornar. É possível para aqueles que cessaram de orar, orar de novo. É possível para aqueles que estão perdidos, encontrar o caminho na escuridão, e voltar para casa.

E quando o fizerem, eles saberão, como eu sei, que o Senhor está mais preocupado com o que o homem é, do que com o que ele foi, e com o lugar em que ele está, do que com o lugar em que ele esteve. E isto eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém.

## A DÁDIVA DA REVELAÇÃO MODERNA

Presidente Ezra Taft Benson

*“Estamos usando o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios para abençoar nossa vida e resistir aos poderes do mal? É com este propósito que eles nos foram dados.”*



Meus amados irmãos e irmãs, nesta gloriosa ocasião, ao nos reunirmos todos aqui, desejo expressar minha gratidão a nosso Pai Celestial pela dádiva das revelações modernas, e, particularmente, pelos livros de escrituras que ele nos deu nestes últimos dias.

Eu amo a Bíblia, tanto o Velho quanto o Novo Testamento. Ela é uma fonte de grandiosas verdades. Ensina-nos a respeito da vida e do ministério do Mestre. Em suas páginas aprendemos que a mão de Deus dirige os interesses de seu povo, desde o início da história da terra. Seria difícil subestimar o impacto que a Bíblia teve na história do mundo. Suas páginas têm abençoado a vida de incontáveis gerações.

Mas, à medida que as gerações se sucediam, nenhuma outra escritura surgiu para os filhos dos homens. Sem revelações adicionais para guiá-los, os homens iniciaram a interpretar a Bíblia diferentemente. Numerosas igrejas e credos se desenvolveram, cada um utilizando a Bíblia como sua fonte autoritativa.

Mas isto, de forma alguma diminui o

valor da Bíblia. Esse livro santo tem sido de inestimável valor para os filhos dos homens. Na verdade, foi uma de suas passagens que inspirou o Profeta Joseph Smith a dirigir-se ao bosque, perto de sua casa, e ajoelhar-se em oração. O que aconteceu a seguir foi a gloriosa visão que deu início à restauração da plenitude do Evangelho de Jesus Cristo à terra. Essa visão também iniciou o processo do aparecimento de novas escrituras, que se encontram ombro a ombro com a Bíblia, prestando testemunho a um mundo iníquo, de que Jesus é o Cristo e de que Deus vive e ama seus filhos, estando ainda intimamente envolvido em sua salvação e exaltação.

Através do Profeta Néfi, o Senhor advertiu-nos a respeito daqueles que poderiam dizer que a Bíblia continha todas as escrituras de que o mundo necessitava. afirmou ele:

“Não sabeis que há mais que uma nação? Não sabeis que eu, o Senhor vosso Deus, criei todos os homens e levo minha palavra aos filhos dos homens, sim, a todas as nações da terra?...”

Não sabeis que o depoimento de duas nações é o testemunho de que eu sou Deus, de que me recordo tanto de uma como de outra nação?...

E isso eu faço para provar a muitos que sou o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (2 Néfi 29:7-9).

Hoje temos três novos livros de escrituras: o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Amo todos esses volumes sagrados. Esta tarde gostaria de vos falar particularmente sobre o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios. Estes dois grandes livros de escrituras dos últimos dias estão ligados como revelações do Deus de Israel, para o propósito de reunir e preparar seu povo para a segunda vinda do Senhor.



Como escreveu o Presidente John Taylor, o surgimento desses dois volumes sagrados custou o “melhor sangue do século dezanove” (D&C 135:6), ou seja, a vida do Profeta Joseph Smith e de seu irmão Hyrum.

Ao Profeta Joseph Smith o Senhor afirmou: “Esta geração receberá a Minha palavra por teu intermédio” (D&C 5:10). O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios fazem parte do cumprimento dessa promessa. Juntas, essas duas grandes obras de escritura trazem maravilhosas bênçãos a esta geração.

Cada um destes dois livros de escritura modernas contém uma poderosa proclamação ao mundo. A página-título do Livro de Mórmon declara seu propósito triplo: mostrar as grandes coisas que o Senhor tem feito, ensinar os convênios do Senhor e convencer judeus e gentios de que Jesus é o Cristo.

A seção 1 de Doutrina e Convênios é o prefácio do Senhor ao livro. Doutrina e Convênios é o único livro no mundo cujo prefácio foi escrito pelo próprio Senhor. Nesse prefácio, ele declara ao mundo que sua voz se dirige a todos os homens (ver vers. 2), que a vinda do Senhor está próxima (ver vers. 12), e que as verdades encontradas em Doutrina e Convênios serão todas cumpridas (ver vers. 37-38).

Cada uma dessas duas grandiosas escrituras, presta um testemunho poderoso e eloqüente do Senhor Jesus Cristo. Virtualmente, todas as páginas, tanto de Doutrina e Convênios quanto do Livro de Mórmon, ensinam a respeito do Mestre — seu grande amor por seus filhos e seu sacrifício expiatório

— e nos ensinam como viver, a fim de retornarmos a ele e ao nosso Pai Celestial.

Cada um desses dois grandes livros de escrituras SUD, contém o conhecimento e o poder para ajudar-nos a viver melhor, numa época de grande iniquidade e pecado. Aqueles que estudam atenta e fervorosamente as páginas desses livros, encontram conforto, conselhos, orientação e um poder sereno para melhorar sua vida.

O Presidente Marion G. Romney disse o seguinte sobre o Livro de Mórmon:

“Se nossos jovens estiverem acostumados a seguir os ensinamentos do Livro de Mórmon, serão não apenas inspirados com coragem justa de fazer escolhas certas, através de exemplos... mas estarão tão instruídos a respeito dos princípios do Evangelho de Jesus Cristo, que saberão o que é certo.

Quase todas as páginas do livro irão transmitir-lhes um tocante testemunho de que Jesus é, na verdade, o Cristo, o Filho do Deus Vivo, nosso Redentor e Salvador. *Este testemunho, sozinho, será uma âncora segura em qualquer tempestade*” (em Conference Report, abril de 1960, p. 112; grifo nosso).

Falando sobre as revelações de Doutrina e Convênios, o Presidente Joseph Fielding Smith afirmou: “Se as colocarmos em prática, se guardarmos os mandamentos do Senhor, conheceremos a verdade, e nenhuma arma apontada contra nós prosperará. Não haverá doutrinas falsas, nem ensinamentos de homens que nos enganem... Se atentarmos para essas revelações, seremos fortalecidos contra os erros e nos tornaremos fortes” (em

Conference Report, outubro de 1931, p. 17).

Muitos anos antes da vinda do Salvador a esta terra, o Profeta Enoque viu os últimos dias. Ele observou a grande maldade que dominaria a terra nesta época, e predisse as “grandes tribulações” que resultariam de tanta iniquidade; mas no meio daquilo que, de outra forma seria uma profecia muito sombria, o Senhor prometeu: “Mas a Meu povo preservarei” (Moisés 7:61). Como ele faria isto? Observai que o próprio Senhor prometeu que preservaria seu povo. Disse ele:

“E *dos céus enviarei justiça; e da terra farei brotar a verdade* para dar testemunho do Meu Unigênito;... e farei que a *justiça e a verdade* varram a terra como um dilúvio, a fim de ajuntar meus eleitos das quatro partes da terra em um lugar que prepararei” (Moisés 7:62; grifo nosso).

O Senhor prometeu, portanto, que a retidão viria do céu, e a verdade da terra. Temos visto o maravilhoso cumprimento dessa profecia em nossa geração. O Livro de Mórmon surgiu da terra, cheio de verdade, servindo como a própria “pedra angular de nossa religião” (ver Introdução ao Livro de Mórmon). Deus também enviou retidão dos céus. O próprio Pai apareceu com seu Filho ao Profeta Joseph Smith. O anjo Morôni, João Batista, Pedro, Tiago e numerosos outros anjos foram orientados do céu para restaurar os poderes necessários ao reino. Além disso, o Profeta Joseph Smith recebeu revelação após revelação dos céus, durante aqueles primeiros anos críticos do crescimento da Igreja. Tais revelações foram preservadas em Doutrina e Convênios.

Essas duas grandes obras de escritura, tornam-se, assim, o principal instrumento nas mãos do Senhor para proteger seu povo nos últimos dias: o Livro de Mórmon, escrito sob inspiração, para os nossos dias, preservado através de séculos a fim de ser revelado no nosso tempo, traduzido pelo dom e poder de Deus. É a pedra angular de nossa religião. É a pedra angular de nossa doutrina. É a pedra angular de nosso testemunho. É a pedra angular no testemunho de Jesus Cristo. É a pedra angular para ajudar-nos a evitar os engodos do maligno, nestes últimos dias. Satanás vocifera no coração dos homens e tem poder sobre todos os seus domínios (ver D&C 1:35). Mas o Livro de Mórmon tem poder maior — poder de revelar doutrinas



A Primeira Presidência cumprimenta as presidentes gerais das auxiliares. Da esquerda para a direita: Dwan J. Young, Presidente da Primária; Ardeth G. Kapp, Presidente das Moças; e Barbara W. Winder, Presidente da Sociedade de Socorro.

falsas, poder de auxiliar-nos a vencer as tentações, poder para ajudar-nos a chegar mais perto de Deus — do que qualquer outro livro (ver Introdução ao Livro de Mórmon).

O Livro de Mórmon precisa ser reentronizado na mente e no coração de nosso povo. Precisamos honrá-lo, lendo-o, estudando-o, transferindo seus preceitos para nossa vida, e transformando-a no tipo de vida requerido de um seguidor de Cristo. Falando sobre o papel central do Livro de Mórmon em nossa adoração, o Presidente Joseph Fielding Smith disse:

“Parece-me que nenhum membro desta Igreja poderá sentir-se satisfeito até ter lido o Livro de Mórmon repetidas vezes, e meditado profundamente sobre ele, de modo a poder prestar testemunho de que o livro é, verdadeiramente, um registro com inspiração do Todo-Poderoso, e que sua história é verdadeira...”

*Nenhum membro desta Igreja que*

*não tenha, séria e atentamente lido o Livro de Mórmon, poderá ser aprovado na presença de Deus”* (em Conference Report, outubro 1961, p. 18; grifo nosso).

Semelhantemente, Doutrina e Convênios torna-se parte essencial de nossa vida espiritual. O Profeta Joseph Smith relatou: “Nestes primeiros dias da Igreja, havia grande ansiedade para se obter a palavra do Senhor a respeito de todos os assuntos que estivessem, de qualquer forma, relacionados à nossa salvação” (*History of the Church*, 1:207).

Assim, Doutrina e Convênios é um glorioso livro de escrituras dado diretamente a nossa geração. Ele contém a vontade do Senhor para nós nestes últimos dias, os quais precedem a segunda vinda de Cristo. Ele contém muitas verdades e doutrinas não reveladas plenamente em outras escrituras. Como o Livro de Mórmon, ele fortalecerá aqueles que o estudarem atenta e fervorosamente.

Estamos nós, como santos do Altíssimo Deus, apreciando verdadeiramente a palavra que para nós foi preservada a tão alto preço? Estamos usando estes livros de revelações SUD para abençoar nossa vida e resistir aos poderes do mal? É com este propósito que eles nos foram dados. Como poderemos deixar de ser condenados pelo Senhor, se os tratarmos levemente, permitindo que eles apenas juntem poeira em nossas estantes?

Meus amados irmãos e irmãs, presto-vos solene testemunho de que esses livros contêm a mente e a vontade do Senhor para nós, nestes dias de sofrimentos e tribulações. Juntamente com a Bíblia, eles prestam testemunho do Senhor e sua obra. Esses livros contêm a voz do Senhor nestes últimos dias. Que possamos voltar-nos para eles com um propósito justo em nosso coração, e usá-los da forma desejada pelo Senhor, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

# REUNIÃO DAS MULHERES

27 DE SETEMBRO DE 1986

“Enchei-vos de Esperança” foi o tema da Reunião Geral das Mulheres, realizada sábado à noite, em 27 de setembro de 1986. A reunião, realizada no Tabernáculo, na Praça do Templo em Lago Salgado, foi assistida por mulheres e jovens de dez anos de idade em diante.

Elas ouviram mensagens especiais do Presidente Ezra Taft Benson, da Presidente Geral da Primária, Dwan J. Young, da Presidente Geral das Moças, Ardeth G. Kapp, e da Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Barbara W. Winder.

## ÀS MOÇAS DA IGREJA

Presidente Ezra Taft Benson

*“Colocamos tantas esperanças em vós. Esperamos tanto de vós. Não vos conformeis em ser menos do que aquilo que o Senhor deseja que sejais.”*



Minhas queridas irmãs, esta foi uma reunião gloriosa. Que grande oportunidade estar com as filhas diletas de nosso Pai Celestial, reunidas em capelas por todo o mundo!

Na conferência passada, em abril, tive uma oportunidade semelhante de falar a todos os homens da Igreja na reunião geral do sacerdócio de sábado à noite. Naquela ocasião, dirigi-me diretamente ao Sacerdócio Aarônico. Esta noite, gostaria de falar a vós, moças da idade correspondente.

Algumas das coisas que direi esta noite, serão exatamente aquilo que disse aos rapazes, seis meses atrás, e que, desejo que saibais, se aplica diretamente a vós. Conversarei também sobre outros assuntos, esta noite, que se aplicam apenas a vós, como jovens irmãs, e vossos chamados sagrados como filhas de nosso Pai Celeste.

O Presidente David O. McKay afirmou: “Não existe nada tão sagrado quanto a verdadeira feminilidade” (*Gospel Ideals*, Salt Lake City: Improvement Era, 1953, p. 353). Concordo com o que ele disse, de todo meu coração.

Gosto muito do tema de vossa reunião esta noite, “Enchei-vos de Esperança”. É um tema inspirado.

Quantas esperanças tenho a respeito de vós, jovens irmãs! Que esperanças nosso Pai Celestial tem em vós!

Nascestes nesta época para um sagrado e glorioso propósito. Não foi por acaso que fostes reservadas para vir à terra nesta última dispensação da plenitude dos tempos. Vosso nascimento, nesta época particular, foi preordenado nas eternidades.

Nascestes para ser filhas reais do Senhor, nos últimos dias. “Por nosso ideal sublime, para a frente (irmãs), eia sus!” (*Hinos*, nº 29.)

Minhas jovens irmãs, estou feliz por ver tantas de vós com vossas mães, esta noite. Aconselho-vos a ficardes cada vez mais próximas de vossa mãe. Amai-a, respeitai-a, honrai-a. Recebei seus conselhos, pois elas vos amam e vos instruem em retidão. Honrai e obededei a vosso pai em sua posição de cabeça do lar imitando suas qualidades espirituais.

Moças, a unidade familiar é eterna, e vós deveis fazer tudo que estiver ao vosso alcance para fortalecer essa unidade. Incentivai a realização de noites familiares em vosso próprio lar, e participai delas ativamente. Encorajai as orações familiares. Ajoelhai-vos com vossa família, num círculo sagrado. Fazei vossa parte, a fim de desenvolverdes verdadeira unidade e solidariedade entre os vossos.

Em lares desse tipo não existe abismo entre as gerações. Essa é uma outra ferramenta de Satanás. Vossas amizades mais sólidas devem ser vossos próprios irmãos e irmãs, e vosso pai e vossa mãe. Amai vossa família. Sede leais a vossos familiares. Preocupai-vos genuinamente com vossos irmãos e irmãs. Auxiliai-os a carregar seus fardos, para que possais dizer como na letra daquela canção, “ele não é pesado, ele é meu irmão” (Bob Russell, “He Ain’t Heavy”, Lynbrook, N.Y.: Harrison Music Corp., 1969).

Lembraí-vos de que a família é uma das maiores fortalezas de Deus contra os males de nossa época.

Ajudai a conservar vossa família forte, unida e digna das bênçãos de nosso Pai Celestial. Agindo dessa forma, receberéis fé, esperança e força, atributos que serão uma bênção em vossa vida, para sempre.

Agora, minhas jovens, gostaria de vos admoestar a fim de que participeis de um programa diário de leitura e

reflexão das escrituras. Lembremo-nos da experiência de nosso amado profeta, Presidente Spencer W. Kimball.

Quando tinha quatorze anos, aceitou o desafio de ler a Bíblia de capa a capa. A maior parte de sua leitura era feita à luz de lamparina, em seu quarto no sótão da casa. Ele leu todas as noites, até terminar as 1.519 páginas, o que levou aproximadamente um ano; mas ele atingiu sua meta.

Das quatro grandes obras-padrão da Igreja — a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor — insisto em que leiais, particularmente, repetidas vezes, o Livro de Mórmon, meditando em seus ensinamentos e aplicando-os. O Livro de Mórmon foi descrito pelo Profeta Joseph Smith como “o livro mais correto da terra e a pedra angular de nossa religião e que, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro”. (Introdução do Livro de Mórmon.)

Moças, o Livro de Mórmon irá modificar vossa vida. Ele vos fortalecerá contra os perigos maléficos de nossos dias. Transmitirá uma espiritualidade à vossa vida que nenhum outro livro conseguirá transmitir. Será o livro mais importante que vós lereis ao vos preparardes para os desafios da vida. Uma jovem que conhece e ama o Livro de Mórmon, que o leu várias vezes, que tem um firme testemunho de sua veracidade, e que aplica seus ensinamentos, conseguirá enfrentar as artimanhas do demônio e será um poderoso instrumento nas mãos do Senhor.

E também, gostaria de vos incentivar, jovens irmãs, nesta época em que vos aproximais dos anos de vossa adolescência, a receberdes uma bênção patriarcal. Estudai-a atentamente e considerai-a como uma escritura pessoal, especialmente para vós — pois isso é o que ela realmente é. A bênção patriarcal “é uma declaração inspirada... a respeito de vossa missão nesta vida... juntamente com as bênçãos, conselhos e admoestações que o patriarca se sintia inspirado a conferir” (Heber J. Grant, J. Reuben Clarke, Jr., David O. McKay, em *Messages of the First Presidency of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, comp. por James R. Clark, 6:194).

Moças, recebei vossa bênção patriarcal sob a influência de jejum e da oração, e depois lede-a regularmente



para que possais saber a vontade de Deus em relação a vós.

Agora desejaria dirigir vossa atenção para a importância da frequência a todas as reuniões da Igreja. O comparecimento fiel às reuniões traz bênçãos que não podem ser recebidas de nenhuma outra forma.

Assisti à reunião sacramental todos os domingos. Ouvi cuidadosamente as mensagens proferidas. Orai pelo espírito de compreensão e testemunho. Participai do sacramento com as mãos limpas e espírito puro.

Comparecei todos os domingos às classes da Escola Dominical. Prestai atenção às lições e participai dos debates da aula. Assim, receberéis um conhecimento maior do evangelho e vosso testemunho aumentará.

Assisti às reuniões das Moças todos os domingos e comparecei a vossas atividades, semanalmente. Aprendei bem as vossas responsabilidades no evangelho e depois cumpri-as com diligência.

Frequentai regularmente o seminário, e formai-vos nele. As instruções recebidas no seminário são uma das mais significativas experiências espirituais que uma jovem pode ter.

Moças, aproveitai plenamente os programas da Igreja. Estabelecei metas para atingir excelência nos programas que vos são destinados.

O programa Meu Progresso Pessoal para as moças é um excelente programa voltado para metas. Seu propósito é auxiliar-vos a desenvolver as qualidades e virtudes de jovens SUD exemplares.

Conquistai o Certificado das Moças e usai orgulhosamente o medalhão. Não vos contenteis com a mediocridade neste grande programa de incentivo para as moças da Igreja.

Agora gostaria de falar-vos sobre o serviço missionário no reino. Tenho um profundo sentimento a respeito desta obra. Oro para que compreendais os anseios de meu coração.

O Profeta Joseph Smith declarou: “Depois de tudo que tem sido dito, (nosso) dever maior e mais importante é pregar o evangelho” (*History of the Church*, 2:478).

O Senhor deseja que cada rapaz cumpra uma missão de tempo integral. Atualmente, apenas um terço dos rapazes qualificados da Igreja está servindo em missões. Isto não é agradável aos olhos do Senhor. Nós podemos ter um desempenho melhor. Nós *precisamos* melhorar. Não apenas deve a missão ser considerada como um dever do sacerdócio, mas todo rapaz deve ansiar por esta experiência com grande alegria e expectativa.

Um rapaz não pode fazer nada mais importante. A escola pode esperar. As bolsas de estudo podem ser adiadas. As metas profissionais podem ser deixadas para mais tarde. Sim, mesmo o casamento no templo deve esperar até que o rapaz tenha cumprido honrosamente uma missão de tempo integral para o Senhor.

Agora, por que estou mencionando este assunto para as moças, esta noite? Porque vós podeis exercer uma influência positiva, motivando os



rapazes a saírem em missão. Permite que os rapazes que conheceis saibam que esperais que eles assumam suas responsabilidades missionárias; que vós, pessoalmente, desejais que eles trabalhem no campo missionário, porque sabeis que é lá que o Senhor deseja que eles estejam.

Evitai namoros firmes com qualquer jovem que ainda não tenha atendido ao chamado missionário. Se vosso relacionamento com um rapaz for mais casual, fica mais fácil para ele tomar a decisão de servir, assim como será mais fácil concentrar todas as suas energias em seu trabalho no campo, ao invés de estar só pensando na namorada que deixou para trás. Depois que ele retornar honrosamente de sua missão, será um melhor marido e um pai melhor, assim como um melhor portador do sacerdócio.

Não existe dúvida de que as moças fiéis da Igreja podem ter um grande impacto positivo sobre os rapazes, ajudando-os a magnificar o sacerdócio e motivando-os a fazer boas obras e a dar o melhor de si.

Lembraí-vos, jovens, vós também podereis ter a oportunidade de cumprir missão de tempo integral. Sou grato por minha própria companheira eterna ter sido missionária no Havai, antes de nos casarmos no Templo do Lago Salgado, e estou feliz por ter três netas no campo missionário. Nossas jovens irmãs estão entre nossos melhores missionários.

Gostaria de falar-vos agora sobre pureza pessoal.

Salomão afirmou que “o preço de uma mulher virtuosa excede ao dos rubis” (Provérbios 31:10). Jovens, guardai e protejei vossa virtude como defenderíeis a própria vida. Desejamos que vivais uma vida moralmente limpa durante todo o tempo de vossa existência. Desejamos que a vida moralmente pura seja o vosso tipo de vida.

Sim, uma pessoa pode arrepender-se de uma transgressão moral. O milagre do perdão é real, e o verdadeiro arrependimento é aceito pelo Senhor. Mas o Senhor não se agrada da pessoa que se entrega aos prazeres e loucuras da mocidade, que se entrega a transgressões sexuais de qualquer natureza, e depois espera que uma confissão planejada e um arrependimento rápido satisfaçam ao Senhor.

O Presidente Kimball foi enfático a respeito deste ponto. Em seu maravilhoso livro *O Milagre do Perdão*, ele afirma:

“Aquele que resiste à tentação e vive sem pecado, está em situação muito melhor do que o que caiu, não importa quão arrependido se torne mais tarde...

Quão melhor é nunca ter cometido o pecado!” (*O Milagre do Perdão*, p. 337.)

Um de nossos presidentes de estaca relatou-nos a seguinte experiência:

“Lembro-me de uma moça que fora minha colega no segundo grau (liceu). Ela vinha de uma boa família da Igreja, mas quando chegou ao segundo grau (liceu) começou a baixar seus padrões e princípios.

Lembro-me de minha total surpresa quando, certa tarde, ao um grupo de nossa turma voltar da escola, de ônibus, conversando sobre as conseqüências do pecado ou transgressão, ela anunciou, sem rodeios, que não estava preocupada com a questão de praticar pecados, pois o bispo lhe dissera que poderia facilmente arrepender-se e ser rapidamente perdoada.

Bem, fiquei chocado com sua atitude irrefletida, que não demonstrava qualquer compreensão do arrependimento, ou qualquer apreço pelo milagre do perdão. Tinha certeza de que ela interpretara erroneamente as instruções e conselhos do bispo.”

O adultério, ou qualquer coisa semelhante, é abominável aos olhos do Senhor. O Presidente Kimball também observou sabiamente:

“Entre os pecados sexuais mais comuns cometidos pelos nossos jovens encontramos as intimidades. Essas relações impróprias em geral não apenas conduzem à fornicação, gravidez e abortos — todos pecados abomináveis — mas por si só são males perniciosos e é quase sempre difícil para os jovens distinguir onde uma começa e o outro termina...

Os jovens, freqüentemente, com um sacudir de ombros, não dão importância às intimidades, considerando-as, talvez, como uma *pequena* imprudência, mas admitem que a fornicação é um pecado grave. Muitos sentem-se chocados, ou fingem sentir-se, quando lhes é dito que o que fizeram achando que era apenas uma pequena imprudência, era na realidade (uma forma de) fornicação.” (*O Milagre do Perdão*, pp. 71-72.)

Jovens irmãs, sede recatadas. O recato no trajar, na linguagem e no conduzir-se, é uma verdadeira marca de refinamento e característica da mulher SUD virtuosa. Evitai o degradante, o vulgar e o sugestivo.

Juntamente com os rapazes do Sacerdócio Aarônico, lembraí-vos da ordem escriturística: “Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor” (Isaías 52:11; 3 Néfi 20:41).

Lembraí-vos da história de José do Egito, que não cedeu à mulher de Potifar e manteve sua pureza e virtude (ver Gênesis 39:7-21).

Considerai atentamente as palavras do Profeta Alma ao seu filho iníquo, Coriânton: “Abandoneis teus pecados, não sigas a cobiça dos teus olhos” (Alma 39:9).

“A cobiça dos teus olhos.” Em nossos dias, o que significa esta expressão? Filmes, programas de televisão, videocassetes que são sugestivos e obscenos. Revistas e livros lascivos e pornográficos.

Nós vos aconselhamos, moças, a não poluídes vossa mente com material degradante, pois a mente pela qual passa a sujeira, jamais volta a ser a mesma. Não assistais a filmes proibidos para menores ou videocassetes vulgares, nem participeis de qualquer tipo de entretenimento imoral, sugestivo ou pornográfico. E não aceiteis convites para sair, de rapazes que vos levariam a tal espécie de diversão.

Também evitai música degradante. Lembrai-vos das palavras do Elder Boyd K. Packer:

“A música dantes inocente, agora é usada muitas vezes para maus

propósitos...

Em nossos tempos, a música, em si mesma, tem sido corrompida. Ela pode, pelo compasso, pelo ritmo, pela intensidade (e eu acrescentaria, pela letra), embotar a sensibilidade espiritual do homem (e das mulheres)...

Vocês, jovens, não podem consentir que sua mente seja ocupada pela música agressiva e indigna dos nossos dias”, continua Élder Packer. (Conferência Geral — outubro de 1973, pp. 115-118.)

Pelo contrário, nós vos incentivamos a ouvir música edificante, tanto popular quanto clássica, aquela que eleva o espírito. Aprendei alguns hinos de nosso hinário, os quais fortalecem a fé e a espiritualidade. Frequentai bailes onde a música, a iluminação e os movimentos de dança sejam adequados à presença do Espírito. Assisti a programas e filmes que elevem o espírito e incentivem pensamentos e atos puros. Lede livros e revistas que tenham esse mesmo efeito.

Lembra-vos, moças, da importância do namoro apropriado. O Presidente Kimball deu alguns sábios conselhos a respeito desse assunto:

“Sem dúvida, o casamento certo começa com o namoro certo...

Portanto, esta admoestação é dada com grande ênfase. Não se arrisquem em namorar não-membros ou membros despreparados ou descrentes. Uma jovem talvez diga: — Ah! Eu não tenciono casar com ele. É apenas um passatempo. Isso é perigoso, pois ela pode apaixonar-se por alguém que talvez nunca aceite o evangelho” (*O Milagre do Perdão*, p. 233).

Nosso Pai Celestial deseja que namoreis rapazes que sejam membros fiéis da Igreja, que sejam dignos de levar-vos ao templo, para vos casardes à maneira do Senhor. Haverá um novo espírito em Sião quando as moças começarem a dizer a seus namorados: “Se você não puder obter uma recomendação para o templo, não vou unir minha vida à sua, nem mesmo para a mortalidade!” E o jovem ex-missionário dirá à sua namorada: “Sinto muito, mas por mais que a ame, não me casarei com você fora do templo sagrado.”

Minhas jovens irmãs, colocamos tantas esperanças em vós! Esperamos tanto de vós: Não vos conformeis em ser menos do que aquilo que o senhor deseja que sejais.

Como exclama o Profeta Néfi em 2 Néfi 31:20: “Deveis, pois, prosseguir para a frente com firmeza em Cristo,



tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteados-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que, diz o Pai: Tereis vida eterna.”

Sim, mostrai-me uma jovem que ame seu lar e sua família, que leia as escrituras e medite nelas diariamente, que possua um testemunho candente do Livro de Mórmon. Mostrai-me uma jovem que frequente fielmente as reuniões da Igreja, que faça seminário, que conquiste o Certificado das Moças, e use seu medalhão com orgulho! Mostrai-me uma moça virtuosa, e que mantenha sua pureza pessoal, que não aceite nada menos do que um casamento no templo, e eu vos

mostrarei uma jovem que realizará milagres para o Senhor, agora e por toda a eternidade.

Agora gostaria de dizer algumas palavras às mães e aos líderes dessas jovens maravilhosas.

Mães, ficai sempre junto de vossas filhas. Conquistai e merecei seu amor e respeito. Sede unidas com o pai delas na criação dos filhos. Não façais nada na vida que possa levar vossas filhas a tropeçarem por causa do vosso exemplo.

Ensinai as filhas a se prepararem para a maior carreira da vida — a de dona-de-casa, esposa e mãe. Ensinai-as a amar o lar, porque vós amais o lar. Ensinai-lhes a importância de ser mãe de tempo integral.

Minha companheira eterna aconselhou prudentemente as mães: "Irradiem um espírito de contentamento e alegria ao cuidarem da casa. Vocês ensinam o amor à economia doméstica com o exemplo de sua atitude. Sua atitude dirá às filhas: "Sou apenas uma dona-de-casa." Ou transmitirá a mensagem: "Ser dona-de-casa é a profissão mais elevada e mais nobre a que uma mulher pode aspirar.""

Líderes do sacerdócio, lembrai-vos de que a primeira e mais importante responsabilidade do bispo é o Sacerdócio Aarônico e as moças da ala.

Bispos, permaneço junto de vossos rapazes e moças. Dai tanta atenção ao programa das moças da ala quanto aos programas dos rapazes. Preocupai-vos com as atividades e aulas das moças, seus acampamentos e atividades sociais, seus serões e conferências, da mesma forma que vos preocupais com o que concerne aos rapazes.

Reconheci como de igual importância a apresentação do Certificado das Moças e do Dever para com Deus, ou o distintivo dos Escoteiros.

Despensei o tempo necessário (e isso toma tempo) em entrevistas pessoais com as moças de vossa ala. Conversai com elas regularmente, a respeito de suas metas e aspirações, seus desafios e sua dignidade pessoal. Sede bispos que realmente se interessam por toda moça e rapaz de sua ala.

Às líderes das Moças que estão hoje aqui presentes, gostaria de dizer: amai verdadeiramente as jovens irmãs com quem estais trabalhando. Penetrai em sua vida. Sede uma verdadeira amiga e conselheira. Cumpri bem a vossa mordomia. Com toda a energia de vosso coração, ajudai a conduzi-las de volta a nosso Pai Celestial limpas, doces e puras.

E agora, para terminar, minhas queridas jovens irmãs, como vos amo e respeito! Como oro por vós! Como me encho de esperanças por vós! Lembrai-vos dos conselhos que vos dei esta noite. É o que o Senhor gostaria de que ouvísseis agora — hoje.

Vivei de acordo com vosso potencial divino, Lembrai-vos de quem sois e da vossa herança divina — vós sois literalmente as filhas reais de nosso Pai Celestial. Oh, "por nosso ideal sublime", digo-vos de todo o meu coração, "para a frente, (irmãs), eia sus!" (*Hinos*, nº 29.) Em nome de Jesus Cristo, Amém.

## A LUZ DA ESPERANÇA

Dwan J. Young  
Presidente Geral da Primária

*"O Senhor quer que estejamos cheios de esperança — não só porque isso nos chama a atenção para um amanhã melhor, mas porque muda a qualidade de nossa vida hoje."*



As escrituras nos dizem que devemos ter muita esperança. Como o nascer do sol a cada manhã, ou o rosto feliz de uma criança, todos nós queremos que nossa vida seja tocada pela luz — porque as trevas não têm poder contra a luz.

Permitam-me que lhes conte a respeito de uma época em que nossa família precisava que o Senhor estendesse sua mão, dispersasse a escuridão, e tocasse nossa vida com luz.

No fim de uma tarde de fevereiro, na Nova Zelândia, exatamente quando eu estava indo para uma conferência da Primária, meu marido e eu recebemos um telefonema de nosso filho Paul, no Arizona. Ele nos contou a respeito do nascimento de sua terceira filha, Amy, mas disse que ela apresentava alguns sérios problemas. Seus pulmões estavam muito congestionados, e quando o médico lhe introduziu um tubo na garganta, descobriu que não havia nenhuma passagem da boca para o estômago. O bebê seria transportado por helicóptero para uma unidade de tratamento intensivo para recém-nascidos numa outra cidade.

Quando Amy tinha apenas um dia de vida, foi necessária uma cirurgia. Esta

pequena família estava passando por uma situação tensa. Nossa nora, Kathryn, ainda estava-se recuperando no hospital, em Mesa; o novo bebê estava num outro hospital. As duas outras crianças, de dois e três anos e meio, necessitavam de cuidado constante. Os pais de Kathryn estavam servindo como missionários nas Bahamas. Nós estávamos do outro lado do mundo.

A primeira cirurgia devia reparar o esôfago (o tubo que se estende da boca até o estômago). Mas, logo após a operação, Amy contraiu pneumonia. Depois de semanas de terapia intensiva, os médicos determinaram que uma outra cirurgia seria perigosa para a sobrevivência de Amy. Um teste mostrou que, quando Amy dormia, parava de respirar.

Foram semanas difíceis para Paul e Kathryn. Os dias de Kathryn no hospital eram cheios de desânimo e solidão, observando aquela criancinha lutar pela vida e se perguntando se aquela seria a última vez que ela seguraria a mãozinha de Amy. A cada dia, ela e Paul se viam por pouco tempo no hospital, quando ele vinha do trabalho para passar a noite com Amy e ela ia para casa, a fim de cuidar das outras duas crianças.

Tivemos muitas orações e jejuns especiais. A família era apoiada por membros da ala amorosos e solidários, que cuidaram das duas crianças por mais de três meses. A intervalos regulares, as jovens da ala limpavam a casa deles. As professoras visitantes tomaram providências para que as refeições fossem trazidas todos os dias. Elas também lavavam e passavam a roupa.

O mais interessante é que uma professora visitante disse a Kathryn que essa foi a época mais feliz de sua vida, porque tivera uma oportunidade de servir.

O que sustentou a família durante toda essa angústia? Nunca perdemos a esperança. Paul dera uma bênção a

Amy, assim que ela nascera. Ele sentiu que nem tudo ficaria bem de imediato, e que eles teriam de depositar sua esperança no Senhor. Todos nós sabíamos que, se fizéssemos tudo o que pudéssemos, teríamos coragem para enfrentar o que quer que acontecesse.

Essa é a natureza da esperança. Fazemos tudo o que podemos, e depois o Senhor estende sua mão e toca nossa vida com a luz e a coragem e, acima de tudo, nos dá esperança.

O que aconteceu a Amy? Bem, depois de mais de três meses de quartos de hospital, terapia intensiva, respiradores, e de ocasiões em que o perigo foi afastado por um triz, os médicos anunciaram que teriam de tirar o respirador. Eles tinham pouca esperança de que ela respirasse por si mesma.

Todos os membros da família fizeram um jejum especial. Na manhã em que o respirador foi removido, o médico ficou a postos, pronto para fazer ainda uma outra cirurgia. Mas, devido à fé, esperança, e orações pedindo por ela, Amy começou a respirar. Quase imediatamente sua cor voltou. Estava a caminho da recuperação.

Amy tem agora três anos — é normal e feliz. E se não houvesse acontecido essa bênção? Poderíamos ainda continuar com esperança? Sim, porque ter esperança é saber que, aconteça o que acontecer, o Senhor pode trazer a paz. Nossa esperança em Cristo nos dá uma razão imutável para nos alegrarmos.

Como Paulo disse aos romanos: “Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança” (Romanos 15:13).

O Senhor quer que estejamos cheios de esperança — não só porque isso nos chama a atenção para um amanhã melhor, mas porque muda a qualidade de nossa vida hoje. *Desesperança* pode ser a palavra mais triste de nossa língua. O desespero é o inimigo de nossa alma. Pode paralisar-nos, impedir nosso progresso, e fazer-nos perder o rumo. Mas a esperança nos anima como uma luz brilhando na escuridão.

Vocês se lembram de que a décima-terceira regra de fé afirma: “Cremos em todas as coisas e *confiamos* em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e *confiamos* na capacidade de tudo suportar” (grifo nosso).

Podemos suportar todas as coisas, quando nossa esperança está



centralizada naquele que nunca nos faltará — nosso Salvador, Jesus Cristo, que é a luz do mundo.

Como desenvolvemos essa esperança — essa esperança que ilumina nosso caminho pelos mares tempestuosos da vida? Há ocasiões, como houve para nossa família, em que a escuridão nos envolve e ameaça tragar-nos completamente. Em tais ocasiões, podemos seguir a lição do irmão de Jared. Vocês se lembram de que o Senhor instruiu o irmão de Jared a construir barcos para que seu povo pudesse viajar em segurança à Terra Prometida. Mas porque esses barcos eram escuros e sem ar, o irmão de Jared levou sua preocupação ao Senhor com palavras que qualquer um de nós poderia usar para descrever seus próprios momentos de dificuldades: “Não há luz ... não se pode respirar” (Éter 2:19).

Como uma pessoa se aventura a sair na escuridão sem medo? Como qualquer um de nós se aventura a sair, dia após dia, em um mundo em que não há garantias de segurança? O Senhor deu uma resposta profunda que novamente se aplica não apenas ao mar escuro que o irmão de Jared enfrentou, mas também a nossos próprios mares escuros: “Não podeis cruzar este grande abismo sem que eu vos prepare contra as vagas do mar” (Éter 2:25). “Eu vos tirarei das profundezas do mar” (Éter 2:24). O Senhor não iria poupar os Jareditas daquela experiência, mas prepará-los-ia para ela e dar-lhes-ia a doce promessa de trazê-los de volta das profundezas do mar.

Então o irmão de Jared perguntou ao Senhor: Como vamos obter luz em barcos sem janelas? E o Senhor disse: “Que deseiais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos?” (Éter 2:23.)

O Senhor queria que o irmão de Jared sugerisse uma solução, e ele o fez. Foi até a montanha e extraiu de uma rocha dezesseis pedras claras como vidro transparente. Não consigo imaginar que essa fosse uma fácil tarefa; exigiu tempo e fé. Quando terminou, levou essas pedras para o Senhor, pedindo-lhe que estendesse seu dedo e as fizesse brilhar, para que seu povo não viajasse na aterrorizante escuridão. E o Senhor realmente tocou as pedras com a luz.

Como os Jareditas, temos medo de viajar na escuridão, e precisamos de luz, que é a esperança. Algumas vezes, em meio a nossos problemas, perdemos a perspectiva de por que estamos aqui, ou para onde vamos. Perguntamo-nos se estamos à altura das tarefas que nos são dadas. É então que podemos pedir ao Senhor que toque as pedras sem luz de nossa vida, iluminando-as. Podemos externar paz e esperança, quando tudo à nossa volta estiver contrário a elas.

“Toca minha vida com luz”, podemos pedir ao Senhor. “Enche meu coração de esperança.” O Senhor fará isso, se pedirmos com fé e continuarmos a viver seus mandamentos. Como o irmão de Jared, é só com a luz do Senhor que podemos ver todas as coisas claramente.

Por que precisamos ter esperança?  
*A esperança afasta o medo.* Neste

mundo, a segurança nunca está garantida. Uma menina de onze anos com quem conversei, espera ter uma amiga na escola neste ano. Enfrentar um novo ano letivo sozinha é assustador. Mas o Senhor compreende a preocupação dela e pode enchê-la de esperança. Não somente vai ajudá-la, como vai ajudar a nós em nossas provações; ele as consagrará para o nosso bem. Nossos infortúnios podem muitas vezes tornar-se bênçãos.

*Esperar significa que realmente confiamos no Senhor.*

*A esperança nos dá uma nova perspectiva.* Por sabermos que não estamos aqui apenas para esta vida, mas também para uma outra vida eterna, encaramos os acontecimentos da existência de maneira diferente. Ao recordar o ano passado, ou os últimos dez anos, qual é o melhor dia do qual se lembram? Uma pessoa sem a esperança centrada em Cristo talvez escolha um dia que foi simplesmente divertido ou sossegado. Mas o melhor dia pode realmente ter sido aquele em que os acontecimentos forçaram vocês a ajoelhar-se para comunicar-se com seu Pai com um novo intento; talvez tenha sido um dia que não foi conveniente, nem mesmo feliz, mas vocês se tornaram uma pessoa maior e melhor, quando enfrentaram o problema com coragem.

*A esperança nos impele à ação.* Uma garota de dez anos disse: “Espero que possa crescer e chegar a ser uma boa pessoa e sempre obedecer aos mandamentos.” Com determinação, ela está começando hoje a alcançar suas metas para toda a vida. Quando não temos esperança no amanhã, não agimos com tanta determinação hoje. É a esperança, combinada com a fé, que nos motiva a plantar a semente, que nos faz agir quando estamos cansadas demais, que nos faz dar o primeiro passo e depois mais um.

Meninas, vocês terão muitos desafios na vida, mas, se vocês sempre centralizarem sua vida em Jesus Cristo e nunca perderem a esperança, terão paz. Lembrem-se de que a escuridão não tem poder contra a luz.

Como o irmão de Jared, como nossa família com Amy, é apenas com a luz do Senhor que podemos ver todas as coisas claramente.

Oro para que cada uma de nós procure esse dom da esperança, de modo que possamos estar cheios de alegria e paz, em nome de Jesus Cristo, amém.

# UMA ÉPOCA DE ESPERANÇA

Ardeth G. Kapp

Presidente Geral das Moças

*“Encontraremos algumas ladeiras íngremes pelo caminho, mas nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo fez convênio conosco e prometeu-nos que as galgaria com cada uma de nós.”*



**G**ostaria de poder sentar-me com cada uma de vocês no balanço que tenho no meu quintal, nesta época do ano, olhando o pôr-do-sol. É tão divertido ouvir os grilos. As pessoas treinadas conseguem distinguir o chamado de amor, o sinal de perigo, de outras mensagens dos grilos, que simplesmente dizem: “Eu estou aqui.”

Vocês sabiam que os grilos realmente ouvem com ouvidos localizados nos joelhos? Quando estou de joelhos, tento escutar — escutar para melhor compreender as necessidades, desejos, anseios de vocês, jovens. Faço a mesma coisa quando leio suas cartas e sempre que tenho a oportunidade de ouvi-las expressando suas idéias e seus sentimentos.

Gostaria de que imaginassem comigo que estamos sentadas no meu quintal, e juntas vamos ouvir as mensagens de algumas cartas reais que recebi recentemente das moças.

“Querida Irmã Kapp:

Este ano enfrentei grandes problemas a respeito de minha auto-estima, e com uma amiga (que também é da Igreja) que deixou de andar comigo, arranjando outras amigas. Às vezes eu me sinto muito sozinha. Sei que o Pai Celestial está ciente de meus

problemas, mas também sei que preciso deles para crescer, embora isso seja difícil de lembrar, às vezes.”

Vamos ouvir outra jovem abrindo seu coração:

“Eles sempre dizem que é preciso acontecer alguma coisa em sua vida para você desejar mudar. Bem, comigo aconteceu. Ainda tenho um longo caminho a percorrer. Finalmente compreendi que meu Pai Celestial está do meu lado, embora eu o tenha traído de uma certa forma. Estou tentando ansiosamente colocar minha vida em ordem e fazer o que é certo. Estou determinada a fazê-lo, leve o tempo que levar — mas é tão difícil! O que eu gostaria mesmo é de ir lá em cima e dar um grande abraço no Pai Celestial e na Mãe Celestial, e dizer-lhes que estou de volta.”

Vamos ouvir parte de uma carta recebida por uma mãe preocupada, mas grata. Sua filha de dezessete anos seria considerada problemática por aqueles que não aprenderam a reconhecer um pedido de ajuda:

“Queridos Mamãe e Papai:

Sei que não tenho sido uma filha muito boa. Realmente espero que as coisas melhorem entre nós. Por favor, não desistam de mim. Só porque não digo que amo vocês, não quer dizer que não os ame. Por favor, entendam o que estou tentando dizer. Nós vamos ficar juntos e amar uns aos outros, mesmo enfrentando as piores coisas na vida. Vamos conseguir, porque somos uma família.”

Eu ouço suas mensagens, minhas jovens; eu as ouço com os ouvidos e com coração. Desejo aproximar-me de vocês e compartilhar aquilo que aprendi, através dos anos, sobre a *esperança*. Eu lhes daria aquilo que sei, se pudesse, mas aprendi que isso se alcança somente por nosso próprio esforço em direção ao alvo. Pois vejam, esta época em que permanecemos longe de nosso lar e de nossos pais celestiais, é uma época em que recebemos o livre-

-arbitrio com o propósito de sermos experimentadas e testadas de todas as formas (ver 2 Néfi 2:24-28). Vocês devem esperar alguns dias “para baixo” e alguns testes difíceis. Aprendam com eles. Cresçam com eles. Sejam mais fortes por causa deles. Sempre que me defronto com coisas que não entendo, repito em minha mente a letra de um hino que aprendi há anos, quando ficava imaginando se minhas preces estavam sendo ouvidas, e eu necessitava de esperança para continuar:

*Por teu Deus serás provada,  
E mais luz receberás;  
Ele não te abandona  
Ao furor das gentes más  
Deus te protege, Deus te protege.  
Deus te dá amor e paz.  
(Hinos, n.º 75.)*

A família pode ser sua maior fonte de força. Minha irmã Sharon tinha um disco que ela tocou repetidamente, até decorar a letra, e que ainda repete para mim, às vezes. É sobre uma moça que morava numa pequena cidade mineira, em Leadville, Colorado. Ela fora encontrada por gente do sertão, que a criara. Não sabiam de onde viera, mas ela tinha uma força e uma esperança dentro de si, que a levou daquela minúscula cidade mineira do Colorado, a alguns dos lugares mais sofisticados da Europa. À medida que sua história vai sendo contada, ficamos sabendo de sua dramática experiência a bordo do *Titanic*, o navio que afundou com mil e quinhentas pessoas a bordo. Ela conseguiu entrar em um dos barcos salva-vidas com outras pessoas, e começou a remar. As pessoas estavam apavoradas diante da perspectiva de um tumulto no oceano. Muitas gritavam angustiadas: “Não vamos conseguir!” Mas Molly jamais prestou atenção aos seus gritos, ou, se os ouviu, fingiu não escutá-los. Continuou a remar e jamais desistiu. As manchetes do *New York Times* chamaram-na de “A Inafundável Molly Brown”. Ela estava cheia de esperança, e essa esperança inabalável inspirou o mesmo sentimento nos outros.

Na peça musical *A Inafundável Molly Brown*, vemos Molly primeiramente como uma jovem do sertão, com poucas oportunidades, nenhuma cultura, nenhum refinamento. Ela está lutando com seus irmãos adotados. Eles a derrubam. Um irmão diz: “Você está embaixo, Molly, você está embaixo.” E a jovem Molly responde: “Não estou embaixo. Não



Presidente Thomas S. Monson cumprimenta a Irmã Dwam J. Young, Presidente Geral da Primária.

estou embaixo. E mesmo que estivesse, nunca diria uma coisa dessas, porque odeio a palavra *baixo*, mas amo a palavra *alto*. Porque alto significa esperança, e é isso que eu tenho. Esperança de um lugar mais bonito, de um lugar mais limpo, e se eu tiver que comer cabeça de bagre toda a minha vida, não posso comê-la em um prato, pelo menos uma vez, e com um vestido de seda vermelho?” Então ela começa a cantar, e canta com todo o seu coração e sua alma:

*Um dia com toda a minha força e poder,  
Vou aprender a escrever e a ler.  
Vou ver tudo o que existe para ser visto.  
E se você sair de lugar nenhum para  
algun lugar,  
e encontrar alguém, saberá que sou eu.*

Isso lhes parece esperança?

Eu costumava pensar onde seria essa estrada para algum lugar, e como conseguiria encontrá-la. Quando era menina, lembro-me de ficar na janela da cozinha de nossa casa, olhando para fora, pela estrada de cascalho, em direção ao leste, tão longe quanto meus olhos podiam alcançar. Dos dois lados da estrada havia mato alto, no verão, e neve alta no inverno, e apenas algumas casas espalhadas pelo caminho. Costumava me perguntar: “O que

existe lá fora para mim? Qual o meu lugar?” Tenho certeza de que vocês pensam nisso algumas vezes. Ao final de nossa estrada de pedras ficava a reserva dos índios, e, cruzando o rio, uma colônia huterita. As coisas não pareciam muito esperançosas para mim, na época. Tivera dificuldades na escola, e meus amigos estavam progredindo sem mim, e eu me sentia uma boba. Vocês têm idéia do que é sentir-se assim? É terrível.

Quando eu estava com doze anos, e muito desanimada, após um longo e difícil inverno, mamãe e papai elaboraram um plano, com algum sacrifício, que devia trazer-me esperança. Decidiram levar-me para além de nossa estrada pedregosa, além da fronteira canadense, através dos grandes estados de Montana e Idaho, e, eventualmente, à Cidade do Lago Salgado, em Utah, sede da Igreja, a fim de assistir à conferência geral.

Chegamos cedo, no primeiro dia da conferência, e esperamos na fila, para entrarmos no grande Tabernáculo, que eu conhecia apenas de retratos. Lembro-me de que nosso lugar ficava bem ali no balcão, do lado esquerdo, de onde eu podia olhar para baixo e ver o profeta em pessoa, e ouvi-lo falar, coisa



*A Presidência Geral da Sociedade de Socorro: da esquerda para a direita, Irmã Joy F. Evans, Primeira Conselheira; Irmã Barbara B. Winder, Presidente Geral; e Irmã Joanne B. Doxey, Segunda Conselheira.*

que eu jamais sonhara que pudesse acontecer-me. Ouvindo o profeta de Deus falar naquela ocasião, senti que ele se dirigia a mim. O sentimento que eu tinha era de esperança, e comecei a compreender o que significava a estrada real que levava a algum lugar. Decidi naquele momento plantar meus pés nessa estrada — o caminho reto e estreito que conduz ao reino celestial — e jamais, jamais desistir. Sei, sem qualquer sombra de dúvida, que o Evangelho de Jesus Cristo é o caminho para a esperança, que nos leva de volta ao nosso Pai Celestial e ao nosso lar eterno.

Ouçam a promessa que o Pai nos faz. Ele diz: “Sê fiel e diligente na observância dos mandamentos de Deus, e estreitar-te-ei nos braços de meu amor” (D&C 6:20).

E ele nos consola, dizendo:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim (isto significa tomar sobre nós o seu nome e segui-lo) que sou manso e humilde de coração (isto significa bondoso, tolerante) e encontrareis descanso para as vossas almas (isto significa conforto e paz)” (Mateus 11:28-29).

Bem, se vocês estivessem sentadas no meu quintal, eu lhes perguntaria:

“Vocês compreendem o plano de nosso Pai Celestial e o seu papel dentro dele? Vocês receberam a bênção patriarcal? Vocês sabem que são, literalmente, a juventude de uma herança nobre?”

Jovens, eu lhes peço encarecidamente — encontrem o seu próprio quintal, longe das vozes altas e exigentes do mundo. Aprendam a realmente ouvir — não os grilos, mas os sussurros constantes do Espírito, com suas mensagens de esperança, inspirando-as a cada passo do caminho, na sua estrada para o reino celestial.

Vocês imaginam o que poderia acontecer se todas as moças estivessem enviando mensagens de esperança para o mundo, as quais inspirassem as pessoas a nunca desistirem?

É isso exatamente o que está acontecendo. Explico o que quero dizer. Como a maioria de vocês já sabe, todas as trezentas mil jovens da Igreja foram convidadas a participar de uma comemoração magnífica, mundial. Vocês foram convidadas a preparar uma breve mensagem de amor e esperança para o mundo, prendendo-a a um balão cheio de gás, que será solto ao nascer do sol, em 11 de outubro. Em

alguns casos, por várias razões, as mensagens de esperança e amor estão sendo enviadas antecipadamente a Lago Salgado, para que outras jovens as enviem.

Muitas delas começam assim: “Querida pessoa que encontrar este balão.” Ângela Santana envia sua mensagem de amor ao Brasil. Ela escreve no envelope: “Se um homem ainda tem esperança, nunca é completamente infeliz.”

Shauna Bocutt, de quinze anos, da África, incluiu seu testemunho pessoal: “Eu sei que meu Pai Celestial me ama, porque lhe perguntei.”

Das Filipinas: “Alô! Eu sou Dhezic Jimeno, de 16 anos de idade. Gostaria de compartilhar com você uma mensagem que espero, encherá seu coração de alegria. Esta mensagem é que Deus se importa com você e o ama, muito, muito. Sim, na vida passamos por experiências dolorosas e difíceis, por tristezas e tribulações, mas, não se esqueça, todas essas coisas são apenas para nos proporcionar experiência. E, além disso, podemos fazer com que elas sejam para o nosso próprio bem. As dificuldades são apenas tarefas de Deus. Se ele no-las envia, é evidência de sua confiança. Portanto, vamos ser alegres, felizes, pois esta é a forma de sermos sábios. Deus o ama e está sempre pronto a ajudá-lo, em qualquer ocasião. Busque-o em fervorosas orações. Sei que Deus nunca falha; ele está lá, ele está ouvindo, e ele se preocupa profundamente com você. Você tem um amigo.”

Milhares de moças, escrevendo mensagens de amor e esperança, compartilhando o Evangelho de Jesus Cristo em todo o mundo, é razão para comemorarmos.

Nas orações diárias, no estudo das escrituras e com os pés firmemente plantados na estrada para o reino celestial, temos uma “esperança resplandesciente” (2 Néfi 31:20). Encontraremos algumas ladeiras íngremes no caminho, mas nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo fez convênio conosco e prometeu-nos que as galgaria com cada uma de nós, todos os passos do trajeto. Pensem nisto! Moças, façam convênio hoje, neste mesmo dia, se já não o fizeram, de plantar os pés firmemente no caminho que conduz ao reino celestial. Alcem o coração, alcem o coração, e deixem que sua alma se rejubile. E nunca, nunca, desistam. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

# ESPERANÇA EM CRISTO

Barbara W. Winder

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

*“Nosso Salvador não nos deixará desamparadas, ao lutarmos para sobrepujar as adversidades desta vida.”*



**R**ejubilo-me com vocês, por estarmos na presença de nosso profeta e dos líderes do sacerdócio. Estar com vocês aqui, irmãs, e com as irmãs de todo o mundo, unindo nossa fé para aprender princípios do evangelho, é verdadeiramente um privilégio.

Como somos afortunadas, pelo fato de pertencermos a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias!

Irmãs, as ansiedades e inquietações causadas pelas influências desta vida terrena, poderiam ter sido evitadas se tivéssemos permanecido aninhadas na casa de nossos pais celestiais, mas então, como poderíamos ter progredido? Quando nosso Pai e o Salvador planejaram que viéssemos à terra, eles disseram: “E prová-los-emos com isto, para ver se eles (isto significa vocês e eu) farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar” (Abraão 3:25). Esta terra iria tornar-se um campo de testes; aqui adquiriríamos uma compreensão do bem e do mal, da felicidade e do sofrimento, da alegria e da dor. Conhecíamos o plano. Nós o desejamos; nós o endossamos. Nós o defendemos. Nós até lutamos por ele!

Com ânsia e entusiasmo viemos para a terra a fim de aprender — cada uma de nós com um conjunto particular de

circunstâncias, com provações e tentações que deveríamos vencer.

Não fomos abandonadas sem esperança. Nosso Salvador, através de sua expiação, possibilitou-nos conquistar a salvação. Ele não nos deixará desamparadas, ao lutarmos para sobrepujar as adversidades desta vida.

Há tantas espécies de desafio: as frustrações e as decepções de filhos desobedientes ou de um casamento difícil, a solidão de uma casa vazia, quando a pessoa precisa tanto de companhia, a longa e íngreme estrada do arrependimento, ou manter uma atitude positiva e contar nossas bênçãos, mesmo nos momentos mais difíceis.

O exemplo de vida do Salvador e os ensinamentos que ele nos deixou, são modelos que devemos seguir. Ele enfrentou tribulações semelhantes às nossas; ele lidou com cada situação de maneira perfeita. No deserto da Judéia, e no Jardim de Getsêmani, testemunhamos duas das mais intensas tentações de Cristo, mas durante os seus dias na carne, não houve momento algum em que ele estivesse livre das tentações. Caso contrário, sua vida não teria, de forma alguma, sido uma vida humana. Lemos em Mosiah: “E eis que sofrerá tentações, dores corporais, fome, sede e cansaço maiores do que os que o homem pode suportar” (Mosiah 3:7).

Ele conheceu a decepção, o desânimo, como ficou testificado por sua lamentação sobre o povo de Jerusalém e seu fracasso em dar ouvidos a sua mensagem. “Jerusalém, Jerusalém, ... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (Mateus 23:37.)

Quem, entre nós, não enfrentou decepções, desânimo e desespero? Esse é um teste pelo qual todos passamos. Considerem o Profeta Joseph, definhando na Cadeia de Liberty, em março de 1839, estando lá por três meses, sabendo que seu povo havia sido

expulso de seus lares e estava necessitado. Seu clamor é tocante: “Ó Deus, onde estás? ... Quanto tempo reterás a Tua mão?” (D&C 121:1-2).

E depois o bálsamo da resposta de um Pai bondoso:

“A tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento;

E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sobre todos os teus adversários” (D&C 121:7-8).

E então, mais tarde, ternamente: “Saibas tu, Meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem” (D&C 122:7).

Muitas de nós observamos como viver o evangelho pode modificar a vida das pessoas de forma positiva. Como exemplo deste fato, lembro-me de uma família que conhecemos quando estávamos no campo missionário. Os élderes descreveram a família Barnes como sendo maravilhosa, mas sem qualquer evidência da influência da Igreja em sua vida. O pai era rude e grosseiro, um valentão bebedor de cerveja. Os filhos tinham medo dele. Sua casa não mostrava sinais de ordem, como também sua aparência. A vida deles tinha sido dura. Mas quando encontraram os missionários, uma transformação extraordinária começou a acontecer. Foram tocados pela vida e ensinamentos do Salvador, e se esforçaram para aplicar seus ensinamentos cotidianamente. Sua própria aparência, e atitude diante da vida começou a mudar.

Aprenderam a ter respeito do amor incondicional, sem julgamentos, o que lhes possibilitou uma nova abordagem com um filho adulto que era alcoólatra. Sua nova atitude, juntamente com ajuda profissional, parece estar fazendo uma enorme diferença na vida do rapaz.

Aprendendo a ter respeito por si mesmos, como filhos e filhas de nosso Pai Celestial, eles atiraram fora seus cigarros e pararam de beber. Começaram a ter mais higiene, tanto pessoal quanto na casa. E agora existe um encantador espírito em seu lar, onde lêem as escrituras regularmente.

A Irmã Barnes escreve: “Lendo as escrituras, descobrimos que Jesus nos instruiu: “Tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados” (Mateus 9:2), indicando que quando nos arrependemos verdadeiramente, e abandonamos nossos pecados, podemos ser otimistas em relação ao futuro. Ele disse: “Não se turbe o vosso



coração; crêdes em Deus, crede também em mim” (João 14:1). E nós cremos nele, e esta crença transformou nossa vida. Sentimos agora que podemos dizer, como Paulo: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13).

Este foi o testemunho de uma boa mulher, a respeito da mudança efetuada em sua vida e na vida de sua família. Esta transformação não é diferente daquela ocorrida com muitas outras pessoas. Depois que o Rei Benjamim exortou seu povo a viver uma vida correta, tendo fé em Cristo, “Todos clamaram a uma só voz, dizendo: Sim, acreditamos em todas as palavras que nos disseste, e também sabemos que são certas e verdadeiras, porque o Espírito do Senhor... efetuou em nós, ou em nossos corações, uma grande mudança, de modo que não temos mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem

continuamente” (Mosiah 5:2).

Assim como o Irmão e a Irmã Barnes sentiram o amor incondicional do Salvador, estudando o evangelho e encontrando esperança em Cristo; e assim como o povo do Rei Benjamim encontrou esperança nele, nós também podemos descobrir respeito por nós mesmos e por outros, livrar-nos de hábitos que nos diminuem, deixar de julgar as pessoas, ser otimistas e ter bom ânimo, ter certeza de seu amor por nós e encontrar esperança nele.

Fiquei muito feliz ao ler as palavras de uma jovem mãe de seis filhos, que é também o exemplo de pessoa que conseguiu vencer. Divorciada, mas sem sentir pena de si mesma, ela escreveu: “Reconhecendo meus erros, e tendo o desejo expresso de viver seus mandamentos e fazer a sua vontade, dividi minha carga com aquele que não pode falhar, e sei que posso criar meus

filhos de mãos dadas com um Pai Celestial amoroso, que deseja o bem-estar deles até mais do que eu própria. Este conhecimento é uma bênção além de qualquer descrição.”

Uma outra irmã escreveu: “Em 3 de agosto, meu filho de vinte e um anos quebrou o pescoço mergulhando, a quase mil quilômetros de nossa casa. Ele paira às portas da morte, mas nós estamos em paz. Não compreendemos a razão do acontecido, mas compreendemos o evangelho.”

Élder Richard L. Evans era sensível à necessidade de nos prepararmos espiritual e emocionalmente para momentos difíceis:

“Precisamos preparar-nos até para aquilo para o que não estamos preparados, e fazer o melhor que pudermos... para melhorarmos, nos arrependermos, e sermos gratos por tudo que é bom — e ter fé e esperança mesmo (nos momentos difíceis)...

E aconteça o que acontecer no ínterim, temos uma sólida segurança de que a vida é eterna, e que o progresso eterno é o seu propósito” (Richard L. Evans, *Volume Four: Thoughts for One Hundred Days*, Salt Lake City: Publishers Press, 1970, p. 169).

Vamos reconhecer e ter gratidão pelas bênçãos que recebemos. Do Salvador vem a esperança! Entender o evangelho, fazer suas obras em retidão, e seguir os conselhos de nosso profeta, são nossa *segurança* da concretização dessa esperança.

Sei, através de experiências prévias e sagradas, que é através da fé e da esperança que temos em Cristo que podemos vencer nossas provações.

Sou muito grata por minhas oportunidades, assim como por minha quota de desafios. Sinto-me em débito com meu Salvador, por ajudar-me em épocas difíceis. E espero e desejo que cada uma de nós se apoie nele para suavizar suas dores, mitigar suas aflições, manter-se à tona, revigorar-se e receber ajuda para sobrepujar suas tribulações! Acheguemo-nos a ele, que estende um convite divino a cada uma de nós, pessoalmente:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo... e encontrareis descanso para as vossas almas” (Mateus 11:28-29).

Eu sei que ele vive. Eu sei que ele se importa! Este é meu testemunho e minha esperança para cada uma de nós. E digo estas coisas no nome sagrado de nosso Salvador, Jesus Cristo. Amém.

## Élder Joseph B. Wirthlin, do Quorum dos Doze

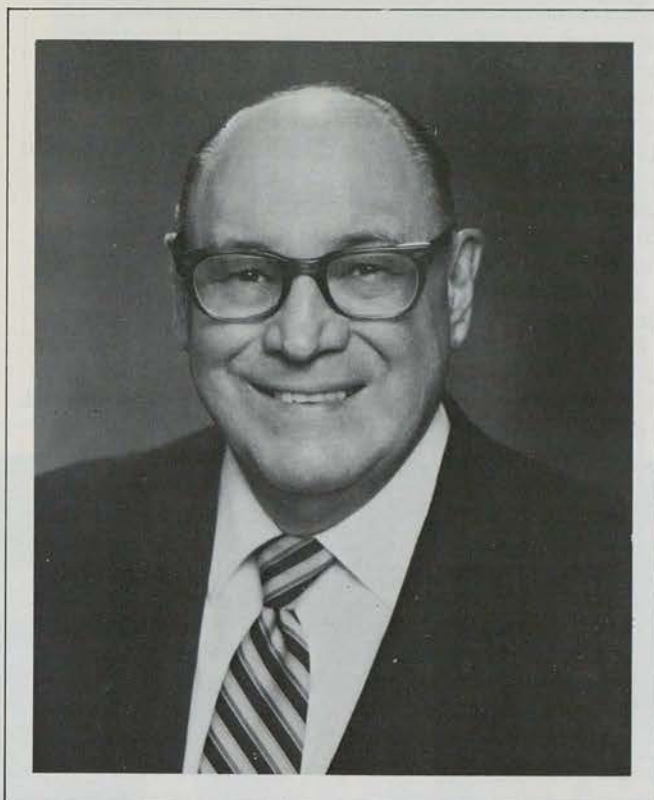
“Minha primeira sensação foi de choque, quase incredulidade; depois senti uma profunda humildade”, respondeu Élder Joseph B. Wirthlin quando lhe perguntaram a respeito de sua reação ao ser chamado para servir no Quorum dos Doze. Ele foi apoiado como membro dos Doze em 4 de outubro de 1986, na conferência geral.

Élder Wirthlin estava trabalhando em seu escritório sexta-feira de manhã, no dia anterior ao início da conferência, quando recebeu um chamado telefônico da secretária do Presidente Ezra Taft Benson. “Ela disse: O Presidente Benson gostaria de saber se o senhor tem tempo para vir conversar com ele.”

“Se eu teria tempo para ir ver o profeta do Senhor? Eu atravessaria o mundo todo para ter tal privilégio”, disse Élder Wirthlin. “Este é apenas um exemplo da delicadeza do Presidente Benson.”

Antes de ser chamado para o Quorum dos Doze, Élder Wirthlin havia servido como membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, por aproximadamente dois meses, e, pelo mesmo período de tempo, servira como diretor executivo do Departamento de Currículo e editor das revistas da Igreja.

Iniciou a servir a Igreja em tempo integral em 4 de abril de 1975, quando foi apoiado e designado como Assistente do Conselho dos Doze. Mais tarde foi chamado para o



Primeiro Quorum dos Setenta, em abril de 1976.

“Minha reação ao chamado do Presidente Benson foi semelhante à reação que tive quando o Presidente Spencer W. Kimball me chamou para ser Autoridade Geral”, disse Élder Wirthlin. “O choque foi quase tão grande quanto o de agora. Três horas e trinta e sete minutos depois de conversar com o Presidente Kimball, houve um terremoto na Cidade do Lago Salgado, e pensei imediatamente se o Senhor aprovara o meu chamado”, contou sorrindo. “Mas quando o terremoto passou,

tudo pareceu acalmar-se, e minha confiança retornou redobrada.”

Élder Wirthlin, cujo pai foi Autoridade Geral, nasceu em Lago Salgado, filho de Joseph L. e Madeline Bitner Wirthlin. Ele foi um atleta ativo no time de futebol americano da Universidade de Utah. Formou-se naquela universidade, em administração.

Quando jovem cumpriu missão na Alemanha, Áustria e Suíça. Ao voltar para casa, serviu nas auxiliares de estaca e ala, e como conselheiro no bispado da Ala de Bonneville (Utah). Mais tarde tornou-se bispo da Ala de Bonneville e

serviu nessa posição cerca de dez anos.

“Lembro-me com carinho especial daqueles anos em que servi como bispo”, disse Élder Wirthlin. “A experiência mais gratificante que tive na Igreja foi ver inúmeros rapazes e moças passarem pelo Sacerdócio Aarônico e programas das Moças, chegando à idade adulta, sendo que muitos deles ocupam posições importantes na Igreja, hoje. Os programas da juventude tinham alta prioridade na Ala de Bonneville.”

Após ser desobrigado como bispo, Élder Wirthlin tornou-se membro do sumo conselho da Estaca de Bonneville. O Presidente Russell M. Nelson escolheu-o como conselheiro na presidência da estaca, e, em 1971, como conselheiro na Presidência Geral da Escola Dominical.

Em todos esses anos de serviço na Igreja, Élder Wirthlin participou de um negócio de venda de gêneros alimentícios por atacado, de propriedade da família, tornando-se, eventualmente, o presidente da companhia. Serviu também como presidente de uma associação comercial de Utah.

“Meu pai estabeleceu o negócio em 1916, e dirigiu-o até ser chamado como segundo conselheiro do Bispo LeGrand Richards, em 1938”, disse ele. “Eu então assumi a presidência da companhia até ser chamado como Assistente do Conselho dos Doze, em 1975. Nessa ocasião, meu filho, Joseph

## NOTÍCIAS DA IGREJA

Jr., passou a tomar conta do negócio.

Uma das coisas que eu mais apreciava, quando dirigia nossa companhia, era lidar com as pessoas”, lembra-se Élder Wirthlin. “Tínhamos um grupo selecionado de empregados leais, e nossos fregueses realmente apreciavam os nossos serviços. Gosto de trabalhar com pessoas.”

Quando lhe perguntaram a respeito das influências mais fortes que sofreu na vida, respondeu: “Durante minha infância e minha juventude, observei a fé total que meus pais tinham no Senhor e Salvador, e nos líderes ungidos da Igreja.

Além disso, presenciei muitos milagres de cura

ocorridos em nossa família, e testemunhei o poder do sacerdócio, responsável por tais milagres.

Lembro-me vividamente de um desses casos. Meu pai pulou uma cerca e quebrou o tornozelo. Foi uma fratura séria, e todos nós esperávamos que levasse várias semanas ou até mesmo meses para que ele ficasse bom. Mas papai recebeu uma bênção de seus dois conselheiros no bispado, e dois dias depois estava caminhando normalmente. Eu era menino, e isto me impressionou demais.

Desde minha infância, jamais duvidei ou questioneei a divindade da Igreja”, disse Élder Wirthlin. “Minha fé e testemunho jamais

deixaram de crescer.”

Élder Wirthlin serviu como Supervisor de Área na Europa, de julho de 1975 a abril de 1978, e como Administrador Executivo da Área Sudeste dos Estados Unidos e Ilhas do Caribe, de 1978 a 1982. Depois serviu como Administrador Executivo no Brasil, até 1º de julho de 1984.

Ele serviu como Diretor-Gerente Executivo do Departamento do Sacerdócio de Melquisedeque, e como Diretor-Gerente do Comitê de Relações Militares da Igreja.

De julho de 1984 a agosto de 1986, Élder Wirthlin foi Presidente de Área da Europa, com sede em Frankfurt, na Alemanha. Lá,

era encarregado das atividades da Igreja nas Ilhas Britânicas, Europa continental, Escandinávia e África.

Ele e a mulher, Elisa Young Rogers, casaram-se no Templo de Lago Salgado, e são pais de sete filhas e um filho.

“Minha família ficou muito feliz com meu novo chamado”, disse Élder Wirthlin. “Compreendem a natureza sagrada do chamado de um apóstolo, e se sentem humildes diante da situação.”

Ele acrescentou: “Minha meta é viver, tanto quanto possível, uma vida exemplar, e seguir verdadeiramente os passos de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.”



## Élder Hugh W. Pinnock, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Élder Hugh W. Pinnock vai apreciar seu novo chamado como membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta porque lhe trará maiores oportunidades de servir seus semelhantes.

“Amo meus companheiros de quorum”, disse ele, e acrescentou que, administrativamente, “o Primeiro Quorum dos Setenta é completamente dedicado a servir o Quorum dos Doze e a Primeira Presidência”.

Élder Pinnock foi apoiado como membro da presidência do quorum em 5 de outubro, durante a conferência geral semestral da Igreja. Ele substituiu Élder Joseph B. Wirthlin, que foi chamado para o Quorum dos Doze.

Élder Pinnock é membro do Primeiro Quorum dos Setenta desde 1º de outubro de 1977. Devido a tal experiência, ele sabe o significado do compromisso de servir a Primeira Presidência e os Doze. Significa simplesmente atender às necessidades de todos os filhos de nosso Pai Celestial.

“Há tantas formas diferentes de servir”, diz ele, observando que aqueles que realmente carregam a carga do serviço na Igreja, são mães e pais amorosos, professoras, missionários, mestres familiares e professores visitantes e consultores de quorum e de classe dedicados. Seu trabalho jamais cessa, continuando muito depois que os visitantes especiais partem e que os discursos são, talvez, esquecidos”, explica Élder Pinnock.

Os esforços das Autoridades Gerais destinam-se ao fortalecimento do reino, assim como nos dias de Jesus Cristo, diz ele.



Uma forma de fazer isto é incentivar os santos dos últimos dias a seguirem a admoestação do Presidente Ezra Taft Benson, de estudar o Livro de Mórmon e outras escrituras mais atentamente. “Quando as pessoas se dedicam à leitura das escrituras, elas vivem melhor. Sua vida melhora, como um todo”, comenta Élder Pinnock.

“Esperamos que nosso povo se dedique à leitura de material bom, especialmente porque a divulgação de tantas coisas desagradáveis, pelos meios modernos de comunicação, pode levar a pensamentos e atos iníquos e mundanos”, diz ele. Os membros da Igreja não podem ler ou assistir a programas de televisão, filmes, livros e revistas

impróprios, e esperar ter consigo a companhia do Espírito Santo, ele acrescenta. “Precisamos condicionar-nos a pensar como Jesus pensa.”

Se Élder Pinnock parece entusiasmado a respeito do papel dos materiais educativos da Igreja no fortalecimento de membros, talvez seja devido a sua associação com o Departamento de Currículo — duas vezes como Diretor-Gerente, e agora como seu Diretor-Executivo — e com a Escola Dominical, como presidente na maior parte dos últimos sete anos.

“Possuímos o melhor currículo de todo o mundo, pois nos ajuda a pensar claramente nas coisas espirituais.” Ele ama o termo “Escola Dominical”, “porque ele implica cultura a respeito

do evangelho”, diz ele.

“Minha vida se resume quase que totalmente na família e na Igreja, e também tenho um profundo interesse pelo nosso meio-ambiente”, tanto físico quanto espiritual, comenta Élder Pinnock.

Élder Pinnock estava servindo como membro da Presidência da Área Sudoeste da América do Norte, e como diretor-gerente do Departamento do Sacerdócio. Ele já foi bispo, presidente de missão e representante regional, e serviu a Igreja como presidente do Comitê de Ensino Familiar e Noites Familiares, e como membro do Comitê de Liderança do Sacerdócio.

Élder Pinnock afirma que servir na Igreja lhe foi possível, em parte, “porque tenho uma esposa maravilhosa, que me apóia totalmente”. Ele se casou com Anne Hawkins, de North Hollywood, Califórnia, e eles têm quatro filhos, duas filhas e três netas.

Antes de ser chamado para servir a Igreja em tempo integral, estava no ramo de seguros de vida. Era funcionário graduado de várias organizações profissionais e também serviu em posições administrativas e de consultoria, em organizações cívicas, corporativas, beneficentes, educacionais e governamentais.

Nascido em Lago Salgado, em 15 de janeiro de 1934, formou-se pela Universidade de Utah. Interrompeu a faculdade para cumprir missão e, após a formatura, serviu, durante algum tempo, como oficial do Exército dos Estados Unidos.

## Dissolvidos os Quoruns dos Setentas das Estacas

Os quoruns de setentas das estacas estão sendo dissolvidos na Igreja, anunciou o Presidente Ezra Taft Benson, durante a sessão do sacerdócio de sábado à noite, na conferência geral, dia 4 de outubro.

No anúncio, o Presidente Benson informou:

“De acordo com as necessidades surgidas com o crescimento da Igreja em todo o mundo, a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze apóstolos consideraram fervorosamente a função dos quoruns de setentas das

estacas da Igreja, e determinaram que sejam tomadas as seguintes providências em relação ao assunto:

1. Os quoruns dos setentas das estacas da Igreja devem ser dissolvidos e os irmãos que agora servem como setentas em tais quoruns serão solicitados a retornar aos quoruns de élderes de suas alas. Os presidentes de estacas, de forma disciplinada, poderão então determinar quem, entre esses irmãos, deverá ser ordenado ao ofício de sumo sacerdote.

Esta mudança não afeta o

Primeiro Quorum dos Setenta, cujos membros são todos Autoridades Gerais da Igreja.

2. Nas missões de estaca, deve ser dada ênfase especial à cooperação com os missionários de tempo integral, através da participação dos membros em todas as atividades missionárias, procurando pessoas, confraternizando-se com elas, integrando-as. Um élder ou um sumo sacerdote voltado para a obra missionária será chamado como presidente da missão da estaca, escolhendo élderes

ou sumo sacerdotes como conselheiros.

Instruções adicionais minuciosas a respeito deste anúncio serão enviadas aos líderes locais do sacerdócio, em carta da Primeira Presidência.

Nesta oportunidade, agradecemos a todos que serviram, tanto no passado quanto no presente, como membros dos quoruns de setentas das estacas da Igreja, e que, com tanta dedicação ofereceram seu tempo, talentos e recursos para a divulgação do evangelho de Jesus Cristo.”



Elder John H. Groberg do Primeiro Quorum dos Setenta; sua esposa, Jean Groberg e uma de suas filhas, Susan Groberg.



